OBRAS COMPLETAS DE
JOAQUIM NABUCO

XIV

JOAQUIM NABUCO

CARTAS A AMIGOS

Coligidas e anotadas
por
CAROLINA NABUCO

VOL. II

INSTITUTO
PROGRESSO EDITORIAL S. A.
SÃO PAULO

CARTAS A AMIGOS

1899

A Machado de Assis

12, rua Marquês de Olinda.
Sexta-feira, 10 de fevereiro de 1899.

Meu caro Machado,

Como ninguém escreve nesse estilo, etc. já o vi há dias na *Gazeta* antes do José Veríssimo mostrá-lo (1). Agora queira dizer-me como se vai formando em seu espírito a sucessão do Taunay na Academia... (2) O Loreto disse-me anteontem que na *Revista,* aonde não vou há muito, se falava em Arinos e Assis Brasil. Eu disse-lhe que minha idéia era o Constâncio Alves. O Taunay era um dos nossos, e se o substituímos por algum ausente, como qualquer daqueles, teríamos dado um golpe no pequeno grupo *que se reúne* e faz de Academia. Depois ficaríamos sem recepção. O Arinos talvez viesse fazer o elogio... Eu, pela minha parte, que entre os dois votaria nêle, porque o elogio do Taunay pelo Assis Brasil (êste pode ser reservado para outra cadeira mais *congenial* com o seu temperamento) podia ser uma peça forçada, confesso-lhe que não vejo ninguém como o Constâncio mas se você não pensa que o Constâncio tem a melodia interior, a nota rara, que eu lhe descubro, submeto-me ao mestre. Com o voto do Dória (3) que me prometeu, e o meu, o Constâncio já tem dois. Se você viesse, era o triângulo, e podíamos até falsificar a eleição. Sério!

Escreva-me uma linha já que não nos vemos mais. Há de você crer que não me entregava de « quando em vez » ao prazer de conversar « consigo » só por não saber que o seu número no Cosme Velho era 18! Sei que a carta dirigida ao Rio de Janeiro iria ter-lhe às mãos, mas tenho a superstição de não escrever

---

(1) Referência ao artigo de Machado em homenagem a Almeida Garrett publicado na *Gazeta de Notícias,* sem assinatura, por ocasião do centenário do poeta, em 4 de fevereiro de 1899.

(2) Taunay falecera em 25 de janeiro.

(3) Franklin Dória, Barão de Loreto.

sem endereço exato, e foi agora, vendo o amável bilhete de ano bom, que você gentilmente me remeteu, que me ocorreu a idéia do agradável passatempo, que acabo de ter sob pretexto de cabalá-lo. Muitas afetuosas lembranças do amigo sincero e tão admirador

JOAQUIM NABUCO.

A Carlos Magalhães de Azeredo

12, Rua Marquês de Olinda.
Rio, 14 de fevereiro de 1899.

Meu caro Amigo,

Realmente estou em grande falta, mas se não lhe tenho escrito é porque falamos tanto sempre a seu respeito que suponho lhe estar de contínuo escrevendo por intermédio dos nossos amigos comuns. Êles lhe terão dito a impressão geral causada pelas preciosas lembranças que constantemente nos está a remeter ou pelo correio ou pelos jornais. A sua bela *Ode a Portugal* foi lida em voz alta na *Revista* por um de nós e todos a acharam um primor. *Procelárias,* já Machado de Assis disse o que é, ou o que são, porque não é o conjunto só que é belo, são tôdas as partes; tanto que êle pôde, o que raro se terá visto em crítica, escolher na *Revista* uma série de espécimes e no *Jornal do Commercio* outra, como sendo o que a obra tem de mais perfeito, o que era um modo de citar tudo.

Por outro lado causa-me grande satisfação ver a simpatia com que todos falam e escrevem a seu respeito como diplomata. Há tempo o Tobias Monteiro dizia-me que havia de fazer tudo que lhe fôsse possível para avançá-lo. Como o dr. Campos Sales, segundo me dizem, já o quer para seu secretário, está claro que breve vê-lo-emos promovido. É um prazer para todos nós contar com essa segurança.

Fico à espera das suas *Baladas e Fantasias* e depois dos seus ensaios críticos. Seu talento, apesar de ter amadurecido cedo, está sempre a desenvolver-se, e eu espero viver bastante para vê-lo dar o fruto, o fruto da vida, que lhe transmita as sementes

às novas gerações. Infelizmente sou dos que estão convencidos de que nossa decadência nacional começou; que entramos na órbita americana, como Cuba ou as Filipinas, o México ou Nicarágua; que nossa evolução far-se-á no mesmo sentido que a dos outros satélites de Washington, e que só poderemos valer, ter vida própria, intelectualmente, se produzirmos alguns brilhantes espíritos que elevem nossa literatura acima das contingências da absorção ou da eliminação política e material.

Meus respeitos a Mme. Magalhães de Azeredo (Carlos) bem como à senhora sua mãe e me creia sempre muito afetuosamente seu

JOAQUIM NABUCO.

Ao Conselheiro Francisco de Carvalho Soares Brandão

Era muito íntima a amizade de Nabuco e sua espôsa com seus vizinhos da rua Marquês de Olinda. Soares Brandão, que fôra ministro e senador do Império, era casado com uma pernambucana, da família Pais Barreto, prima portanto de Joaquim Nabuco. O contacto entre as duas casas era de tôdas as horas. Nabuco tinha um carinho especial por êsse amigo mais velho. No perfil de Soares Brandão que traçou para A Noticia *ainda em vida dêste, escreveu: « Vim a conhecê-lo intimamente e posso dizer que não conheci seu igual. » Enumera-lhe as qualidades essenciais, « a condescendência natural do homem do mundo até o limite de sua responsabilidade, a dignidade de maneira, a cortesia que não diferenciava posições, simples, igual, espontânea em tôdas as circunstâncias; a reserva, o critério, o sangue-frio, o sentimento apurado da honra, a dedicação aos amigos; a sinceridade na palavra e no silêncio; a prudência, o ânimo conciliador, o espírito arbitral do juiz que ficou sendo ainda depois de despir a toga ».*

Soares Brandão falecera nesse mesmo ano de 1899, a 1º de setembro.

Rio, 26 de fevereiro, 1899.

Caríssimo Brandão,

Dona Marocas (1) aqui estêve e não deixou boas notícias suas. Parece que Petrópolis lhe está desconvindo como costuma comigo. Afinal de contas não há como a rua de Olinda. Você talvez se esteja excitando com a atmosfera e a temperatura tôda impregnada de esperanças e espectações da vizinhança, que aqui pelo contrário lhe era tão deprimente e pessimista, ou antes fatalista.

Há dias acordou-me aqui um telegrama do Phipps (2) convidando-me para ir passar uns dias com êle. Eu quisera bem, também para continuar defronte de você, mas o que Mme. Vidal não fêz, desconfio que o meu amigo Phipps não poderá fazer. Todavia são tantas para mim hoje as atrações (outrora teriam sido tentações) de Petrópolis que é bem possível que eu por lá apareça. As saudades já começam tanto mais que quando você vier são as nossas venezianas que provàvelmente hão de ficar fechadas por algum tempo (3).

Beije por mim a mão da marquêsa de Villasis, lembre-me à bela Maria e a D. João (4), e me creia sempre, caríssimo Brandão,

Seu muito certo

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) Dona Maria Ana Paes Barreto, esposa do conselheiro Soares Brandão.

(2) Sir Constantine Phipps, ministro da Grã-Bretanha.

(3) O projeto de ausência seria para uma temporada na fazenda do Pilar, em Maricá, propriedade do barão de Inohan, sogro de Nabuco. Mudaram-se-lhes os planos, porém, com o convite do presidente Campos Sales para defender os direitos do Brasil no arbitramento resolvido entre os governos do Brasil e da Grã-Bretanha para se marcarem as fronteiras litigiosas entre o Brasil e a Guiana Inglêsa, convite que Nabuco aceitou por se tratar de missão inteiramente alheia à política e à administração republicanas.

(4) Maria e João Soares Brandão, filhos do Conselheiro.

A Soares Brandão

Rio, 8 de março, 1899.

Meu caro Brandão,

Não quero que você saiba pelos jornais que aceitei o encargo de defender a nossa causa na questão da Guiana Inglêsa. Você compreenderá que obedeço a um escrúpulo patriótico e faço um penosíssimo sacrifício, emprenhando-me depois da *Vida* de meu Pai pelo Tacutu e Rupununi (1). Num serviço dêsses seria impróprio de mim invocar uma incompatibilidade política acima da qual o govêrno fôra o primeiro a colocar-se. Foi sabendo-se de minhas idéias que fui convidado, e foi afirmando-as que aceitei. Não há aqui nenhuma transação para amesquinhar um ato depois do qual eu poderia morrer com a consciência tranqüila. Procedi como o homem livre que só tem mêdo dela.

É com profundo pesar que o deixo. Tudo envidarei para que nossa ausência seja curta. Como eu quisera guardar esta casa! Mas minha mãe não quer ficar nela. Prefere tomar um andar de Nenê para estarem mais acompanhadas e Sinhazinha poder sair mais a miúdo. Parto com fé viva que o tornarei a ver ao voltar, para então não a deixar mais. Quer isto dizer que nesta casa estamos todos transtornados e cada um em guerra consigo mesmo pelo ato heróico que vai praticar em tal separação.

Recomende-nos muito à dona Marocas, dona Sofia, Maria, Francisco e João e creia-me seu

Verdadeiro amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Domingos Alves Ribeiro

Março 8, 1899.

Meu caro Domingos,

Não quero que você saiba pelos jornais que aceitei o encargo de defender nosso direito na questão da Guiana Inglêsa. É um penosíssimo sacrifício que faço, o dessa viagem. Senti, porém, que não o podia recusar sem quebra de dever para com o país.

(1) Rios do território em litígio.

Não olhei para a questão política tratando-se de uma causa nacional. Seria mostrar-se estreitamente sectário invocar uma incompatibilidade que o Govêrno não julgou dever prevalecer para êle, vindo buscar o defensor da causa nacional ao campo adverso.

Sei, meu caro amigo, que esta notícia lhe causará muita saudade e aumentará o seu isolamento. Creia, porém, que você viverá no meu pensamento ainda mais por dobrar a distância entre nós — muitas vêzes. Deixo minha mãe, e tenho fé que Deus me dará a graça de tornar a vê-la. Quem corre o maior risco sou eu, com êsses invernos do Norte e aturados estudos longe talvez de tôda a família.

Do meu destêrro, se Deus me der a vida, hei de trazer impresso o meu livro (1) sôbre as verdades que são o nosso consôlo. Já não será pouco para mim.

Sei que muitos não fariam o que eu fiz, mas se o fizessem, elevar-se-iam aos meus olhos, posso afirmar-lhe. Como acabo de dizer ao Eduardo: Procedi como homem livre, que só tem mêdo de sua consciência.

Eu quisera bem dar um pulo até lá antes da partida. Quem sabe?

Ponha-me aos pés da sra. dona Carlota, e creia-me seu sempre dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Rui Barbosa

Rui e Nabuco conheceram-se na Faculdade de Direito de São Paulo, mas foram colegas apenas durante o terceiro ano, findo o qual Nabuco deixou São Paulo para completar seu curso no Recife, onde Rui iniciara o seu. Eram naquele tempo as duas únicas faculdades de Direito no Brasil.

---

(1) Êsse livro a que Nabuco se referia a miúde como *meu livro* era a história de sua conversão religiosa. Chegou quase a acabá-lo, mas depois desmembrou-o completamente em favor de outros trabalhos. *Massangana* depois incluído em *Minha Formação* pertencera primeiro a êste livro. *A Influência de Renan,* publicado em *Escritos e Discursos Literários,* também. E sobretudo grande número das reflexões religiosas dos *Pensamentos Soltos* saíram dessas páginas manuscritas que assim nunca chegaram a ser publicadas em conjunto, como fôra a primeira idéia de Nabuco.

Encontraram-se depois na Câmara, onde Rui, vindo da Bahia e Nabuco do seu estágio diplomático, estrearam ambos em 1879. Terminada essa legislatura, Nabuco partiu para a Inglaterra no destêrro que se impusera, depois de ter sacrificado sua carreira política na defesa do abolicionismo. Regressou em 1884 quando o govêrno emancipador de Dantas assumiu o poder. Juntos, êle e Rui, associaram-se com Gusmão Lôbo, Sancho de Barros Pimentel e Rodolfo Dantas na defesa do ministério de 6 de junho nas colunas pagas do Jornal do Commercio. *Rui, com o pseudônimo* Grey *e Nabuco,* Garrison, *foram os mais brilhantes do brilhante grupo de jornalistas que eram chamados «os inglêses do Dantas». As colunas editoriais dos grandes jornais não podiam, no Brasil de então, atacar assim a escravidão. A amizade comum de Rui e Nabuco com Rodolfo Dantas, filho do presidente do Conselho, e que desde a juventude na Bahia fôra o mais íntimo amigo de Rui, constitui mais um laço entre os dois.*

A República separou-os novamente e dessa vez de modo profundo. Nabuco, monarquista apaixonado, não poupava críticas acerbas aos homens do novo regime, e acentuadamente ao ministro da Fazenda do govêrno Deodoro, de cuja gestão discordava in tótum.

O artigo generoso de Rui, exprimindo seu aplauso a Nabuco, quando êste aceitou servir ao Brasil num litígio internacional varreu as nuvens das divergências passadas e aproximou de novo de modo definitivo os velhos colegas que só tinham motivos para uma admiração recíproca.

Rio, 14 de março de 1899.

Meu caro Rui,

É-me grato depois de tanto tempo de separação ter que lhe agradecer o seu artigo de ontem, repassado da velha camaradagem que nos ligou desde a adolescência, quando fazíamos parte do mesmo bando liberal da Academia. Os seus elogios não são outra coisa senão a munificência do seu espírito, que pode fazer presentes dêsses sem se despojar.

Não aceitei o encargo que me era oferecido sem grave relutância e constrangimento, nem sem ter procurado de diversos modos afastar de mim o cálice. É para mim com efeito um penoso sacrifício e um grave compromisso êsse de embrenhar-me intelectualmente durante anos pelo Tacutu e Rupununi, sobre-

tudo tendo que me separar de minha mãe, que breve completa a idade perfeita dos antigos, os 81 anos, e cuja velhice feliz é hoje o meu maior empenho: *consummatio tamen aetatis actae feliciter*. Não escuto, porém, tratando-se de minhas crenças políticas, o *obliviscerae populum tuum et domum patris tui*, que retinia nos ouvidos de Newman ao deixar Oxford e a religião anglicana. A monarquia só poderia voltar com vantagem para o país se os monarquistas se mostrassem mais patriotas do que os republicanos. Eu, pelo menos, é em um duelo de patriotismo que queria ver a causa nobre e justamente decidida.

Creia-me muito sinceramente convencido do que pratiquei. À custa do maior dos sacrifícios, o de expor-me ao juízo dos fariseus e dos publicanos, em vez de acabar, já agora, « no refúgio meditativo da religião e das letras », mostro que, se morrer amanhã, não levo para o túmulo sòmente um espírito monarquista e liberal, levo também um coração brasileiro.

Ninguém dirá que a política e a diplomacia brasileira podem ser hoje as mesmas que eram ontem quando a Federação Americana ainda se conformava ao conselho dos seus fundadores de não ter colônias, nem querer aliados. Tôdas as altas posições e funções políticas entre nós, seja do govêrno, seja da oposição, seja da imprensa têm pois dora em diante que ser aceitas sob a impressão do terror sagrado próprio aos que elaboram os destinos nacionais em uma época de crise e mutação. É êste o tempo para tôdas as imaginações sugestivas e criadoras se aproximarem, para tôdas as dedicações e sacrifícios se produzirem, se quisermos salvar a honra e os créditos da nossa geração à qual veio a caber tais responsabilidades. Eu repito o que dizia meu pai em 1865: « Deus não permita que a história deplore a sorte de uma nação nova, cheia de recursos e de vida, mas infeliz por sua culpa! » Há um terreno superior ao das dissenções políticas em que espíritos de igual tolerância, de igual elastério, de igual patriotismo, podem e devem sempre colaborar uns com os outros no interêsse comum do país: êsse terreno pertence a *leaders* de opinião, como Rui Barbosa, alargar cada vez mais, e dar-lhe a fôrça e a consistência do granito.

Creia-me com todos os meus velhos sentimentos de confraternidade liberal, amizade e admiração, sempre seu, meu caro amigo,

JOAQUIM NABUCO.

A Soares Brandão

Rio, 27 de março de 1899.

Meu caro Brandão,

Queira desculpar-me, justificadamente, como dona Marocas, Francisco e dona Sofia, a minha falta de hoje. É um dia também meu, como você sabe bem, êste que há um ano nos reunia em São Paulo (1). Tenho, porém, dois doentes de febre em casa, e quando as crianças adoecem ficamos logo com a bôca amarga, o que não me deixaria fazer justiça aos pratos de Monsieur Diogo. Não é nada, eu sei bem, mas como cozinheiro, copeiro, tudo tem aqui a influenza, eu reservo-me para ir festejar o acontecimento fora da Semana Santa, quando a casa estiver em ordem.

Não se esqueça de me deixar escrever o que a *Noticia* tiver de publicar a seu respeito.

Muitas saudades a todos e muitos cumprimentos aos noivos de ontem.

Do seu todo sempre

JOAQUIM NABUCO.

A Hilário de Gouvêa

Rio, 12 de abril (1899).

Meu querido Gouvêa,

Com o falecimento do pequeno Edie (2), Nenê, Pedro e os meninos vieram para a rua de Olinda, e assim Evelina poderá partir comigo. Adiamos a partida para 3 de maio. Vou com esperança de que você me restitua as fôrças e me garanta todo o prazo dos novos trabalhos em que me meti. Ontem estêve aqui

---

(1) O casamento de Francisco de Carvalho Soares Brandão Filho, com dona Sofia Botelho, filha dos condes de Pinhal.

(2) Eduardo, filho do juiz Pedro Nabuco de Abreu e neto de Hilário de Gouvêa.

o dr. Feldhagen, que veio ver Nenê ameaçada de um parto prematuro; tranqüilizou-nos e agora esperamos que tudo se passará bem.

Pobre criança! quanto sofreu! que terno màrtirzinho foi até o fim, e que alegre, doce, vivo macaquinho era êle! Quanto sinto não ter um retrato.

Aqui os monarquistas estão furiosos com o meu ato, que o Eduardo Prado reivindicou nobremente. Vai uma carta que lhes dirigi. Você é como o Eduardo uma pedra fundamental, e o Rio Branco, e tantos! Só me resta ver a atitude da Princesa, mas eu tenho bem viva a lembrança de 15 de Novembro.

Saudades a Iaiá, às moças, e até breve. O Eugênio está certo de ir conosco.

Seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

Ao Almirante Jaceguai

Artur Silveira da Mota, barão de Jaceguai, amigo dos mais chegados de Nabuco, cobriu-se de louros na mocidade, destacando-se na guerra do Paraguai em diversos combates e principalmente na passagem de Humaitá, que êle foi o primeiro a transpor com seu navio. Escreveu suas memórias sob o título De Aspirante a Almirante. *Foi membro da Academia de Letras.*

Rio, 15 de abril de 1899.

Meu caro Jaceguai,

Deixe-me felicitá-lo pela sua patriótica idéia de reunir os que ainda restam da campanha paraguaia, os nossos *reduci delle patrie battaglie,* das três gerações, de 1860 a 1890, os que tiveram incomparàvelmente a mais bela parte. A honra de ter servido no Paraguai é a única verdadeira auréola que hoje tenham brasileiros; é a glória indisputada, aquela que tem cicatrizes e promoções no campo de batalha para contrastar as mutilações da calúnia e as baixas da inveja. Todos êsses foram, pelo menos, em sua vida, anos (o que os outros não conseguiram nem sequer

em um momento de alucinação) brasileiros, por inteiro, na integridade do seu ser, das suas aspirações, do seu sangue. A união dos que fizeram juntos aquela campanha, dos que conservam o traço indelével dessa camaradagem patriótica, figura-se-me no dia de hoje a evocação do espírito que fêz grande e digna a nossa pátria, para conjurar a inércia, a apatia, o entibiamento de todo ideal, com que a atual geração a está vendo morrer... Podem os partidos na luta política achar-me em contradição com êles; ainda não me acharam, porém, incoerente comigo mesmo, com meus próprios sentimentos, que são os ideais a que servi. Foi assim que, no primeiro documento, de 1890, em que me recusei a aderir à República, em plena ditadura militar, depois de dizer: « Não pretendo desinteressar-me de nenhum dever de brasileiro... Não é preciso ser republicano sob a república, como não era preciso sob a monarquia ser monarquista, para cumprir os deveres de um bom brasileiro: basta ter clara a noção de que nunca se tem o direito de prejudicar a pátria para prejudicar o govêrno... », eu acrescentava: « Eu julgo descobrir a Providência especial que protege o nosso país contra a Nemesis Africana », (referia-me à insurreição do escravagismo contra a lei de 13 de Maio tomando a forma republicana), « no fato de ter sido a revolução feita pelo exército de modo que nem um instante estremecesse a unidade nacional, e o meu mais ardente voto é que se mantenha acima de tudo a unidade do espírito militar que considero equivalente àquela. » E pese bem, meu caro Mota, lembrando-se dos acontecimentos posteriores, essas palavras escritas em 1890: « Para mim não era objeto de dúvida que no dia em que abandonássemos o princípio monárquico, permanente, neutro, desinteressado e nacional, teríamos forçosamente que substituí-lo pelo elemento que oferecesse à nação o maior número daqueles requisitos, e êsse era exatamente o militar... Ninguém mais do que eu respeitou nunca a farda do nosso soldado. Ainda o ano passado subi o Paraguai até Assunção levado pelo desejo de fixar minha imaginação nos próprios lugares da sua glória e recolher vinte e tantos anos depois o bafejo imortal de patriotismo que se desprende daquele imenso túmulo para vencedores e vencidos igualmente... Por isso ninguém mais ardentemente do que eu deseja que a revolução de 15 de Novembro não atinja o único substituto *nacional* possível

do prestígio monárquico, o militar, o qual depende antes de tudo da união das duas classes, depois da unidade da disciplina, e por último de abnegação, isto é, de colocar o exército, a pátria acima de tôda e qualquer superstição política, e de não abdicar sua responsabilidade em nenhuma classe, muito menos na classe política, exploradora de tôdas.» Exploradora de tôdas, dizia eu, lembrando-me do apoio que ela prometera à lavoura e da posição a que reduzira o exército... Isso era escrito em 1890. Que é que respira essa página? O dever de colocar a pátria acima de tôda e qualquer superstição política, como eu dizia, e está claro que eu não pediria aos republicanos que elevassem a pátria acima da República sem mostrar-lhes que eu, pela minha parte, sabia também elevá-la acima da monarquia... É nesses sentimentos que me inspiro em tudo quanto escrevo desde então, sentimento condensado nos belos versos que uma vez repeti do poeta da Gália devastada:

Securos levius crimen conten nere cives:
Privatam repetunt publica damna fidem.

« É crime menor esquecer os seus concidadãos na tranqüilidade; o infortúnio público reclama, porém, a fidelidade de todos.»

Ainda uma citação far-lhe-ei, meu caro amigo. É do meu livro *Intervenção Estrangeira durante a Revolta;* eu digo que a revolta não foi o encontro face a face das duas opiniões, a monárquica e a republicana, e acrescento: « A verdade é que as duas opiniões não se encontraram ainda, e se elas têm um dia que se encontrar, pode-se ter certeza de que não será num campo de batalha; não serão inimigas, nem armadas: serão cobertas do mesmo luto, feridas pelo mesmo golpe, prostradas pelo mesmo infortúnio, apelando sinceramente, desinteressadamente, corajosamente, uma para a outra, talvez infelizmente tarde demais, como os patriotas italianos que só ouviram a voz de Dante e de Petrarca, pregando a união, quando já os franceses e os espanhóis tinham invadido o país e as tropas alemãs se haviam apossado de Roma.»

Como vê, meu caro Jaceguai, não foi à última hora, foi logo desde a primeira que continuei minha marcha sob a Repú-

blica pela mesma estrada, a cavaleiro dos partidos em que andei sempre sob a Monarquia, única estrada que o Imperador trilhou em seu reinado, posso dizê-lo perante veteranos do Paraguai. É por isso para mim um verdadeiro regozijo assistir a um movimento como êste, a êste ressurgir da religião da pátria, no momento em que o fogo sagrado se ia apagando e com êle talvez a defesa dos lares nacionais... Nobres, grandes objetos se lhe deparam... Mas para isso é preciso que o espírito de pátria se mostre inacessível às invasões, à corrupção da política; é preciso que em tôrno das relíquias da bandeira do Passo da Pátria de Humaitá, de Lomas Valentinas, da Cordilheira, se possam todos reunir... « Receio muito, disse eu uma vez, num panfleto, que um dia, no futuro distante, quando se descobrir no estrangeiro o túmulo emprestado ao último representante da nossa Monarquia, se reconheça que êle foi sepultado, à moda dos heróis antigos, com o que mais caro lhe fôra em vida: a liberdade e a unidade de seu país. » À margem o Imperador, que hoje seria dos vossos, se vivesse, escreveu a lápis: « Não! Nunca! » Pois bem, para que êsse *nunca!* venha a triunfar dos meus receios, é preciso que a voz da pátria abafe em nosso país tôdas as outras... Êsse é o papel da associação, gloriosa, antes mesmo de nascer, que afinal agora se constitui... Só ela quase tem o direito de invocar o nome de pátria; só ela provou ter o sentimento que parece a todos o mais belo, mas pelo qual verdadeiramente bem poucos fazem o sacrifício de si mesmos... É assim com os meus sentimentos de sempre que saúdo os heróis do Paraguai reunidos ao seu aceno. Cabia a honra de os convocar àquele de cuja estrêla dependeu a mais arriscada talvez de tôdas as ações daquela campanha, e cuja figura a posteridade brasileira verá sempre através da fumaça e sob a chuva de balas de Humaitá... Compararam-me a Bazaine por ter aceitado do govêrno da República o encargo de pleitear o direito do Brasil numa questão de fronteiras nacionais, isto é, uma causa como Chateaubriand teria aceitado das mãos de Luís Filipe, Thiers ou Berryer das mãos de Napoleão III, o duque de Broglie das mãos do atual govêrno republicano... Bazaine, porém, exprime na história militar a hesitação do patriotismo sob a influência do partido, isto é, o estado de espírito dos que me acusam, e não

o meu que está resumido na resposta do duque de Aumale, quando Bazaine lhe dizia não saber ao serviço de quem pusesse a espada por não ter ficado nada de pé: « Havia a França, senhor. » A salvação do nosso país dos transes mortais em que entrou está exclusivamente na formação de uma corrente patriótica irresistível... Só o patriotismo pode fazer êsse milagre; tudo mais são alternativas políticas sem alcance, que só satisfariam os próprios partidários... Uma corrente patriótica que leve de vencida tôdas as estreitezas e exclusivismos das fórmulas opostas, das seitas contrárias, todos os antagonismos partidários ou pessoais, é a única, a última esperança de salvação nacional... Estamos no momento supremo, aquêle que vai decidir do futuro da nação, e é em tal momento, e não depois de proferido o *consummatum est*, o *tudo está cumprido,* que a energia moral que nos reste pode reagir contra o desfêcho provável. Não são muitos ainda os que estão convencidos, como eu, de que o país está sendo arrastado insensìvelmente para um centro de perturbações de que, só a intensidade de patriotismo podê-lo-á tirar incólume... Daí a importância que dei sempre ao espírito de tolerância e à supremacia do instinto de pátria sôbre as dissenções partidárias...

Tudo mais figura-se-me estéril, insignificante, bizantino, perante o perigo nacional iminente. O que me traz algum confôrto, alguma esperança, são afirmações como esta de que ainda não morreu entre nós o ideal de pátria, não de pátria política, mas de pátria territorial, isto é, de pátria composta de um corpo, que é o território, de uma alma, que é a raça... Quanto à nova Associação, meu caro Jaceguai, para que ela preste a êsse ideal o mais assinalado serviço, basta que ela avive as suas lembranças e reminiscências e as reproduza para exemplo das novas gerações... No seu seio, se se puderem todos reunir, o país encontrará alguns dos seus nomes mais ilustres... O espírito que os há de animar quando reunidos será o espírito que dominava a Caxias, a Osório, a Pôrto Alegre, a Tamandaré, a Barroso, a Inhaúma. Eu, pela minha parte, tendo passado anos ùltimamente a estudar essa mais bela página da nossa história nacional, vejo com inexprimível satisfação esta tentativa para não deixá-la de todo esquecer. Pudesse vir daí o alento à energia patriótica de que o país precisa para salvar-se e cada um dêsses vetera-

nos do Paraguai teria prestado à própria existência nacional um serviço igual aos maiores que registra a sua fé de ofício.

Creia-me, sempre, meu caro Jaceguai, muito afetuosamente seu

JOAQUIM NABUCO.

A Domingos Alves Ribeiro

Sexta feira [1899].

Meu caro Domingos,

Suas cartas são sempre um bálsamo para mim. Eu tinha pensado em pedir-lhe o dr. Teodoro Sampaio (1), se você pudesse valer-me junto com o Eduardo para decidi-lo. Tive, porém, a idéia de que êle não quereria e não lhe conviria. Agora não lhe diga a êle.

Recebi carta do Eduardo. De quem ainda nada recebi foi do nosso amigo João Alfredo, que está em Petrópolis, mas cujo silêncio interpreto como a condenação do meu ato. Acho-me, entretanto, hoje tão forte na minha consciência como quando em 1888 me separava do partido Liberal para sustentá-lo por ter êle feito a abolição e o defendia sòzinho contra o meu partido, furioso, na questão dos Loios, de que se queria fazer e se fêz escada para o poder.

Veja bem. O meu ato foi um dêsses atos de que o homem de consciência não se pode desviar, mas teve para mim uma dupla utilidade, a de destacar-me do partido monárquico e a de deixar-me apurar os verdadeiros amigos. Passada esta tempestade, quando eu voltar aos meus livros e ao meu retiro, terei aquelas duas vantagens inapreciáveis para quem quer acabar a vida com dignidade e gozar de tôda a solene melancolia do crepúsculo. Você sabe que, há anos, eu desejava muito isolar-me, ficar só, porque o meu modo de pensar sôbre a monarquia, suas possibilidades, meios de trazê-la, contingências de sua volta, etc., é diverso do de tôda essa gente que forma a soca das antigas oligarquias de um e outro partido e que é um impedimento à

---

(1) Nabuco procurava nesse momento os auxiliares para sua Missão Especial. Os nomeados de início foram Graça Aranha e Caldas Viana.

volta da monarquia, enquanto ela depender do exército, mas que não hesitaria em tentá-la em condições que comprometeriam a própria independência nacional ou então teriam o veto norte-americano.

Êsses que me acusam são os mesmos que elogiaram e elogiam o Rio Branco (1), e alguns dêles não se acham impedidos de ser advogados contra o Tesouro, de tomar parte no saque da fortuna pública, mas julgam que não se pode ser monarquista e ser ao mesmo tempo advogado da pátria em questão de limites! Que consciências meticulosas, não lhe parece?!

Você sim, meu caro Domingos, tem o instinto *certo* do coração, a justiça da própria pureza e imaculabilidade. A importância e as conseqüências políticas do meu ato só o futuro as proclamará, quando se compreender a verdadeira situação em que o Brasil está desde agora colocado. O que me inspirou foi o sentimento de que dora em diante nos devemos inteiramente ao país, cuja própria existência eu acredito em jôgo. A monarquia deve ficar sendo até a última a nossa *melhor* alternativa, mas por isso mesmo só com tôda a previsão, cautela, e renúncia, do verdadeiro patriotismo, não será ela comprometida em alguma aventura estúpida por mais de uma geração.

Adeus, não comunique nada destas minhas cartas à imprensa; se não, não lhe posso mais escrever *ex abundantia cordis.*

Seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

A Francisco de Paula de Oliveira Borges

Magistrado e agricultor. Foi deputado por São Paulo e presidente da província de Paraíba.

---

(1) Rio Branco, monarquista de convicções que talvez tenha levado até ao túmulo (ao contrário de Nabuco que se reconciliou por completo com os novos destinos do país) não deixou por isso de servir à pátria sem interrupção até morrer.

Rio, 16 de abril de 1899.

Meu caro Borges,

Acabo de receber sua carta, a que respondo. Eu não duvidei nunca de que um homem educado como você foi na escola do visconde de São Vicente aprovaria inteiramente o meu ato. Aquêles homens colocavam a pátria acima de tudo, e não seria um São Vicente que faria valer em um caso como o meu a incompatibilidade política. Foi isto o que eu disse e escrevi ao ministro das Relações Exteriores: « Para recusar eu só poderia valer-me das minhas conhecidas idéias monárquicas. Tratando-se, porém, de uma questão de caráter todo nacional, como é a reivindicação de território brasileiro contra pretensões estrangeiras, seria faltar mesmo à tradição do passado que há anos procuro recolher e cultivar, invocar eu uma dissidência política acima da qual o próprio govêrno republicano tivera o nobre desprendimento de elevar-se. » Estou certo que São Vicente, ou Rio Branco, ou meu pai, teriam feito como eu.

Os monarquistas que me atacam são representantes de um espírito contrário, o de partidarismo ou facção, que só serve para tornar a restauração impossível atribuindo-lhe o caráter de uma simples vindita partidária, se não de um novo terror branco. O exército tem naturalmente mêdo dessa gente portadora de desforra, hoje tão tardia que seria anacrônica. A monarquia só poderia voltar como efeito de uma forte corrente nacional, patriótica, sem prevenções políticas ou pessoais de nenhuma espécie.

Vou prevenir o editor para mandar-lhe o terceiro volume quando aparecer.

Dê sempre suas ordens para onde souber que me acho no desempenho da minha comissão, e me creia muito afetuosamente seu, meu caro Borges,

Velho amigo e colega

JOAQUIM NABUCO.

A Domingos Alves Ribeiro

Domingo.

Meu caro Domingos,

Saudades e lembranças afetuosas. Nossa partida está adiada para 3 de maio, o que me dá tempo para *encaixotar* a nossa casa. Só os livros! Afinal o feliz é o que pode dizer: *Omnia mea mecum porto.* Deixar atrás o que nos costumava cercar, com perigo de não o tornar a ver, é cruel, não só com os livros como com os móveis, objetos, etc.

Estive em Petrópolis, onde o dr. Campos Sales me acolheu muito bem. Conversamos algum tempo sôbre as nossas coisas e eu disse-lhe, não o vá repetir, que o meu ato exprimia o profundo pessimismo que me invadiu e a idéia de que chegou o momento em que os patriotas de todos os credos políticos devem mostrar que colocam a pátria acima do partido. Falei-lhe como escrevo a você e ao Eduardo, no mesmo tom de sinceridade e franqueza. Não há dúvida que o momento nacional é o momento crítico; depois não será mais a crise, será o inevitável.

Estou-me estimulando a dar um pulo até lá, a abraçar os dois amigos. O Eduardo foi leonino, e o arranco dêle fêz estremecer todo o campo Filisteu (1). O sentimento do *partido* está, porém, com os analfabetos e os estéreis, como o Laet, cujo talento é uma bôlsa de veneno, nada mais, sem uma intuição, uma idéia política. Êsse tal *partido* parece só ter um fim: impedir que o sentimento monárquico do país venha um dia a ser uma fôrça nacional. *C'est bien triste.* O Eduardo precisa ter mais consciência de sua fôrça. Eu admito que êle acompanhe os chamados *chefes* (2), até o Carlos Afonso passaria adiante dêle!

---

(1) Eduardo Prado escrevera um belo artigo enaltecendo o ato de Nabuco, aceitando servir ao Brasil. Foi a única voz monarquista que se levantou na imprensa aplaudindo o amigo. O resto do campo atacou-o acerbamente.

(2) O partido monarquista, guardando as precedências do passado, só admitia nos seus conselhos aquêles que houvessem sido chefes de um dos grandes partidos do Império, o Liberal e o Conservador. Nabuco, que só havia chefiado um grupo de oposição — os abolicionistas — não fôra admitido ao Diretório do partido monarquista organizado sob a República.

mas é com a condição de os orientar. Êles não são senão uma tôrre de Babel... calada, e sem altura.

Muitas recomendações ao dr. Teodoro Sampaio.

Do seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Rio, 19 de abril de 1899.

Meu caro Barão,

Muito prazer deu-me sua carta, sua tão alevantada aprovação do meu ato tão mal julgado pelo estreito partidarismo monárquico. É que a sua é a tradição dos Eusébios, dos Paranás, dos Paulinos, dos Nabucos, de D. Pedro II; da pátria antes e acima de tudo. O que eu quis foi sobretudo dar um exemplo em um momento que considero crítico e decisivo para o nosso país que se está abismando. Os que esperam pelo câmbio a zero, pela bancarrota, pelo colapso completo da autoridade, e pela anarquia geral, como sendo os sinais precursores da Restauração são como o médico que esperasse pelo desaparecimento do pulso para anunciar a reação salvadora do organismo. Só o patriotismo pode inspirar a alternativa monárquica ao país, e nunca o *quanto pior, melhor.*

Partimos no dia 3 de maio próximo para Londres e assim em breve terei novamente o prazer de vê-los. Não os figuro em viagem para cá. Antes, tê-lo-ia sentido pelo senhor e pela Baronesa; agora o sentiria também por mim. A idéia do Artur é que ficassem em Lisboa; aí eu poderia talvez retomar os meus hábitos de Grosvenor Gardens, que resume o prazer de viver para todos os seus convivas ainda fiéis.

Muitas saudades afetuosas de nós todos à Baronesa e para o sr., e creia-me, meu caro Barão, sempre seu adido *a latere* ou *a corde.*

JOAQUIM NABUCO.

A Domingos Alves Ribeiro

Rio, 19 de abril de 1899.

Meu caro Domingos,

Sua saúde me está incomodando, mas atribuo tudo ao inverno e ao reumatismo. No tempo frio você devia fazer como a andorinha, vir calorizar-se um pouco.

O João Alfredo está há dias na cidade, mas não o tenho visto, tão ocupado me acho. Não quero dar importância ao movimento de tristeza da parte dêle que os monarquistas traduziram por censura, que hoje não seria possível mais impedir de correr depois da carta de Frederico Martins. Êle disse palavras e teve expressões de fisionomia que o barão de São Joaquim terá levado à Princesa, como o Estrêla e outros fizeram circular na barca de Petrópolis, como afastamento e separação política entre nós (1). Foi um êrro dêle, estou convencido. Não quero mais pensar nisso, mas não é menos verdade que algum tempo se passará sem que eu possa abrir-me com êle com a mesma franqueza e confiança. Alguma coisa quebrou-se entre nós. O que foi, só com o tempo e com a tranqüilidade de ânimo poderei, pela minha parte, saber. Aflige-me, entretanto, profundamente o estado dêle sem vista e despeço-me dêle com uma tristeza em que não entra nenhuma queixa pessoal.

Adeus, meu querido amigo. Estou imaginando o que hei de fazer na Europa para iludir a nossa separação. Estou a querer comprar o privilégio para a transmissão de não sei quantas mil palavras por minuto que hoje se nos anuncia da Europa.

Muitas saudades do

Amigo certo

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) A nomeação de Nabuco para a Missão Especial e depois para o quadro do Corpo Diplomático separou-o definitivamente, e com grande pesar seu, de João Alfredo, que ficou irredutível na sua reprovação do ato de seu dedicado amigo e compadre.

A Domingos Alves Ribeiro

Domingo.

Meu caro amigo,

É-me com efeito impossível dar em pessoa o pulo que o coração está sempre a dar até lá. E não é que o coração esteja leve, é que os movimentos me estão atados até a partido. Nem você pense em vir embarcar-me, deixe sua vinda para a chegada. Deixo minha mãe com 81 anos, e ambos tomamos o compromisso de nos tratarmos para nos abraçarmos daqui a dois anos e tanto. Você só precisa de fortificar-se um pouco para com sua têmpera cearense estar mais certo dêsse prazo do que eu — assim vencemo-lo confiados em Deus que não me mandou isto para mal, porque a separação dos pseudo-amigos não chega a ser um mal. Os artigos do Laet (1) não têm a consistência e a aspereza do cilício que minha vida reclama de mim, mas ainda assim não me fizeram senão bem.

Escrevamo-nos de longe, como de perto; acompanhemo-nos, e o tempo passará depressa, sobretudo se você tiver aí sempre o Eduardo e o dr. Sampaio. Fique certo que é melhor ficar onde se está do que viajar, quando o espírito adquiriu o poder da finalidade e já se proferiu o *omnia vanitas* como nós dois.

Não tome ao trágico o que lhe escrevi sôbre o João Alfredo, mas só o tempo poderia acabar o mútuo constrangimento em que hoje estamos. As palavras que êle lhe mandou são uma satisfação que êle se deu a si mesmo, não exprimem a conformidade dos espíritos e dos sentimentos. De fato vemos tudo diversamente. Cada um de nós imagina o seu fim diferentemente, devido aos hábitos intelectuais que nos são próprios ou o imaginamos do mesmo modo, não tendo êle, porém, nem as molas nem os pontos de apoio em si mesmo que eu tenho para conformar meu procedimento ao meu sentimento próprio, sem me importar com os outros. Não levo nenhuma queixa, só o que lhe disse foi que

---

(1) Carlos de Laet, defensor militante da monarquia, diretor do jornal dêsse partido, *Liberdade*, não perdeu mais ocasião até o fim de sua vida de jornalista de atacar ferinamente Nabuco por ter aceito servir a República.

a confiança recíproca deve ser espontânea para ser segura e capaz de confidências e expansões, como eu tenho, por exemplo, com você. O J. A. tem de mim a queixa íntima de o ter levado a colaborar com o Ouro Prêto e o Lafaiete (1) depois do que se passara entre êles, e hoje sente-se mais isolado no partido com a minha ausência. Não lhe cabia, porém, outro papel senão aquêle, e não foi minha culpa o ter-me êle, na formação do Diretório, deixado ficar sem voto nem de dentro nem de fora na direção do movimento monárquico (2). Não me queixei disso, mas *não fui eu* que o abandonei e o deixei só. Eu só fui generoso.

Adeus, meu querido amigo. Tudo se paga em política e os menores erros têm funestas conseqüências. O espírito da velha oligarquia subsistiu na organização do pequeno partido monarquista, e eu sou dos que não aceitam responsabilidades sem pelo menos serem consultados. Que era eu no partido? Está-se vendo agora que êle se atira contra mim com todos os seus ressentimentos acumulados: um excomungado *in-petto*. Não, não fui eu que deixei só o João Alfredo. Se, depois de ficar eu de fora, devia reduzir-me a acompanhá-los, é o que deixo ao seu oráculo de amigo decidir. Há cinco anos quase que pratico nas relações particulares, nos livros que produzo, na *Revista Brasileira*, na Academia de Letras, no Instituto Histórico, na correspondência com os amigos, a política nacional e patriótica de que resultou o meu ato. Êste ato não foi outra coisa mais do que a orientação do meu túmulo: agora sim está êle colocado no sentido da pátria. Nunca desejei sôbre êle a inscrição: *fidelidade monárquica;* não fui, comparando sòmente a fé pública, um Berryer. Fui e sou monarquista, mas essa é uma caracterização secundária para mim, acidental; a caracterização verdadeira, tônica, foi outra: *liberal,* — liberal não no sentido partidário, estreito, mas

---

(1) Os chefes liberais, antigos presidentes do Conselho, com quem Nabuco conseguiu que se reconciliasse João Alfredo, chefe conservador, para se poder organizar na república um partido monárquico que representasse tôdas as correntes do antigo regime.

(2) O Diretório do partido constava do visconde de Ouro Prêto, dos conselheiros João Alfredo e Lafaiete Rodrigues Pereira, de Domingos de Andrade Figueira e Carlos Afonso de Assis Figueiredo, que assinaram o *Manifesto à Nação Brasileira.* Nabuco, embora tivesse sido êle o redator do *Manifesto,* ficara em segundo plano no diretório do partido, com Carlos de Laet e Afonso Celso Junior.

no sentido que decorre destas duas consciências profundas que tenho em mim, de criatura de Deus e de membro da humanidade. Essa é a caracterização política da minha vida, como a afetiva é a brasileira. São essas três grandes correntes morais — Deus, Pátria, Humanidade, que formaram a zona temperada do meu liberalismo, a única em que vivi. Por isso chamaram-me na Monarquia republicano e por isso fiquei na República monarquista.

Saudades mil. Com tantas cartas estou arriscado a perder a viagem.

Seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

A Carlos Magalhães de Azeredo

Rio, 29 de abril de 1899.

Meu caro amigo,

Pelo mesmo vapor que nos leva vai êste agradecimento pela sua tão boa quanto elevada carta sôbre o meu ato. Vou em nome do país e espero ir com Deus. Até lá. O *Jornal* agora mesmo está publicando seu interessante estudo sôbre Garrett.

Ponha-me aos pés da sra. sua mãe e de Mme. Carlos Magalhães de Azeredo, a quem muito nos recomendamos.

Seu sempre o mesmo

JOAQUIM NABUCO.

A Domingos Alves Ribeiro

Rio, 2 de maio de 1899.

Meu caro Domingos,

Chegou o momento de dizer-lhe adeus, o que faço com verdadeira dor de separação. Deixo ao dr. Inglês de Sousa um retrato para você. Durante a longa ausência escrever-lhe-ei o mais que me seja possível.

Aqui está o que escrevem a Evelina: « A Princesa manda-lhe o recado seguinte: Que seu marido tinha feito muito bem, e se o Imperador vivesse não admitiria outra coisa, etc. etc. » Isto muito entre nós, mas, se todos entendessem como a Princesa, o significado político do meu ato teria sido, em vez de individual e personalíssimo, coletivo, e obedeceria à única política para o partido monárquico, se quer ser um partido político: que a dinastia e seus partidários estão igualmente ao serviço da causa nacional qualquer que possa ser o govêrno.

Adeus, querido amigo, ponha-me aos pés da sra. dona Carlota, recomende-me a todos de casa, fazendo eu votos pelo restabelecimento da sra. dona Inês. Lembre-me também ao dr. Teodoro Sampaio, ao dr. F. de Albuquerque e a todos que formam seu círculo íntimo.

Pedi ao Editor que lhe mandasse o meu 3º volume desde que chegue.

Do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

P. S. — Estive hoje, a despedir-me, com o ministro do Exterior, o dr. Campos Sales e o general Mallet. Foram todos muito amáveis e a amabilidade do Presidente com a referência que faz ao meu nome na mensagem é muito grande. Incluo um trecho sôbre o Brandão (1) que escrevi *con amore* como escreveria sôbre você. O nosso amigo e meu compadre está aqui, para o meu embarque. Nem me lembro de mais nada, só lastimo o êrro político que cometeram, e o não ter êle sancionado pùblicamente o meu ato. Isto por êle, não por mim. Parece que terei muita gente amanhã, eu que vivia tão afastado. O brasileiro é realmente muito generoso.

Agora, meu caro amigo, um grande serviço. O Rodrigo Otávio disse-me que chegou o espólio do Rebouças e que êle o vai examinar, etc. Há nesse espólio tôda a minha correspondência, a do Taunay, a do Imperador, a de amigos íntimos do Rebouças, que lhe escreviam para êle só, e eu penso que tal corres-

(1) Nabuco escrevera para uma série de perfis de homens públicos em a *Notícia* um perfil de Soares Brandão que êle incluíu no seu volume *Escritos e Discursos Literários*.

pondência e a vida íntima dêle não deviam ser conhecidas por ninguém antes de o serem pelo irmão que auxiliado por pessoa de confiança que examinasse tudo com êle, caso êle não o quisesse fazer só, resolvesse acêrca do destino a dar a êsse depósito sagrado da amizade e confiança. Você, que é amigo do dr. Rebouças, veja se dá um jeito para que tôda a correspondência chegue a êle intacta e só tenha o destino que êle entender dever dar-lhe. É um caso de grande importância sobretudo pelos papéis e cartas recebidos ou escritos por êle depois de 15 de Novembro. Eu penso que tudo devia ser guardado *in integrum* para a história.

J. N.

A Soares Brandão

Londres, 16 de junho de 1899.

Querido Brandão,

Acabo de receber sua boa carta, que só eu mesmo sei o que vale, o que contém. No que escrevi a seu respeito, vê-se logo, deixei sòmente extravasar o coração. Na Bahia, no Recife e em Buenos Aires publicaram essas minhas notas tão imperfeitas, mas tão sinceras sôbre você.

Vejo pelo tom de sua carta que você vai melhor, muito melhor. Sua alegria comunica-se-me não só pela frase como pelo próprio talho da letra. Eu desde que embarquei tenho ido sempre, graças a Deus, a melhor. Todavia... Ontem portei-me, por exemplo, bastante bem, em um grande jantar seguido de um concêrto, fiquei até 1 hora da noite, o que para mim, habituado à rua de Olinda e ao meu modo de viver, é uma façanha.

Evelina está em St. Germain-en-Laye perto de Paris com as crianças, encantados com a floresta e o ar puro, tão diferente da vida de Paris para os nossos pequenos acostumados a viver no jardim da própria casa. Eu vim a Londres coligir documentos e volto por êstes dias para o Continente.

Estive ontem com o velho F. Youle, que me disse estimar Sinhazinha Barros como uma filha e fêz dela o mais agradável retrato. Diga-lhe isso. Êle ainda está sofrendo dos efeitos de uma péssima queda que deu sôbre a cabeça e a espinha dorsal.

Como vai dona Marocas? Maria? Dona Sofia? Francisco, João e João Sobrinho? A cada um dos seus habitantes dê muitas lembranças minhas.

Não deixe de fazer sua a causa das irmãs (1). Levemos a bom têrmo essa obra de restituição e justiça.

Meu coração está aí, meu caro. Para mim a Europa não tem nenhum atrativo mais, todo o meu desejo seria viver aí sem interrupções como esta. Prefiro passar a noite em sua casa, conversando sôbre dom João VI, a tudo que a sociedade européia, que estranhos me possam oferecer. É sinal de que vamos envelhecendo! Achei aqui muita gente de minhas relações bastante mudada; outros, porém, estão mais moços do que há oito ou dez anos. Isso, sim, eu acredito, que dêste lado a vida se gasta mais de vagar, e também que não se mofa tanto.

Mande-me de vez em quando um cordial, como o último, uma cartinha escrita nos seus momentos satisfeitos e comunicativos, porque não quero que me chegue nenhuma tristeza sua. Eu pelo meu lado, logo que esteja instalado, far-me-ei uma doce obrigação de mandar-lhes notícias nossas, que sei quanto lhes interessam. Nada do que respeito ao número 10 é indiferente para o antigo número 12. Quanto me custa dizer isso!

Adeus, meu querido Brandão, saudades a todos, felizes votos, e para você um apertado abraço do amigo muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

O Garnier está pronto a dar um volume das minhas conferências, artigos, ensaios, etc. Lá virá a despedida da *Noticia* — só sinto que não seja acompanhada de um melhor retrato.

J. N.

---

(1) As Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo estiveram ameaçadas de perder o terreno em que sua congregação havia estabelecido o colégio e a Igreja da Imaculada Conceição na praia de Botafogo. Nabuco, influindo na reforma dos estatutos da irmandade, e conseguindo a entrada de novos sócios, como Soares Brandão e outros, trabalhara para lhes salvar o direito disputado pela irmandade leiga. Rui Barbosa foi o advogado das Irmãs no processo que lhes foi intentado e que venceram.

Ao barão do Rio Branco

17 Half Moon Street.
Piccadilly.
Sexta-feira.

Meu caro Rio Branco,

Muita saúde etc. com fraternidade, está visto.

Hoje escrevi ao Ministério falando do seu «monumental atlas». Em carta tinha dito ao dr. Olinto (1) que eu fôra a Paris para encontrar-me com você « que viera de Berna não só em serviço da sua missão (que estava agora na fase aguda) como também para entender-se comigo ».

Acabo de ler no *Times* a primeira reunião do Tribunal de Venezuela. Pelo que diz o advogado inglês, Venezuela reclama territórios de diversas nações. Não pensa você que devemos intervir perante o Tribunal pedindo ressalva dos nossos direitos? Se fôsse um Tribunal qualquer eu não diria nada, mas um tribunal dessa ordem, se decidir que a margem esquerda do Essequibo é espanhola e atribuir à Venezuela a parte da Guiana que nós disputamos à Inglaterra, não lhe parece que a questão fica morta para nós? Sobretudo sendo êsse Tribunal uma criação norte-americana. Conforme fôr a pretensão venezuelana apresentada, e note-se, por quem, por Mr. Harrison, ex-presidente dos Estados Unidos, não pensa você que devemos perante o Tribunal fazer declarações que ressalvem o nosso direito, sem reconhecer-lhe todavia reivindicação? Se fizermos *le mort,* não será difícil depois a reivindicação contra Venezuela? Ou devemos entender-nos com Venezuela? Porquanto nossa intervenção agora de alguma forma poderia enfraquecê-la e enfraquecer-nos também em proveito dos inglêses. A mim parece que o nosso direito não pode assim ser liquidado entre terceiros, como se não existisse. Alguém deve representá-lo. Não sei bem até onde vai a pretensão real da Venezuela, nem se a sentença dos árbitros vai atribuir a soberania dêsse território todo à Venezuela ou sòmente excluir a Inglaterra dos territórios a oeste de certa linha. Em

(1) Olinto de Magalhães, ministro das Relações Exteriores.

todo o caso é um pleito que nos interessa muitíssimo e que devemos acompanhar. Diga-me uma palavra, porque talvez *eu deva* telegrafar.

Muitas saudades e até breve.

Sei que Evelina esteve aí com Mlle. Amélie, de quem você não gosta de ouvir tudo o que se pensa (1).

Lembranças ao Raul (2).

Do seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

A Domingos Alves Ribeiro

Londres, 16 de junho de 1899.
(Endereço: Legação do Brasil).

Meu querido Domingos,

Há muito que você deve estar esperando por uma carta minha e há muito que estou para escrever-lhe. De um lado para outro, porém, sempre em movimento, não tive ainda um dia de verdadeiro sossêgo para comunicar-me com você. Faço-o agora, ainda em atropêlo, sòmente para você não duvidar de mim.

Tenho passado sempre bem desde que embarquei. O meu organismo estava meio mofado, meio enferrujado com a vida que eu levava de traça escrevente e precisava, preciso, uma reconstrução. É esta a preliminar para os trabalhos sérios em que tenho que entrar. O Hilário manda-me às águas, sem mais nada. Tudo foi examinado e achado são. Assim Deus queira ser meu médico.

Parece que o Rodolfo chegou a Paris, doente, ictérico. Possa a mudança de clima, regime e tratamento melhorá-lo. É para mim uma tristeza sabê-lo assim tão mal. Para a semana estarei com êle.

---

(1) Isto é, elogios à grande beleza da jovem Amélia do Rio Branco, filha do Barão.

(2) Raul Paranhos do Rio Branco, filho mais velho do Barão.

Vim aqui coligir documentos, etc. Por muito tempo será essa minha principal ocupação. O Eduardo terá prazer em saber que o Rio Branco apresentou ao árbitro suíço um Atlas que é um monumento geográfico.

Estou afinal separado da política, a uma distância que sinto incomensurável. Não lhe posso dizer o alívio espiritual e moral que isso é para mim. Rogo-lhe por favor não dar notícia minha aos jornais. Dirão que eu lhe escrevo demais e eu quero não ter limites à nossa correspondência, o que não será possível com o receio de estranhos se ocuparem dela.

O meu 3º volume está todo agora corrigido e vai entrar para o prelo. Não creio que seja questão de muitos meses mais.

Vou dar mais dois volumes. Um com a *Minha Formação*, um tanto alterado; outro, reunindo o que tenho publicado avulso.

Muitas lembranças ao Eduardo e ao dr. Sampaio. Ponha-me aos pés da sra. dona Carlota e creia-me muito sinceramente seu dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Cárlos Magalhães de Azeredo

Londres, 18 de junho de 1899.

Meu caro amigo,

Muito lhe agradeço sua boa carta de 13. Tenho sempre prazer em ter notícias suas. Muito desejo eu teria de ir a Roma. Roma é sempre Roma para os que uma vez a amaram. Só se eu não puder dar-lhe essa prova de fidelidade eterna. Ainda mais a sua companhia!

Estou por uns dias sòmente em Londres. Esta semana volto para Paris, ou antes irei para St. Germain-en-Laye, que é onde está a minha gente. Depois creio que irei para as águas de Pougues. O meu sistema nervoso se está comportando muito mal; tudo examinado, o Gouvêa acha que não tenho senão necessidade de « *faire une cure* » em Pougues — o que me anima um tanto. Não muito porque os efeitos que sinto indicam uma causa muito difícil de sujeitar.

Quero ver se dou pelo Garnier dois livros mais. Êle mostra-se pronto a editá-los. Um seria uma coleção de escritos e conferências, outro o que tenho publicado na *Revista* com o título *Minha Formação.*

Não recebi ainda a sua brochura. Mande-me sempre suas cartas para Londres, onde tenho que vir de vez em quando, a menos que me saiba com demora em algum lugar.

Meus respeitos à sra. sua mãe e a Mme. Carlos Magalhães de Azeredo. Creia-me sempre seu muito afetuoso e sincero amigo e grato colega,

JOAQUIM NABUCO.

A Caldas Viana

João Caldas Viana era redator do Jornal do Commercio *e advogado do escritório de Rui Barbosa. Era também grande xadrezista, citado como tal em diferentes países, em tratados e revistas sôbre o jôgo. Nabuco tinha-o em alta conta e convidou-o para secretário da sua Missão Especial, funções que Caldas Viana aceitou, mas, por motivos de família, exerceu apenas por alguns meses, regressando logo ao Brasil.*

Londres, junho 20, 1899.

Meu caro dr. Caldas Viana,

Acredito tanto na sua vinda pelo *Danube* que lhe escrevo esta carta para Lisboa a fim de lhe ser entregue a bordo. Espero que a viagem lhe tenha corrido do melhor modo e que os sustos de sua Senhora se tenham já de todo dissipado. Há de tê-la impressionado o infortúnio que tanto nos penalizou a todos do nosso amigo Graça Aranha perdendo a filhinha no mar (1), mas

(1) Graça Aranha, também secretário da Missão Especial chefiada por Nabuco, viajou com êste e as respectivas famílias para a Europa em maio de 1899. Sua filhinha Almira, de três anos, que, ao embarcar, parecia gozar de perfeita saúde, falecera a bordo, de febre amarela contraída no Brasil.

ela deve ter pensado que tais contingências são da própria vida humana e não das resoluções que tomamos num sentido ou noutro.

O objeto desta carta é comunicar-lhe que conviria mais desembarcar em Cherburgo do que em Southampton. Eu amanhã ou depois volto para Paris, ou melhor vou para St. Germain-en-Laye, a meia hora de Paris, onde ficou Evelina enquanto eu vim a Londres, e em Paris deixei o dr. Graça Aranha. Meu enderêço para suas comunicações deve assim ser *Pavillon Louis XIV, St. Germain-en-Laye, France.* Vir a Paris desembarcando em Southampton com a família seria muito dispendioso. Se por algum motivo de doença ou outro quiser ficar em Lisboa para vir por outro paquete (por terra seria uma grande despesa) demore-se o tempo que lhe fôr preciso.

Fico à espera de seu telegrama avisando chegada e contando ter em breve o prazer de abraçá-lo; peço-lhe que me recomende muito à sua Senhora e que me creia sinceramente seu muito obrigado e dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Tobias Monteiro

O jornalista e historiador Tobias Monteiro, então redator do Jornal do Commercio, *foi um dos intelectuais da geração mais jovem, com quem Nabuco conviveu nos anos do seu retraimento político. Amigo igualmente do presidente Campos Sales, Tobias Monteiro foi encarregado por êste de convidar e conseguir a aceitação de Nabuco para a missão sôbre a questão de limites entre o Brasil e a Guiana Inglêsa.*

St. Germain-en-Laye.
Junho 29, 1899.

Meu caro Tobias,

Muito senti partir do Rio sem tê-lo abraçado, mas você estava entregue às delícias de Petrópolis onde seria talvez indiscreto da minha parte ir surpreendê-lo. O Caldas Viana deve

ter-lhe dado os meus últimos recados e lhe ter entregado o retrato que lhe prometi.

Desde que cheguei estou para lhe escrever, mas a vida de hotel e de viajante, que ainda estou levando por causa da incerteza sôbre o lugar em que mais convirá instalar-nos até ficar resolvido em Londres o tratado de arbitramento, é a causa da demora em comunicar-me com você e dar-lhe notícias minhas. O Corrêa (1), como você sabe, é quem está tratando com lord Salisbury, eu não tenho título algum para dirigir-me ao Foreign Office, nem conviria que tivesse, estando a questão afeta ao Corrêa, que tem a situação que você conhece e procederia sempre de acôrdo comigo. O que me parece é que o Foreign Office quer andar de acôrdo com o Colonial Office, o qual está neste momento todo ocupado com o Transvaal, e quanto à Guiana Inglêsa entende talvez que basta um arbitramento de cada vez, desta agora o de Venezuela. A Inglaterra está fazendo um grande esfôrço perante o Tribunal de Paris, e, como a questão histórica e de direito internacional é nos dois casos idêntica e em parte a mesma, eu suponho que quer aproveitar contra nós a mesma legião de advogados, peritos, etc.

O Hilário quer que eu vá tomar as águas de Pougues, felizmente a quatro horas de Paris. Achou-me sem nenhuma lesão, sendo o meu estado de fraqueza nervosa puramente funcional. O mesmo pensa o meu médico de Londres. Assim tenho esperança de estar em pouco tempo pronto para afrontar o que há mais temível nesta vida diplomática, os convites incessantes e as « caceteações » de tôda ordem.

Tenho estado com o Rio Branco, estive em Londres muito com o Corrêa, e por tôda parte encontro amigos seus. O Corrêa o é, grande, e tanto o estima quanto o admira, sendo que essa admiração dêle pelas suas qualidades de homem que apanha tudo num relance, vê claro e certo, lhe poderá talvez ainda ser útil.

O Rodolfo chegou mudado, de se o não poder ver sem emoção. O Hilário disse logo que não era o que presumiam, e sim uma obstrução por algum cálculo do conduto biliar. Foi operado anteontem com sucesso, diz-me o Hilário. Não fui vê-lo

---

(1) **Artur de Sousa Corrêa, ministro do Brasil em Londres.**

depois da operação por não ser permitido; meu cunhado, porém, me informa de tudo.

O meu 3º volume está a sair do prelo, vou mandar-lhe como lembrança a obra tôda. Você, porém, só a receberá mais tarde, depois de encadernada e quando eu tenha portador seguro.

Dê muitas lembranças afetuosas aos nossos camaradas do *Jornal;* de Pougues escreverei ao Rodrigues, não o fazendo hoje, porque tenho já dito a você o que lhe diria a êle e querer reservar êsse prazer para os dias que vou ali passar sem nenhuma distração para o espírito senão a de corresponder-me com os amigos.

Adeus, meu caro Tobias, um apêrto de mão ao dr. Zacarias, (1) e para você as mais afetuosas expressões de amizade do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A José Carlos Rodrigues

José Carlos Rodrigues foi, desde o primeiro ano da República, quando assumiu a direção do Jornal Commercio, *cuja influência sôbre a opinião pública não tinha ainda rival, até sua morte em 19, o homem de imprensa mais destacado do seu tempo, além de grande propulsor do progresso brasileiro em outras atividades ligadas à finança e à erudição.*

Sua amizade com Nabuco vinha da mocidade. Haviam sobretudo convivido muito em Nova York quando Rodrigues dirigia ali um jornalzinho em língua portuguêsa, O Novo Mundo, *e Nabuco era adido de legação.*

Pougues, 21 de julho de 1899.

Meu caro Rodrigues,

O Corrêa deu-me notícias suas e eu já lhe teria escrito se tivesse alguma coisa que lhe dizer mesmo a meu respeito. Desde que cheguei o Hilário tomou conta de mim para pôr-me em *good working order,* mandando-me para Pougues e para Gastein.

(1) Zacarias do Rego Monteiro, magistrado, irmão do Tobias Monteiro.

Em Londres pouco me demorei e não vi quase senão o Corrêa (apenas jantei com o Alfred Rothschild). Imagine que cheguei na semana de Ascot e que a enchente em Londres era tal que o Poole não me pôde dar nenhuma roupa nos 15 dias que lá estive, de modo que andei evitando convites. Daqui mesmo estou em correspondência constante com o Rio Branco e o Corrêa, e, depois da nota que êste acaba de receber de lord Salisbury, espero que o tratado de arbitramento será concluído sem maiores embaraços.

Estou tanto mais ansioso pela conclusão do tratado quanto da escolha do árbitro dependerá também a escolha do lugar onde eu vá preparar a nossa Memória, porque não se faz o mesmo trabalho para um alemão (1) que para um sueco ou para o Papa, e vice-versa.

O meu 3.º volume está a sair do prelo e quando tenha saído enviar-lhe-ei um exemplar pelo correio, que você assim receberá, um mês talvez, antes de sair aí o livro da Alfândega.

Na Europa o elemento relacionado com o Brasil tem grande confiança no Presidente sem acreditar muito que as nossas finanças se possam concertar verdadeiramente. A impressão parece ser esta: que é um confôrto estar à testa do país um Presidente que presta atenção ao crédito do Brasil no estrangeiro em vez de algum *qui s'en moquerait.*

Muitas lembranças ao ilustre Gerente, e recomendações a todos os seus de Petrópolis, de quem tão grata recordação conservo. Creia-me sempre, meu caro Rodrigues, sinceramente seu

Obrm.º Am.º Velho e Colega

JOAQUIM NABUCO.

A dona Maria Ana Soares Brandão

Dona Marocas Soares Brandão foi a espôsa e, depois, a viúva inconsolável do conselheiro Soares Brandão. Do seu marido, Nabuco escrevera: «Sua vida passou-se na tôrre de marfim do seu primeiro e único ideal. Êle colocou sua ambição de moço

---

(1) O árbitro mais provável então nas discussões no Foreign Office seria o Grão Duque de Baden.

em um sonho, em um amor tão alto que, realizado, foi para êle o perpétuo encantamento ».

Com sua bondade, sua simpatia e animação, seu gênio acolhedor e expansivo, dona Marocas fizera de sua casa um centro, onde Nabuco, seu vizinho e parente, e amigo afetuosíssimo do seu marido, era dos freqüentadores mais assíduos, senão visitante diário.

Pougues, 21 de julho de 1899.

Minha cara dona Marocas,

As notícias que me chegaram suas não foram o que eu podia desejar, mas, como não tive outras depois, suponho que seu incômodo desapareceu e que a atmosfera dessa excelente casa está outra vez sem nuvens. Imagino que a vida é aí sempre a mesma que era, que os dias se passam conforme o horário que eu conheço, e confesso-lhe que tenho grande saudade e que imaginativamente passo aí parte do meu tempo; vejo o Brandão chegar da cidade; discuto com o João; observo a Sinhazinha sem ser Anatole France; lanço um olhar para o grupo em que figura dona Sofia ao lado de dona Cota, lembrando-me uma tão agradável viagem do *« Clyde »;* ouço a *Condessa Dagmar,* escrita para a Lucinda, e por fim até janto, o que hoje me permite o meu estado de saúde que é muito melhor, graças a Deus. Como vê, faço parte sempre da sua roda pela lembrança e pelo desejo de voltar. Com a saúde precisa para cumprir todos os deveres de amizade, não haveria para mim vida tão doce e tão agradável como a da nossa terra, ainda que não deixe de ser um prazer sentir-me à distância de certas más vontades que me queriam roubar o ar e a suavidade dela.

Vi o nosso amigo Alcoforado em Londres, mais magro, com o espírito, porém, mais assentado, satisfeito de viver assim, lendo os jornais, todos, de Londres, Paris e do Rio, acompanhando as questões, interessando-se por tudo e por todos, em uma pequena casinha, ao lado do grande movimento do West End, bastante confortável, cheia de livros e quadros e móveis do Cipriano.

Muitas felicidades lhe desejo no dia de hoje, minha cara dona Marocas, bem como, o que é desnecessário acrescentar, a

todos que a cercam, e que bem sabem a amizade que lhes tenho. Um abraço para cada um a começar pelo meu querido Brandão.

Do seu muito dedicado amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Domingos Alves Ribeiro

Pougues, julho 26, 1899.

Meu caro Domingos,

Estou ansioso por uma carta sua. Vi com grande prazer, apesar da ocasião, o seu nome na lista dos que acompanharam ao seu descanso final a graciosa e boa dona Cocota Prado. É a prova de que você está bom e forte. Uma boa notícia a respeito de sua saúde seria o melhor presente que eu pudesse receber daí.

A minha vai melhorando sensìvelmente e já espero ter fôrças para ir além na tarefa que aceitei. Nada sei do que se está passando por lá senão o que vem nos jornais, suas cartas são o fio que me poderia dirigir no labirinto e por êsse motivo ainda sinto a privação delas.

Breve receberá você o meu 3º volume (1). Mande-me contar tudo que lhe diga respeito, certo que nada do que lhe concerne me é indiferente. Estou a recordar-me agora as primeiras impressões do nosso encontro no Recife, as cenas em Palácio com o Sancho, as Conferências do Santa Isabel, o Freitas, que êsse não teria perdido as eleições do Dantas, nem homens como êle (você por exemplo), o Tibúrcio, e por último a fúria, o ciume do M., que só você depois veio a explicar-me e que figurará na minha galeria como a representação perfeita do mais perigoso de todos os amôres, porque é na idade em que as paixões, as idéias fixas, se tornam fàcilmente em loucura, o amor como a avareza e a desconfiança — o amor senil. E eu inocente!

---

(1) O terceiro e último volume do *Um Estadista do Império,* apareceu nesse ano de 1900.

Estamos nas vésperas do final do drama, o último ato a começar e confesso que agora me sinto tomado de interêsse pela peça (1). De Paris, ou de onde estej, mandar-lhe-ei os jornais que tiverem o *compte-rendu* mais perfeito. Suponho que será de grandes revelações e surprêsas êsse processo de Rennes, que será um acontecimento da maior gravidade para a França.

Beije a mão à sra. dona Carlota por mim e creia-me seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Hilário de Gouvêa

Bex, 3 de setembro, 1899.

Meu caro Gouvêa,

O dia de hoje faz-me pensar em você de um modo muito particular apesar de não ser preciso uma recordação de data como essa para quem o está acompanhando agora dia por dia. Espero em Deus que esta viagem só lhe será útil e só lhe causará boas impressões e nenhum arrependimento do sacrifício que você fêz com sua separação de Iaiá e das moças. Nós vamos sem novidade neste destêrro para onde você nos mandou; o parque do hotel é o maior que tenho encontrado e o mais agradável; quanto à barateza, porém, é uma história. Pagamos aqui mais do que em Paris sem têrmos sala como lá. Hei de ver o Rio Branco antes de deixar a Suíça e espero que o Rodolfo que ainda está nas montanhas venha a Bex.

Estou ansioso por notícias suas, não só de sua travessia (2), que é o que neste momento mais me importa, como do seu acolhimento aí, das suas impressões, dos resultados de sua viagem e de sua deliberação quanto ao futuro. Imagine que falta você nos fará durante a nossa estada na Europa voltando para aí, mas se fôr para o bem seu e da família resignar-nos-emos à nossa própria privação.

---

(1) O processo Dreyfus.

(2) Hilário de Gouvêa fôra ao Brasil em curta viagem.

Quanta coisa vai você ver, ouvir, observar nestes meses de viagem ao Brasil e com que interêsse eu ouvi-lo-ei de volta! Parece-me uma viagem *decisiva,* e foi por isso principalmente que desejei que você a fizesse.

Deixe-me recomendar-lhe aí o nosso amigo João Alfredo a quem desejaria que você procurasse para verificar o estado da vista dêle. Também recomendo-lhe o Soares Brandão, a respeito de cuja saúde estimaria infinitamente que você me tranqüilizasse (1). Do Artur também e de Carlotinha dê-me notícias médicas.

De minha mãe não lhe falo porque você não me falará de outra coisa senão do estado dela, se ela se sente bem e confortável.

Logo que acabe o tratamento tratarei de voltar para Paris por algum tempo, para reunir o material, que ainda não está todo publicado, sôbre a questão de Venezuela e ver se faço sôbre o conjunto dos trabalhos de Tribunal um trabalho do nosso ponto de vista, estudando as relações de argumentos e sentença com o nosso caso.

Muitas saudades de todos nós, querido Gouvêa. Deus abençôe essa sua ida à nossa terra!

Do irmão muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Caldas Viana

Grand Hotel des Salines
Bex (Suisse).
Set. 10, 1899.

Meu caro dr. Caldas.

Rogo-lhe a favor de mandar-me de modo que não se estraguem no correio, o melhor é fazê-lo por intermédio da própria livraria que os encardenou (sem perda, porém, de tempo), os

---

(1) Soares Brandão havia falecido a 1.º de setembro. A notícia não chegara ainda a Nabuco.

quatro primeiros volumes das diferentes encadernações para eu escrever as dedicatórias e remetê-los, se ainda houver tempo, para que seja o portador.

Queira também ser o portador para o Ministério (1) da coleção dos debates sôbre Venezuela e conseguir da legação que as remessas depois de sua partida sejam feitas para 33 Avenue Friedland, (prevenindo lá para guardarem), exceto o do Rio Branco que poderia vir por intermédio da legação sem demora.

Recebi hoje sua excelente carta, que mandarei por cópia. Não há receio de que a publiquem. Diga-me se quer que o recomende especialmente ao dr. Campos Sales. Um redator de sua concisão, finura, substância, e flexibilidade, deixe-me dizê-lo, deve sempre ser aproveitado em negócios de Estado que exijam a mão ao mesmo tempo segura, pausada e leve do diplomata de nascença. Não creio que o sr. seja atraído para a Chancelaria; quero-o ver, porém, mesmo na imprensa, tratando como de interêsse nela as questões de interêsse nacional.

Ontem mandei-lhe um cheque no valor de £ 89.9.4 para despesas de suas passagens.

Outro também de £ 40.10.6 sendo 156 francos para o pagamento que teve a bondade de fazer das encadernações do meu livro; 6.50 saldo da pequena conta que me remeteu de 14 francos; £ 3.8.0, sua parte num acréscimo de £ 13-12-2 que o govêrno nos concedeu na conta das passagens de vinda, e £ 30-12-6 (272$222) dos 14 dias de setembro.

Queira mandar-me o recibo das quantias que lhe pago oficialmente separadamente.

Creia-me seu sempre muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Não lhe posso escrever hoje sem dizer-lhe a triste impressão sob a qual nos achamos (2). Meu prognóstico para a França é de guerra civil; infelizmente não vejo outra coisa no horizonte.

---

(1) Caldas Viana, depois de poucos meses de secretário da Missão Especial, pedira demissão por motivos de família e regressava ao Brasil.

(2) Depois da condenação de Dreyfus por suposta traição à França.

A Soares Brandão

Bex (Suisse).
Set. 14, 1899.

Meu caro Brandão (1) e cara dona Marocas,

Consintam que apesar de ter recebido duas cartas tão amáveis hoje porque eram dois a escrever-me, eu no *dia de hoje* não os separe, e os reúna para mandar-lhes as minhas saudades e sentimento de não estar aí para brindá-los à mesa da ceia, presente dona Germana, como fiz anos atrás.

O Gouvêa aí está e eu lhe escrevo que veja a você, meu querido Brandão, e me tranqüilize a seu respeito. Estou certo que você com algum descanso e indo a Lambari, sobretudo fazendo uso das duchas quentes — veja como lhe estou receitando em lugar do Gouvêa! — veria desaparecer todo êsse estado nervoso que o aflige e a nós que tanto o estimamos. Fico à espera da resposta do Gouvêa, que para mim é o médico por excelência.

Grande prazer nos causa saber que minha mãe sempre está com a senhora dona Marocas, e que lhes faz boa companhia. É uma dupla boa notícia, porque se, por um lado, mostra que *a amizade* dela, na linguagem do Penedo, *não dorme,* por outro significa que ela vai bem de saúde e está forte. A letra com que ela me escreve não podia ser melhor.

Espero que lhe tenha chegado o meu 3º volume, meu caro Brandão, e que você me dê a honra de o ler, como leu o 1º. Saiu maior do que outros, mas a encadernação de algum modo disfarça a diferença. O que falta à obra é um índice geral analítico.

Nossa saúde é boa. A minha refez-se grandemente com as águas de Pougues e as duchas, que tenho continuado aqui. Viemos a êste lugarzinho da Suíça por causa dos banhos salinos receitados ao Joaquim. É um lugar delicioso como não imaginava. O hotel é muito bom, mas o parque em que êle está é

---

(1) Quando Nabuco dirigiu esta carta aos caros vizinhos da rua Marquês de Olinda, o correio do Brasil não havia ainda tido tempo de lhe trazer a triste notícia do falecimento do velho amigo.

simplesmente único pela extensão e pela beleza. Ao longe temos montanhas nevadas; se não fôsse isso, era uma reprodução arranjada de Petrópolis, de alguns dos vales de Petrópolis. O Rodolfo, que veio por horas, ficou encantado e aqui está há dias e fica ainda mais tempo. Veja você, eu que nem conhecia Bex (pronuncie Bê) sou agora um tributário dêste terrãozinho suíço.

Daqui vou a Berne para estar com o Rio Branco, depois a Baden-Baden, que será talvez, se não fôr mesmo a capital do ducado, minha residência futura (1) em seguida a Frankfort, para ver se a Alemanha me seduz, e por Bruxelas outra vez a Paris. Questão tudo isso de um mês.

Neste momento não se fala em outra coisa na Europa senão na sentença Dreyfus. A inocência dêste não pode mais ser posta em dúvida; as declarações oficiais da Alemanha e da Itália satisfazem a consciência humana, mas infelizmente não valem nada para a conspiração militar, que jurou não abandonar a sua vítima. Nunca, em tôda a história, uma causa impressionou a humanidade tôda senão essa. Em tôda parte é um verdadeiro delírio contra a França, que responde, coitada, pela loucura anti-semita!

Não sei em que jornal vi uma notícia sôbre a *Condessa Dagmar* (2) e... a Duse. Provàvelmente foi em uma fôlha platina. O Roca (3) devia ter ficado impressionado com a leitura.

Muitas saudades nossas. Evelina, não preciso dizer-lhe, é a maior amiga que êsse casal tem. Não há dia no qual não pensemos muito no que se estará passando no n.º 10. Temos o quadro sempre diante dos olhos dessa boa vizinhança de tantos anos. Ela e eu lhes mandamos mil saudades e todos os nossos votos, e não esquecemos de pedir a Deus que lhes dê uma grande pro-

---

(1) Já estava assentado que o árbitro do litígio em que Nabuco defenderia os interêsses do Brasil contra a Inglaterra seria o grão duque de Baden. Do Brasil, porém, chegaram instruções para que, de acôrdo, naturalmente, com a Inglaterra, se mudasse a indicação inicial, convidando para árbitro o rei da Itália, Vitor Emanuel III. Constou no Rio que a mudança não teve melhor justificação do que o pedido insistente de um jornalista ítalo-brasileiro bem apadrinhado.

(2) Romance de Pedro de Barros, amigo dos Soares Brandão e de Nabuco, irmão de Adolfo de Barros.

(3) Julio Roca, presidente da Argentina.

va de amor e carinho igual a que lhe deu com o casamento do Francisco... Realmente dona Sofia é a última palavra do interêsse da Providência por você e dona Marocas. Onde andam êles? Por São Paulo, por Petrópolis, ou na bonita casinha da rua dos Voluntários?

Se eu pudesse conversava com você todos os dias por escrito. Prometo, porém, fazê-lo mais a miúdo do que tenho feito. A culpa é desta vida errante que tenho levado por hotéis e da cura a que me estou submetendo. Não devo fazer o que fazia, e você sabe quanto o trabalho que tenho em mãos sempre me absorve. Acabado êste mês de *villegiatura* e com um pouco de saúde armazenada vou meter-me em mapas e tratados, e viagens pela Guiana, como me meti no arquivo de meu pai. O que me alivia muito é que o trabalho de excavação que tinha que fazer já está em grande parte feito pela Inglaterra e pela Venezuela que imprimiram tudo o que havia nos arquivos holandeses e espanhóis sôbre as explorações e estabelecimentos holandeses no interior da Guiana, o que é a base da nossa questão também com a Inglaterra. Meu trabalho por ora é estudar e digerir essa massa de informações que as duas partes publicaram e os debates perante o Tribunal Anglo-Americano de Paris.

Uma vez regularizada a minha vida você terá o seu dia no meu Memorando e de vez em quando receberá notícias nossas.

Muitas recomendações a Maria, dona Sofia, Francisco (ao João escrevi agradecendo sua boa memória) — e aos íntimos. Ninguém me fala na nossa Duse... do Senado. Espero, porém, que Caxambu, ou foi Lambari?, lhes tenha aproveitado a todos, e recomende-me ao Senador. Saudades também ao chefe da ilustre família pernambucana, o nosso Xavier.

Se não parar aqui, perco a festa de hoje... Lembro-me muito bem a última vez que tomei parte nela. Deus a faça êste ano tão alegre e feliz como sempre.

Um apertado abraço a ambos do

primo e amigo muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Domingos Alves Ribeiro

Genebra, 23 de set. 1899.

Meu querido Domingos,

Estou, estamos, sob a profunda impressão da perda do Soares Brandão com o qual ùltimamente me tinha tão estreitamente ligado na nossa convivência da rua de Olinda. É um luto grande para mim. Nossa dor e saudade vêm logo depois das da família. Esta deve ter conhecido o último dos transes da vida.

Suas cartas vêm cada dia mais tristes. Não sei se não é porque você me escreve só em momentos de melancolia. O principal efeito da religião é dissipar a tristeza, e se a sua aumenta sempre é que você não *está vivendo* a sua fé.

O Rodolfo está agora conosco, e o Graça Aranha. Amanhã ou depois partimos para Berne onde nos encontraremos com o Rio Branco e com êle passaremos o 28 de setembro. O Eduardo nesses dias deverá sentir arderem-lhe as orelhas, porque, quando o Paranhos, o Rodolfo e eu nos reunimos, chamamo-lo logo a fala, a completar a partida de *whist*, e um de nós joga as cartas dêle.

Mando-lhe hoje a bela carta de Zola a Mme. A. Dreyfus. Com a anterior e a primeira são o que êle escreveu de melhor e o que mais viverá dêle.

Espero pelo Hilário notícias do João Alfredo. É certo que não tenho escrito a êste nosso amigo como a você, mas é sòmente porque a intimidade de alguma forma se quebrou entre nós dois — não da minha parte, o sentimento. Com você meu coração se expande. Com êle eu teria que ser mais formal e calculado. *Voilà tout.*

Muitas saudades, meu caro Amigo, muitas. A vida tem dessas surprêsas, como a que me atirou para tão longe e por tanto tempo. Não há nela, porém, nenhum acaso, tudo é decretado e tudo se prende. Meu sonho seria viver aí entre os amigos verdadeiros que tenho, mas minha saúde exigia uma transplantação prolongada para eu poder gozar dêsse inefável contentamento que é viver entre os que nos são caros. Quando eu me tiver reconstituído espero da bondade divina que me faça voltar para

onde está o meu coração. Com um pouco de filosofia e de calma a política não tem para nós nada que possa alterar o prazer de viver em nossa terra. Você precisaria muito ter-me aí, é o que vejo, para pô-lo de novo em equilíbrio, no seu antigo estado.

Creia-me sempre tão ansioso por notícias suas, boas, quanto você se mostra pelas minhas. Um apertado abraço do

Amigo sincero

JOAQUIM NABUCO.

Suponho que o meu 3º volume está em quarentena. Lembre-se de que eu deixei ordem no Rio à Casa Garnier para lho mandarem logo.

A dona Maria Ana Soares Brandão

Paris, novembro, 14, 1899.

Minha cara dona Marocas,

Eu sempre calculei que seria assim mesmo, que a separação, primeira e última, dos dois vizinhos (1) que nunca se deixavam, seria um golpe insustentável para o que ficasse, e por isso não me surpreendeu as notícias que recebo a respeito do seu estado inconsolável, mas é preciso que a senhora tenha coragem e resignação... « Resignar-se », acabo de ler em um dos livros que eu mesmo tomo para me retemperar de tantos desgostos, como têm sido para mim as perdas consecutivas de tantos amigos que eram parte de mim mesmo, « resignar-se » (é um belo pensamento de uma mulher superior, Mme. Swetchine), « é colocar Deus de permeio entre nós e a nossa dor. » Ponha o crucifixo, que me dizem estar sempre em suas mãos, entre seu coração ferido e a saudade que o dilacera e pouco a pouco, sem que a saudade diminua, verá que a ferida irá cicatrizando e a senhora readquirindo fôrças para carregar a sua cruz em conformidade com a vontade de Deus e para aceitar as consolações que Êle lhe queira dispensar... Assim é mais completo o quadro de sua

---

(1) Vizinhos de Nabuco na rua Marquês de Olinda.

vida: viver como o Brandão desejaria que a senhora vivesse depois da partida dêle, como nas suas orações íntimas êle deve ter pedido a Deus em recompensa da vida que lhe tocou, tôda de trabalho, amor e desprendimento pessoal. Não lhe peço que o perca um só instante de vista, que o esqueça em nenhum dos seus pensamentos, mas sòmente que se conforme à sorte que Deus lhe destinou, e que por amor dêle se submeta em espírito e humildade à provação que lhe foi mandada. Assim a sua lembrança viverá sempre nêle e com êle, sem que a senhora se recuse às obrigações e deveres inerentes ao seu estado e à herança que êle lhe deixou, que são seus filhos e agora essa nova alegria, essa flor de esperança que parece ter brotado sôbre o seu túmulo, sua netinha, segundo me dizem, que deve ser, que tem que ser, um novo prazo de vida, um novo motivo de gratidão para a senhora...

Ah! se eu também lhe fôsse dizer o que perdi nêle, e como sem êle o Rio de Janeiro me parece mudado, os anos que passei na rua de Olinda perdidos, porque não posso lembrar-me dêles sem o ver a cada instante e tão vivamente que o imagino vivo... A Fabiana diz-me que êle não parecia morto, tal era a serenidade do seu rosto. É que a infinita benevolência daquele caráter não podia deixar de ser o último, o definitivo traço que se lhe visse estampado no semblante.

Ninguém fora da família o amava mais verdadeiramente do que eu, nem viveu tanto com êle *dentro de si mesmo,* porque eu tinha em mim, comigo, grande parte dêle, que a cada instante me volta ao pensamento, à voz, quase que à vista, como se fizesse parte de mim mesmo... Não me consolo quando penso que voltando não o verei mais, e, como a senhora, quisera ter o amargo prazer de ir conversar com êle no seu túmulo.

Compreendo que as relíquias que êle deixou, tudo que o lembra, em que há um contacto, um uso seu, como as roupas, os livros, os móveis, os aposentos, a cadeira em que se sentava, o caminho que fazia, tenha para a senhora, como me dizem, o poder, o condão de arrancar um mar de lágrimas... Mas com tudo isso, por amor de tudo isso mesmo, é preciso a resignação e viver para a felicidade dos que devem representá-lo, aos seus olhos de mãe, melhor do que os objetos inanimados que o tocaram...

Pelo Rodolfo Dantas mandei uma cruz para o túmulo, espero que não tenha chegado partida. A impressão dos cartões tem sido demorada por causa do retrato, o pequeno que me mandou não servia, dei o grande que eu tinha e saiu magnífico: já corrigi as provas dos pensamentos e por êstes dias terei os exemplares que mandei tirar. Remeterei alguns pelo correio, os outros seguirão pelo Eugênio. Não é uma encomenda sua, como recebi por Sinhazinha, é uma idéia que nos ocorreu logo e que Evelina lhe oferece, porque ninguém a acompanha mais de coração do que ela, que admira o Brandão mais do que nunca.

Quanto às palavras para o epitáfio desde o primeiro recado do João tenho pensado nelas, mas não sei verdadeiramente o que dizer, porque não sei o que *não dizer*. Sôbre êle posso escrever páginas; palavras, porém, sòmente? não sei o que preferir. Também não sei que monumento vão levantar e que espaço há para a inscrição... Brevemente lhe remeterei umas idéias. O túmulo *ideal* do Brandão deveria, segundo penso, ser construído sòmente depois que a senhora se fôr reunir a êle. Deus afaste êsse dia quanto possível, porque... por muitas razões. Para a memória dêle, para o culto dêle, é melhor que a senhora, cuja saudade não morre, viva ainda longos anos... Depois quando o dia inevitável chegasse, o túmulo *ideal* seria um dêsses sarcófagos romanos sôbre os quais se vêem reclinados, sentados como no triclínio, o marido e a mulher que se amaram eternamente... Para mim não há assunto para a escultura como êsse que lhe daria o seu amor comum, o seu e o dêle recíproco. Para êsse monumento, sim, eu quisera compor de antemão o epitáfio e como sinto não ter um cinzel a minha disposição para esboçar também o desenho. Separado o Brandão da senhora, que dizer dêle que não lhe parecesse incompleto? Na morte sobretudo é que eu não os quisera separar. Assim como tive a idéia do monumento definitivo que lhes cabe, inutilizei-me imaginativamente para idear um epitáfio parcial e efêmero, como seria o dêle só.

Adeus, minha cara dona Marocas. Aceite muitas recomendações de Evelina para a senhora, Maria, João, Francisco e dona Sofia e creia-me seu muito dedicado e afetuosamente

Amigo sincero

JOAQUIM NABUCO.

A Domingos Alves Ribeiro

Paris, 6 de dezembro de 1899.

Meu caro Domingos,

Você compreende que desejo escrever-lhe constantemente para trazer êsse espírito especado pela amizade e a prumo. Se o não faço mais vêzes é porque os pequenos deveres me tomam todo o tempo que me deixam os trabalhos da difícil emprêsa em que me meti.

Mando-lhe hoje uma lembrança que fiz tirar para consôlo de dona Marocas do nosso bom amigo Soares Brandão. Não o esqueço um momento, vivo com os mortos e os ausentes em tôrno de mim em uma doce penumbra em que vivos e mortos se confundem.

Hoje fui à missa do Imperador, onde bem poucos havia, e quase todos de cabelos brancos. O culto dêle há de ser cada vez mais a religião dos velhos, de gente do passado, como nós. As novas gerações não cogitam da solução antiga, que se figura a mais adequada aos que têm as nossas reminiscências. É um curioso problema o futuro da tradição dinástica brasileira; como falarão dela os brasileiros do século que começa, como será ela utilizada, incorporada à vida nacional, sob que forma ficará (viva) como a tradição dos Bourbons (Chambord) da França ou (morta) como a dos Bourbons de Nápoles (Francisco II)? *Hélas!* Os problemas que nos interessam interessarão a bem poucos dos que vierem depois de nós. Nenhum de nós pode mais conhecer as correntes políticas do nosso tempo. A direção pertence aos que têm de 20 (ou menos) para 30 anos, são êles que formam a corrente: o homem de mais de 50 anos já vive no remoinho das idéias em que se circunscreveu na vida, roda inerte em tôrno de um ponto que já está fora do movimento geral.

É o que me faz tão diverso de todos, que eu tenho consciência da impotência das fôrças e das formas do passado para construírem ou reconstruírem o futuro. Não quero dizer que as novas gerações por uma reação que se tem visto na história não lancem mão das soluções que nos parecem melhores, porque cristalizamos nós mesmos nelas, sob êsse prisma. O que digo é que elas

farão por si e como entenderem, não por nós, que não valemos mais nada para a morfologia do país. Eu pela minha parte resigno-me a ver a vida brotar em tôrno de mim de embriões, idéias, influências, em que não tive a mais remota parte, isto é, resigno-me a ter tido a minha vez e que outros tenham a sua na ordem da natureza. O que peço a Deus é que não deixe o meu espírito azedar nunca, dissociar-se da sorte brasileira, qualquer que esta seja, isto é, que, guardando as minhas preferências, nunca perca a simpatia pelo meu país por divergir dos que sucederam à geração a que pertenço no govêrno e direção da sociedade.

Estou certo que você não chama a isto uma carta. Que quer? Quando estou com você é natural a tendência de falar política. O Eduardo meteu-se em Londres. Não sei como vai o negócio de que êle veio tratar. Aqui vejo muito pouca gente, porque visitar, exceto amigos íntimos, é hoje para mim uma *corvée.* Estou reunindo fôrças para quando o tenha que fazer por obrigação de ofício. Ontem fiz uma longa visita ao Manuel Artur (1), que não está nada bom, e conversamos muito de coisas antigas de Pernambuco. Não escrevo a ninguém cartas destas intermináveis. Adeus, meu querido amigo. Muitas saudades.

Todo seu

JOAQUIM NABUCO.

A Machado de Assis

Paris, 6 de dezembro, 1899.

Meu caro Machado,

Realmente o empenho tem muita fôrça, porque a êle devo mais um precioso autógrafo do Mestre, com quem visitei Ferney e Coppet... (2) e eu que pensava que você queria mandar-me

---

(1) Manuel Artur de Holanda Cavalcanti de Albuquerque, Barão de Albuquerque, antigo deputado por Pernambuco.

(2) Em espírito naturalmente. Nabuco nas peregrinações literárias nunca esquecia-se de Machado. Nos Estados Unidos, visitando a casa de Longfellow, assinou o nome dos dois.

o João Ribeiro! A verdade muito entre nós dois, é que se eu não estivesse adstrito a um convite anterior, e tratasse de substituir agora o nosso Caldas Viana, o melhor dos colaboradores que eu poderia ter seria o nosso consócio e companheiro de chá, que ambos tanto estimamos.

Quando vi a sua letra, pensei que era uma terceira edição do famoso epitáfio (1). Diga logo que sim.

Ontem representei-o na missa de um dos velhos Garnier, êste de 93 anos. Às vêzes o Graça Aranha e eu lá vamos conversar, como se fôssemos à *Revista* num *five o'clock* sem chá, e sempre se fala de você. O mais moço dêles, sobrinho, M. Pierre, tem grandes planos para o Brasil. Agora vai mandar a tradução de *Impotência e Esterilidade* e o *Teatro de Garrido,* logo mandará *Dom Casmurro,* o que quer dizer que como bom livreiro publica para todos e de tudo.

Hoje fui a outra missa, a do Imperador, onde havia mui pouca gente, como é natural cá e lá, mas muito cabelo branco. Ora, como as correntes políticas são formadas pelos que têm de 20 a 30 anos, não pode haver nada mais inofensivo do que um culto que só reúne os destroços de uma época que passou, como são os cabelos brancos. A maior parte dos presentes seriam membros do Instituto de França. Outro elemento também inofensivo: as belas letras e as inscrições.

A propósito, como vai a nossa Academia? E a nossa *Revista*? (2) Você não aparece em nenhuma, mas eu se fôsse seu Ministro (3) (não há nenhuma irreverência nisto), mandava-o ir a ambas, na expressão legal, debaixo de vara... do pálio.

---

(1) Das raras cartas trocadas entre Nabuco e Machado em sua mocidade, existem duas, a catorze anos de intervalo, em que Machado transmite a Nabuco o mesmo pedido de um seu amigo, Joaquim Arsênio Cintra da Silva. Na primeira ocasião pedia a Nabuco, em nome de Joaquim Arsênio, licença para gravar sôbre o túmulo de sua jovem e formosa espôsa as palavras que Nabuco escrevera sôbre ela no *Jornal do Comércio.* Dissera Nabuco: « A tristeza de ver morrer o que é belo na mocidade, na plenitude da vida, arrebatada como os anjos da Bíblia com as vestes deslumbrantes que mal tocaram a terra. » Casado de novo, e viúvo, pedira autorização para repetir o epitáfio no túmulo da segunda espôsa.

(2) *Revista Brazileira,* de José Veríssimo.

(3) Machado de Assis, chefe de secção no Ministério da Viação, servia no gabinete do ministro Severino Vieira.

Muitas saudades a todo o nosso grupo. Se não fôsse ter vindo muito cambaleante de lá e ter-me feito bem a mudança de clima, meu desejo maior seria achar-me de novo no meio do círculo da *Revista*. Rezo pela alegria e bom humor de cada um. O pior é que quando algum desaparece é bem duro para... quem parte. Eu aqui tenho, porém, um elo da corrente, e por felicidade minha um jovem, um espírito que está em contacto com o novo espírito, com as gerações novas, e assim me aquece mais do que o resfrio (1). Ainda hoje eu escrevia a um amigo, êste um velho: « Nós não valemos mais nada, não contamos para a morfologia nacional, tôda nova geração faz sempre *da se*, nós influímos no nosso tempo, preenchemos nossa função; o que devemos pedir é alegria, contentamento, para assistir à obra dos outros sem perder a simpatia pelo nosso país, qualquer que aquela seja ». Amén, dirá você, meu caro Machado, *et sur ce* — desejo-lhe uma feliz entrada de século (digam o que quiserem os profissionais, o século é a data, e o século vinte é 9 como o século XVIII foi ainda 8 — e o primeiro 9, o que é ser um exemplo distinto). Meus respeitos a Mme. Machado de Assis a quem queira recomendar-me muito.

Do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Bartolomé Mitre

Nabuco conhecia o herói argentino desde a visita que fêz ao Rio da Prata em 1889, por ocasião de sua viagem de núpcias. No banquete que então lhe ofereceu a Associação de Imprensa da República Argentina, o general Mitre pronunciou o primeiro discurso de saudação ao visitante brasileiro.

Paris, dezembro 20, 1899.

Meu ilustre General,

Foi para mim grande prazer receber a sua preciosa tradução de Horácio, tão rica de interpretações e confrontos, e tão fina e penetrante na alma e no espírito do velho poeta. Êle tem

(1) Graça Aranha.

o dom de atrair os Grandes Velhos que conservam jovem o espírito e o coração, as grandes vidas que tiveram o inverno tão belo como tiveram as outras estações. De todos os poetas foi Horácio o que mais apurado teve o sentido da vida, e cuja poesia foi mais feita de experiência. É esta talvez a razão.

V. Excia. sabe a admiração profunda que desde jovem lhe voto e a veneração que tenho como americano, e como brasileiro também, pelo seu nome.

Suponho que terá visto na *Vida* que escrevi de meu pai a longa vindicação que fiz da política de V. Ex. Desejo-lhe, meu ilustre General, uma feliz entrada no século XX, perante o qual V. Ex. espero será por largo tempo um dos mais característicos e notáveis representantes do nosso.

Tenho a honra de subscrever-me

De V. Ex.
Mtº obrº Amº e Obº Crº

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Paris, 20 de dezembro de 1899.

Meu caro Barão,

Escrevo-lhe em antecipação do seu novo e feliz Natal e em resposta à sua boa carta ontem recebida. Quanto ao primeiro motivo desejo-lhe no novo século, no desconhecido 1900 que se aproxima, o mesmo vagaroso, e por igual, quase insensível, desgasto que sofre cada ano o seu belo aço nunca enferrujado. É o que lhe posso desejar melhor, o mesmo processo de avançar em anos sem parecer que lhe aumentam a carga. O pêso das recordações lhe é ligeiro, meu caro amigo, e no entanto que outra testemunha resta dos mesmos fatos e das mesmas épocas?

Nada podia ser-me mais agradável do que a sua notícia a respeito de Carlotinha. O seu caso de asma é muito animador. Há doenças cometas, que desaparecem sem que se saiba por que

e não voltam mais. Ela boa e forte seria uma providência para a sua velhice. Quanto a dela mesma, quando se tem um coração assim, só fiando-se na bondade divina, porque ela é de despir o que lhe reste para vestir o estranho, que a sensibilize. Não há melhor criatura neste mundo, é o resultado da minha observação e experiência. Da Baronesa nada receio, um resfriamento não é coisa que possa afetar a mais forte e surpreendente organização que tenho visto até hoje (1). Deus a conserve assim e prolongue por muitos anos êsse bom-humor, resignação perfeita, tão perfeita que se confunde com satisfação e contentamento, atenção a tudo e a todos, que a tornam única e a conservam a mesma através de tôdas as vicissitudes, e estações da vida.

Aqui faz um frio rigoroso e estamos bloqueados, por causa das crianças, que não me atrevo a meter por enquanto em caminho de ferro, estando o centro da França todo gelado. Não sei nada do tratado pendente, senão que está o negócio agora em mãos de Sir Richard Webster, o *Attorney General*, o mesmo que falou dez ou quinze dias seguidos na questão de Venezuela. No estado das relações atuais da Inglaterra com a Europa tenho idéia que ela evitará dar a qualquer nação do Continente neste momento a prova de confiança de constituí-la árbitro. Há também as regras da Conferência da Haia sôbre arbitramento que êle talvez queira invocar. Os advogados hão de querer falar. O Correia não julga impossível que queiram voltar à negociação direta. Eu, que aliás estimaria muito ver-me assim desobrigado, (seria muito longo dar-lhe as razões por que o arbitramento seria para o advogado do Brasil muito perigoso e incerto sôbre outra fronteira além da última que oferecemos), não creio que a Inglaterra aceite nunca, sobretudo depois da vitória contra Venezuela, a última proposta do Brasil, além da qual não poderíamos ir. O que me parece é outra coisa que ao Correia, a saber, que os inglêses ou tratarão de protelar até o fim da guerra do Transvaal, ou voltarão à idéia de um tribunal coletivo perante o qual possam empregar os mesmos advogados, peritos, etc., e de que façam parte os mesmos juízes, que na questão anglo-venezuelana.

---

(1) A baronesa de Penedo completaria os cem anos de idade com relativo vigor.

Está aí o que conjeturo, isso muito entre nós dois, com o respeito do discípulo ao mestre a quem tanto deve.

Agora, meu caro Barão, um feliz natalício e um melhor ano novo para todos daí a quem Evelina e eu mandamos o nosso amor e a nossa amizade.

Do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A dona Maria Ana Soares Brandão

Paris, 21 de dezembro de 1899.
33 Avenue Friedland.

Minha cara dona Marocas,

O Eugênio já lhe terá entregado a lembrança que Evelina lhe mandou e espero que o retrato tenha agradado. A mim parece esplêndido, melhor que na fotografia mesmo. Sei por Sinhazinha que a netinha lhe está fazendo companhia e que todos se esforçam por tirá-la da absorção a que se quer condenar no irreparável, em vez de fazer duas partes na vida, uma para a saudade e a recordação, a dor mesmo do isolamento que no seu caso ninguém nem nada poderia preencher, a outra, porém, para os filhos, para a netinha, para os que a cercam e precisam da sua felicidade para não viverem martirizados também. No entanto a vontade de Deus é que faça essas duas partes, e que não se entregue à sua angústia, ao que perdeu, exclusivamente. Não vejo que nada a possa levantar senão muita atividade, muita ocupação, um interêsse em alguma obra ou fundação, que fôsse uma homenagem ao nosso querido Brandão, porque mostraria a falta que êle lhe fêz e o modo por que Deus aproveitou essa falta, êsse vazio, e tudo isso seria em honra dêle, porque os exemplos, as ações, as obras da viúva são o melhor testemunho da sã e benfazeja influência do marido e assim revertem a êle.

Esta é para desejar-lhe um bom 1900, uma entrada no novo século feliz para os seus, para o Francisco, dona Sofia e a pequena (?) — não quero adivinhar o nome, — para o João e a Maria e que essa seja a sua consolação. Deus quer que a senhora

se console do que perdeu com o que êle lhe fôr dando ainda, porque sua separação é aparente; um instante o Brandão não estêve ainda afastado da senhora, porque os que amamos verdadeiramente estão sempre em nós e conosco. Deixe-me saber se há uma melhora no seu estado, que a graça vai penetrando e Deus a vai suavemente vencendo e curvando-a a Êle. Muitas lembranças nossas a todos e um abraço apertado do amigo também muito ferido

JOAQUIM NABUCO.

A Domingos Alves Ribeiro

Paris, 24 de dezembro 1899.

Meu caro Domingos,

Você pode aí nos invejar, mas eu afianço-lhe que êstes curtos dias (e longas noites) de inverno, tristes, escuro sempre o ar, frios e enregelados, saturam-nos de uma tristeza que um só raio dêsse nosso sol brasileiro dissiparia, mas que dura aqui meses e meses. O Eduardo estêve todo êste tempo, desde que chegou, em Londres, e só chegou a Paris ontem. Li-lhe sua carta. Agora espero vê-lo-ei algumas vêzes e conversaremos sôbre você, que hoje já nos é comum. Êle veio queixando-se de insônia. Má doença. Suponho, porém, que quem não dorme em Londres dormirá em Paris — e, se não, em Roma.

Nada sei do que se passa aí, creio, porém, que será o ramerrão do novo regime. A princípio a República ofereceu muito mais novidade e espetáculo mais agitado do que o Império. Agora, porém, que ela já deitou os últimos molares, será a mesma monotonia do antigo govêrno. Sob o Império havia as dissoluções como intermédio, na República há as renovações de presidentes, fora daí será a marcha regular do sistema, o que não é divertido.

O que nos mata é haver tão poucos elementos interessantes estranhos à política. Tudo se converte em política entre nós. Os que se ocupam de outra coisa e acham prazer nisso são tão

raros que não se sabe onde encontrá-los. É o que me parece aborrecido na vida aí para quem quisesse pertencer a uma roda não política: a impossibilidade de associar-se, a certeza de viver só.

O que você me diz a seu respeito aflige-me profundamente. Não o quisera ver em luta com a adversidade. Tenho, porém, certeza de que Deus virá em seu socorro, se você não perder a esperança. Você tem a grande virtude dos homens de sua têmpera — e sua família foi preparada por você na mesma resignação, — de conformar-se aos recursos de sua posição, de viver simples e modestamente segundo as circunstâncias. O que eu peço a Deus para você *é saúde*. Com saúde você tudo conseguirá, ganhará sem dificuldade o suplemento necessário para equilibrar o seu balanço anual.

Eu quisera bem estar aí e não desanimo de poder voltar muito antes do que me parecia a princípio possível. Deixemos isto nas mãos de Deus. Minha mãe está velha, graças a Deus forte, e eu espero que ela não suportará por tanto tempo como se figura a nossa ausência. Há para mim dois pontos duvidosos na minha perspectiva de voltar para o Rio — a idéia que minha saúde, a qual se vai reconstituindo, foi minada por êsse clima, e o afastamento, já agora inevitável, entre mim e tantos com quem convivia (1). Com saúde, porém, e podendo afrontar o trabalho eu me absorveria logo em um trabalho de fôlego, útil ao nosso país, e o trabalho me faria esquecer as decepções. Demais há amigos ainda para derramarem o bálsamo de sua ternura sôbre a ferida que o coração não tem vergonha de confessar, porque é um coração leal.

Tudo isto muito entre nós dois, meu querido e bom Domingos. Quando vir o nosso João Monteiro dê-lhe um abraço. Eu sinto que entre você e êle não sejam mais freqüentes as relações. Espero que dona Teté não vá afastando inteiramente o marido de São Paulo para o Rio. São Paulo é para êle o *umbilicus vita*, da vida intelectual, literária, expansiva, que lhe é indispensável.

---

(1) Referência aos amigos monarquistas que reprovaram seu ato aceitando servir a república. Quando voltou ao Brasil em 1906 para presidir a Terceira Conferência Pan-Americana, foi recebido com entusiasmo popular no Recife e no Rio, festejado por todos, Nabuco ficou profundamente maguado com a abstenção de um pequeno grupo de monarquistas, entre os quais o seu compadre João Alfredo Corrêa de Oliveira que não o procuraram.

O dr. Piza que estêve hoje aqui falou-me um bom quarto de hora com entusiasmo do dr. José Rebouças. Que prazer me causou por causa do André! Do dr. Teodoro Sampaio também o Eduardo me tinha logo que chegou falado com verdadeira admiração, — o que estimei por você, por ser a sua companhia e por ser mais uma prova do seu faro, que pressente ao longe o menor indício de talento e capacidade, e sente-se atrair ou atrai para si. Entre outros lembra-me agora o Raimundo Bandeira. E o José Bonifácio?

Entramos no novo século e eu lhe desejo um século de felicidade e ao seu grupo, tão simpático para mim todo êle que estou certo lhe inspiro também por minha parte alguma simpatia. O Eduardo disse-me que lhe ia mandar um telegrama no Ano-Bom. Se o fizer você adivinhará que êle partiu carregado também dos meus melhores votos pela sua feliz entrada na nova casa dos 900, você, dona Carlota, e todos os seus, inclusive seu cunhado, a quem lhe peço me recomende muito e transmita as minhas afetuosas lembranças.

Agora até para o ano, isto até, muito breve.

Do seu dedicado

JOAQUIM NABUCO.

1900

À viscondessa de Taunay

33 Avenida Friedland,
Paris, 1 de janeiro de 1900.

Exma. Sra. Viscondessa,

Se todos os dias me vem ao pensamento a lembrança do nosso querido Taunay e por êle penso nos que deixou e lhe eram tão caros quanto mais hoje, em que atravessamos de um século para outro sem que êle tenha podido satisfazer o desejo de avistar essa entrada e, por pouco que fôsse, ser espectador de dois séculos. Quantas vêzes falamos dêste ano que hoje começa como de uma meta a alcançar para homens como nós dois no declínio! Não se passa um dia, como lhe disse, que a minha saudade o não evoque e não lhe sinta a falta; mesmo longe de mim quando não tivéssemos mais de nos reunir, sabê-lo vivo seria um grande apoio para mim...

Parece que êle não é dos que vão sendo esquecidos. Quantos homens notáveis tivemos cujos nomes sente-se, é triste dizê-lo, que não resistirão por muito tempo à indiferença, ao desamor das novas gerações pelas nossas coisas, pelo nosso passado! De Taunay, porém, suponho podermos estar descansados. A idéia da estátua de que me falou, em uma carta, seu cunhado, tinha a vantagem de forçar *materialmente* a atenção sôbre êle, mas os livros hão de viver mais do que qualquer estátua e hão de inspirar o amor... Eu, pela minha parte, considero essas estátuas que estão sendo levantadas no Rio de Janeiro como tributos meritórios do sentimento e devoção nacional, mas também como bem pobres interpretações dos motivos que justificam tal devoção, e interpretar Taunay no mármore (só o mármore lhe convém) é ainda mais difícil do que interpretar os outros. Pelo lado do que é essencial e duradouro eu creio estarmos garantidos. Êle não deixará de ser lido até o tempo em que os seus livros não correrão mais perigo de não encontrar leitores *in perpetuum*, o que coloco para o fim dêstes próximos vinte ou trinta anos.

E as outras obras, como vão elas tôdas? Espero que a Senhora não tenha senão motivos de contentamento e orgulho também com essa parte da herança. Quero esperar que a quarta geração dos Taunays conservará o nome brilhante e proeminente.

Minha mulher muito se recomenda a V. Ex. e eu rogo-lhe o obséquio de transmitir a todos os seus os votos que lhe acabo de expressar pela felicidade sua e de cada um dêles no novo século.

Tenho a honra de ser, Sra. Viscondessa, com as mais respeitosas homenagens

de V. Ex. Mtº Afº Crº e Amº

JOAQUIM NABUCO.

A Eunápio Deiró

Político baiano e historiador. Deputado estadual e federal. Autor de Estadistas e Parlamentares brasileiros *e outros trabalhos.*

Paris, 3 de janeiro de 1900.

Meu caro sr. dr. Deiró,

Acabo de ler o último artigo da série que escreveu no *Jornal do Commercio* sôbre o meu livro (1). Sua benevolência foi tal que não sei como lhe expressar a minha dívida de reconhecimento. O assunto era o que mais lhe podia interessar, por ser a nossa história política e os homens que figuram nela a sua especialidade literária. Eu estava assim certo que me leria. Não podia, porém, imaginar que os meus volumes dessem em resultado êsses belos e magistrais artigos tão cheios de condescendência e boa-vontade para com o autor. Pintei talvez um quadro sem sombras, disse o bem que podia dizer de todos, sem acrescentar o mal que outros poderiam dizer.

---

(1) *Um Estadista do Império, — José Thomaz Nabuco de Araujo, sua Vida, suas Opiniões, sua Época.* O terceiro volume desta importante obra aparecera em 1899.

Queira aceitar, meu caro sr. dr. Deiró, os meus mais sinceros agradecimentos pelo tão elevado testemunho que deu sôbre meu pai e sôbre a *Vida* dêle, e com êles a expressão do meu mais acrisolado e antigo aprêço pelos seus talentos de crítico e de escritor político, sentimentos tantas vêzes manifestados.

De V. Ex.

Obr. Am. e Cr.

JOAQUIM NABUCO.

A Caldas Viana

Paris, 33 Avenue Friedland.

Meu caro dr. Caldas,

Sua carta deu-me todo o prazer que imaginou de certo ao escrevê-la, e cada uma das suas frases foi entre mim e o dr. Graça objeto da mais simpática e penetrante análise para arrancar-lhes tudo que traziam e nos podiam dar.

Ainda estamos todos em Paris, em parte por causa do receio de me afastar enquanto não se torne conhecido o pensamento de lord Salisbury sôbre o tratado, tudo estando em questão nas relações da Inglaterra por causa do mau aspecto da Campanha em África, e em parte também porque o frio é tal que tenho mêdo de levar as crianças por um trem noturno para o Mediterrâneo, onde também tem caído neve.

Sua senhora não deixa de ter razão quanto às dificuldades da vida na Europa para famílias que não se desnaturalizaram ainda como a sua e a minha; que diria ela, porém, se tivesse visto o inverno que está fazendo e contra o qual não precisam defender-se com todo o calor que possam reunir, os ursos e dêsses mesmos, como escrevo a dona Beatriz, os brancos?

Não tenho nada que lhe dizer, meu caro amigo e colega, sôbre os nossos planos além do que antes lhe digo. Notícias vêm de lá para cá, não vão de cá para lá, e confesso estar em grande falta delas. Só um correspondente como o sr. me poderia orientar. A sua pintura não me pareceu de modo algum sombria.

Dei o seu nome ao Garnier para o caso de querer fazer algum livro. Por que não se distrai assim? É um vício como qualquer outro o de produzir e publicar, mas umas belas páginas, como se encontraria seguramente em qualquer obra sua, se não pudesse vencer o seu pessimismo e dar-lhe o prazer ou incutir-lhe a vaidade de autor, dariam sem dúvida alguma grande prazer aos admiradores do seu modo de sentir e dizer tão raro entre nós e tão distinto. Por êles ao menos o ensaio valeria a pena, seria uma obra de simpatia, que devem contar como as de misericórdia.

Muitas recomendações nossas à sua senhora e a seu irmão e creia-me sinceramente seu dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Paris, 12 de fevereiro de 1900.

Meu caro Barão,

Amanhã partimos para Biarritz. Minha filhinha estêve muito mal de pneumonia e é por causa dela que deixamos Paris, onde tivemos em casa um hospital de « influenza ». De Biarritz escrever-lhes-ei.

Que grande, grandíssima, notícia a de que Carlotinha está quase outra vez a mesma! Deus seja louvado! O Corrêa está muito animado, esperando, isto entre nós, a solução direta, o que depois da vitória inglêsa no Tribunal Venezuelano, parece-me uma quimera.

Até breve a respeito de todos êsses pontos.

Muitas afetuosas lembranças e recomendações nossas aos três saudosos Nizenses.

Seu sempre do coração

Am° Obrm°

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Hotel Continental, Biarritz.
Fev. 14. 1900.

Meu caro Barão,

Tivemos ontem ao chegar um dia do Flamengo ou da Copacabana. O termômetro a 21 e a praia como as nossas. Imagino que aí a temperatura é mais quente que a de Biarritz, mas o Oceano é sempre o Oceano. Hoje está soprando um temporal, mas não faz frio e o sol está aberto. Os hotéis estão bastante cheios e os preços são os de Paris. De fato talvez mais caros. O que há é que sendo um lugar pequeno e pouco freqüentado no inverno, (a afluência nos hotéis é excepcional, dizem-me), não se têm os inconvenientes das cidades, como as do Mediterrâneo, onde todos disputam cômodos, vilas, « appartements », buracos que seja, nos mesmos meses do ano.

Todos vamos bem e esperando aproveitar com a mudança e a beira-mar.

Afinal talvez o que Carlotinha teve, como eu, fôsse uma forma insidiosa de anemia ou de intoxicação palustre tropical e com uma longa permanência dêste lado ela volte ao antigo « self ». Que belas oportunidades teria ela ainda, recobrando de todo a saúde, porque não conheço vitalidade, fôlego humano, que se compare ao da sua progênie! Boa, ela era mais capaz de montar uma « ferme modèle » do que qualquer dos nossos « agrônomos », e exploraria uma mina de ouro melhor até que o Estrêla... Agora o que é preciso é não abusar da volta da saúde e não fazer tudo que a Baronesa faz, porque esta tem uma dispensa ou um salvo-conduto especial da Providência.

Muitas saudades, meu ilustre mestre, chefe e amigo, para V. Ex. e as duas senhoras minhas em sua guarda. Evelina abraça-os comigo.

Seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

A Carlos Magalhães de Azeredo

Biarritz, Hotel Continental,
4 de abril de 1900.

Meu caro amigo,

Muito lhe agradeço a encantadora oferta que me mandou e que recebi em Biarritz quando ainda estava aqui o seu amigo Eça de Queiroz. Conversamos a seu respeito com a cinceridade do aprêço que ambos temos pelas suas raras qualidades de prosador e poeta. Foi para mim um prazer ver que as minhas impressões a seu respeito eram também as do Eça, que não é da mesma província literária que nós dois.

Viemos para Biarritz por causa das crianças, que se deram òtimamente com a praia. Agora vamos dar um pulo a São Sebastião. O meu enderêço, porém, será ainda por êste mês o mesmo. Suponho que serei forçado a ir para Londres tratar da questão que me trouxe à Europa já que nos falta o Correia. Julgo do meu dever *payer de ma personne* nas negociações de limites, o que não é muito agradável.

Não se esqueça das duas bênçãos...

Neste momento recebo sua boa carta, dando-me a notícia de que as bênçãos estavam em caminho para Londres. É melhor mandar-me tudo para Paris, 33 Avenue Friedland, enquanto não me souber em Londres, o que lhe constará logo.

Recomende-me muito ao Costa (1). No meu livro *Minha Formação,* que já deve estar no prelo, há um capítulo sôbre minha audiência com Leão XIII. Que impressão me ficou dêsse episódio, aí estava o interêsse que eu tenho em tê-lo bem autenticado para meus filhos. O cardeal Rampolla prometeu-me, mas promessas de Jubileu prescrevem logo, mandar-me um exemplar da Encíclica quando aparecesse. Êsse exemplar para mim tão precioso nunca o tive infelizmente. Eu teria curiosidade de saber se consta do arquivo que o Correia interveio por ordem do Cotegipe para obter que a Encíclica fôsse sustada. Tive essa reve-

(1) José Augusto Ferreira da Costa, ministro do Brasil junto ao Vaticano.

lação oficial no Rio, mas nunca perguntei ao Correia, que me ajudara tanto... Também ser-me-ia grato ler o que o Costa escreveu a respeito da minha comissão, conforme me diz.

Com os meus respeitosos cumprimentos à Sra. sua mãe e a Mme. C. M. de Azeredo (dêsses dois nomes qual é o seu predileto, para caso de urgência, ou será a junção?) (1).

Creia seu muito embevecidamente

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

São Sebastião, 6 de abril de 1900.

Meu caro Barão,

Pas de nouvelles, bonnes nouvelles, mas desta vez tenho melhor do que isso, tenho o testemunho do Gouvêa que o viu *all right again,* graças à sua constituição (de antigo capitão-mor alagoano, senhor do S. Francisco) que, escrevendo ao nosso amigo de Brighton (2), chamei *youlelike,* como, se escrevesse sôbre a dêle, chamá-la-ia *penedolike.* A Carlotinha já lhe terá dito que fiz um ato de fé, não telegrafando quando ouvi que o nosso *Grand Old Man* estava com os mesmos soluços que há 24 anos atrás, e com efeito logo depois ela me escrevia que tudo tinha passado.

E lá se foi o nosso Correia! (3) Para mim êle vivia como se não estivesse doente, quando o estava e muito, e foi uma infelicidade ter ficado o inverno em Londres... Calculo o abalo que lhe deve ter causado a perda dêsse discípulo tão bem aprovei-

---

(1) A questão dos « dois nomes » refere-se a « Magalhães » e « Azeredo », e adjunção de ambos.

(2) Frederick Youle, cujo perfil aparece em *Minha Formação* entre os íntimos da casa dos Penedos.

(3) João Artur de Souza Corrêa, ministro do Brasil em Londres e velho amigo de Nabuco, falecera sùbitamente em 23 de março. Seu desaparecimento interrompia suas negociações com o govêrno inglês a respeito do tratado de arbitramento ou talvez de uma solução direta para o litígio em que Nabuco seria o agente do Brasil.

tado e que era ainda uma ligação sua com Londres, que lhe foi uma segunda pátria... Numas palavras que escrevi e que o Dr. Graça Aranha pronunciou no entêrro fiz uma ligeira alusão ao mestre que o Correia teve... Para mim foi também uma perda sensível.

Com a morte do Correia terei que ir tratar diretamente da questão eu mesmo. De outro modo não sei como me arranjaria com um novo negociador e por isso julgo não poder recusar-me ao Govêrno. Serei assim forçado a *payer de ma personne,* como negociador, isto é, na arte difícil de que os mestres não deixam os preceitos e não transmitem o segrêdo, mas em que ainda assim é sempre bom tê-los acompanhado, como fiz com V. Ex.

Estamos aqui de passeio, mas como chove sempre e queremos ver o lugar por um bonito dia, talvez passemos a Semana Santa aqui. O nosso enderêço é, porém, sempre Biarritz, onde ficaremos até o fim do inverno... que dura agora oito meses na Europa. Já estará chegando também o tempo de subirem para a Avenida d'Iéna.

Espero que Carlotinha vá sempre a melhor. Que notícias do Artur? Muitas recomendações nossas, meu caro Barão, para cada um dos três, muito especialmente, e creia-me sempre seu muito dedicado e respeitador amigo

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão de Penedo

Biarritz, 20 de abril de 1900.

Meu caro Barão,

Grande prazer me causou a sua letra, sinal de que o ânimo varonil do Embaixador voltou a ser o mesmo de sempre depois da prostração nervosa da doença. Desejamos a todos uma boa Páscoa e tôdas as felicidades. Realmente a vida arranja-se do modo mais desagradável com a liberdade de viajar e as indi-

cações e exigências dos médicos. Nós devíamos ser condenados a destêrro no mesmo lugar por muitos anos (com mais alguns). Perdi-lhe o fio, meu caro Barão, desde 1888 — antes estava sempre, mais ou menos em contacto — e ainda não o pude retomar. Isto assim não serve. Felizmente nesse espaço tivemos a Carlotinha e o Artur, mas ainda assim!

O Youle insiste em que fui nomeado para sucessor do Corrêa, e diz-me hoje que o decreto foi publicado a 10, como soube por telegrama do Rio. Vejo por isso que se terá publicado a notícia da minha nomeação... mas não para o seu antigo lugar, deixado agora pelo pobre Corrêa; apenas para tratar da questão de limites.

Sôbre isso teria muito que lhe dizer, mas não lhe poderia dizer senão imperfeitamente por escrito, e prefiro conversar em Paris em maio, quando o suponho ali. Sòmente no caso de não irem a Paris êste ano, o que me parece improbabilíssimo, eu lhe mandaria um... relatório a respeito das diversas hipóteses.

Breve sairá do prelo, de impressão, o meu pequeno volume *Minha Formação,* em que vem o capítulo sôbre Grosvenor Gardens. Assim fica melhor do que em jornais e revistas. Lá falo muito do José... o nosso querido José (1), uma das poucas pessoas que tenho o poder ainda hoje de ver e ouvir, como se estivesse vivo.

Não nos escrevam mais para aqui. Segunda-feira partimos para *Lourdes, Hotel Heins,* onde ficaremos uns dias. Assim até o fim do mês êsse será o nosso novo enderêço. Depois seguiremos para Paris, mas, diz-me o Graça, os preços de hotel em Paris estão tão horrorosos que eu não sei se não ficaremos logo em St. Germain ou Versalhes. Enfim!

Muitas saudades nossas à Baronesa e Carlotinha e a V. Ex. Deus guarde todos os três cuidadosamente e os encha de felicidades.

Do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) José Caetano de Andrade Pinto, genro do barão de Penedo, falecido em 27 de março de 1885.

A Hilário de Gouvêa

Biarritz, Hotel Continental,
Abril 20, 1900.

Meu querido Gouvêa,

Aqui estamos de novo e agora vamos subindo, por isso depois de domingo escreva-me para Lourdes, Hotel Heins, donde lhe mandarei dizer a futura parada e onde ficaremos uns dias.

O Youle diz-me que a notícia de minha nomeação (1) foi publicada no *Jornal* de 10, que devemos ter até o fim do mês. Assim muito breve eu receberei as cartas que me hão de explicar a idéia do Govêrno e decidirei o tempo da minha partida para Londres conforme elas. Em Londres espalhou-se que era em substituição do Corrêa que eu tinha sido nomeado, mas o Rodrigues recebeu telegrama dizendo do que se tratava, e assim já devem saber.

Sinto muito não ter lido o Relatório do Chefe de Polícia. Quanto à conspiração, porém, parece bem claro que nunca existiu perigo para o Govêrno dêsse lado; que os « conspiradores » visavam sòmente os cheques do Andrade Figueira (2). E como êste, que se tornou o *chefe,* atira-se contra os abolicionistas, mesmo contra o Rio Branco, reeditando ainda hoje a frase da época: *o servilismo, proclamando a liberdade!* Que confusão! Não sei se a gente do Ouro Prêto estará gostando de tudo isso e da glorificação do Figueira e de dona Teodora. Você sabe minha opinião. Dá-se no Brasil o que se dá em França, é o mesmo estado de excitação, de esperança, e de audácias isoladas e parciais do

---

(1) Para assumir a direção da legação em Londres, enquanto não se iniciava a Missão Especial junto ao rei da Itália, árbitro do litígio anglo-brasileiro em que Nabuco seria e foi o advogado do Brasil.

(2) Em 1900 já se aproximando dos 70 anos de idade, o monarquista combatente que sempre foi Andrade Figueira (tomara parte em 1894, empenhando todos os seus bens para auxiliá-la, na revolução de Saldanha da Gama, e salvou-se, escapando por uma canoa pelo rio São Francisco), foi envolvido com sua espôsa, dona Teodora Marcondes dos Reis, em uma conspiração monarquista de que foi figura central pelo denôdo com que resistiu às violências policiais. Foi absolvido em júri. Ver tomos VI e VIII da « Década Republicana » pelo visconde de Ouro Prêto e Costa Rodrigues « Apologia de um Caráter », Petrópolis.

partido proscrito que vemos aqui, mas lá como cá a República defende-se e a ordem estabelecida é mais forte do que o descontentamento reinante, de modo que nunca chega o dia do desabamento. No Brasil a monarquia tem a vantagem de não ter dois Pretendentes ou duas dinastias, como há em França, tem a desvantagem, porém, de não ter o exército a seu favor como está, ao que parece, em França. Por outro lado o partido monárquico não tem lá a energia, a decisão, nem os elementos dos « nacionalistas ». Não me parece, por isso, que haja uma evolução entre nós para a monarquia senão entre as classes que a não podem fazer, e o mais provável é que continue esta nova « década » a obra da outra. (Ainda não vi o tal 2º volume da *Década Republicana*). O fato é que veremos verdadeiras *convulsões* no dia em que tomar corpo a opinião monárquica a ponto de assustar os republicanos. Tudo é possível, entretanto, e não me agrada conjeturar sôbre o inconjeturável como é a nossa evolução política.

Agora parece que você, se voltasse, seria obrigado a tomar partido por um lado ou por outro, ou que cada um lhe atribuiria a opinião que bem quisesse!... E será sempre assim. A política é uma moenda, entrado o braço vai-se todo o corpo. Muitas lembranças nossas, saudades a Iaiá, Inacinha, Laura, Lucília e um beijo aos meninos.

Do irmão mtº admº

JOAQUIM.

A Domingos Alves Ribeiro

Lourdes, 25 de abril de 1900.

Meu querido Domingos,

Hoje pensei muito em você e peço a N. Sra. que lhe dê tôdas as consolações e resignações em seu poder. Estou há bastante tempo (falando relativamente, pelo mau hábito em que você me pôs) sem cartas suas, e agora ansioso por saber que seu espírito se vai realentando. De S. Sebastião e de Biarritz mandei-lhe diversas pequenas lembranças. Hoje minha sêde é recolher-me,

constituir um cantinho no nosso Brasil, não há outra terra possível para quem tem o coração brasileiro, e lá acabar com a graça de Deus. Acabar bem, longe de ser para mim afirmar até o fim uma convicção política qualquer, representar um papel a gôsto dos espectadores, é no sentido cristão sentir cada vez a minha alma *imortal* e as responsabilidades dessa *consciência*, que é a única que merece êsse nome. Tenho fé em Deus que êle me dará êsse fim em nossa terra e não me fará um eterno desterrado, como é quem morre longe do seu país.

Não compreendo nada das notícias que chegam do Brasil. Graças a Deus, não sou hoje mais um político.

Deus os proteja e acompanhe, meu caro e bom amigo, e nos reúna de novo tão cedo quanto possível. Acabei com a *Vida* de meu pai a minha obra e o resto de vida que Deus me dê será para cultivar sòmente afeições como a sua.

Lembre-me aos que o confortam com uma sincera e boa amizade e assim me confortam também a mim.

Meus respeitos à Sra. dona Carlota.

Do seu muito sinceramente

JOAQUIM NABUCO.

É muito grande a impressão dêste lugar. Hoje chega uma peregrinação belga. Imagine uma capela de N. S. do Bonfim centro da devoção da humanidade em vez de ser um pequeno santuário local como aquela e você terá idéia do recolhimento religioso que se respira aqui.

J. N.

A Domingos Alves Ribeiro

Lourdes, 30 de abril de 1900.

Meu caro amigo,

Recebi sua boa carta com o artigo do Laet (1), chamando-me *apóstata, trânsfuga*, etc., pouco depois de ter lido a Epístola do dia em que se fala d'Aquêle *qui cum malediceretur, non*

---

(1) Carlos de Laet em seus artigos nunca cessou de atacar ferinamente Nabuco por ter aceito servir à República.

maledicebat; cum pateretur, non comminabutur, tradebat autem judicanti se injusti... Só posso dizer-lhe que rezei hoje por êle.

Não lhe falo de política, porque em política sou um morto, e um morto que já bebeu a água do Letes. As « despedidas » que me manda o *Commercio,* eu as troco de muito bom-grado.

Como amigo sinto todos os desagrados que possa sofrer o João Alfredo. (Pollticamente meus laços com êle romperam-se de todo desde que o partido monarquista me repudiou com insinuações e ofensas ao aceitar eu a causa do Brasil contra as pretensões da Inglaterra). Espero, porém, que êle não sofrerá nada e que a Virgem Santíssima o tirará ileso de tudo e lhe restituirá a tranqüilidade da vida para acabar como deve acabar um grande benfeitor da humanidade.

Como tudo isto aqui é solene e impressivo! Temos assistido a uma peregrinação, a dos belgas. Aqui não se duvida de milagres, a população está habituada à idéia do milagre pelas inúmeras curas que tem visto. Hoje do terraço da Basílica, olhando para baixo onde defronte das piscinas estavam os peregrinos cantando e rezando pelos seus doentes, vi formar-se um ajuntamento em tôrno de uma mulher e, pelos seus movimentos e a expansão e alegria dos semblantes, compreendi que era uma paralítica que andava. Depois confirmou-se a minha suposição. A gruta está cheia de muletas. Ainda ontem deixaram novas. Adeus, meu bom e querido amigo, Deus lhe dê um doce e sereno crepúsculo da tarde. Meus respeitos à sra. dona Carlota.

Sempre seu

JOAQUIM NABUCO.

A Tobias Monteiro

St. Germain en Laye.
Maio 20, 1900.

Meu caro Tobias,

Muito lhe agradeço, de coração, sua boa carta que o Rodrigues me transmitiu. Você já saberá o sentido em que respondi sôbre o assunto que você trata nela de modo tão delicado e

dedicado (1). Pelas congratulações que recebi quando o *Times* anunciou a minha nomeação para substituto do Corrêa, com as amizades que tenho em Londres há quase trinta anos, não tenho dúvida de que eu seria muito benèvolamente acolhido em todos os círculos, e sei bem quanto muitos desejam que eu vá para lá, mas seria precipitado da minha parte (considerando sòmente agora a lealdade que devo ao dr. Campos Sales, que tanto me tem distinguido, e o desejo de que tenhamos em Londres como representante quem melhor e mais eficazmente possa auxiliar sua política financeira) aceitar o pôsto *desde já,* sem saber se terei fôrças para me conservar nêle e desempenhar tôdas as suas obrigações. Se pela experiência que vou fazer na Missão Especial eu vir que posso servir o lugar, não me negarei; se o não aceitar, é que terei tirado a prova de que seria um impossível sacrifício para mim permanecer na legação. Não posso dizer tudo, mas fique certo de que eu estou bem compenetrado da obrigação de aceitar, não só pela gentileza com que sou tratado, como pela consciência de que eu poderia realmente ser muito útil aos esforços que aí o govêrno está tentando na ordem financeira (aliás não creio em restabelecimento completo de nossas finanças, como o digo há anos, sem se tirar a *carta branca* que os Estados têm para despesas e o poder, que êles têm, de *sangrar* ao nascedouro as fontes de renda da União), mas é preciso que eu experimente por mim mesmo se não teria que abandonar a cruz logo em comêço.

Você não sabe, talvez, quanto eu sou amigo, há anos, de um dos Rothschilds, o Alfredo, e a amizade, pessoal, íntima, que o Corrêa tinha com êle, em nada tenho que invejar. Por isso, logo que morreu o Corrêa, êle desejou que eu fôsse o substituto, teria assim um amigo em lugar do outro, em vez de um estranho ou desconhecido. É isto o que explica o fato ao qual você transparentemente alude; foi um ato apenas dessa boa e delicada camaradagem, que é para êle *o maior prazer* da vida. Eu sou

---

(1) O convite para ser nomeado ministro em Londres, lugar que era ainda, antes que o eixo da diplomacia e das finanças do Brasil se transportasse para os Estados Unidos, o pôsto mais importante do nosso serviço diplomático. Relutando ainda em entrar para o quadro permanente do funcionalismo, Nabuco, enquanto negociava o tratado de arbitramento, exerceu de fato a chefia da legação por alguns meses antes de concordar com a sua nomeação para ministro efetivo.

muito amigo de amigos dêle, e ainda o mês passado um, que tem muito desejo de ter-me em Londres, escrevia-me para Biarritz isso mesmo: « Êle passa os dias a pensar no modo de ser agradável aos que estima. » Foi a mesma observação que uma vez ouvi jantando em casa dêle a um antigo ministro dos Liberais, sir Henry James, e que o ano passado, num jantar que êle me ofereceu quando passei por Londres, outro amigo dêle e ministro atual, sir H. Chaplin, me repetia nos mesmos têrmos. Assim não se admire.

Você sabe, meu caro Tobias, que eu hoje vivo de afeições, de idéias, despedindo-me da vida e querendo levar de tudo e de todos a melhor lembrança. A vida de Londres, a sociedade inglêsa atraiu-me muito, quando moço, e tenho nela muitas amizades, até de Nova York, que datam daquela época; hoje, porém, a sensação do estrangeiro, e da sociedade, está esgotada para mim, e só com um grande sacrifício íntimo suponho poder voltar mesmo de passagem, durante a atual administração, à vida diplomática. Se minha saúde não tivesse sofrido tanto com a longa residência sedentária do Rio, durante a composição da *Vida* de meu pai, não sei se teria tido fôrça e coragem para desprender-me daí. A viagem fez-me bem, e logo que me sinta de novo capaz de afrontar os nossos miasmas, será para o Rio de Janeiro que outra vez tudo me atrairá, tudo o que hoje para mim tem valor. Se desta vez vejo a Espanha, o que não vi da Itália, a Grécia e o Oriente (você está muito jovem ainda para essa visita que deve ser de despedida, crepuscular), creia que, se tivesse que escolher o fim *ideal*, eu não quereria senão voltar, para nunca mais sair, à « santa terrinha ». Fique certo, não há terra como a nossa. Sou um devoto hoje de *Notre Dame du Bon Retour*... Tenho muito mêdo que vocês aí me esqueçam... Lembro-me de uns versos de Maquet escritos em Granada:

Défiez-vous du chant des syrènes d'ici,
Voyageur, il pourrait vous empêcher d'entendre
Cette voix de là-bas qui vous dit, triste et tendre:
Ceux que vous oubliez vous oublieront aussi.

Para mim não há sereias nem em Paris, nem em Londres, mas por isso mesmo tenho ainda mais mêdo de ser esquecido, porque não posso esquecer.

Se vocês soubessem! Mas a mocidade, como a sua, é pródiga da vida... É no declínio que se sente como eu lhe estou escrevendo.

Você não me diz novidade sôbre os meus antigos amigos políticos e o modo por que se pronunciam a meu respeito. Eu, porém, de nenhum modo me quero pronunciar sôbre êles. Cada um, seu caminho, seu modo de pensar e de sentir. Verdadeiramente, bem, cada um só pode conhecer de si mesmo, dos seus motivos, da sinceridade e honestidade de suas intenções. Se êles me querem julgar a mim, é um juízo fútil, porque êles não conhecem nada da minha psicologia. Se eu os quisesse julgar a êles, seria o mesmo. Foi por isso que na *Vida* de meu Pai procurei sempre explicar os atos e atitudes de um sem número de personagens pelo móvel mais elevado, porque se me enganasse errava do lado da caridade e da benevolência. O fato é que êles e eu nunca vimos os problemas políticos do mesmo ponto de vista, e nunca fomos monarquistas do mesmo modo. Eu sou lógico comigo mesmo e êles consigo. Um dia nos conciliaremos no esquecimento que nos há de envolver a todos. Eu hoje encaro tôdas as questões pessoais de uma distância de cem ou duzentos anos.

Não me deixe o nosso querido Caldas Viana desgarrar. Quem tem um talento assim e o dom de formular todos os matizes, deve evitar os extremos e o exclusivo. Ou escreve-se acima das nuvens ou abaixo das nuvens (nas nuvens nunca se é escritor); não o deixe respirar nunca a atmosfera pesada e insalubre onde se condensa o nevoeiro das paixões do dia, obrigue-o a elevar-se sempre acima dela, *além das nuvens.* Cada vez sinto mais a ausência dêle e acuso-me de o não ter sabido prender.

Recomende-me muito ao dono da casa, e a todos os dêle em Petrópolis, e aos nossos camaradas do *Jornal,* que suponho serem ainda os mesmos que tão bem me acolhiam sempre em cada mesa da grande sala de redação. Lembre-me também a seu mano, que terei muito prazer em ver por Londres.

Adeus, meu caro Tobias. Você sabe que lhe sou muito grato pelas muitas provas que você me tem dado e que me consideraria feliz se também lhe pudesse dar alguma.

Seu muito certo

JOAQUIM NABUCO.

Breve você receberá a *Minha Formação*, que o Garnier quis tirar em livro. A primeira edição de um *Estadista do Império* é reputada esgotada. Quem diria?

Muito estimei a notícia de que o general Malet entrou em convalescença. Êle é muito simpático e respira todo êle a lealdade. Faça-me o favor de dar-lhe as minhas felicitações por mais êsse escape.

J. N.

A Machado de Assis

Pougues, 12 de junho de 1900.

Meu caro Machado,

Muito agradecido por suas felicitações e por seu livro (1), que já tinha sorvido na fonte. Você sabe que sôbre mim sua pena tem o poder de um condão, e como você me pode virar no que bem lhe parecer recomendo-me à sua bondade. O Graça diz-me que você daqui a uns nove dias vai remoçar de um ano (2). Apesar de não chegar a tempo da festa, que as « Várias » hão de ter anunciado aos amigos, suponha que o festejei com um copo da bica da Rainha, que é para nós, brasileiros na Europa, a bebida por que suspiramos.

Muitas lembranças afetuosas
do seu muito sinceramente dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Não deixe morrer a Academia. Você hoje tem obrigação de reuni-la e tem meios para isso, ninguém resiste a um pedido seu. Será preciso que morra mais algum acadêmico para haver outra sessão? Que papel representamos nós então? Foi para isso, para

---

(1) *Dom Casmurro*. — « Joaquim Nabuco e Graça Aranha leram em Paris as provas dêste romance por uma infidelidade do editor, que violou um dos preceitos de Machado de Assis de não revelar os seus livros, antes de impressos, mesmo aos seus íntimos ». (Nota de Graça Aranha).

(2) Machado de Assis nasceu a 21 de junho de 1839.

morrermos, que o Lúcio (1) e você nos convidaram? Não, meu caro, reunamo-nos (não conte por ora comigo, esperemos pelo telefone sem fios) para conjurar o agouro, é muito melhor. Trabalhemos todos vivos.

Breve você receberá o meu livrinho *Minha Formação.* Diga ao nosso amigo José Veríssimo que lhe escreverei quando lhe mandar o volume.

J. N.

Ao barão do Rio Branco

St. Germain, julho 9, 1900.

Meu caro Paranhos,

Muito agradecido pelo trabalho. Você é que devia ser o negociador do *seu* negócio, porque é sua obra que se trata de defender, e ninguém, muito menos eu, o faria com a sua competência. Como eu não tenha faculdade, telegrafo hoje pedindo autorização para o Oliveira Lima (2) oferecer o seu traçado, que julgo ser bom tentarmos. Estou certo, porém, que os inglêses prefeririam a segunda proposta do Corrêa. Se afastássemos o traçado Salisbury sem propor outro estaríamos fugindo ao arbitramento. Foi por isso que pedi ao govêrno para não me deixar iniciar a Missão por nota meramente dilatória ou evasiva. Você, com a sua contra-proposta, tirou-lhe êsse caráter.

Coragem e esperança, meu caro! Você está no momento mais interessante de sua carreira (3), e eu tenho tôda a fé nela.

Seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) Lúcio de Mendonça.

(2) Oliveira Lima serviu de encarregado de negócios em Londres da morte de Corrêa até a posse de Nabuco.

(3) O barão do Rio Branco, depois de já ter conseguido a vitória do Brasil em Washington, no litígio em que foi árbitro o presidente Cleveland para fixar as nossas fronteiras com a Argentina, na questão das Missões, aguardava agora em Berna a decisão sôbre o litígio franco-brasileiro a respeito das fronteiras da Guiana francesa e do Brasil, submetido ao arbitramento do govêrno da Confederação Suíça. O laudo, dado a 1.º de dezembro de 1900, foi totalmente favorável ao Brasil.

Ao presidente Campos Sales

Paris, 12 de julho de 1900.

Exmo. Amigo Sr. Dr. Campos Sales,

Muito agradeço a V. Ex. os têrmos de sua carta de 15 de junho e o espírito em que foi escrita. A confiança, a lealdade, a firmeza de propósito e a lisonjeira expectativa que V. Ex. me tem mostrado não o hão de desapontar, porque sòmente por motivo que justificasse o meu ato perante V. Ex. mesmo deixaria eu de aceitar a colaboração que V. Ex. me oferece. Infelizmente tudo não depende da nossa boa-vontade e do desejo por mais veemente que seja de honrar a escolha que recaiu em nós, é preciso que o próprio ofício nos queira e nos inspire. Em Londres farei todo o possível para ver se êle me chama.

O dr. Olinto (1) terá explicado a V. Ex. por que ainda não apresentei a credencial, o que agora, depois da nossa conversa telegráfica, conto fazer brevemente. Uma missão como a de que estou encarregado depende muito para o seu êxito da maneira por que fôr iniciada. Apresentando-me em Londres, sem saber o que o govêrno quer e, ainda mais importante, o que não quer, em relação ao arbitramento e à solução direta, e sem faculdades que suprissem as instruções que me faltavam, eu precisava pelo menos de liberdade de movimentos para não ficar tolhido sequer de conversar com Lord Salisbury sôbre a questão.

Não creia V. Ex., para explicar um ponto de minha carta mencionado na sua, que eu deseje por parte do Brasil grandes armamentos em vista de contingências futuras. Quando falei a V. Ex. em nos prepararmos a tempo não tive em vista o número. Minha idéia é que, *por menor que o tenhamos,* devemos ter um exército à altura de qualquer, e da mesma forma a marinha. Antes um batalhão, ou um regimento, modêlo do que deve ser uma unidade militar, do que uma brigada sem a eficiência precisa; antes um navio do que uma esquadra. Sou, em tudo, pela qualidade contra a quantidade, e foi sòmente à qualidade que me referi ao núcleo.

---

(1) Olinto de Magalhães, ministro das Relações Exteriores.

Consinta V. Ex. que passe a um assunto mais agradável, enviando os melhores parabéns pela participação que tive a honra de receber de VV. EEx. O Aureliano foi um grande amigo meu e um dos mais belos tipos de homem que conheci, a fisionomia expressava-lhe bem a inteligência e o coração e o caráter, não me lembro dêle sem essa impressão que me causou sempre de doçura, dedicação, largueza moral e intelectual, elevação e nobreza d'alma. Assim os meus votos são pela felicidade recíproca dos noivos. Devo-os aos pais dos noivos.

Creia-me, meu caro dr. Campos Sales,

de V. Ex. o am.º mt.º grato e af.º

JOAQUIM NABUCO.

A Manuel de Oliveira Lima

Pavillon Louis XIV,
St Germain-en-Laye
Julho 18 1900

Meu caro dr. Oliveira Lima,

Autorizado pelo dr. Olinto, rogo-lhe o favor de passar essa Nota a lord Salisbury em resposta à dêle de 13 de janeiro último. Entendi-me com o govêrno pelo telégrafo para ser o sr., e não eu, que a passasse, a fim de me ficar maior liberdade de ação. Logo que a tenha entregado queira avisar-me para fechar minhas malas e seguir para aí, o que conto será para a semana. A Nota é a resposta, ligeiramente alterada, que o Corrêa tinha pedido ao Rio Branco.

Até breve pois, e creia-me seu, com muita simpatia, sempre

Am.º colega obr.º

JOAQUIM NABUCO.

A Tobias Monteiro

Paris, 9 de agôsto de 1900.

Meu caro Tobias,

Só tenho tempo para escrever-lhe duas linhas e pedir-lhe que veja que saia entrelinhado o discurso que pronunciei no Congresso Internacional antiescravagista de Paris e de que entreguei a tradução ao Mesquita. Tinha-me comprometido a vir ao Congresso antes de ser nomeado ministro em Londres, mas tive a fortuna de não ser impedido pelas minhas funções, porque exatamente nestes dias eram as férias de Mr. Villers que deve ser o primeiro a conferenciar comigo no Foreign Office.

Ontem no Congresso Antiescravagista o cardeal Perraud fêz uma brilhante alocução e referindo-se ao meu discurso em têrmos muito generosos terminou em relação à Princesa com êste verso:

Un monde libéré vaut un trône perdu.

Para mim foi uma emoção solene, nas nossas respectivas posições hoje, falar diante da Princesa do 13 de Maio. Mas a Abolição foi o papel tanto dela como meu, e não creio que ninguém que teve um papel assim acentuado e definido possa ter dois. Razão pela qual não creio que o Figueira possa ter outro senão o escravagismo, o Ouro Prêto senão a queda da monarquia e o Rui senão a República.

Não li as últimas cartas de José Estevam (1), mas não vou perdê-las. Todos acham que o escritor se revelou. É assim com todos os talentos. Há uma coisa qualquer que um dia ràpidamente os faz passar à sua forma característica e definitiva e os consagra. Às vêzes é uma doença, às vêzes uma desgraça, às vêzes uma influência qualquer, às vêzes o amor, às vêzes a confiança em si. Eu o felicito por êsse advento e o abraço. Estive

(1) Pseudônimo de Tobias Monteiro.

sempre com o Rodrigues (1) em Londres para onde volto amanhã.

Seu sempre mtº amigo

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão do Rio Branco

Confidencial

Fleming's Hotel,
Clarges Street, 41, Londres.
Agôsto 23, 1900.

Meu caro Paranhos,

Inclusa lhe mando a nova proposta do Foreign Office (Villiers) que vou telegrafar ao Govêrno e que se filia, segundo me disse o Villiers, aos trabalhos do finado lord Russel depois de conferências com o Corrêa.

Diga-me sua opinião, isto é, diga-me para mandá-la ao govêrno, porque em questões de território nacional êle não deve nada fazer sem ouvi-lo.

Desde que fizemos a proposição da linha do Maú e os inglêses a do Cotingo-Virua, parece-me que temos interêsses em que a questão fique limitada a essa área em que não chegamos a acôrdo, a das secções 2, 3, e 4 do seu mapa. Sôbre essa secção é que terá que versar a negociação direta. Eu teria grande objeção a tornar os inglêses ribeirinhos do Amazonas, mas isso já está concedido pela proposta da linha do Maú, tendo você considerado mais do que equivalente a essa cessão a aquisição da linha do Rupununi. Por que nos abandonaram os inglêses os campos entre o Tacatu e o Rupununi de preferência ao território entre o Maú e o divisor das águas? Diz-me o Villiers, confidencialmente, que a Colônia supõe poder desenvolver-se por êste lado, onde há savanas. Serão talvez menos inundáveis que as do Sul? Se queríamos o arbitramento, penso eu, devíamos ter aceitado o traçado Salisbury, que é do território de fato contestado e contestável, e aquêle que você mesmo dividiu em secções e fêz medir. Não creio que possa haver arbitramento sôbre outra base *razoável,* e nesse caso dar-nos-ia o arbitramento muito mais do

(1) José Carlos Rodrigues, diretor do *Jornal do Comércio.*

que a proporção de território que a nova proposta Villiers oferece? Quanto ao direito das águas, eu ontem disse ao Villiers que tudo que aceitávamos ou propúnhamos era sujeito à cláusula sugerida em outros tempos por lord Aberdeen, de que o domínio territorial dos rios correndo para o Amazonas era exclusivamente nosso.

Olhe você para o mapa com êsse novo traçado do Curewaka-Virua-Maú-Pirara e diga-me o que pensa em relação a essas regiões assim partilhadas. Nós não as conhecemos, e é tarde talvez para as aceitarmos (alega-se que as riquezas se escondem à vista muitas vêzes) porque de um momento para outro a questão, por algum incidente ou acidente, como a descoberta de minas de ouro ou façanhas de um Mc Turck, pode tornar-se insolúvel diplomàticamente. Que região valeria mais, a do Norte, ou a do Sul, do Curewaka? Você deve estar muito atrapalhado com a sua questão pendente ou melhor pingando aí, mas esta cá não é menos sua, é talvez *ainda mais*. O que vou dizer ao govêrno é que sujeito à inibição de Direitos territoriais de ribeirinho para êles e para nós, a proposta inglêsa, a não querer êle fechar a porta à solução direta, é base para outra contra-proposta nossa dentro território sôbre o qual ainda não transigimos um com o outro e que a alternativa, como solução arbitral, seria pegarmos na proposta ou traçado Salisbury para a area a levar a arbitramento. Que contra-proposta julgaria você preferível? Os territórios ao Norte de Curewaka entre o Maú e Cotingo em vez do território até o Pirara? Os do Sul interessam mais diretamente à população brasileira local, mas equivalerão em importância aos do Norte? Por outro lado a fronteira ao norte fica pràticamente mais distante das nossas povoações, e isso teria importância política. Eu não creio, entretanto, que a região amazonense mesmo do Tacutu viesse a perder com as proximidades dos inglêses, uma vez regulada a fronteira. O estado de incerteza e a idéia de expansão colonial é que pode alimentar o mal-estar.

Seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

P. S.

A cópia ficou melhor do que o original e por isso mando-a de preferência. Não gosto dêsse desenho de fronteira trilateral,

dêsse rombo na entrada pelo nosso território. A questão, porém, está pràticamente localizada nas margens do Tacutu e Maú, onde os inglêses e nós temos partidários extremados, até proprietários estabelecidos, contando com a proteção da bandeira, ou antes somos nós que os temos e êles que os querem ter e para isso têm muitas promessas espalhadas.

Quanto às dificuldades de arbitramento para desfazê-las no espírito dos inglêses temos que restringir muito a área a debater e que simplificar o processo, prazos, etc., de modo a fazer do julgamento uma coisa simples e rápida. A parte ao sul do Curewaka, até o Maú, que os inglêses pedem para si, nós poderíamos responder ou abandonando sòmente as secções 3 e 4 ou propondo a linha Rupununi, Napi, Pirara, Maú? Aqui o Foreign Office tem 50 pessoas a quem consultar, eu só tenho a você. A verdadeira solução era encarregarmos — nós a você e os inglêses a outro árbitro, os dois escolhendo um terceiro de resolverem entre si todos os arranjos de limites e compensações da região. Se o árbitro ou delegado inglês fôsse um homem da própria Guiana, falando com autoridade pela colônia, estou certo que chegaríamos a um acôrdo melhor do que eu com os intermediários do Foreign e do Colonial Office.

J. N.

A dona Maria Ana Soares Brandão

52, Cornwall Gardens,
Queen's Gate. S.W.
Londres, 14 de setembro, 1900.

Minha cara dona Marocas,

No dia 1 quis escrever-lhe, mas preferi deixar para hoje, e assim mando-lhe neste feliz aniversário (1) as saudades que não lhe mandei naquele triste dia. Recebi ontem uma cartinha do

(1) Em 1 de setembro completara-se um ano da morte do querido amigo de Nabuco, seu vizinho e companheiro diário na rua Marquês de Olinda, 14 de setembro era o aniversário natalício de Soares Brandão.

João e muito estimei ter notícias. Infelizmente não são o que eu desejara, ainda não me fala da sua conformação ao golpe que lhe tirou o seu amor quase exclusivo (é exclusivo o amor que domina a êste ponto todos os outros), para deixá-la no mundo face a face com Deus na verdadeira posição de criatura. Foi um golpe rude, mas ainda assim misericordioso. Imagine se tivesse sido o Brandão viúvo; imagine se o fim dêle, em vez de ser curto, tão curto e rápido que se pode dizer que escapou sem sofrimento, fôsse uma dessas devastações graduais e incessantes do organismo que tiram quase a personalidade ao homem e o reduzem a um puro simulacro do que foram! Em vez disso êle foi até o fim feliz e hoje pode-se dizer que a fortuna não o abandonou nunca e o tratou como um predileto até o último instante. Não é isso um grande consôlo? Pense na misericórdia de Deus e procure conformar-se para acabar bem. É êsse o seu modo de acabar bem, e o único. Não estrague a oportunidade que Deus lhe deu, minha cara dona Marocas, de ter um final de vida (e que seja muito longo) que faça tanto bem à sua alma como à dêle. Creio que êle precisa da sua resignação e que o seu comum destino ulterior para ser inseparável lá em cima como foi cá em baixo precisa dêsse final verdadeiramente cristão. Ouça a Irmã Eugênia.

Quanto senti a morte de sua irmã. Que terrível infortúnio também! Mas para êste há, deve haver, o consôlo de que as vidas assim levadas em flor são realmente arrebatadas às misérias do mundo pela mão que as lançou nêle. Por que então nasceram? É o que se pergunta. São os segredos do plano da criação moral que ainda ninguém penetrou. Mas terem nascido e serem levados sem passar pelo mundo e pelas provações da vida, sem que uma só pétala da sua inocência, ou da sua ilusão desbotasse, é um privilégio que se pode chamar *divino*. Dou-lhe as nossas mais sentidas e mais sinceras lembranças de simpatia.

Estimei tanto ver que sua netinha a encantou e distraiu um pouco, é preciso deixar-se infiltrar assim suavemente dêste novo interêsse. O Brandão não compreenderia seu indiferentismo diante da neta, e por causa dêle. Acredite que conformar-se à vontade de Deus seria neste caso, do modo mais absoluto, conformar-se à de seu marido. Eu sinto tão bem que estou interpretando os sentimentos, os desejos dêle!

Quando receberemos a notícia do noivado do João como tivemos o prazer de receber a do ajuste do sobrinho?

Mando-lhe a êle um livrinho que acabo de publicar e em que há umas páginas que lhe agradarão, as que escrevi sôbre Massangana.

Agora temos casa, acabou a vida de hotel, Evelina está muito contente com isto. Eu prefiro todavia o hotel a ter que lidar com o enorme pessoal estrangeiro de grande casa como esta, grande relativamente falando, mas ainda assim somos umas vinte pessoas em casa.

Dona Matilde estêve em Paris com Iaiá, muito senti não vê-la.

Muitas saudades nossas a todos dessa boa casa. Do seu muito dedicado amigo

JOAQUIM NABUCO.

Aí vai uma recomendação do meu padre Perreyve para a senhora e uma oração para Maria.

J. N.

A Domício da Gama

Londres, 23 de setembro de 1900.

Meu caro amigo sr. Domício da Gama,

Muito prazer tive com a surprêsa que me fêz mandando-me os meus volumes assim encadernados. Realmente não sei como agradecer a idéia e a forma dêsse tão inesperado presente. Já agora êsse ficará sendo o nosso exemplar, o que quer dizer que terá a sua lembrança associada a uma obra que considero a fortuna de minha vida, a maior generosidade da sorte para comigo. Realmente como pude concluir a emprêsa e como achei editor parece-me quase um milagre.

Muito estimei saber da sua nomeação e espero que a saúde lhe volte com ela. Talvez a causa do seu mal fôsse o pessimismo com que voltou do Brasil. Ninguém conhece o segrêdo das rela-

ções do físico com o moral, e a sua doença pode muito bem ser resultado da decepção muito natural que experimentou em sua viagem. Seu espírito pode ser superior a essas coisas, mas a planta humana nutre-se de sucos igualmente desconhecidos ao organismo e à razão, e talvez lhe faltasse a dosagem de simpatia que é indispensável à sua natureza.

O Eduardo (1) diz que volta amanhã e lhe levará notícias nossas, minhas e do Graça Aranha.

Tomei a liberdade de enviar-lhe um volume de *Minha Formação* para me fazer o favor de entregá-lo a dona Emília Eça de Queiroz por saber da amizade que se lhe tem em casa dela, mas sei agora que ela já tinha partido para Portugal.

Até um dia, meu caro amigo e confrade, e que seja breve, sinal do seu completo restabelecimento. O busto do Rio Branco foi inaugurado há dias em nossa casa e está esperando a pequena coroa de loiros no dia da sentença.

Do seu mtº afº

JOAQUIM NABUCO.

Ao dr. Oliveira Lima

Haia, 24 de set. de 1902

Meu caro amigo,

Vim aqui por uns dias por causa das pesquisas, e aproveito um momento para escrever-lhe. Fui há duas semanas dar um passeio aos Lochs da Escócia com o Cardoso, o Raul, e o Amaral. Na volta apanhei uma surdez súbita, que me dura há nove dias, e que receio muito se torne definitiva. Se fôr assim já sabe o que acontecerá. Esperemos que não, não por amor da carreira, mas por amor de tanta coisa, entre as quais devo contar as suas palestras e a conversa de dona Flora *retour du Japon*.

Já não me lembro o que mandei contar por último. Agradeci a dona Flora a sua tão bondosa lembrança do 19 de

(1) Prado.

agôsto? Já lhe teria dito que a árvore do Rodrigues seguiu pelo « Magdalena » e que a minha estava por segurança no « nursery »? Creio que sim, assim como creio que lhe falei do nosso futuro ministro de Estrangeiros. Já agora não é novidade que o Rio Branco aceitou a pasta e será o nosso chefe. Esta notícia dispensa qualquer outra. Em Paris jantei anteontem com o Gomes Ferreira, Tobias, A. de Siqueira. O Gomes Ferreira espera que se realize a nomeação dêle para aí, assim como a do Costa Mota para Roma. Neste caso mandá-lo-iam para o Chile? Eu preferia vê-lo em Roma, apesar de que a herança do Régis é pesada e obriga a freqüentar muito o mundo romano, onde êle é popularíssimo, e isso não deixaria muito tempo para o novo *Dom João VI no Brasil*. Os pequenos postos para os autores de livros são os mais cômodos, ou então Londres, onde cada um vive como quer. O Rio Branco está convencido do seu mérito, e os homens de mérito do nosso serviço diplomático, onde há uma tendência nos que *chegam* às posições, ao planalto, para se mumificarem, terão sempre o que fazer. O sr. é um dos primeiros, e eu lhe desejo sòmente saúde e vigor para gozar das suas « boas fortunas », não no sentido comum da palavra, porque essas conquistas o sr. não digo que desprezasse, mas fugiria como um verdadeiro José, — no sentido de comissões de importância para o país.

Não se sabe ainda quando irá o Rio Branco. Êle desejaria levar o Raul, (1) segundo me diz o Domício, se o regimento da Secretaria não lhe tirasse a faculdade de ter êsse oficial de gabinete. O Domício (2) estava bom para secretário do Rodrigues Alves, não lhe parece? Êle também é um diplomata de futuro, e eu espero vê-lo ministro sem muita demora. O Olinto deve começar para o Rio Branco acabar-lhe a promoção. Não sei quem irá para Roma. Não serei eu. Seria absurdo, como lhe mostrei na última carta.

---

(1) Raul Paranhos do Rio Branco, filho do Barão do Rio Branco, foi nomeado segundo secretário da Missão Especial chefiada por Nabuco junto ao Rei Vitor Emanuel III.

(2) Domício da Gama, mais tarde embaixador em Washington, depois em Londres, e ministro das Relações Exteriores do govêrno Rodrigues Alves-Delfim Moreira.

Recebi a recomendação para seu cunhado. Eu procurarei ver quem conheça o homem da Companhia. Se o Rodrigues aqui estivesse, eu lhe pediria. Não o conheço, porém, e tenho experiência de que em tais casos as Diretorias aqui respondem, a pedidos dêsses, que tudo depende do gerente lá. Não imagina os pedidos que tenho tido, mas por isso mesmo as Diretorias protegem-se com a liberdade dada aos gerentes de escolherem sob sua responsabilidade o pessoal todo. Por sua causa e por causa de dona Flora, *I will do my best.*

O Régis já está em Viena (1). Muito senti essa história tôda, ainda mais por estarem o meu interêsse e a minha pessoa envolvidos nela; o interêsse por causa da Missão Especial, para a qual contava com o auxílio do Régis; a minha pessoa, porque se tratou — se não se trata ainda, — de mandar-me para lá. Sobretudo senti a justificação perante o Senado, porque dos nossos ministros, o Régis é um dos que mais posição têm nos países onde estão acreditados, e foi uma injustiça procurar-se desmoralizá-lo, como fêz a *Gazeta de Notícias.* Êle teve ordem para passar a legação ao secretário e seguir incontinenti para Viena. Êsse fato vem em abono do que por vêzes lhe disse, que ninguém tem entre nós uma posição da qual possa desafiar o govêrno do dia, ou mesmo, não falando de desafiar, mostrar-se indiferente a êle. Não digo que o Régis fizesse nada disso, mas o golpe contra êle prova a tese, que me foi inspirada antigamente pelo perigo em que vi o Corrêa, e mesmo o Rio Branco.

Nossa filha Carolina entrou ontem para Roehampton (2). Imaginem como está Evelina em Londres! Eu consolo-me pensando que o fizemos sòmente para o bem dela, e para que ela viva um pouco a vida inglêsa.

Muitas recomendações à nossa boa amiga dona Flora, e creia-me

seu muito sinceramente

J. NABUCO.

---

(1) Francisco Régis de Oliveira fôra transferido da Itália, onde era ministro do Brasil, para a Áustria.

(2) O internato das religiosas do Sagrado Coração, perto de Londres.

Ao presidente Campos Sales

Londres, 25 de outubro de 1900.

Exmo. Amº sr. dr. Campos Sales,

Vejo pelos jornais as circunstâncias do atentado de que foi vítima seu inditoso irmão e venho testemunhar-lhe o meu sincero pesar por êsse tão rude e inesperado golpe.

Breve escreverei a V. Ex. sôbre o arranjo que me está confiado. A mudança do ministro dos Negócios Estrangeiros e a ausência do ministro a quem a nossa questão especialmente afeta, o das Colônias, o sr. Chamberlain, hoje depois das eleições mais poderoso do que nunca, fazem que por ora nada se possa adiantar.

Espero que a satisfação pelo esplêndido acolhimento que encontrou em Buenos Aires o tenha já um tanto aliviado das impressões com que partiu.

Creia-me V. Ex. sempre com a mais subida estima e respeitosas homenagens de V. Ex.

Obrmº Amº e Obº Crº

JOAQUIM NABUCO.

A Carlos Magalhães de Azeredo

Londres, 4 de novembro de 1900.

Meu caro amigo,

Mandei-lhe o meu livro, como sempre fiz tenção. Não foi sua carta que me deu a idéia. Você é um dos que fazem sempre parte do público que tenho em mente quando escrevo.

Ainda não li o seu *Eça* no *Jornal*. Por infelicidade levaram-me o número em que êle aparecera, mas vou recorrer à legação.

Não me creia pouco desejoso de voltar a Roma. O que há é que Roma por isso mesmo que lá estive duas vêzes interessa-me tanto que uma ida e vinda rápida não me satisfaz. Sobretudo

agora que o Forum parece estar cada dia fazendo novas revelações, extraordinárias algumas, pelo que léio nos jornais inglêses.

Espero que tôda essa história da Secretaria acabe bem para nós e que o Costa não tenha perdido o tempo. Consta-nos que o Rio Branco irá para Berlim e o Alberto Tôrres para Lisboa. Não dê êsse « boato » como da minha procedência, porque não faço senão passar-lhe o que ouvi.

Recomende-me muito a essas Senhoras, a quem desejo sempre as mais agradáveis impressões de Roma, e creia-me, meu caro amigo, muito afetuosamente seu

JOAQUIM NABUCO.

A Rodrigo Octavio de Langaard Menezes

Rodrigo Octavio, membro fundador da Academia Brasileira de Letras, advogado dos mais importantes, representou o Brasil em numerosas conferências internacionais, assinou pelo Brasil, com Epitácio Pessoa e Raul Fernandes, o tratado de Versalhes em 1919. Foi subsecretário de Estado das Relações Exteriores.

Londres, 7 de novembro de 1900.

Meu caro dr. Rodrigo Octavio,

Muito lhe agradeço o seu tão interessante livro e é bem sincero o meu prazer vendo os nossos melhores talentos tomarem de preferência os assuntos históricos. Nada do que se faz nesse ramo é perdido, tudo de algum modo sobrevive. Vejo que não esqueceu a nossa tão agradável convivência da *Revista* e espero que um dia possamos ainda renová-la.

Creia-me seu muito afetuoso

Colega e amigo obrigado

JOAQUIM NABUCO.

A João Ribeiro

O mestre da linguagem, autor erudito de tantos preciosos trabalhos na sua especialidade, era dos freqüentadores mais da simpatia de Nabuco nas reuniões diárias à hora do chá na Revista Brasileira, *de José Veríssimo.*

Nomeado Nabuco para representar o Brasil na disputa sôbre fronteiras do Brasil com a Guiana Inglêsa, procurou seus auxiliares nessa pequena roda intelectual com quem estava todos os dias e que fôra o núcleo da Academia Brasileira de Letras.

Naquela ocasião, além de Graça Aranha, que o acompanhou à Europa, desejou Nabuco ter também por auxiliar a João Ribeiro. Êste no momento esquivou-se ao convite.

Londres, 7 de novembro de 1900.

Meu caro amigo sr. João Ribeiro,

Com que prazer teria eu arranjado a sua vinda para esta comissão, ou missão, se o senhor mesmo não me tivesse mandado por nosso amigo Graça Aranha uma recusa preventiva formal. Depois as coisas tomaram outra feição e neste momento não vejo como poderei eu satisfazer um desejo que nutro desde o princípio. Não me zanguei com a proibição que mandou. Ninguém melhor do que eu conhece os elementos que concorrem para tornar o seu talento tão interessante e tão cheio de mistério e de nuances, e para mim, dentro da amizade e da simpatia que me tem mostrado, o senhor tem todos os privilégios.

Creia que, se sua proibição não intervier de novo, terei grande prazer em conspirar com o senhor para uma nova fuga sua à Europa, ainda que por pouco tempo. Por pouco tempo, é mesmo como deve ser sempre.

Não sei para onde mandar-lhe diretamente esta carta. Recorro por isso ao intermédio do mais amável dos homens, o nosso Paulo Tavares.

Diga-me o que está agora fazendo e o que é que o atrai e o prende. Muito lhe agradeço a remessa do seu precioso livrinho e a parte que nêle me deu.

Creia-me seu muito afetuosamente

JOAQUIM NABUCO.

A Domingos Alves Ribeiro

Londres, 15 de novembro de 1900.

Meu caro Domingos,

Há muito que não lhe escrevo, é certo, mas como é uma censura diária que me faço você perdoará também essa falta que não é do amigo, mas do funcionário.

Hoje chegam os Penedos em caminho para o Brasil pelo próximo vapor de 23. Êle quer ter o túmulo, como diz, ao lado do berço, e eu desejo-lhe de todo o coração um bom tempo ainda em nossa terra. Você o verá e se afeiçoarão logo.

O Eduardo ainda está em Paris e nada sei dêle depois que deixou Londres.

Nós vamos bem, mas êste provisório não é favorável aos sentimentos que mais quiséramos cultivar, pois estamos longe dos que podemos chamar nossos.

O Penedo mesmo é o melhor exemplo. Estêve meio século quase no estrangeiro e não deixa um amigo, uma saudade, senão entre os que têm com êle qualquer contacto devido à nossa terra, ou porque vivessem lá, como o Picot e o Youle, ou porque tenham interêsses nela. Um ou outro afeiçoado deixará, mas sem o laço íntimo, afetuoso, brasileiro que nós conhecemos.

Nada mais tenho sabido do nosso amigo João Alfredo. A nossa intimidade foi tal que não podia ser substituída por uma relação puramente cerimoniosa. Eu acredito que no momento em que foi posta à prova a amizade, ou a condescendência dêle para comigo o político dominou o amigo, mas se o vi engrossar o côro composto pelo Laet, para o *Commercio de São Paulo,* sem um protesto não levei isso a mal (1). Hoje só quisera poder ser-lhe agradável de algum modo e sinto vê-lo em abandono

---

(1) A fôlha monarquista, *Commercio de São Paulo,* publicou em 30 de março de 1899, um inquérito entre os mais prestigiosos sobreviventes do Império a respeito da atitude de Nabuco. A condenação foi unânime. João Alfredo sem lhe serem citadas textualmente as palavras, é mencionado assim: « Modêlo exímio de coerência na fase republicana e a quem o sr. dr. Nabuco escreveu extensa carta, não lhe deu resposta alguma e mal disfarça a mágoa que lhe causou o inesperado procedimento do seu amigo ».

dos próprios amigos, cuja intervenção perturbou tôda a nossa antiga convivência. Nada sei da vista dêle, o que importa mais que tudo. Diga-lhe sempre coisas muito afetuosas da minha parte.

Muitas saudades, meu caro amigo, e queira-me sempre como é querido por nós.

Do seu mtº dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Tobias Monteiro

Meu caro Tobias,

Crerá você que desde que recebi o seu volume o estou namorando como ao do Jaceguai? O prazer que me deu essa reimpressão foi tanto maior quanto eu mesmo desejava guardar aquelas suas cartas. São impressões que lhe será sempre agradável reler e o livro também lhe agradará sempre por ter sido feito com o encanto da mocidade. Algumas páginas me dão a impressão de que você alterou tudo para outra medida, ou será que a leitura do livro produz sempre efeito diverso da do jornal? Como quer que seja é minha convicção que o seu talento tem crescido nos últimos tempos.

Nada de novo lhe posso dizer do meu negócios. É um tempo em que não se pode negociar. A atenção inglêsa foi absorvida pela guerra de África e depois pela China. Há um sentimento de incerteza, um mal-estar, nas relações européias que afasta para o segundo plano questões como a nossa. Depois a minha é mais uma questão com Mr. Chamberlain, com o ministério das Colônias, do que com o Foreign Office pròpriamente, e dizer isso é dar-lhe idéia do tempo que há de tomar qualquer arranjo. Por outro lado houve eleições, mudança de ministro, eleição presidencial nos Estados Unidos, ausência do Subsecretário que trata comigo mais particularmente, o que tudo tem sido causas de demora, além de outras.

Mais tarde lhe escreverei sôbre a legação de Londres, e o aspecto pelo qual começo a encará-la. É um pôsto que eu pela minha parte só poderia ocupar se tivesse tão inteira e perfeita

a confiança do ministro da Fazenda como a do ministro do Exterior, isto é, se estivesse tão certo de um como de outro, porque o pôsto de ministro de Londres é mais importante financeira do que diplomàticamente e hoje financeiramente não serve quase de nada por não haver contacto direto entre a legação e o ministério da Fazenda. Mas tudo isso, dirá você, seria suprido pela confiança do presidente. Não é tanto assim. O ministro em Londres, nenhum ministro, trata diretamente com o Presidente. Enfim como essa hipótese está talvez relativamente distante, deixemo-la para mais tarde. O que lhe disse foi sòmente em tese.

Diga-me o que faz você agora, o que lê, o que lhe interessa, para que lhe mande alguma coisa.

Muitas lembranças afetuosas, meu caro Tobias, e creia-me seu muito sinceramente

JOAQUIM NABUCO.

A Carlos Magalhães de Azeredo

52, Cornwall Gardens, S. W.
Londres, 26 nov. 1900.

Meu caro amigo,

Sua carta deixa-me muito desvanecido e contente. É preciso colhêr dêsses favos de mel na vida para se levar a bôca doce para o infalível esquecimento. Seu artigo sôbre o Eça agradou-nos muito a todos; como que há nêle mais emoção, ou emoção mais comunicativa, do que em geral é dado a moços exprimir. Imagine que me tinham levado o *Jornal* de 4 de outubro. O Oliveira Lima emprestou-me o da legação. Agora no maço de novembro vem-me em vez do 4 de novembro o de 4 de outubro, com o seu artigo.

Minha Formação não é o meu livro íntimo. Dêste só há nela os capítulos *Massangana* e *Tautphoeus.* Espero, porém, fazer aquêle livro um dia. Agora vou dar uma qualquer miscelânea literária de artigos e conferências, e ofereci ao Garnier dois volumes da campanha abolicionista para daqui a algum tempo.

Mande-me por obséquio algum mapa com a área já escavada do Forum. Quero ver a diferença que faz do que vi em

1888 pela última vez. Deve haver alguma planta já publicada. Se tiver visto alguma, diga-me o título e a livraria no caso de não ser em Roma.

Muitas recomendações ao Costa.

Com os meus respeitosos cumprimentos à Sra. sua mãe e a Mme. M. de Azeredo, creia-me seu

mto. dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Francisco de Paula Rodrigues Alves

Londres, novembro 27, 1900.

Meu caro Rodrigues Alves,

Por êste vapor mando-lhe uma porção dos Relatórios Consulares, em que há notas sôbre a produção e consumo do café que lhe hão de interessar. Marquei os lugares a lápis azul. Conto mandar-lhe dora em diante tudo que fôr aparecendo. Êsses relatórios sugerem muita idéia e recurso para o desenvolvimento de países como o nosso, tanto das indústrias como da agricultura. Esqueceu-me dizer-lhe que o meu enderêço telegráfico é « Numerical Londres ». Tome nota dêle para qualquer despacho que você queira mandar-me e disponha de mim para tudo que fôr do seu serviço.

Esta semana estamos à espera da decisão arbitral sôbre o Oyapock (1) e muito ansiosos ficamos. Não é pequena entalação para os suíços, depois da de Lourenço Marques. Dela depende, indiretamente, também a solução do meu negócio do rio Branco, o qual há de demorar algum tempo por estarmos hoje no mais embrulhado da situação européia.

---

(1) Rio da Guiana Francesa, do território disputado pelo Brasil e cuja sentença de arbitramento estava pendente em Berna.

Dê-me de vez em quando notícias suas particulares e creia-me sempre o mesmo antigo camarada de tanto tempo que sempre o apreciou e admirou tanto.

Seu mt° af° am°

JOAQUIM NABUCO.

A Tobias Monteiro

Londres, 25 de dezembro, 1900.

Meu caro Tobias,

Não quero que o ano acabe sem desejar-lhe uma feliz entrada no que vem aí. Estou à espera de uma carta sua sôbre os novos acontecimentos e sôbre a impressão do que ùltimamente lhe escrevi *ex abundantia cordis.* O Rodrigues, que nos deixou a todos muitas saudades e que tanta falta nos faz em todos os sentidos, dar-lhe-á notícias minhas. Eu estou vendo a chegada dêle aí e a sensação do dia seguinte, quando se fôr informando de tudo. Viver na esfera em que êle e você vivem não é agradável passatempo. Quanto mais perto do govêrno, quanto mais íntimo, quanto mais iniciado, melhor se conhece o estado verdadeiro das nossas coisas e a dificuldade crescente de lidar com elas. A carestia de pessoal é muito grande, e administrar é a mais complicada de tôdas as profissões. No meio de tudo é consolador ver que o talento e a verdadeira capacidade se impõem, a pena é ser esta tão rara, quando não há mais « a escola », ou mesmo a rotina para substituí-la.

Dê-me notícias suas e daí. Você é quem as tem.

Afetuosas lembranças do seu muito sincero amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Carlos Magalhães de Azeredo

52, Cornwall Gardens
Dezembro 29, 1900.

Meu caro amigo,

Creia que se não fui a Roma foi por não ter tido liberdade nem tempo. Tenho estado aí mais de uma vez e sei que não se entra e sai de Roma, é preciso ficar.

Muito boas festas. Queira dizer ao Costa que sòmente ontem achou-se nos papéis do Corrêa alguma coisa que lhe sirva e que amanhã ou depois examinarei para mandar-lhe uma carta.

Muito agradecido pelo opúsculo sôbre o Forum. Isso sòmente lá indo.

Faz mal pensar em Roma, quando se está longe. É com pesar que eu o verei sair daí. Parece, porém, que o seu telegrama não tardará muito a chegar. É o cálculo que fazem todos aqui na legação e êles sabem mais do que eu dessas coisas de promoção diplomática.

Meus afetuosos cumprimentos às Senhoras sua mãe e sua espôsa e creia-me muito sinceramente seu

JOAQUIM NABUCO.

1901

A Machado de Assis

52, Cornwall Gardens,
Queen's Gate, S. W.
28 de janeiro de 1901.

Meu caro Machado,

Muito agradeço sua lembrança de ano-bom e bom-século e retribuo suas cordiais felicitações.

Deus o conserve longos anos para têrmos alguém de quem justamente nos desvaneçamos. Sem você sentir-se-ia aí por muito tempo nas letras o que os inglêses sentem hoje sem a figura familiar da Rainha (1), uma impressão de mau despertar e de mal acordado. Mando-lhe dos jornais ilustrados do dia o que me parece melhor.

Dê-me notícias de nossa Academia. Felicito-o por ter conseguido a casa. Você lembra-se da minha proposta que as 40 cadeiras tivessem esculpidos os nomes dos primeiros acadêmicos, que foram todos póstumos? Os chins enobrecem os antepassados, nós fizemos mais porque os criamos, ainda que nisso não fôssemos mais longe do que os nossos nobres de ocasião muitas vêzes têm ido.

O Lúcio deve estar muito satisfeito com a instalação da sua « Companhia ». Dê-lhe muitas lembranças minhas. Meus respeitos à sua Senhora, também minha Senhora, e creia-me seu muito dedicado como imemorialmente sou,

JOAQUIM NABUCO.

A Tobias Monteiro

Londres, fevereiro 19, 1901.

Meu caro Tobias,

Muito agradecido pelo que você me mandou da sua pena. Não quero repetir-lhe, mas seus progressos são constantes e seu

---

(1) A rainha Vitória falecera em 23 de janeiro de 1901.

amadurecimento mais rápido do que costuma ser entre nós. Já agora parece que sua vocação é o jornalismo político, e que você fará nêle uma reputação de escritor. Como tudo passa, essa forma talvez não seja mais efêmera de que outras que se acreditam duradouras. Eu, porém, por segurança, — não há seguro certo contra o esquecimento, meu caro, — quisera vê-lo, com as faculdades que está provando ter, cultivar ao mesmo tempo essa outra espécie de *alta reportagem* política, que é a história contemporânea, e preparar (leve anos, não faz mal) um livro sôbre os jornalistas de gênio que temos tido e a nossa imprensa política durante o primeiro e a primeira parte do Segundo Reinado. Ninguém tem mais facilidades que você hoje para reunir o material, sobretudo contando com a boa-vontade do Rodrigues, que tem um pé na Biblioteca Fluminense.

Aqui estou esperando-o para a Coroação, conforme me anuncia. Dar-me-ia grande prazer recebê-lo. Não se sabe ainda quando será. Não virá, porém, também o Rodrigues? Quando êle está fora parece que o quer lá, e eu bem o compreendo.

A abertura do Parlamento foi um grande espetáculo e a procissão de Windsor muito imponente (1). Teremos uma série agora de cenas, porque há visìvelmente uma idéia de compor para cada cerimônia um quadro do maior esplendor. O da Câmara dos Lords foi pintado dir-se-ia de antemão e também o entêrro. Imagino a coroação. Tudo isso é antes para você do que para mim. « Vous aurez su que je suis maintenant Ministre à Londres. Hélas! » escrevia eu ontem a um amigo. « C'est tout-à--fait comme un oiseau en cage, un vieil oiseau, qui aimerait non plus vivre, mais mourir, en liberté. »

Você, porém, sabe que eu estou praticando um ato patriótico e cumprindo um dever, e por isso não lastimo a liberdade perdida. A República tem para mim a vantagem de fazer cair automàticamente a minha corrente em 15 de novembro do ano que vem.

Muitas saudades ao Rodrigues e ao Caldas Viana. Lembre--me também a seu mano e cunhada.

Creia-me sempre, meu caro Tobias, seu mt° afetuoso

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) O entêrro da rainha Vitória.

A Francisco de Carvalho Soares Brandão

Filho do casal Soares Brandão, vizinhos tão queridos e tão íntimos de Nabuco, na rua Marquês de Olinda, em Botafogo. Advogado no Rio de Janeiro, foi diretor da Caixa de Amortização e da Caixa Econômica. A carta de Nabuco que se segue é de pêsames pelo falecimento do sogro, o Conde de Pinhal, grande obreiro do progresso de São Paulo nas suas fazendas e estradas de ferro.

Março, 28, 1901.

Meu caro Francisco,

Peço-lhe o favor de transmitir a dona Sofia, à sra. condessa do Pinhal, antes de todos, e a seus cunhados e cunhadas os nossos pêsames, aceitando-os também na grande parte que lhe toca. O elo forte e inquebrantável da grande família que era o seu maior orgulho desapareceu, mas a memória dêle fará durar intactos todos os propósitos do seu patriarcado. Já exprimi êsses sentimentos a seus três cunhados que infelizmente foram surpreendidos longe da casa paterna no momento em que eram chamados. Você e dona Sofia são, porém, por tôdas as razões os melhores juízes da simpatia que acabo de externar. Faça-a extensiva ao João, a quem desejo uma tão completa felicidade como a que assinala a data de hoje.

Sei que sua pequena família está crescendo, e felicito-o por isso. Você e dona Sofia sabem por experiência que fonte de consôlo e de felicidade os filhos são para os pais.

Creia-me sempre seu

mt° afetuosamente

JOAQUIM NABUCO

A Carlos Magalhães de Azeredo

Londres, 1º de abril, 1901.

Meu caro amigo,

O Graça Aranha resolveu dar um pulo até Roma, mas realmente um pulo. Conta estar aí na quinta-feira. Não preciso recomendá-lo; recomendar-lhe-ei, porém, que não o prenda. Êle o procurará logo. Não é lisonja nem amizade, é a simples verdade: êle é uma das mais brilhantes inteligências do nosso tempo; para o Veríssimo, para o Machado, e se ouso acrescentar para mim, um dos que poderão com o tempo disputar a primazia, e assim são muitos os seus pontos de contacto e afinidades com êle e ainda que de passagem os sentirá distintamente. O que lhe peço é que lhe arranje um programa para êle em poucos dias ter a maior impressão possível de Roma e das vizinhanças.

Seu mto. afº amº e colega

JOAQUIM NABUCO.

A Tobias Monteiro

Londres, 3 de abril, 1901.

Meu caro Tobias,

Suponho que o Rodrigues terá partido daí hoje e assim fica você mais em contacto comigo por intermédio dêle. Já é alguma coisa ter notícias suas, e das suas, tão freqüentes como tenho sempre que êle está aqui.

Vejo que o câmbio vai sempre a melhor e na praça de Londres, pelo que ouço, o sentimento único, isto é, o receio ou dúvida, é que a idéia da administração atual possa não ser continuada, quando acabe o prazo, pelo futuro Presidente. O Rodrigues Alves é considerado financeiramente um homem são, isto é,

contrário a tudo que alimenta a especulação e agiotagem, e assim é *o* desejado.

A política, porém, é feição tão dominante, tão intratável nas repúblicas que a finança do Presidente tem que estar *in the long run* sujeita a ela. Mesmo financeiramente você sabe o que eu penso; que é pouco, insuficiente, enquanto não houver *uma só administração,* um só espírito na administração, quero dizer, do Norte ao Sul. Não há um Brasil independentemente dos Estados. Enquanto os governadores puderem arruinar os seus Estados, isto é, os brasileiros, é uma ilusão pensar que o Presidente poderá consertar o país.

Eu mandei fazer um desenho da coroa oferecida pelo Presidente no funeral da Rainha. Quer você perguntar ao dr. Campos Sales se êle quer conservar essa lembrança, porque então eu lha mandaria com prazer. Estou em dúvida se a devo mandar à Secretaria ou a Palácio, ou deixá-la aqui mesmo na legação, isto é, em dúvida de quem a aprecie.

Lembre-me muito ao nosso amigo João Lopes. Desejo que tudo quanto pertence a êle vá prosperando em saúde, etc. Um abraço ao Caldas, e uma palavra afetuosa a cada um da grande sala, onde eu costumava ir distraí-los da tarefa.

Você peça ao dr. Olinto que me despache os diferentes pedidos que lhe tenho feito. Sabe quanto lhe sou obrigado desde o nosso primeiro encontro em casa do José Carlos Rodrigues e por isso muito senti saber pelo Domício que a saúde dêle o está impressionando. Espero que não seja nada sério.

Você tem muito tempo de vir à coroação. No outro dia jantando em casa do Alfredo Rothschild com o Príncipe Francis de Teck êste me disse ter lido nessa manhã na descrição da coroação da Rainha que o coche do ministro do Brasil era puxado a seis cavalos, e disse-me rindo: « É preciso ir preparando o seu ». Se não houver outro... Eu preferia, porém, um automóvel. A seis cavalos, parecer-me-ia que eu é que ia ser coroado!

Minha idéia, caro amigo, está lá. Cada ano que se passa na Europa torna mais difícil a volta, porque se estabelece o hábito, que é a cobardia do temperamento. Minha irmã é o exemplo disso. Vive a chorar em Paris de saudades, mas quanto a voltar parece-lhe um esfôrço acima da sua resolução e coragem. É o hábito. Eu sentiria profundamente aumentar a resistência à volta,

porque envelhecer no estrangeiro não deve ser a minha sorte. Não me deseje você isso.

Muitas recomendações a seu mano e a dona Alice e creia-me

Seu muito afetuoso

JOAQUIM NABUCO.

A Tobias Monteiro

Londres, 14 de junho de 1901.

Meu caro Tobias,

A questão de limites vai-se tornando aguda, no sentido que a Inglaterra está preparando uma documentação enorme, o que custa muito dinheiro. Além de que ela tem, aqui mesmo (talvez a melhor parte dos arquivos holandêses), em Lisboa, em Espanha, na Holanda, etc, ela tem especialistas, historiadores e geógrafos, a fazer excavações. Você convença o dr. Olinto da necessidade de mandar proceder à construção da nossa prova desde já aí, fazendo tirar cópias, que me serão mandadas, ou os próprios livros em confiança, de documentos, mapas, descrições, etc, tudo enfim que possa servir de título de posse, ocupação, domínio por Portugal, e por nós depois dêle, no território contestado. Não há papel que seja indiferente, mas tudo deve ser autenticado. A Inglaterra ganhou a questão com Venezuela, o que foi uma desgraça para nós, apresentando títulos de domínio tais como, por exemplo, a compra de outros índios por uma partida de índios aliados da Holanda, ou a compra de objetos indígenas por um comissário mandado ao interior, de modo que um livro de venda, se fôsse achado, registrando compras entre portuguêses e habitantes do mais remoto do Contestado, seria uma imensa descoberta. Digo isto para mostrar que não há livro de tabelião, relatório ou relação de viagem, passagem, notícias interessando o mais ligeiramente que seja a região, livros de negócios, papéis, registros de transações ou tentativas de transação, correspondência oficial ou particular, ordens militares ou civis de comércio, etc, com referência ao Contestado, que não deva ser aprovei-

tado. Só a *massa* da documentação, (o corpo e volume dela, mesmo quando grande parte fôsse pura bagaceira, como na prova inglêsa de Venezuela) é em si mesma um simulacro de prova. Essas cópias, que eu aqui passaria pela peneira antes de fazer traduzir, devem começar quanto antes. O dr. Olinto deveria para isso nomear uma Comissão para a qual indico os nomes do R. Ramiz Galvão, do Capistrano de Abreu, do José Veríssimo, do João Ribeiro, e, como secretário e auxiliar, por me parecer de tôda *capacidade,* zêlo e dedicação ao serviço, o Luís Tôrres de Oliveira, filho do Plínio. Essa comissão coligiria tudo que encontrasse nos Arquivos, Bibliotecas e Secretarias do Rio de Janeiro, Pará e Amazonas, e onde mais lhe constasse por suas investigações existir material de prova, inspirando-se nas considerações que fiz em princípio e depois de tomar conhecimento da Memória do Rio Branco existisse aí na Secretaria e dos seus reservados, *sobretudo dêstes,* sôbre ela e sôbre a questão. A visita ao Pará é indispensável por algum dos comissários ou seu delegado técnico, assim como é preciso, indispensável, a visita a Georgetown (talvez o Luís Tôrres fôsse o mais próprio por falar bem o inglês) e a Paramaribo, para o fim de investigar os arquivos e legislação e ver o que nos pode afirmativamente e negativamente aproveitar. Tudo que respeita à extensão da Holanda e depois da Inglaterra na direção do rio Branco é capital para nós. Importa-nos tanto conhecer dantemão a prova contrária como a nossa própria. Está claro que desde que se constituísse a Comissão deveria entrar em comunicação direta comigo, dar-me conta do seu plano de trabalhos, receber minhas instruções quando preciso. Depois quando construída a prova aí, ou melhor, quando tomadas tôdas as providências para se recolherem os menores vestígios de prova, no Rio de Janeiro, no Pará e Amazonas e em Georgetown, algum ou alguns dos membros da Comissão, que se tornariam especialistas do assunto, poderiam servir de auxiliares para iguais investigações, que as do Brasil indicassem, em Portugal, Holanda, etc, onde vou mandar proceder a estudos desde já. Tudo isso deve ser feito sob a inspiração de que se trata de uma grande luta patriótica com a erudição, a ciência, e a imaginação inglêsa servida pelos grandes recursos do seu país. Escrevi tudo isto hoje (mesmo texto) ao dr. Olinto, e quero que V. Ex. (vejo o costume, ou o presságio) que você

me sirva de mediador plástico para com êle e para com o Presidente nessa grande campanha. Também o incidente das projetadas concessões inglêsas no Contestado, que motivou o meu solene protesto, do qual segue hoje a cópia, exige que o govêrno acompanhe *de Georgetown mesmo* o desenvolvimento dessa questão e tenha o ôlho sôbre o Amazonas e todo o território da fronteira. Conviria que êle tivesse um hábil agente em Georgetown e um oficial de tato e de futuro no Forte São Joaquim. Vê você que não lhe dou pouco trabalho por êste paquete.

Hoje perguntei ao dr. Olinto quanto me autorizava a sacar para despesas extraordinárias da recepção do « Floriano ». O meu ordenado do mês não deixa margem para a menor festa, que o *excederia,* desde que fôsse o que deve ser.

Basta, porém, de falar de mim, dos meus negócios, públicos ou particulares. Dêstes creio não ter dito nada.

Parece assentada, pelo que você me diz, a eleição do Rodrigues Alves. Você sabe a amizade que eu tenho a êle e o conceito que dêle faço. A todos os respeitos é uma escolha honrosa para o país, que assim escolheria um homem de uma moderação a tôda prova e de uma integridade perfeita. Não vejo por que êle não teria o concurso de todos os homens de boa-vontade e leais ao país. O artigo, porém, do *Jornal do Commercio* (entrelinhado) agora recebido, estabelecendo a incompatibilidade provável entre o dr. Murtinho e o dr. Campos Sales parece-me baseado em uma lógica que meu pai tinha por muito forte, a da *fisiologia das paixões,* e por isso eu sou dos que esperam mais cedo ou mais tarde a ruptura. É uma questão sôbre a qual não posso formar juízo, porque ignoro os fatos íntimos que você deve saber, mas o que penso é que seria uma grande vitória sôbre si mesmo, (ou antes contra a pressão que o roda, a circunferência política, a cauda, o grupo, como você queira chamar, do homem público exerce sôbre êle), se o dr. Murtinho desse êsse incidente como *non avenu* para as finanças do país, e se o ministro esquecesse o candidato, próprio ou alheio. Eu posso falar assim, porque me tenho mostrado capaz de tais « abstrações », quase que puramente *científicas.* Há dias li no *Times* esta frase que lhe quis mandar aplicando-a à Secretaria de Estrangeiros: « que no War Office havia pouca imaginação científica, dom principal do estadista, e muita tradição fossilizada ». A tradição

fossilizada é o que eu queria aplicar à Secretaria; a imaginação científica, é o que aplico ao dr. Murtinho. Êste é verdadeiramente o dom principal do estadista. Será grande pena que êle, que o revelou, elimine da nossa finança êsse inesperado concurso que êle lhe trouxe. Você sabe que eu julgo a todos e a tudo imparcialmente ou abstraidamente. O negócio do pôrto do Rio não creio que se faça sem garantia e não sei se se faria com esta. O Brasil apesar de tudo não inspira ainda confiança. O prestígio em finanças, ou o crédito, como o do México sob Porfírio Dias, exige continuidade. Não basta que a linha adotada seja a melhor, como todos concordam ser a da administração atual, é preciso o tempo, a estabilidade. Se o futuro govêrno fôr o que é êste e se até lá os recursos do Brasil resistirem à tremenda despesa nacional (União, Estados, etc.), o país começará a colhêr os frutos da sua política restritiva e ordeira. As boas administrações republicanas plantam, mas não colhem elas mesmas a *sua* safra.

Eu quisera falar-lhe do futuro das estradas de ferro resgatadas pelo nosso amigo, mas isso é questão dêle, sôbre a qual você também velará. É preciso que o govêrno não deixe perder-se e arruinar-se o patrimônio que resgatou. A operação para ter sido feliz do ponto de vista administrativo precisa ainda ser bem aproveitada industrialmente falando, sem o que a economia feita seria dentro de pouco tempo abafada pelas despesas das futuras reconstruções.

JOAQUIM NABUCO.

A Carlos Magalhães de Azeredo

Londres, abril 26, 1901.

Meu caro amigo,

A sua « surprêsa » (1) deu-me o maior prazer, é um primor recolher assim um episódio da vida, os versos sôbre a Musa antiga são magníficos de emoção, a imagem das « flavas ondas »

---

(1) As « Elegias a Leão XIII, poeta latino ».

do Tibre « levando » o sangue do poente « como levaram o de tantos povos », é soberba (como as duas versões apanharam mal o movimento e mesmo a imagem, nem *virum*, nem *vinti* são « povos », nem levar sangue e poente rio abaixo é estar tinto de sangue), e assim por diante.

O Graça veio encantado de todos, acabrunhado, exausto de impressões. Estimo muito que o Costa o tenha assim fascinado, literalmente. Do Régis, das Senhoras, de todos, sem falar do poeta cicerone, êle veio transportado.

Os meus retratos me envelhecem muito e me deprimem; « *poser* » perante a máquina é um esfôrço para quem não pode mais, um segundo sequer, não ser espontâneo; por isso não tenho prazer em mandar nenhum dos que tirei à luz artificial. Espero outro. O único bom é um que fiz para um álbum do funeral da Rainha; mas era em uniforme, e muito grande.

Muitas recomendações a tôdas as Musas que o cercam. Ainda não são 9, mas são a metade, e representam entre si tôda a gama poética. Lembre-me muito afetuosamente ao Costa e ao Régis.

Seu sempre velho amº

JOAQUIM NABUCO.

A Medeiros e Albuquerque

Membro da Academia Brasileira de Letras, jornalista brilhante e combativo. Na ausência de Nabuco, Secretário Geral da Academia, Medeiros exercia interinamente o cargo. O motivo desta carta são as palavras que dedicou a Nabuco quando discursou no lugar dêste, na cerimônia da inauguração da herma de Gonçalves Dias no Passeio Público do Rio de Janeiro. Dissera Medeiros no princípio do seu discurso: « Nunca a substituição me foi mais penosa... lembro o que seria aqui a voz eloqüente do dominador das multidões, que tanto soube outrora arrastar um povo inteiro à conquista da redenção para uma raça oprimida, como saberia hoje tornar-se persuasiva e harmoniosa para nos falar da arte e do belo ».

Londres, julho 16, 1901.

Meu caro dr. Medeiros e Albuquerque,

Eu quisera agradecer-lhe tôdas as expressões do seu discurso, a meu respeito, mas prefiro, pondo de lado êsse trecho quase forçado (não creia que duvido da espontaneidade dêle), felicitá-lo pela largueza de forma e delicadeza de traço do seu novo estilo. O estilo com todos nós quase tem sido uma transformação da vida, uma filosofia, a da experiência talvez, e o sr. está entrando na regra. Em literatura é preciso contar com o dia da conversão do Sicambo em que se tem de queimar o que se adorou e vice-versa. Em todo caso deu-me grande prazer ler, um prazer a que não era estranha a minha qualidade de antecessor e a de confrade. Felicite também a Machado por mim. O sabiá na festa de Gonçalves Dias não cantou da palmeira, mas cantou *tout de même.*

Assim parece que a nossa Academia vive e funciona fora das nossas mortes. O que lhe faria grande bem, creio, seria darem--nos a nós ausentes, que somos tantos, o direito de voto. Assim continuaríamos a trabalhar por ela e com ela.

Saudades a todos os da nossa quarentena e creia-me seu

Afetuoso

JOAQUIM NABUCO.

A dona Maria Ana Soares Brandão

Londres, 8 de agôsto, 1901.

Minha cara dona Marocas,

Evelina escreveu-lhe no dia 21 de julho (1) e eu pedi-lhe que lhe dissesse que eu lhe escreveria também. Contava então poder mandar-lhe um livro meu em que vêm aquelas palavras escritas sôbre o Brandão. O livro só agora me foi entregue e daí

(1) Aniversário de dona Marocas.

a demora da minha carta de julho. Ninguém sabe melhor do que eu que não é mais sua festa aquêle dia, que se há dias alegres ainda no ano para a senhora não é mais aquêle. Assim é a vida. Console-se, porém, pensando que, na sua, Deus derramou mais felicidade do que no comum dos destinos humanos e que mesmo essa sua ansiedade atual, êsse seu desejo de reunir-se ao objeto verdadeiro da sua existência, é ainda uma promessa de felicidade futura.

Agora o João deve estar casado, mas não sabemos ainda quando foi. Êle esqueceu-se de tudo mais durante a lua de mel e, como não a desejo curta, não me queixarei de que se prolongue o esquecimento.

E Maria? Ainda se lembra de nós?

Meu desejo seria voltar para aí e viver perto de minha mãe e na minha terra, que sei estar atravessando a pior das sortes. Isso, porém, está nas mãos de Deus. O estado de minha saúde, se eu voltasse agora, seria em poucos meses o que era quando eu vim, bem parecido com o que vi do nosso (consinta êste plural) Brandão. Uma viagem de mar e uma residência em outro clima tê-lo-ia talvez restaurado como a mim. Muitas saudades, de quem hoje não está nunca longe dos amigos verdadeiros, nem dos que se foram nem dos que ainda lhe restam, porque os traz sempre no pensamento.

Esta vida diplomática não tem para mim o menor encanto, nem nenhuma outra vida que não seja a da saudade.

Que coisas tristes me chegam aos ouvidos, de tôda a gente de nossa terra! Que imensos infortúnios! A pobre dona Ana Sá parece estar na mais completa destituição. E quantos como ela! Os meus amigos foram muito flagelados pela sorte, como o pobre Antônio Carlos (1), que perdeu tudo! Enfim. Lembre-me a todos da nossa roda, a quem possa ser agradável uma lembrança minha.

J. N.

---

(1) Antônio Carlos Ferreira da Silva, amigo de Nabuco, seu grande auxiliar nas eleições, e de quem escreveu em *Minha Formação*: « Aquêles porém que concorriam para a vitória desapareciam na lista anônima dos esquecidos... Quem conhecia... Antônio Ferreira da Silva então simples guarda-livros em uma casa do Recife e que no entanto fêz tôdas as minhas eleições abolicionistas? »

A dona Maria Ana Soares Brandão

Wimereux, 1 de set., 1901.

Minha cara dona Marocas,

Desta praia, onde viemos por causa das crianças, que bem precisam, mando-lhe as nossas mais sentidas recordações do dia de hoje. Estamos acompanhando-a com o pensamento nas suas idas e vindas da rua de Olinda a São João Batista e compreendemos que esteja bem viva para a sra. a saudade que também sentimos sem querer comparar. Nos seus últimos anos de vida o Brandão, posso dizer, não conviveu com outros amigos tanto como com os vizinhos do Nº 12 e para nós ambos, para Evelina e para mim, a dor de perdê-lo foi muito grande, e ainda hoje não nos consolamos de não ter êle tido a idéia de fazer uma viagem, de mudar de clima, antes que tomar tanto iodureto. O que Deus faz, porém, está bem feito. Êle cumpriu a sua missão até o fim e foi abençoado. Se tivesse vivido mais tempo teria talvez tido uma sorte mais dura, porque há doenças que tiram todo o prazer de viver muito antes de levarem a vida. « O trabalho de decomposição, dizia-me o Taunay no leito da morte, é horrível », e a pior decomposição não é a física, é a moral, a que invade com a melancolia, a tristeza, o tédio de tudo, e torna o mais feliz e invejado dos homens um coração morto para todos os afetos, um espírito indiferente a tudo que não seja o lento processo da decomposição. Graças a Deus, o Brandão morreu ainda todo êle mesmo, o que fôra para os que o amavam, tal qual eu o conheci... A morte sem a decomposição física, nem muito menos a moral, é um benefício de Deus. Não vale a pena, ou melhor, nunca se deve disputar anos de vida com risco da doença atingir até aquilo que faz o orgulho, a dignidade do homem, a sua perfeita integridade orgânica. Antes a morte do que a degradação física ou moral. Morrer sem sofrer o comêço sequer de nenhuma é uma clemência da vida. Para o fim o meu Brandão parecia-me muito mudado do que eu sempre o achava, nos domingos, em que lhe ia ler trechos da *Vida* de meu Pai, A elasticidade, a frescura, a jovialidade do espírito (não a doçura e a simpatia do trato, o desprendimento de si, que continua-

vam a parecer os mesmos de sempre), estavam embotadas, ou interceptadas por uma corrente contrária. Hoje estou convencido de que com uma pequena distração, como uma viagem, se se removesse qualquer motivo de ansiedade ou preocupação doméstica, não sei se tinha algum, êle teria voltado à antiga alacridade e vigor de expressão afetiva que sempre lhe conheci, quer se tratasse de amigos, quer das suas idealizações. Tantas! Como eu poderia descrevê-las tôdas! Lembra-se quando êle me disse que se fôsse espanhol hoje em dia seria carlista? Êle tinha voltado à religião, essa era uma das idealizações a que me refiro; tinha feito da monarquia, de tôdas as monarquias, desde o Czar até dom Carlos, outra das suas idéias prediletas; e a história pernambucana e a genealogia e os amigos! Dêstes não lhe sobreviveu muito um dos maiores, dos que mais o fascinaram, não sei se não o fascinou tanto como o Saraiva, — o Gaspar. E assim vão todos! *Place aux jeunes!* Adeus, minha cara dona Marocas, que todos os seus prosperem e o contentamento reine sempre em tôrno de sua mesa. Saudades a êles.

Do Prº mto. Amo.

JOAQUIM NABUCO.

A Domingos Alves Ribeiro

Wimereux, set. 4, 1901.

Meu caro Domingos,

Nesta praia de França onde viemos para tomar um banho de sol e de sal chegou-me a notícia da morte do Eduardo (1) e meu pensamento foi logo para você, cuja sensibilidade apurada tem ùltimamente sido posta à prova repetidas vêzes de modo cruel. Ali a repercussão dessa morte tão inesperada deve ter sido grande, o país perdeu uma das suas inteligências ainda plásticas,

(1) Eduardo Prado falecera em São Paulo em 30 de agôsto.

frescas, progressivas. Por mais que êle fizesse para parecer um homem do passado, todo êle era movimento, vida, futuro. A certos respeitos êle foi único entre nós, entre os nossos homens de indiscutível capacidade. O que lhe terá inspirado esta morte? Mais tristeza? Veja que os moços vão antes de você, que a vida é curta e imprevista, e que é preciso portanto aproveitar cada momento com reconhecimento ao Deus que ainda nos quer neste mundo. Pobre Eduardo! A falta que eu sinto é enorme.

Seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Caldas Viana

Wimereux, 12 set., 1901.

Meu caro amigo,

Rogo-lhe o obséquio de fazer chegar essa carta às mãos de dona Amália (1). Sei quanto o Rodolfo se tornara seu amigo e vivia sob a sua simpatia, e por isso mando-lhe também os meus sentimentos pelo golpe que nos feriu a tantos como se fôssemos da mesma família. Diga o mesmo ao Barros, ao Veríssimo e ao Rui (2). Cada um dêles deve sentir que se lhes rasgou violentamente uma página da vida, que tem bem poucas.

Pouco antes havia-me abalado muito a notícia da morte do Eduardo. Ambos êles eram do mais raro que nós possuíamos.

Creia-me sempre mto. afet.

Seu amigo obrmo.

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) Dona Amália de Sousa Dantas, mãe de Rodolfo Dantas, que falecera em Paris nesse mesmo dia, 12 de setembro. Foram dois amigos diletos, êle e Eduardo Prado, que Nabuco perdeu com intervalo de poucos dias.

(2) Barros Pimentel, José Veríssimo, Rui Barbosa.

A Machado de Assis

Londres, 12 de novembro de 1901.

Meu caro Machado,

Uma palavra sòmente para não me deixar esquecer. Você não precisa dessas precauções. Estou muito contente de o ter agora todo em volume, quero dizer, o poeta (1). Quanta coisa há, esculpida e cinzelada, nessas páginas que recorda as minhas primeiras admirações e entusiasmos por você! Obrigado pela preciosa oferta. *Ad perpetuitatem.*

Como vai a nossa Academia? Eu realmente penso que aos ausentes devia ser dado o direito de voto. Era mais honroso para os eleitos reunir o maior número possível de votos. Vocês estatuiriam o modo de enviarmos a nossa chapa, ou de poder alguém da Academia votar pelos ausentes. Não haveria perigo de ata falsa nem de *fósforos.* O procurador ao votar, por exemplo, por mim, declararia que eu lhe escrevera (mostrando o documento) para votar por mim nessa eleição no candidato F. Talvez o voto dos ausentes devesse ser aberto e declarado. Quem são os candidatos às duas cadeiras?

Você pode avaliar o meu sentimento pela morte do Rodolfo e do Eduardo. O que você escreveu sôbre êste foi tão justo e tão seu (2). Ainda não lhe agradeci sua referência a mim por ocasião da cerimônia em memória de Gonçalves Dias (3). Que bela

---

(1) Refere-se ao volume *Poesias,* de Machado de Assis.

(2) Machado de Assis recolheu o seu juízo crítico sôbre Eduardo Prado às *Relíquias de Casa Velha,* pág. 147.

(3) Por ocasião da inauguração da herma de Gonçalves Dias no Passeio Público (2 de junho de 1901), a Academia Brasileira realizou uma sessão solene em que Olavo Bilac fêz o elogio de Gonçalves Dias, seu patrono na Academia. São estas as palavras de Machado de Assis: « Quando em 1897 celebramos a nossa primeira sessão inaugural, Joaquim Nabuco, entre outras belas coisas, disse esta: « Se a Academia florescer, os críticos dêste fim de século terão razão em ver nisso milagre. » Não sei o que pensaram os críticos daquêle fim de século, mas os do princípio dêste podem já ver alguma coisa menos comum. A Academia vive ».

festa! Adeus, meu caro Machado. Já me está custando estar tão longe. Seu sempre

JOAQUIM NABUCO.

A Machado de Assis

Londres, 19 de novembro de 1901.

Meu caro Machado,

Agora mesmo dizia eu: « Feliz o homem que pode escrever aos seus amigos uma carta por estação ». A da primavera você já teve e a do verão, agora vão numa a do outono e a do inverno. Há dias lembrei-me muito, com que saudade! dos jantares da *Revista!* (1) Pobre Taunay! Foi no banquete do Lord Mayor ao qual assistem 900... talheres. Naquela multidão desconhecida, asfixiante, em que me sentia perdido, o que não teria eu dado para trocar tudo aquilo, Guildhall, lord Salisbury *loving cup, loyal toasts,* pelas nossas festas do Hotel dos Estrangeiros! Não me creia alegre pelo estilo desta carta. Pelo contrário, meu caro amigo, você, que conhece o pessimista sem levantar-lhe a máscara, terá reconhecido a saudade nostálgica, o « mal do Brasil ».

Como vai a nossa Academia? O Arinos escreve-me que é candidato e que os ausentes votam. Desde quando? Como? Quem são os seus candidatos? Muitas lembranças a todos que em nossas letras se acolhem do seu lado e professam o lema: « *Um só rebanho, um só pastor* ».

Do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) Os jantares mensais que José Veríssimo, diretor da *Revista Brasileira,* organizava no Hotel do Globo e no Hotel dos Estrangeiros, e que Machado de Assis celebrou em suas crônicas da *Gazeta de Notícias.* Não os frequentavam só o grupo de escritores que se reuniam sempre para conversar nas salas da *Revista,* mas outros e muitos convivas ilustres.

A Hilário de Gouvêa

52, Cornwall Gardens, S. W.
2 de dez. 1901.

Meu caro Gouvêa,

Aí mando-lhe um retalho de um jornal com um caso muito interessante.

Espero que todos aí estejam bons.

Você terá visto que eu renovei por seis meses a sua assinatura do *Lancet*. Fi-lo por pensar que no meio de todos os seus livros e jornais você acha tempo para êsse representante da medicina inglêsa, que você sabe melhor do que eu o que vale. Estêve na legação o E. S. com um cartão para mim do nosso ministro em Lisboa. Que infeto e repugnante tipo! Vem clinicar na Inglaterra. Disse-me que quem êle toca ou quem toca nêle fica curado. Não sei, sendo assim, por que precisa êle de tingir o cabelo, bastante tocar-lhe, e por que não cura o filho, que me pareceu um nevrótico de fôrça. Que é um charlatão não tenho dúvida e nesse papel é que o chamo de abjeto. Dizem, porém, os seus adeptos que é um homem de bom coração. É possível. Êle é um marroquino ou coisa assim, e os orientais não produzem o perfeito charlatão científico, que é um produto europcu. Só dão charlatães ingênuos.

Viu você acaso o Livro do Centenário? É uma publicação que nos faz honra. No tomo II há um artigo *As Ciências Médico--Farmacêuticas* pelos drs. Teixeira de Sousa e Sousa Lima. Seu nome lá vem naturalmente.

Dona Zizinha (1) está passando um tempo conosco. Eu não sei o que o govêrno decidirá, nem o Congresso, mas espero, tudo marchando bem, estar perto de mudar de ares. Êstes são muito escuros para o inverno. Hoje está fazendo sol, mas em geral não se o vê. Creio que Paris está ficando o mesmo. Nós apenas atravessaremos o inverno em Londres, se não pudermos fazer de outro modo. O Rodrigues não partirá para o Rio antes de feve-

---

(1) Dona Guilhermina Rodrigues Tôrres Guimarães, tia materna de dona Evelina Nabuco.

reiro. As notícias de lá são muito tristes. Tôda a gente quebrada, na miséria, por causa das ladroeiras dos bancos.

Quando volta o Pedro? Não sei se veio o Maurilo (1), nem se êle obteve prorrogação da licença, nem se tomou passagem de ida e volta, o que o obrigaria a partir de Bordeaux. Eu hei de me arranjar com êle para o ver em Londres, mesmo no tempo triste, se êle partir em fevereiro. Como vão os netos?

Saudades nossas a Iaiá e a todos, ou antes a tôdas, mais o genro e netos.

Seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

Evelina agradece muito o telegrama. Ontem o bolo natalício veio para a mesa cercado de 36 velas. Só jantaram conosco dona Zizinha, os Graças, e por acaso o Rodrigues, que vem uma, e às vêzes, duas vêzes por semana. Diga à Inacinha que Evelina pede-lhe a conta do que deve a ela e *eu também,* e isto que ela não deixe para as calendas gregas, como costuma. Eu estou para escrever ao diretor espiritual, queixando-nos dêsses esquecimentos dela que ainda não está no convento, e por ora é só a « freira » de Lucília.

Eu deixei completamente o café, o chá, e o vinho, e tenho passado melhor. Não segui, porém, o tratamento de Carlsbad. Para isso era-me preciso estar perto de você como regulador. Esta semana vou fazê-lo uns 3 dias.

A tal *Ilustração* está com uma gramática e uns escritores!

A Machado de Assis

Brazilian Legation.
Londres, dezembro 6, 1901.

Meu caro Machado,

Aí vai o meu voto. Dou-o ao Afonso Arinos por diversos motivos, sendo um dêles ser a vaga de Eduardo Prado. Para a

---

(1) Maurilo Nabuco de Abreu, primo de Nabuco e irmão do desembargador Pedro Nabuco de Abreu.

cadeira do Francisco de Castro eu votaria com prazer no Assis Brasil (1). Por que não reuniram as eleições num só dia? Você sabe que eu penso dever a Academia ter uma esfera mais lata do que a literatura exclusivamente literária para ter maior influência. Nós precisamos de um certo número de *grands seigneurs* de todos os partidos. Não devem ser muitos, mas alguns devemos ter, mesmo porque isso populariza as letras.

Você agora está meu devedor de muitas cartas. Eu lhe perdôo, porém, a dívida. Escreva-me por todos os motivos, sabe o prazer que me dá sua letra, mas não para responder. A resposta em cartas com diferença de meses é absurda. As cartas não devem viver tanto tempo assim.

Saudades a todos e creia-me sempre

Seu velho amigo e velhíssimo admirador

JOAQUIM NABUCO.

A Rodrigo Octavio

Dezembro, 6, 1901.

Meu caro dr. Rodrigo Octavio,

Recebi a circular e respondo mandando ao Machado a minha cédula.

Infelizmente não podemos acompanhar o movimento e a cabala literária, que é a parte mais interessante das eleições acadêmicas.

O nosso voto vai como que petrificado e não pode acompanhar as flutuações do escrutínio. Ainda assim ficamos a imaginar a cena.

Para a vaga de Eduardo Prado eu não podia votar senão no Arinos, que nos dará dêle um belo retrato, de que precisamos muito.

---

(1) Afonso Arinos foi o substituto de Eduardo Prado, de quem era sobrinho por afinidade, discípulo e muito amigo. Para a vaga de Francisco de Castro foi eleito Martins Júnior.

Escreveu-se muito, mas nada é mais difícil do que caracterizar uma fisionomia de modo a não se poder confundir com outra. É preciso para isso muito trabalho de individualização.

Creia-me sempre

Amigo e colega obr.

JOAQUIM NABUCO.

A Caldas Viana

Londres, dez. 16, 1901.

Meu caro amigo,

Muito lhe agradeço sua boa carta e já escrevi ao dr. Olinto (1) referindo-me a ela e reconhecido à delicadeza de ter procurado tal intermediário. Telegrafei logo a minha resposta, que foi, em duas palavras, manifestar quanto me sinto identificado com a questão que me trouxe à Europa. Para mim a legação de Londres é secundária ao motivo que ma fêz aceitar. Não creio que a minha aceitação em nada modifique a boa-vontade do Foreign Office para comigo. Neste país não se guarda ressentimento ao advogado da parte contrária, nem ao árbitro. É um resultado, dizem-me, do longo hábito do *sport,* de acatar as decisões do *umpire.*

Muitas vêzes lhe terão chegado palavras minhas pelo Rodolfo ou pelo Tobias. Não lhe tenho há muito escrito diretamente, nem me queixo, por mais que o sinta, de falta de carta sua, por imaginar bem o que é sua vida.

Seu nome, porém, é lembrado por nós constantemente e guardo-lhe a mesma afeição e os mesmos sentimentos que sempre lhe manifestei intatos para os dias felizes da volta ao nosso ninho.

Recomende-nos muito à sua senhora e creia-me sempre seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) Olinto de Magalhães, ministro do Exterior.

1902

A Machado de Assis

Londres, 26 de janeiro de 1902.

Meu caro Machado,

Acabo de receber sua dulcíssima carta e como tenho agora *muito que fazer,* não posso adiar a resposta nem correr o risco de demorá-la. Assim, vamos ao ponto: Estou às suas ordens para escrever a resposta ao discurso do Arinos com algumas condições, porém. A primeira é que você me dará tempo. A segunda que o Arinos me mandará o que o Eduardo escreveu; tenho tudo isso nos meus papéis e caixões, mas fora de mão. Não preciso a coleção do *Commercio de São Paulo,* mas os *Fastos,* a *Ilusão, Anchieta,* as *Viagens* (mesmo a título de empréstimo); e o que mais notável tenham publicado os jornais dêle, o artigo sôbre o Eça, por exemplo, conviria mandarem-me daí.

A terceira é que o discurso do Arinos me seja remetido, isso é óbvio, mas que depois dêle corra o meu prazo pelo menos de *três meses.* Aceitando você e êle tudo isso, está tomado o compromisso. Para mim trabalhos dêsses são uma distração necessária dos meus estudos da questão.

No caso de ser o Assis Brasil candidato agora na vaga do Francisco de Castro, vote por mim nêle. Esta é a minha cédula. Se fôr preciso, corte o nome acima que vai por minha mão e meta o retalho no envelope. Quanta saudade me faz tudo isso! Não tenho outro desejo senão acabar o mais cedo possível a minha tarefa e recolher-me à Academia. Será o meu Pritaneu.

Saudades a todos, especialmente ao grande Crítico (1), e creia-me sempre, meu caro Machado,

seu devotíssimo

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) José Veríssimo.

A Tobias Monteiro

Londres, 26 de fevereiro de 1902.

Meu caro Tobias,

Acabo de receber a sua carta, à qual respondo. Antes de tudo, muito lha agradeço.

A razão por que desejei não ser desligado desta legação durante o arbitramento foi tôda política, e já a dei ao dr. Olinto. Não tive nenhum motivo pessoal, muito menos lembrei-me do nosso ditado: « quem vai a Roma perde o lugar ». Nesse sentido, além de tudo que expus a êle quanto à neutralidade do pleito, pareceu-me necessário durante o curso do litígio governar eu esta legação por causa das questões incidentes, que já começaram, como o dr. Olinto sabe. O Foreign Office compreenderá a situação e não julgará a legação vaga. Quanto à neutralização, repito: Não há meios a empregar para a vitória senão aperfeiçoar a prova. O que fêz o Rio Branco vencer em Berne foi a prova que êle aduziu. É ridículo comparar influência sôbre a Suíça entre o Brasil e a França, mais ridículo ainda seria comparar influência sôbre a Itália entre o Brasil e a Inglaterra.

Quanto à hipótese de servir eu em Roma na dupla qualidade de Ministro Ordinário e Extraordinário deve pô-la fora de questão. Seria uma impossibilidade, é além disso um ato impolítico. Excluamo-la portanto.

Desta forma o dr. Olinto só poderá vir para Londres para permanecer; aliás, independentemente de não ter eu a legação do Quirinal para trocar daqui a dois anos e meio (1), não poderia nem deveria eu voltar para Londres depois de desligado a título permanente, nem, sendo êle ministro do Exterior ou acabando de o ser, podia o dr. Olinto ser mandado simplesmente como um substituto temporário.

Eu, porém, teria o maior prazer em ceder êste lugar definitivamente ao dr. Olinto. Não seria senão uma restituição. Se Deus me der fôrças, depois do arbitramento, eu terei muito que

---

(1) Tempo que duraria o litígio. A sentença do árbitro foi pronunciada em 14 de julho de 1904.

fazer de maior utilidade para o país do que voltar à legação de Londres. O que me seduziu desta vez foi a questão do território. Acabada ela, não imagino razão alguma que ma fizesse desejar, e será tempo talvez de recolher-me.

A nomeação do dr. Olinto satisfaria de modo completo os sentimentos de afetuosa gratidão que contraí para com o Presidente e para com êle.

Você vindo para a Coroação (1) será meu hóspede. Sòmente peço-lhe que telegrafe logo depois de chegar o Rodrigues para eu solicitar com antecedência as entradas, tanto como particular como na sua qualidade de representante do *Jornal.*

O Rodrigues é portador de um retrato meu tirado para um álbum dos funerais da Rainha e que, apesar do uniforme, mandei reproduzir para não afrontar mais uma vez os horrores do *atelier.*

Adeus, meu caro Tobias. Lembranças ao Caldas e ao Constâncio.

Do seu mt° afet°

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão do Rio Branco

Londres, 10 de maio 1902.

Meu caro Paranhos

Você far-me-ia um grande serviço procurando ver se aí ou onde se acham os papéis geográficos da sucessão Humboldt, porque preciso descobrir o diário de Hortsman. O Tropé (2) copiou-me do *fonds d'Anville* a carta da viagem dêle, mas o diário de que fala Humb., o qual cita *em português,* não pode êle achá-lo no ministério de Estrangeiros. Naqueles papéis quisera também achar os papéis de Antônio Santos e Nicolau Rodriguez por êle

---

(1) Coroação de Eduardo VII que se realizou em 9 de agôsto de 1902, e à qual assistiu, na Abadia de Westminster, Tobias Monteiro, hóspede de Nabuco.

(2) Henri Tropé, auxiliar cartógrafo da Missão Nabuco.

tanto citados. Tenho o maior interêsse em achar o diário de Hortsman. Veja se me ajuda nisso com o bibliotecário da cidade onde tenham ficado os papéis do espólio. Vejo que há muitos em Berlim (1).

Já se passaram quase quatro meses. Como você terei que fazer a minha Memória no último momento. Espero que o Raul (2) se liberte para auxiliar-me. Estou muito precisado dêle. O que veio é bom rapaz, mas de todo alheio a essas questões e sem possuir as línguas.

Você terá talvez sabido que me nasceu mais um filho. Chamar-se-á José Tomas. É um candidato à herança do avô, cujo nome êle, pelo menos, se Deus lhe der vida, pode prolongar pelo século XX.

Escrevi para o *Jornal do Commercio* um discurso ou artigo para a festa de 13 de Maio. Suponho que a estátua será inaugurada nesse dia.

O homem do seu « monumento » (3) estimaria que você lhe desse um mês para expô-lo em Londres. Será um magnífico trabalho.

Há muita esperança de que você aceite a pasta de Estrangeiros (4), se fôr convidado, o que seria, se aceitasse. Compreendo que você hesite, (mandaram-nos dizer que você não aceitaria), não perante o incômodo, a mudança de vida, etc, etc, mas pela dúvida se teria tôda a fôrça para governar a sua casa a seu modo. Se isto ficasse fora de questão, (aliás você entrando, avassalaria a todos), você não devia recusar. O Brasil vale bem êsse sacrifício, porque o pobrezinho está muito precisado de homens para não mergulhar no remoinho sul-americano. Esta é uma

---

(1) Rio Branco nesse tempo era ministro em Berlim, onde Nabuco estivera meses antes para o casamento de sua filha Amélia do Rio Branco com o barão von Werther, em que foi padrinho da noiva.

(2) Raul Paranhos do Rio Branco, que depois de ter sido auxiliar do pai, passou a secretário da Missão Nabuco.

(3) Nabuco chamava sempre « monumento » o atlas apresentado por Rio Branco ao árbitro na Questão Oiapoque, e bem digno dêsse qualificativo. O Atlas que Nabuco apresentou ao rei de Itália foi também uma coleção completa dos mapas mais raros da região contestada, encontrados em diferentes arquivos e mapotecas da Europa.

(4) Rodrigues Alves, eleito presidente da República, chamara Rio Branco para seu ministro das Relações Exteriores, convite que Rio Branco relutou por muito tempo em aceitar.

fase crítica exceto para os grandes impérios, e ainda assim êstes não sabem o que lhes vai acontecer. É a era dos *trusts* e dos *combines*.

Quanto aos vencimentos do Raul telegrafo-lhe amanhã. Terá você também telegrafado quanto aos adidos navais? Parece que não vieram nessa qualidade. Eu sinto muito não mandarem um navio à coroação. Não se tem idéia lá da importância que dão aqui a essas festas. Também os preços são! Agora vejo quartos oferecidos em Picadilly a 800 guinéus num dia, e 600 guinéus no outro (são 2 dias de « procession ») cada um. Quanto renderá a casa? Estão oferecendo milhares de lugares entre 20 e 5 guinéus cada um. Isso dará uma idéia da extravagância dos preços. Londres, se a América do Norte não ajudar não terá dinheiro para tanto. De fato, é uma loucura. Um hotel em Picadilly recusou por um quarto numa semana 1400 guinéus!

Como vai a Hortência? (1)

Meus cumprimentos à Baronesa de Berg. Saudades afetuosas do seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

Muito estimaria ter melhores notícias de seu tão simpático sobrinho.

A Domício da Gama

Travellers' Club, Pall Mall, S. W.
15 maio, 1902.

Meu caro amigo,

Muito obrigado a suas felicitações tanto pelo 13 de Maio como pelo novo prolongamento no século XX (2). Qualquer que seja a sorte do que nos nasce agora uma coisa é certa, êle verá coisas que nem podemos nós imaginar. Isto é sempre um consôlo. A vida é em todo o caso o prêmio grande do universo.

---

(1) Hortência, filha mais moça do Barão.

(2) A 27 de abril nascera o último filho de Joaquim Nabuco, José Tomás.

Estamos ansiosos por vê-lo. O Tobias embarcou ontem para a Inglaterra. Veja se arranja para passar uns dias conosco. Todos estimaríamos muito disputá-lo.

Agora que está fora de Londres seu pensamento deve voltar-se muitas vêzes para cá. Pelo menos estamos supondo isto.

Muitas lembranças afetuosas de cada um e especialmente do seu

Muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ontem estive num jantar muito interessante em casa do Alfredo Rothschild. Estavam, além do duque e duquesa de Devonshire, de Lady Kilmorey, de Mrs. West, etc, o redator do « Times », Mr. Buckle, e o dr. Jameson e sir John Willoughby, que fizeram o barulho do Transvaal. Eu estimei conhecer pessoalmente a Mr. Buckle, « the invisible general of so many compaigns », como lhe disse. Se conhece aí Madame Lambert diga-lhe que Lady Sassoon estava deslumbrante. A arte de vestir não pode ir mais longe.

J. N.

A Hilário de Gouvêa

Londres, junho 19, 1902.

Meu querido Gouvêa,

O Pedro (1) aqui chegou e parece maravilhado de Londres. Êle diz-me que minha primeira carta o confortou, mas que a segunda o entristeceu ainda mais. Perdôe-me. Eu pensei consolá-lo por outro modo misturando minha tristeza, minhas saudades com as suas. Meu sentimento não variou da primeira para a segunda carta. A primeira foi escrita sob a admiração do ato e da pessoa da Inacinha, como se tratasse da vida de uma santa;

---

(1) Pedro Nabuco de Abreu, genro de Hilário de Gouvêa. As cartas a que se refere são as que Nabuco escrevera procurando consolar a irmã e cunhado da entrada para a vida religiosa de sua filha, Inácia Nabuco de Gouvêa, muito querida de Nabuco e de sua espôsa.

a segunda sob a dor do vazio que eu via em tôrno de vocês. Na primeira, falava o Ideal, o Absoluto; na segunda o sentimento ferido pela realização dêles por uma pessoa tão próxima e tão cara.

Se disse que a resignação à morte custa menos do que à clausura, não foi comparando a clausura à morte, porque a vida religiosa parece ser o maior grau possível de felicidade para almas como a de Inacinha, mas porque a morte remove de uma vez e para sempre dêste mundo o objeto amado e assim o espírito não pode mais fixar-se nêle senão através de imensa distância, e com um poder de apreensão, como é o da memória, cada vez menor e mais indistinto.

Deus, porém, se compadecerá de vocês, e fará, quem sabe, que vocês um dia possam pensar, se não com alegria, porque isto já seria ascetismo, pelo menos sem dilaceração da alma, na sua querida Inacinha. Há muito eu a considerava morta para tudo que o ascetismo chama *o mundo,* e que abrange tanta coisa! tantas!

Beijo a você e a Iaiá com todo o meu coração.

Do seu

J. N.

Ao barão do Rio Branco

52, Cornwall Gardens,
Queen's Gate. S. W.
Quarta-feira [30 de julho, 1902].

Meu caro Paranhos

Muito sentiria sua recusa. Quanto à sua *retaliação* comigo não tem onde se pôr de pé (1). Minha primeira Memória só (2)

---

(1) Na carta que Rio Branco dirigiu ao Presidente-eleito, Rodrigues Alves, esquivando-se do convite para dirigir a pasta das Relações Exteriores, lembrou para o cargo o nome de Nabuco.

(2) Nabuco apresentou ao árbitro, Vitor Emanuel III, sua primeira memória, *Le Droit du Brésil,* em 27 de fevereiro de 1903, a segunda, *La Prétention Anglaise,* em 26 de setembro de 1903, e a terceira, *Exposé Final,* em 25 de fevereiro de 1904.

ficará pronta em janeiro, e é parte de um todo que só ficará pronto no fim dos três prazos. Só uma pessoa no Brasil podia fazer uma Memória de um dia para outro, é você, mas você mesmo ver-se-ia atrapalhado, se o chamassem a continuar a obra do outro. Em caso algum eu aceitaria, mas consideraria um desastre o convite. Basta ao Rodrigues Alves a sua recusa. Não se lembre de outra. Já agora levo a minha questão ao fim; estou saturado dela. Eu não seria o homem, você é, e sua recusa é uma calamidade nacional. Sacrifício era, mas por isso mesmo é que lhe faria tanta honra aceitar. Você desconfia de si, mas *à l'oeuvre* suas antigas afinidades políticas voltariam. O atual sistema é conservador. Não serve para um liberal como eu o presidencialismo; serviria, porém, para um *conservador* como você. É uma pena, e grande pena, a sua recusa, do ponto de vista nacional, que é o único para nós que gostamos da história.

O Régis (1) foi removido, o que me causa grande transtôrno, e parece que afinal não irá o Olinto para Roma. Você saberá tudo isso melhor do que eu.

Infelizmente estamos agora sob a tristíssima impressão da morte do Guimarães (2). Dona Zizinha não chegou ao Brasil senão para vê-lo morrer! Estamos consternados.

O Raul vem aqui sempre, e há uma paixão geral por êle entre as mães de família, mesmo sem filhas para casar. Todos acham-no uma pérola, uma perfeição, e é realmente um rapaz encantador.

O meu jantar teve as honras de uma referência em editorial do *Times*, o que agradeci ao redator, Mr. Buckle, que já tenho encontrado a jantar. O proprietário, Mr. Walter, estêve na festa, como você verá do plano que o Raul lhe mandou. Mando-lhe o *Times*. Ao contrário de você eu não serviria para a pasta, por ser, como você diz, *reformador*, (político, entenda-se). Minha entrada exigiria minha inteira aceitação do atual regime constitucional, o que não posso fazer. Não falo da República, mas do modo por que ela está organizada. Você entraria sem política, e faria a sua política depois, de dentro, quando pos-

---

(1) Francisco Régis de Oliveira, ministro em Roma, fôra removido para a Áustria.

(2) Sebastião Pinto Bandeira Guimarães, filho dos barões de Jaguarão, casado com uma tia de dona Evelina Nabuco.

suísse os elementos para a ação. Você era o homem, e é uma tristeza não querer ter sido. Quanto ao substituto deixe isso ao mundo político de lá, que tomará logo *à sa taille*. Não lembre a ninguém o meu nome para se evitar segunda recusa, no meu caso inteiramente justificada, sendo que minha nomeação, estando eu encarregado do arbitramento, nem sequer me seria honrosa.

Seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

Acabo de reler sua carta, vejo que sua recusa não é ainda formal. « Todos os Santos! Orai por nós. »

A Tobias Monteiro

Londres, 31 de julho 1902.

Meu caro Tobias,

Estimo bem sabê-lo nesse Hotel do qual os Chermonts se mostravam contentes. Sua falta tem sido muito sentida nesta casa. Estamos sob a tristíssima impressão da perda de um tão grande amigo nosso como era o Guimarães. Coitado!

Recebi um telegrama do Presidente elogiando a minha iniciativa e o realce que dei à ocasião, o Rodrigues também telegrafou-me parabéns e um « penhoradíssimo », que suponho se refere ao telegrama que você lhe passou também em meu nome. Mando-lhe o editorial do *Times* referindo-se à minha festa (1) e provocado talvez por ela. O Walter, com efeito, ficou muito satisfeito e o Buckle me tinha escrito uma carta, desculpando-se, que prometia, ou indicava, uma amabilidade qualquer. O White (2) disse-me que os jornais americanos ocupam-se muito.

---

(1) Nabuco oferecera um grande jantar aos seus colegas da Argentina e do Chile para festejar o tratado de arbitramento celebrado entre êsses dois países.

(2) Henry White, conselheiro da embaixada dos Estados Unidos em Londres, velho amigo de Nabuco.

No dia 29 dei um jantar aos Montts (1) do Chile, que vieram com o irmão de Mme. Montt, Maximo del Campo. Depois do jantar levei-os ao Alfredo Rothschild, onde encontraram o general Lucas Meyer em companhia de Roberts e Kitchener (2), lord Rosebery e lord Lansdowne, etc., e ouviram a Melba. O Graça diz que eu sou aqui o *leader* da *South America*, mas realmente é um prazer para mim servir-me da minha posição para aproximá-la.

Hoje escrevi ao Campos Sales, dizendo que eu não aceitaria a Itália (3). Não poderia com efeito acumular as funções e representação social, além de tudo o mais. Até quando?

Seu afet°

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão do Rio Branco

52, Cornwall Gardens, S. W.
2 de set. 1902.

Meu caro Paranhos,

Não sei expressar-lhe a satisfação que me causou sua carta. Você historiador, historiador militar, sabe que sacrifício fizeram quase todos que representam grandes papéis na história, e que não se entra nela sem sacrifício pessoal. A questão é o país. Se não devemos empenhar tudo para que êle seja uma nação e evitar-lhe a sorte da Polônia ou de Venezuela e Colômbia. Ainda ontem eu lia no *Spectator*: « O Brasil é o mais esplêndido trecho de terra ainda não desenvolvido, mas com os seus negros, os seus índios, os seus mestiços, é essa uma parte da « tarefa do branco »,

---

(1) Pedro Montt, depois presidente do Chile.

(2) Os generais vitoriosos da guerra do Transvaal, no momento transformados em heróis nacionais.

(3) O lugar de ministro em Roma, acumulando as duas missões, a permanente e a Especial para a questão de limites. Nabuco preferiu conservar seu pôsto de Londres, que ficou confiado a um encarregado de negócios por mais de um ano, até a conclusão do litígio anglo-brasileiro, ocorrida com a sentença do rei de Itália em 14 de julho de 1904.

(the White Man's Burden, a idéia de Kipling) pesada demais para nós, ela deve pertencer ao jovem Hércules que estira os braços do Atlântico até ao Pacífico e não só à sua velha mãe menos ambiciosa e menos ativa. » É essa idéia que não somos, e não podemos ser uma nação, branca, tomar a nós também parte do *White Man's Burden,* que os europeus e americanos do Norte todos têm, que nos deve indignar e mover a fazer todos os sacrifícios pessoais, cada um de nós, enquanto é tempo, para garantir a sorte do nosso país. O futuro tomará conta de si mesmo, e eu sinto-me rejuvenescer de entusiasmo com a sua entrada para os negócios. Quanto à saída, e à substituição (!) deixemos a seqüência ao autor do romance, que fêz você figurar no 1º capítulo contra a sua vontade.

Com efeito pedi ao dr. Campos Sales, que no caso de precisar desta legação, ou definitivamente ou durante a minha ausência em Roma, não pensasse em sobrecarregar-me com a legação da Itália, e acrescentei: « Acabado o arbitramento, a futura administração veria se precisava de mim para a sua política diplomática, e me mandaria para onde julgasse melhor. » O fato é que com a estreiteza dos prazos, trabalhando como faço todos os dias de oito a dez horas, apenas terei o tempo preciso para apresentar as 3 Memórias em tempo. Deixei para a 2.ª tudo o que podia para dar em tempo a 1ª, mas o prazo da segunda são 6 meses, durante os quais terei que tomar conhecimento da prova contrária, que será enorme, ao lado da questão, já se vê, escrever a Réplica, fazê-la traduzir, e imprimir. Você no Rio poderia aliviar-me, se pudesse, das negociações com o govêrno italiano no tocante a direitos, etc, mas, suponho que não surgiam questões que devessem ser tratadas em Roma mesmo, da pior parte dos meus trabalhos você não me aliviaria, a parte mundana, que é a pior e o que mais tempo toma. Minha experiência é que não se podem fazer as duas coisas, ou as duas vidas, a vida do homem do mundo e a do empreiteiro de três memórias, ou séries de livros *in-folio,* com prazo certo e curtíssimo. Ou uma ou outra. Você em Berne pôde fazer ambas, mas seu preparo era outro, sua saúde outra, seu modo de compor outro. Eu não poderia. Além disso pense que eu teria que substituir o Régis. Além de tudo carregaria eu desde logo com o odioso da remoção dêle, que na Itália se sentiu muito, e teria contra a

minha Missão Especial essa odiosidade desnècessária com que lutar em comêço. Eu quis a sua glória, a sua elevação, não queira o meu sacrifício. Eu não sei se se poderia mais consertar a remoção do Régis, desfazendo o ato. Talvez entre nisso o amor próprio da atual administração que a seguinte tem que respeitar quanto lhe seja possível, e a idéia de continuidade da administração da Secretaria. Eu estimaria bem que se pudesse desmanchar, tanto mais que parece ter havido um simples *mal-entendu*. Mas rogo-lhe que não faça recair sôbre a Missão Especial a odiosidade daquela injusta vitimação. Se por motivos de economia fôr preciso que haja um só ministro em Roma (você terá poucos lugares para o movimento), pode você ter ali um simples encarregado de negócios, como o Cardoso de Oliveira foi na Suíça e contava ser em Londres. Em todo o caso durante o tempo das duas memórias eu pouco poderia estar em Roma. O sacrifício pessoal que você faz é tão grande que eu não me negaria eu mesmo a nenhum sacrifício pessoal, o que não quero é o sacrifício da minha Missão, a qual depende acima de tudo a meu ver dos trabalhos que eu apresentar. Diplomàticamente falando, as vantagens de ter a questão arbitral isolada de questões comerciais (veja o caso Araujo Ribeiro), de imigrantes, e de tôdas as questões correntes, excedem de muito as vantagens de mais fácil acesso à Consulta (que talvez por aquelas se tornasse às vêzes mais difícil) a que você se refere. Suprimia-se uma fonte constante de possíveis desagrados.

Submeti ao ministro, ao vencedor duas vêzes coroado, as minhas razões que não são pessoais, porque destas eu não cogitaria depois de seu exemplo. Você sabe, porém, que eu não criaria embaraço nenhum à sua administração e cumpriria as suas ordens, como o jesuíta as do Provincial. Parece-me que o me tirarem de Londres neste momento diminuiria a minha situação perante o Árbitro e em frente ao embaixador inglês. Apesar de tudo o pôsto de Roma é considerado menos importante que o de Londres, e aqui pelo menos não se compreenderia que me dessem posição inferior por causa de uma missão especial ligada a uma questão de que a legação de Londres sempre tratou. Você pese tudo isso.

Estou trabalhando na minha Memória e decidido a acabá-la êste mês, para ocupar-me da revisão dos documentos e tradu-

ções, que é a parte que não estou certo de ter pronta a tempo. Não quero dizer com isto que vá descansar, porque sendo o prazo da terceira Memória, a principal, de *quatro* meses, tenho que trabalhar nela desde já.

Diga-me quando parte e quando virá a Londres. Aqui precisamos festejá-lo. E o Raul? Leva-o você ou não? Temos muito que conversar. Eu vejo que com a resolução e iniciativa que o caracteriza você já começou a sua tarefa *on quite a new line*. Muito estimaria saber os detalhes todos da sua próxima partida. Não lhe posso dizer a emoção que me causa essa misericórdia da Providência para conosco. Estou certo que no govêrno você se esquecerá de si e sentirá o amor ardente do nosso país dominá-lo todo como a última paixão da sua vida. Ambição de levantá-lo e de dar um grande exemplo que cale e aproveite, é o que lhe há de vir em grande abundância agora que você se pôs em estado de graça e recorreu ao sacramento da comunhão, indo partilhar da sorte da nossa infeliz terra.

Não sei o que tem havido por lá. Disse-me alguém que o govêrno descobriu a tempo um movimento sério, *a serious movement*, e por isso o telégrafo um dia estêve fiscalizado. Um telegrama de sábado dizia que a situação política *was critical*, devido talvez à saída do Murtinho. Todo o barulho, e o pânico que houve na praça, a 29, foi causado pela questão da Sorocabana. Eu sentirei muito que o dr. Campos Sales tenha dificuldades no fim do seu govêrno. Êle manteve uma atitude ingrata, porém patriótica todo o tempo na principal questão para o nosso crédito — a das emissões de papel moeda, que nenhum fêz, pelo contrário.

Muito lhe agradecemos os sentimentos pela morte do pobre Guimarães. Parece que muito sofreu.

Adeus meu caro amigo e sr. ministro. Deus o tenha em sua santa guarda todo o tempo! O seu programa é excelente, e com êle estou inteiramente de acôrdo. O sistema presidencial seria com efeito o melhor para o nosso caso, se o govêrno de fato não pertencesse em primeira mão a tantos régulos provinciais. Vá com « *a unidade nacional acima de tudo* » para diante e através de tudo e você terá uma chave mágica para entrar e sair em tôdas as questões. Junta-se bem no exército e na marinha e com a finança em boas mãos aquela união das fôrças militares patrió-

ticas com a sua diplomacia de alto vôo e longa vista fará o sucesso da administração do novo Presidente.

Do seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão do Rio Branco

Londres, 7 de setembro 1902.

Meu caro Paranhos,

Rogo-lhe uma resposta às minhas ponderações. Se o dr. Campos Sales me mandasse para a Itália com a missão ordinária também, eu me escusaria. Sendo você o Ministro e instando, que fazer? A responsabilidade seria sua, se eu perdesse a questão por falta material de tempo para apresentar um bom trabalho; os prazos são tão curtos. Considero que, tendo eu as duas legações e vendo que o tempo absolutamente me faltava, não tinha como passar a missão Ordinária conservando a outra. Aqui, desde abril, eu passei a missão Ordinária, lá não poderia fazer.

Você diz que verificou em Washington e Berne a inconveniência de não ter você a missão Ordinária também, mas você ganhou de ambas as vêzes com êsse regime, e se fôsse outro, talvez não tivesse tempo para acabar as memórias no prazo, porque o prazo apenas foi o bastante. A mim a missão Ordinária tomaria um tempo enorme só com a etiquêta social, e eu teria a difícil sucessão do Régis, e os ressentimentos do mundo romano, ao qual êle faz tanta falta, se voltariam contra mim. Não quero ofender « Cosmópolis ». Por tudo isso conto que você não me obrigue a estar de pé firme em Roma, quando careço de tôda a mobilidade para meus trabalhos e para fazê-los onde fôr mais conveniente. Acabados os prazos das Memórias, enquanto esperasse a decisão do Rei, estaria lá prêso de boa-vontade, porque muito gosto de Roma.

Espero ansioso a sua resolução, mesmo para o meu procedimento, no caso de haver o dr. Campos assinado o decreto.

Mande-nos as notícias tôdas que puder a seu respeito, sua ida, etc. O Presidente há de querer tê-lo lá para a inauguração, mas eu penso que êle ganharia em deixar você partir daqui já nomeado, isto é, em dezembro. Teria o prestígio da sua recepção por tôda parte, e você falaria com mais autoridade desde que tocasse em terra brasileira, e não sairia da Europa incógnito. Estou mais satisfeito agora com a linguagem sôbre o Acre, sobretudo com a linguagem *oficiosa* em relação aos Estados Unidos. Eu sou um forte Monroista, como lhe disse, e por isso grande partidário da aproximação cada vez maior entre o Brasil e os Estados Unidos. Se eu fôsse ministro do Exterior e o Presidente consentisse, caminharia firme nesse sentido, e em vez de pensar em mim para suceder-lhe daqui a dois anos, deveria talvez você pensar em fazer-me colaborador seu naquela política, (unindo as duas legações de Londres e Washington é o que devera ser, porque é uma só política, hoje a Inglaterra sendo a mais norte-americana das nações, mas tanto não proponho porque a novidade é para estudar), mandando-me a Washington sondar o terreno. Deixemos, porém, o futuro por ora. Basta o dia de hoje.

Seu do C.

JOAQUIM NABUCO.

A dona Maria Ana Soares Brandão

Haia, setembro, 24, 1902.

Minha cara dona Marocas,

Deixei passar o dia de seus anos e o *dia triste* do ano sem lhe escrever em um nem em outro, mas tenho tanta coisa que fazer (e terei ainda por um ano!) que tôdas as minhas obrigações sofrem e tôdas as minhas dívidas ficam adiadas à espera de um momento inesperado, se posso reunir as duas palavras contrárias, em que eu tenha um momento de meu. Hoje tenho um descanso forçado nesta cidade onde vim a pesquisas, e aproveito para mandar-lhe muitas e afetuosas lembranças. Sinto ver

que o seu estado d'alma é sempre o mesmo. Como o nosso Brandão não reprovaria, se pudesse, êsse constante desespêro, essa renúncia de tudo que Deus lhe está proporcionando como distração da sua saudade! « Não, Marocas, isso é demais », dir-lhe-ia êle com aquela doçura costumada, como fazia sempre que a sra. exagerava o seu sacrifício por alguém ou alguma coisa. O tempo já devia ter cicatrizado a sua ferida, minha cara amiga, e o teria feito, se não fôsse o seu prazer em reabri-la. Êsse prazer é que não é direito. Na nossa idade é preciso tomar a morte dos que nos são caros como uma separação curta, e aproveitar o tempo para cumprir as últimas vontades dêles. Como êle não estaria agora, mesmo sem a senhora, viúvo, se ficasse, gozando a companhia dos filhos e netos, aumentando por todos os modos que pudesse a felicidade dêles! Para morrer é sempre tempo, a morte vem mais cedo do que se espera, e viver por outros, e por outros que são nossos filhos e estão neste mundo por nossa causa, não pode ser em caso algum traição, arrefecimento da grande paixão de nossa vida.

Quanto eu sinto ver que a senhora não quer aceitar o seu terceiro estado com verdadeira submissão! Como solteira, a senhora foi a rainha das moças do seu tempo, gozou de uma realeza incontestável sôbre um sem número de vassalos; casada, foi a rainha de um só vassalo, mas gozou também de uma realeza sem igual; por que não aceitar o seu terceiro estado, de viúva, gozar da vassalagem de seus filhos e netos com o mesmo espírito de reconhecimento aos favores que a Providência continua a acumular sôbre a senhora? A senhora procede como se o Brandão não existisse mais, quando êle existe sempre, invisível, é certo, porém, (devemos ter esta esperança), sempre associado à sorte, ao destino dos seus, interessado nêle.

Compenetre-se, minha cara amiga, do desejo dêle, da lembrança do amor que êle tinha e teria por tôda a sua família e viva por ela, resignada à separação temporária, que Deus decretou. Não sou eu quem melhor pode dizer estas coisas, é o sr. Arcebispo, que lhe pode abrir perspectivas sem número sôbre a outra vida. Não estrague a dor que Deus lhe mandou, faça dela a sua ferramenta de cada dia para a perfeição da sua vida. Seja uma discípula de seu marido, pratique um pouco a filosofia, a *santidade,* dêle, como Evelina chamava. Isto não é mostrar-se

uma viúva « consolada », esquecida, portanto infiel à sua saudade e ao seu amor; é mostrar submissão às duas vontades, a de Deus e a dêle, em vez de só ceder ao gôzo (porque é uma satisfação íntima) de entregar-se à sua própria vontade, que é chorar-se a si mesma até à última, até cair.

Aí está o meu pequeno sermão. Há dias tive bem más notícias de minha mãe e pela forma do telegrama de Sinhazinha posso dizer que passei pelo golpe da morte dela *quase*. Interpretei o telegrama como sendo um preparo para o pior, mas, como não era a própria notícia, suponho que um resto de dúvida me ficou sempre no espírito, que me salvou da maior dureza do golpe. Ontem Carolina começou a experimentar o convento, como interna. Imagino como não deve estar Evelina neste momento. A mim a separação dela custa muito, mas o sacrifício foi feito por causa dela mesma, para que viva a vida inglêsa algum tempo já que está na Inglaterra.

O dr. Bandeira (1) estêve conosco, trouxe a filha que estava no Convento para ver as nossas crianças, é uma menina muito simpática e doce, êle é um brilhante conversador e um excelente rapaz. Muito se falou da senhora.

Como vai Maria? Do João tivemos a participação do feliz sucesso que lhe deu mais um netinho. Suponho que o Francisco vai bem e dona Sofia. Desejo-lhes a todos tôda felicidade por amor do meu querido Brandão, cuja vizinhança e intimidade foi um presente de que sou muito reconhecido a Deus.

Adeus, minha cara dona Marocas. Não atribua o meu silêncio à diminuição do afeto que lhe tenho, mas a excesso de trabalhos, que desde agora irão sempre em aumento até o fim da questão, quando conto voltar de novo à vida tranqüila e esquecida da nossa terra, que me permitiu escrever a história da época de meu pai e gozar a amizade sincera e verdadeira de alguns corações leais como o do nosso Brandão.

Como êle tinha mudado nos últimos seis meses de vida! Que tristeza se apossara dêle! Eu creio que êle se sentia muito mal e olhava para a vida e para todos com o olhar de despedida for-

---

(1) Raimundo Bandeira, pernambucano, médico, espírito brilhante como tantos membros da família Souza Bandeira, era irmão do escritor João de Souza Bandeira e tio do poeta Manuel Bandeira.

çada em que se escondia a também forçada dissimulação de quem não queria que lhe suspeitassem o estado de espírito para não ver sofrer por êle os que êle amava.

Como vê não acabo mais. Adeus, saudades a todos de casa, e aceite as afetuosas recomendações do primo muito amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Salvador de Mendonça

Haia, 24 de setembro, 1902.

Meu caro Salvador de Mendonça,

Muito lhe agradeço sua boa carta e o documento que me remeteu. Êste já havia sido publicado na prova da Inglaterra contra Venezuela. Não tive tempo antes para lhe dizer quanto me penhorou a sua afetuosa lembrança. Desculpe-me a falta que ninguém melhor do que você sabe ser inevitável na posição em que me acho neste momento. Até entregar a minha última Memória daqui a ano e pouco aos impressores não terei um momento livre senão ocasionalmente, imprevistamente, como agora, em viagem de pesquisas.

Muitas vêzes conversamos sôbre você (com êles a conversa comigo era obrigada) com o Oliveira Lima e dona Flora. Sinto muito, você o sabe bem, a causa pela qual você se conserva arredado do serviço, mas espero, como Oliveira Lima, que, de qualquer modo, a sua inteligência e a sua atividade, que sempre conheci fenomenais, não deixarão de se empregar em benefício do nosso país. Êle bem precisa, com efeito, de todos os seus homens de valor.

Com os meus cumprimentos à sua senhora, creia-me, meu caro e velho amigo, muito afetuosamente seu

JOAQUIM NABUCO.

Não deixe de lembrar-me ao Lúcio, nosso Pai Acadêmico.

A José Carlos Rodrigues

Cambo, 23 nov., 1902.

Meu caro Rodrigues,

Muito lhe agradeço a sua tão boa e expressiva carta (1). Tenho muito prazer em que você tivesse conhecido a minha adorada velhinha. Com ela desapareceu tanta coisa para mim que o mundo me parece *outro*. É estranho, mas deve-se dar isto com muitos outros. Se me parece estranho o fenômeno é porque só agora chegou a minha vez de experimentá-lo. Agradeço-lhe também o seu telegrama.

Felicito-o pela sua brilhante justificação, que você me fêz a fineza de mandar-me. Realmente a diferença é enorme. Não sei que jornal inglês admirou-se de você dizer tão francamente o que o govêrno tinha lucrado à custa dos acionistas. Não foi, porém, à custa dos acionistas, cujas ações melhoraram. Quanto à própria política do resgate, você sabe o que sempre pensei, idéia que pelo seu folheto vejo você também partilha. Só o futuro dirá se foi um bem, conforme o trato que as estradas tiverem dos usufrutuários.

O Paranhos aí está. O « monumento » entre parêntesis saiu admirável, e você justificou a escolha que fêz quanto à forma da demonstração nacional. Êle não foi muito contente comigo por eu não ter querido aceitar a legação da Itália, mas era-me impossível aceitar mais trabalho, quando quisera poder alijar. Se eu pudesse acumular os serviços não teria passado desde abril a legação de Londres ao secretário, e entre Londres e a Itália como trabalho, atividade, gente, não há comparação. A êsse respeito já lhe falei e escrevi longamente quando primeiro se pensou nisso.

O telegrama do que se deu à saída do dr. Campos Sales causou desagradável impressão — não contra êste, que na opinião estrangeira pelo menos foi o que ela deseja que sejam os presidentes centro e sul-americanos. Tanto mais que não veio tele-

(1) A carta referida era de pêsames pelo falecimento de dona Ana Nabuco, mãe de Joaquim Nabuco.

grama da demonstração do alto comércio. Possa o nosso amigo Rodrigues Alves deixar o poder com igual impopularidade por não ter emitido papel sob nenhum disfarce.

Espero que você e todos os seus estejam gozando saúde. Recomende-me a êles e aceite recomendações de Evelina. Lembranças ao Tobias de quem espero as impressões do « novo regime ».

Sempre seu, meu caro Rodrigues,

Amigo certo e Obrdmº

JOAQUIM NABUCO.

P. S.

Estou ansioso pelas notícias daí sôbre o programa financeiro do Rodrigues Alves. A política « bancária » e protecionista anunciada pela Reuter o que quererá dizer? São as leis bancárias que trazem sempre no bojo as grandes crises do Tesouro.

A Domingos Alves Ribeiro

Cambo, nov. 26, 1902.

Meu caro Domingos,

Sua carta contando-me a entrevista com dona Veridiana (1) comoveu-me muito. Pobre Eduardo! Êle fêz sempre muita falta aos que o conheceram ìntimamente; a mim parece-me que êle está sempre aí, tão forte era a impressão de vida que êle me dava. Ouvi que dona Veridiana ia reunir a grande biblioteca dêle em um edifício a fim de perpetuar-lhe a memória com essa fundação. Seria o melhor dos monumentos que ela pode levantar-lhe, o mais ao gôsto dêle. Estavam também reunindo-lhe os escritos. Quando aparecer o livro, peço-lhe que me avise.

Meu cunhado mandou-me para êste lugar descansar uns dias. Volto, porém, no fim da semana para Paris. Aí ficarei até partir

---

(1) Dona Veridiana Prado, mãe de Eduardo Prado.

para Roma. Êste ano não terei um minuto de despreocupação, por isso não conte cartas comigo. O Rio Branco está a esta hora no mar. O ato que êle praticou aceitando o ministério foi um ato heróico, do mais absoluto patriotismo. Êle terá prestado maiores serviços ao país do que êsse de entrar para o govêrno, por mais que faça neste; em tôda sua vida, porém, não praticou ato de tanto desinterêsse e de tanto amor pelo país.

Muitas recomendações nossas à sra. dona Carlota. Lembre-me também ao dr. Sampaio e aos nossos amigos comuns que lhe servem de arrimo e de confôrto em São Paulo.

Do seu sempre amigo certo

JOAQUIM NABUCO.

A Tobias Monteiro

Dez. 15, 1902.

Meu caro Tobias,

Não tenho tempo para comentar a sua boa e longa epístola. Esta é sòmente para lhe dizer que o Amaral (1) cobrou alma nova com o seu plano e a notícia que você me deu de ser ainda possível ir êle para Buenos Aires. Na vaga dêle eu teria grande empenho em que me mandassem o Chermont (2). Seria uma é um excelente rapaz. Mme. Chermont seria muito bem aceita sulado o Rio Branco poderia fazer mais um feliz. O Chermont é um excelente rapaz. Mme Chermont seria muito bem aceita em tôda parte, e êles receberiam bem os nossos patrícios, como já recebem. Veja lá tudo isso.

Parece que aí na Secretaria há um rapaz muito distinto, chamado Rafael Mairinck. Tomei com minha mãe o compromisso de propô-lo para a minha Missão na primeira vaga. O dr.

---

(1) Silvino Gurgel do Amaral, secretário da legação em Londres.

(2) E. L. Chermont, que Nabuco continuou a pedir sempre como secretário e que o acompanhou até o fim da vida, — em Londres, em Washington, e ao Brasil, em 1906, para a Terceira Conferência Pan-Americana, de que Nabuco foi o presidente.

Olinto nomeou por duas vêzes um *quarto* secretário, ou adido, para ela, o que não me parecia justificado, pelo que lavei as mãos das nomeações feitas. É bom que você saiba isto. Talvez o Rio Branco ache meio de empregar ùtilmente êsse rapaz que me dizem de mérito, e por quem muito me interesso por causa do pedido de minha mãe. Veja se sabe dêle como anda a sua cotação ministerial. Êle, entretanto, não me deu pêsames pela morte de minha mãe, o que interpretei como sendo impressão de que eu lhe havia *roído a corda,* o que não é exato. Sempre disse a todos que tendo eu que propor, a primeira indicação seria dêle. Zangado, porém, ou não zangado comigo, você faça por êle o que puder pelo motivo sagrado para mim que lhe dei.

Muito senti a morte do cunhado do Rodrigues (1). Foi um duro golpe para todos. Era um homem tão agradável sempre, devia ser um homem bom, todo êle.

Minha Memória ficou pronta hoje. Resta-me, porém, revê-la tôda, e rever a tradução que foi feita por diversos. Não a escrevi em francês porque seria preciso empregar pelo menos 25% mais de tempo (2). Entre nós dois julgo-a *muito forte,* e agradeço a Deus ter-me dado fôrças para acabá-la e fazê-la tão ao meu gôsto. Será um volume de umas 400 páginas.

Precisarei um mês de *completo repouso* antes de encetar a segunda jornada igual à primeira, e de outro mês também de perfeita inação intelectual antes de empreender o estádio final. Que bela perspectiva! Não é? 1200 páginas em pouco mais de um ano, e que assunto! A minha gente está tôda trabalhando muito em Paris.

Muito senti o fato do *Jornal,* mas não teve importância, como você diz. Foi pena que publicassem telegramas na Europa sôbre vaias ao dr. Campos Sales; não publicaram, entretanto, a recepção do Rio Branco! Vejo que tal *vaia* não houve. Em todo o caso difìcilmente outro presidente deixará tão cedo nome igual na Europa. Êle é o homem como aqui se deseja na presidência

---

(1) Sabino Lopes, casado com dona Carlota Rodrigues Lopes.

(2) Esta primeira memória, *O Direito do Brasil,* foi a única que Nabuco escreveu em português e fêz traduzir para o francês, língua em que devia ser apresentada ao Árbitro. Depois, com seu perfeito conhecimento dessa língua, continuou sua defesa em francês para evitar a demora das traduções.

das Repúblicas sul-americanas. Estão-nos tratando a nós de tôdas elas na imprensa européia. A leitura do *Spectator* e da *Saturday Review* do último sábado, 13, é *disgusting*. Discute-se a partilha da América do Sul como se fôsse a África. O Brasil parecem supor que já pertence à esfera alemã.

Adeus, meu caro amigo. Escrevendo a você é como falando--lhe: não se sabe quando se pode acabar uma vez começado.

Evelina manda-lhe afetuosas lembranças. Você hoje é de casa.

Sempre seu

JOAQUIM NABUCO.

1903

A Machado de Assis

Pau, 14 de fevereiro de 1903.

Meu caro Machado,

Sòmente para agradecer-lhe e retribuir os seus felizes votos. Estou a caminho de Roma, que talvez seja estação para o Rio de Janeiro, acabado o arbitramento. Como vai você e todo o seu patriarcado? Há muito que não o leio, o que me parece indicar que você se recolhe para alguma grande surprêsa. Não sei por que tenho o pressentimento que o seu mais belo livro está ainda inédito e que o século XX está para o roubar ao século XIX.

Recomende-me muito aos nossos amigos comuns e dê-me de vez em quando notícias suas para Roma, onde você vai ter agora um forte destacamento (1).

Meus respeitosos cumprimentos à sua Exma. senhora e sempre seu, meu caro Machado,

velho admirador e amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Caldas Viana

Roma, 11-3-1903.

Meu caro amigo,

Acabo de saber pelo Graça Aranha que sua saúde ùltimamente não era boa e venho pedir-lhe notícias diretas que há

---

(1) Nabuco, Graça Aranha e Carlos Magalhães de Azeredo, êste secretário da Legação do Brasil junto ao Vaticano, todos membros da Academia Brasileira de Letras.

muito tempo não temos. Sabe o interêsse que elas têm e terão sempre para mim. Estimarei que todos os seus estejam bons, mesmo porque essa é a primeira condição para a sua tranqüilidade e seu bem-estar.

O exemplo do Graça (1) não o animará a deixar também um sulco em nossas letras?

Estou certo de que isso o descansaria, animaria, consolaria, e seria o mais poderoso dos tônicos para seu temperamento. Lá se foi o Rodolfo sem nada deixar, e o Eduardo, e tantos aí sobrevivem ao que foram intelectualmente e à centelha que tiveram. Não seja êste o seu caso. Eu sempre esperei muito do Graça e noutro gênero não espero menos de Caldas Viana.

Creia-me seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Oliveira Lima

Cannes, Abril 27 1903

Meu caro amigo dr. Lima,

Acabo de receber sua carta que muito agradeço. Foi um grande prazer para mim encontrá-los, tomar um *snapshot* em sua passagem. Escrevi de Gênova ao Rio Branco dizendo-lhe que no caso de não o destinar ao Peru depois do Japão o aliviasse, com um telegrama, de mais um mês de expectativa. Sei confidencialmente que o Olinto foi aceito para a Suíça (para onde irá o Costa?); também, mas isto não sei tão positivamente, que o Costa Mota foi nomeado para Berlim. Por um telegrama concluo que o Gomes Ferreira entrou no movimento.

Aqui estou à espera de Evelina. Êste hotel fecha amanhã. Talvez eu vá encontrá-la em Marselha. Nada sei por que os inglêses à última hora exigiram a exibição dos originais de alguns documentos e estou em perigo, por causa dessa manobra, de voltar a Roma. Imagine que na Memória êles dão o relatório da Comissão demarcadora de Venezuela, publicado no

---

(1) Graça Aranha publicara seu primeiro livro, o romance *Canaan*, que foi um acontecimento nas letras brasileiras.

relatório de Estrangeiros de 1884 (do Brandão) como sendo todo êle uma invenção, dizendo que a Comissão nunca foi onde pretende ter ido!

A discussão anglo-venezuelana foi muito irritante. Se a nossa fôr a mesma coisa, adeus Londres! É verdade que os advogados lá têm o privilégio de dizer cobras e lagartos uns dos outros, ficando amigos sempre. Muitas lembranças afetuosas.

Recomendações a dona Flora, a sua irmã e ao Beltrão. Do seu sempre o mesmo

JOAQUIM NABUCO.

A Hilário de Gouvêa

Hotel de l'Esterel.
Cannes, 10 de maio, 1903.

Meu caro Gouvêa,

Pelo telegrama da Princesa vejo que Iaiá lhe mandou esplêndidas flores e muito lhes agradeço. Incluo os oitenta francos, limite que marquei no meu pedido.

Como vai você?

Muito estimei ver o seu nome no comité da *Anti-Tuberculose Central.*

Tenho trabalhado *muito* aqui nesta perfeita solidão no meio de um parque. Cannes é um lugar lindíssimo, sòmente muito caro, como tôda a Riviera, e como a Itália, os hotéis de verdadeiro confôrto e bem-estar. Gastamos em hotéis *tudo* que o govêrno me dá e é impossível tomar casa, porque casa em Roma, de ministro em Missão Especial, seria uma ruína. Por tôda esta semana partimos para Gênova. Os inglêses pediram certos documentos que têm que vir do Rio. Ao chegarem preciso examiná-los. Temos para entregá-los um prazo de quarenta dias, que expira em 4 de junho ou por aí. Até então tenho que estar a pouca distância de Roma para lá voltar quando preciso.

Minha segunda Memória está pela metade, a esta hora, em esbôço; passar do estado de « *esbôço* » para o estado « *pronto para impressão* », tenho verificado sempre em todos os meus trabalhos que me toma mais tempo do que imaginei. Ainda assim

pelo fim de junho espero ter acabado três quartas partes inteiramente. Luto com grande dificuldade pela dispersão dos meus elementos de trabalho, livros, documentos e auxiliares. Mas estou convencido que de qualquer outra forma que eu me tivesse arranjado para trabalhar seria pior. De todo modo dar em um ano 12 volumes, mais um grande Atlas, (as três Memórias com 400 páginas cada uma) é um *record*. A Memória em português ainda não está pronta, cada dia descubro novos erros na francesa, pelo que terei que fazer também uma grande errata para aquela. Não sei se você já terá tido um exemplar completo da Primeira Memória. Você nada me disse mais a respeito. Suponho ter mandado ordem ao Ruffier. Se não, mostre esta carta ao Delgado, que falará a êle.

E sôbre Inacinha? Evelina sabe o nome da Ordem, mas não temos a indicação do nome que a congregação brasileira tomaria. Creio ser preciso existir primeiro a congregação para se conceder a dispensa. Para tudo é preciso um procurador dedicado lá. Não sei se se trata de São Paulo ou do Rio. A ida de Inacinha para o Brasil de certo não a aproximava de você, a menos que você pense em voltar. Eu espero que a atual situação em França se resolva pela liberdade. É muito violenta para durar. Estão tornando o país inabitável, e afinal virá a reação, talvez muito breve. O pior é a paixão pelo lado católico também, nacionalismo, anti-semitismo, anti-italianismo, antidreyfusismo, o que tudo faz do outro lado também uma facção odienta e selvagem. Vejo que nem à missa mais se pode ir aí. Está perfeito, e o fim portanto não tarda. Você ficando em Paris, estará mais perto de Inacinha ela não indo para o Brasil.

Quanto ao destino dela, é outra coisa. Em uma ordem religiosa é talvez melhor ser ela superiora para você estar mais tranqüilo sôbre a felicidade dela. A responsabilidade é uma ocupação que tonifica e preserva.

De Gênova lhe escreverei. Não vejo como possa curar-me e fazer as Memórias. Meus ouvidos precisam tratamento, apesar de ser meu estado geral excelente (relativamente falando).

Todo êste ano, exceto um ou dois meses, terei trabalhado de 10 a 12 horas por dia de atenção sustentada. É alguma coisa. Prova que pelo menos o cérebro está em ordem. O cérebro, sim, a cabeça, porém, tem agora uma tendência a ficar quente, com

muito sangue no rosto, ao passo que os pés ficam frios. Atribuo isto, entre outras razões, a ficar sentado muito tempo, olhando para baixo, com o pescoço dobrado.

Em Gênova nosso enderêço mais seguro é Consulado do Brasil. Que excelente gente a do Martins!

Todos os meninos vão agora bem.

Muitas saudades nossas a todos de casa e para você um abraço do

Irmão mto. amº

JOAQUIM NABUCO.

Suponho que você não terá tido notícias de Petrópolis. Avalio o seu estado. Console-se, porém, pensando que a vida é isso mesmo e que nada está faltando a seu bom pai.

A Tobias Monteiro

Cannes, 19-5-03.

Meu caro Tobias,

Muito lhe agradeço sua boa carta, o livro que me mandou do Guanabara, com uma tão lisonjeira referência a mim (1). Escrevi hoje ao Rodrigues que lhe mostrará o que digo dos meus trabalhos. Nada sei do que se passa por aí. Vejo, porém, que você parece satisfeito e animado. Eu estou todo no Tacutu e no Rupununi e aí ficarei todo êste ano. Não conte por isso cartas comigo, e creia que sempre que penso em você é com o mesmo carinhoso afeto que você conhece. Seus artigos sôbre o Paraná chegaram-me incompletos. O final do IV está forte, se você escrevesse sempre assim, seria um propagandista de fôrça. Não sei se você leu um livro que tem feito grande sensação nos Estados Unidos — *Up from Slavery.* Os livros devem ser todos êles campanhas.

(1) *A Presidência Campos Salles,* pág. 184.

Por que o *Jornal* o não traduz? Mando um exemplar.

Exceto a artificialidade dos jardins e o uso mercenário das flores, êste lugar é delicioso. Lembra muito o Rio em Botafogo, e por isso talvez o Imperador o preferia.

Do seu mtº. afº

JOAQUIM NABUCO.

A Tobias Monteiro

Cannes, maio 20, 1903.

Meu caro Tobias,

Você sabe a amizade que me liga desde a campanha abolicionista ao Antônio Carlos (1), de quem por vêzes lhe tenho falado. Recomendei-o muito ao Rodrigues, mas êle tem tanto que fazer e deve interessar-se por tanta gente que preciso que você de vez em quando lhe lembre o interêsse que tomo por aquêle nosso amigo. Êle foi, ausente na Europa, vítima do desastre da firma a que pertencia, estava então entre a vida e a morte. Se lá estivesse êle mesmo, as coisas se teriam passado diferentemente. Êle é com efeito da antiga escola de comerciantes do Recife, o mais respeitável comércio nacional que tenha havido entre nós, e foi anos seguidos a alma da casa Burle & Cia. Como agente por alguns anos da *Messageries Maritimes* foi o melhor agente que a Companhia podia desejar. Como você é muito amigo do Bulhões (2) e sua intervenção pessoal vale mais do que uma carta minha, veja se secunda os esforços que aí se fizerem por êle. Você sabe que eu não acredito senão no que um faz e por isso peço a você que seja êsse um. Ainda há pouco eu lia essa frase de Napoleão, que na guerra o que importa não é o número de homens, é *o homem.* Veja se você me vence essa

(1) Antônio Carlos Ferreira da Silva, por cujo dedicado e precioso auxílio em suas eleições no Recife Nabuco tinha a mais justa e profunda gratidão.

(2) Leopoldo de Bulhões, ministro da Fazenda do govêrno Rodrigues Alves.

campanha. Você não viveria com o Antônio Carlos sem fazer dêle o alto conceito que eu faço, e como você é um inventor de homens, invente êsse (1).

Do seu mt° af° am°

JOAQUIM NABUCO.

A João Ribeiro

Cannes, maio 21, 1903.

Meu caro amigo,

Quisera poder auxiliá-lo na sua pretensão, mas com que pesar o faria! Deus o favorece com a saúde, e para quem tem saúde, e é um mestre, desterrar-se, sobretudo com filhos, é sempre um êrro, porque não há terra tão boa, tão doce, tão generosa como a nossa. O seu lugar é aí. A subtileza, a variedade e a originalidade da sua feição literária em parte alguma seriam tão bem apreciadas, e em qualquer meio que não lhe fôsse inteiramente simpático e, deixe-me dizer-lhe, vassalo seu, degeneravam, desviavam-se, atrofiavam-se. Falo pelo seu papel, que será muito grande aí. E os filhos! Como crescem êles sem raízes, sem expansão exterior, sem relações naturais, sem as inúmeras reações da terra natal, sôbre o desenvolvimento harmônico e a personalidade nacional, racial, do homem?

Confie na conquista que o seu talento há de por fim fazer de todos, como já fêz dos que têm a intuição do que é grande e singular sem que a nomeada primeiro a desperte. Uma carta minha ao Rio Branco de nada valeria, onde a sua aspiração não bastasse por si mesma. Êle é ambicioso de agradar aos homens que representam, como o senhor, a suma e o cume da intelectualidade brasileira. Para mim, porém, seria uma extraordinária violência escrever-lhe naquele sentido. Não quisera ser cúmplice nessa expoliação, nesse atentado contra as nossas letras, e o nosso pequeno patrimônio intelectual. Se uma carta minha servisse, esta

(1) Antônio Carlos Ferreira da Silva foi nomeado redator comercial do *Jornal do Commercio* e exerceu o cargo até morrer em 1906.

serve, mas pelo amor de Deus, não a mostre, não me associe a êsse banimento, que por ser voluntário é ainda mais odioso, para o govêrno que se submeter a êle. Se quer sair do Brasil, faça-o sem a responsabilidade dos que o consideram uma das superioridades e o orgulho da nossa terra.

O Graça escreve-me sôbre a sua colaboração no « Correio da Manhã » e sôbre a reação clássica portuguêsa de que levantou a bandeira. Suas opiniões são estados de espírito, e por isso no futuro far-se-ia uma vez produzidas tôdas elas, o mais sedutor dos Diálogos, umas arguindo e respondendo às outras, tôdas com a vantagem do seu talento.

Do seu amigo e colega af.

JOAQUIM NABUCO.

A Machado de Assis

Challes, 18 agôsto, 1903.

Meu caro Machado,

Meu voto é pelo Jaceguai, caso êle se tenha apresentado. Se o Quintino se apresentar, será do Quintino, pela razão que dou na carta inclusa quanto aos da velha geração. Não creio que o Jaceguai se apresente contra o Quintino. Nesse caso você explicaria a êste o meu compromisso: a minha idéia sôbre a representação da Marinha, que mesmo a êle não deve ceder o passo; a minha animação ao Mota (1) dizendo-lhe que desde a fundação eu pensei que homens como êle, Lafaiete, Ferreira Viana, Ramiz Galvão, Capistrano e os outros que você sabe, deviam ser dos que têm a honra de ser presididos por Machado de Assis. Vejo que você presidiu ao Presidente no outro dia. Isto lhe devia ter causado prazer. O discurso do Oliveira Lima estêve excelente; o que êle disse menoscabando a diplomacia e a cozinha francesa (as duas coisas de que êle mais gosta; a terceira,

(1) Artur Silveira da Mota, Almirante Barão de Jaceguai.

você sabe, é fazer livros), foi naturalmente para a galeria. O Salvador (1) manteve as tradições acadêmicas, não deixando sem retribuição em boa moeda portuguêsa, e manoelina, a hospitalidade portuguêsa. É singular que a Academia Brasileira de Letras precise do agasalho do Gabinete Português de Leitura. Nem nisso faremos a nossa independência literária?!

No caso de não haver candidatura Jaceguai, à qual eu daria o meu voto no conclave, quando mesmo êle quisesse ter êsse voto único (único parece não seria, pelo que me disse o Graça Aranha), nem candidatura Quintino... O Quintino, você sabe, estêve sempre associado para mim com você; eram, segundo me lembro, o Castor e Pollux dos meus quatorze anos, por volta de 1863, e o brilho do talento dêle foi muito grande. Como todos os que se desindividualizam, ou despersonalizam, para se tornarem coisa pública, propriedade das massas, matéria demagógica, podemos dizer, o diamante nêle desapareceu no cascalho, e desde a República ainda não lhe li uma página, nem sequer uma frase, que me lembrasse o antigo escritor. Mas ainda assim, pelo seu passado, êle tem direito à nossa homenagem, e não há dúvida que mesmo hoje lhe bastaria (sei que isto lhe é impossível, mas só isto) sacudir os andrajos políticos para mostrar o velho paladino intemerato, com aquêle gládio arcanjelesco, tão nosso conhecido. Ou estarei eu enganado? O Salvador pareceu-me sem sôpro, ainda que sempre epigramático, o que é sinal de vitalidade e poder criador em literatura. 1º Você, que é o mestre no epigrama, sabe que enquanto os pode compor, o escritor não decaiu. 2º ainda que não se sinta o mesmo ilimitadamente. Isto seria uma tolice aplicada a você mesmo; não me creia, eu mesmo, tão decaído que tivesse podido unir mentalmente os dois membros da frase, que agora vou numerar e separar com tinta encarnada. Você sabe disso, mas não por si, que, Deus louvado, é ainda ilimitadamente a nossa glória, e o nosso mestre. Explico-me sòmente porque sei que você é desconfiado e modesto.

No caso de não haver candidatura Quintino, nem Jaceguai, o meu voto será pelo Euclides da Cunha, a quem peço que então você faça chegar a carta inclusa. Se o Jaceguai nos freqüenta ainda, mostre-lhe o que digo dêle nessa carta ao Euclides.

---

(1) Salvador de Mendonça.

Estou muito cansado. Desta vez em 6 meses darei 6 volumes para juntar aos 8 da primeira Memória. Fico assim em 14. Em dezembro darei mais 2, — 16. É um *record*, uma biblioteca de *in-folio* em um ano. A memória já está aí na Secretaria. Os meus amigos e os que se intêressam pelo assunto devem recorrer ao Rio Branco.

Muitas saudades a todos sob o seu anel, meu caro Machado, e creia-me sempre seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Euclides da Cunha

Euclides da Cunha acabava de publicar Os Sertões, *que seria logo consagrado e que a posteridade colocaria entre as três ou quatro obras mais importantes da literatura brasileira, e apresentava-se candidato à Academia de Letras.*

Challes, 18 agôsto, 1903.

Meu caro colega,

O meu voto seria pelo Jaceguai, se êle se apresentasse, por causa dêle mesmo e da Marinha, que não está representada na Academia. Eu penso que os moços que têm a vida diante de si devem um tanto ceder o passo aos que precisam de animação para se demorarem ainda na cena, e quando se passou Humaitá há quase quarenta anos depende-se um pouco do favor do público para viver. A admiração faz nesses casos o efeito das estricnina. Como, entretanto, o nosso glorioso Artur Silveira da Mota não se apresenta ainda, tenho o maior prazer em dar-lhe o meu voto. Agradeço-lhe o seu livro, que já se tem lido com admiração em roda de mim, mas no qual não pude ainda tocar. Estou neste momento no mais aceso da luta, como se diz, entrevendo, porém, à distância que já se pode medir, o fim dela. Então, isto é, com mais cinco meses, terei acabado os meus trabalhos, que há três anos me mantém afastado de tudo que é literatura. Poderei então ler e escrever outra coisa que não seja

Tacutu e Rupununi, se não ficar enterrado antes nos campos do rio Branco. Não pretendo, porém, esperar até lá para ler o seu livro. Vou ter agora um intervalo de um mês, e essa será a minha primeira, e confio forte, distração intelectual. O Graça Aranha admirou-o muito, e isto me faz levá-lo com confiança em meu saco de viagem. Desejando-lhe uma eleição triunfante, creia-me seu muito sinceramente

JOAQUIM NABUCO.

A Silvino Gurgel do Amaral

Silvino do Amaral, diplomata de carreira, tão culto de espírito como de maneiras, havia sido segundo secretário da legação do Brasil em Londres no princípio da gestão de Nabuco. Em Washington serviria também com êle, a pedido do próprio Nabuco, no pôsto de conselheiro de embaixada. Em tempo, seria por sua vez embaixador em Washington.

Nessa ocasião, tendo publicado um livro de merecimento, Grotius, *Silvino do Amaral teve seu nome lembrado por alguns amigos para membro da Academia Brasileira de Letras.*

Challes, 4 de set. 1903.

Meu caro dr. Amaral,

Muito lhe agradeço a sua tão carinhosa carta, cheia da sua natural bondade e da de dona Isabel. Não deixe o tempo e a separação diminuírem a afeição que nos têm. Um dia iremos com prazer visitá-los à sua legação e pela minha parte remoçarei vendo-o ministro do Brasil. A sua boa carta chegou depois de ter eu escrito ao Machado de Assis dando instruções sôbre meu voto. O meu candidato era o Jaceguai. Por amor à Academia quisera ver lá a Marinha, e desde que temos um escritor que forçou Humaitá o lugar dêle está apenas esperando que êle o queira forçar. Não se apresentando o Jaceguai nem o Quintino, pedi que desse o meu voto ao autor de um novo livro sôbre Canudos que o Graça me diz ser notável. Não sabia ao certo da

sua candidatura, mas deixe-me dizer-lhe que a acho ainda prematura. Não se vá zangar comigo como o Domício, porque eu lhe disse que a nomeação dêle para ministro em Washington devia ser feita pela opinião pública. A sua entrada hoje para a Academia não significava nada, o seu livro, com as qualidades que revela, não lhe conquistou ainda a opinião. Há nêle traços de um escritor que o tempo tornará superior a quase todos que hoje não o consideram como o sendo. Eu o quisera para meu substituto na Academia, porque em nenhumas mãos me sentiria melhor, mas é também porque sei que o talento e a evocação terão um dia maior parte na sua obra do que a tenacidade e a fadiga. Dê tempo ao tempo e creia na minha èxperiência. O prazer de entrar moço para a Academia satisfaria no sr. sentimentos de emulação com outros e o amor das condecorações; mas o prazer de forçar as portas da Academia pela opinião do país inteiro, e quem sabe? do mundo, lhe causaria (ou lhe causará, se não entrar antes pela simpatia, amizade, e mesmo mérito comparativo da sua candidatura com a de outros) uma impressão diferente, de ter recebido uma espécie de tributo nacional. Digo-lhe tudo isto pela fé que me inspira o crescimento certo e a florescência futura do seu talento. Como lhe digo, estimaria que essas flores caíssem sôbre o meu nome. Isto lhe dá idéia de quanto próxima julgo a sua plena e perfeita expansão, porque sabe que eu considero a minha existência um « provisório indefinido » que se mantém ainda milagrosamente.

Não pense no caminho que os outros fizeram antes do sr. Êles tiveram essa aspiração mais cedo. A sua foi ser homem do mundo, e ainda hoje crêio que trocaria as glórias do Soveral (1) pelas de Alexandre Herculano, ainda que preferisse ser enterrado nos Jerônimos a sê-lo em Windsor. Depois, porém, que a sua ambição literária se manifestou, que progresso. Eu confio muito na solidez da sua reputação futura. O sr. tem em casa a experiência que deve evitar, de prodigalizar inùtilmente talento. Não creia que seu pai (2) nascesse da ordem dos efêmeros, ainda

(1) O marquês de Soveral, ministro de Portugal em Londres, onde sua popularidade e prestígio nos círculos da realeza e da aristocracia eram únicos no corpo diplomático.

(2) José Avelino Gurgel do Amaral, um dos mais brilhantes jornalistas do seu tempo.

que as côres mais delicadas sejam talvez as dêles. Êle tinha o poder de perpetuar-se. Não o quis, ou não pensou nisso. O sr. aproveitará melhor o que ainda resta do talento dêle, ou o que é o talento dêle transformado pelo brilhante enxêrto pernambucano, do qual o sr. descende. Muitas saudosas recomendações nossas a dona Isabel e dona Amélia do seu

Mtº Afetº

JOAQUIM NABUCO.

Deixe-me dizer-lhe quanto à mocidade que ela não pode ser um impedimento. Na Academia porém, é preciso fazer entrar de preferência os mais antigos. Sabe por que? Porque a Academia vive sòmente das suas eleições, se entram só os jovens haverá uma quadra sem eleições, e ela morrerá de todo. Acabei a minha segunda memória. São desta vez três volumes, fora os três outros de documentos. Com os oito anteriores, tenho imprimido quatorze em um ano. Estou-me parecendo com Grotius.

J. N.

A Salvador de Mendonça

Gênova, 3 de nov. 1903.

Meu caro Salvador de Mendonça,

Muito lhe agradeço o seu folheto com o discurso da Academia que eu já tinha lido com prazer. Você sempre o mesmo espírito fascinador que desde a Academia me habituei a admirar. A sua reintegração no Corpo Diplomático foi uma verdadeira satisfação para os seus amigos.

Muito me recomendo à Mme. Mendonça, que foi sempre tão amável comigo.

Espero que sua saúde vá sempre resistindo ao clima de Itaboraí, se êste é, como o da minha conhecida e saudosa Maricá, tão gerador de febres estranhas e insidiosas.

Do seu velho amº e colega

JOAQUIM NABUCO.

A José Carlos Rodrigues

Hotel St. Petersbourg.
Nice, 15 nov. 1903.

Meu caro Rodrigues,

Acabo de saber pelo William (1) que você está em Londres, e você pode imaginar o prazer que a notícia me causou e o meu desejo de encontrar-me de novo com você. Espero que o motivo da sua vinda não fôsse de saúde sua nem do seu sobrinho. Como deixou a sra. sua irmã?

Estou neste momento ocupadíssimo e terei três meses, até o fim de fevereiro, de trabalho incessante de 10 a 12 horas por dia, para o qual peço a Deus me dê fôrças. Pretendo fazer aqui a minha 3ª Memória, receando, porém, ter que passar o último mês em Paris para evitar a perda de tempo na remessa das provas e as explicações por escrito à tipografia. Em março irei para Roma. Estarei então livre outra vez depois de uns cinco anos de cativeiro a um só assunto e preocupação.

Espero que o seu programa de residência êste inverno se harmonize, por algum tempo pelo menos, com o meu, de modo a estarmos juntos. A Roma suponho que você virá, mas eu quisera persuadi-lo de vir à Riviera antes.

Há aqui dois lugares, ou hotéis, ideais, um o do Cap Martin, outro o Angst em Bordighera. São duas vistas incomparáveis e um confôrto para Vanderbilts. O do Cap Martin está solitário numa floresta de pinheiros sôbre o mar. É uma impressão de mar inapagável. O de Bordighera tem o mar ao longe, mas domina um bosque de oliveiras e palmeiras de uma beleza excepcional como chão.

Dê-me notícias suas e animadoras, isto é, de que seu programa não exclui o nosso encontro êste inverno.

Sempre seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) William Waghorn, contínuo da Legação em Londres.

A Oliveira Lima

Nice, 25 Dez. 1903

Meu caro dr. Oliveira Lima,

Só tenho tempo para lhe mandar nossos felizes votos pelo dia de hoje, juntamente com os do Ano Novo. Já agora escrevo para o Rio, porque não o suponho em caminho para o Peru enquanto não tiver de todo acabado a questão com a Bolívia.

Senti muito que o Rio Branco o tivesse desgostado (inùtilmente, ainda mais), mas não tenho dúvida de que o fêz sem pensar magoá-lo. Foi uma infelicidade, porque ao sr. deve-se sempre trazer contente, e não descontente, porque o seu espírito é dos que só produzem bem e direito na prosperidade, e não temos muitos da sua ordem. Mas suas cartas me causam pesar por ver que o sr. contraiu verdadeira animosidade contra o nosso amigo. Não se abandone a êsse sentimento. Homens como o sr. e êle devem ter sempre a solidariedade da sua própria culminância. É preciso relevarmos os procedimentos menos corretos para conosco daqueles com quem temos de cooperar no interêsse do país, seja, como é o seu caso, na mesma carreira ou na mesma obra, isto é, na diplomacia e na história do Brasil. Aí está o meu sincero e leal sentimento. No mais não preciso dizer-lhe que os nossos votos são que êsse incidente se resolva do modo mais feliz. Não me resigno entretanto à perda do livro que já o estávamos vendo compor sôbre o Pacífico e a América espanhola. É um assunto que me parece especial para o sr., e que todos ganharíamos e o sr. ganharia muito como futuro ministro de Exterior com o conhecimento direto da América espanhola, já lho disse uma vez.

Nossas saudosas recomendações a dona Flora. Sua demora aí está me inspirando receios e tenho muito mêdo de alguma intriga entre dois amigos que se deveriam fazer recíproca justiça.

Creia-me sempre seu colega e amigo obrigado.

JOAQUIM NABUCO.

1904

Ao barão do Rio Branco

Ministro das Relações Exteriores

Nimes, 3 de março de 1904.

Meu caro Paranhos,

Sòmente você pode avaliar o trabalho que tive para entregar ao Rei entre 27 de fevereiro de 1903 e 25 de fevereiro de 1904 os 18 volumes que neste momento êle está folheando. Por isso não lhe tenho escrito. Imagino também o seu trabalho pelo fato de não ter eu também nunca recebido uma linha sua durante todo êsse tempo.

Tanto quanto me era possível acompanhei a sua questão aí, mas confesso que sem tempo suficiente para ler senão o que você escreveu. Como é que o Andrade Figueira se abalança a julgar dos seus trabalhos na questão das Missões, na do Oiapoc e na do Acre? Você goza do privilégio de ser o único a poder julgá-los.

Sentirei muito se entre você e o Jaceguai se aprofundar a atual separação; mas se êle tivesse escrito *contra mim* como escreveu contra você eu não deixaria aprofundar-se a diferença. A minha teoria é que os homens de primeira ordem como você e êle são poucos em nossa vida pública e devem procurar aproximar-se e não incompatibilizar-se, isso quanto a você. Quanto a mim, a teoria é outra: é que os que foram amigos e deram provas repetidas do seu aprêço mútuo e das suas afinidades comuns devem zelar essa parte de si mesmos que está no outro. Ora, nem seu pai nem você mesmo tiveram maior admirador do que o Jaceguai. Deixe assim passar o *Fel brille*.... Quando êle escreveu você lhe parecia em eclipse, êle terá tempo para o ver brilhando em tôda a sua luz.

Pelo que imagino os ataques pessoais por um lado e as dedicações pessoais por outro o estão inclinando a aceitar o papel que eu sempre lhe augurei em nossa política. Êste é o período do tirocínio, depois virá o da *maîtrise*. Assim seja! Você é uma

garantia tanto para a ordem como para a liberdade. Você sempre me pareceu feito para a luta política, só lhe faltando o estímulo e o gôsto. Êste último parece que está vindo; e estímulo, não tenho dúvida que os próprios que o quiseram afastar lho criaram. Dêsse modo não o vejo deixando a pasta senão para se desincompatibilizar.

Escrevo-lhe dêste lugar porque estou acompanhando Evelina até Toulouse. Com os cinco filhos pequenos ela não podia pensar em ir a Roma por quatro ou cinco meses. Não sei se me demorarei lá todo êsse tempo, ou se voltarei para Londres durante a « season », indo a Roma, ou para o lugar onde a sentença tenha que ser dada. Você sabe que a minha política em um arbitramento é antes apagar-me como um advogado perante um juiz honesto, mesmo porque, se o juiz fôsse sensível a influências pessoais os meus movimentos despertariam a atividade da outra Parte, que dispõe infinitamente de mais recursos para agradar do que nós. Tudo que eu faça deve ser feito sem relação com o arbitramento, de outro modo tudo pareceria suspeito aos próprios que recebesssem as minhas finezas. O essencial é estar eu à disposição do Rei para esclarecer quaisquer dúvidas, e por isso não me afastarei enquanto a questão estiver ainda na fase da leitura das Memórias. Os inglêses não têm ninguém em Roma para a questão. A carta do Raul (1) que lhe envio lhe dirá a intenção do Rei. Eu telegrafei ao Barros Moreira (2) que o levasse à audiência porque queria na minha ausência e na do Graça, que êle nos representasse perante o próprio Rei na primeira (talvez seja a única) audiência pessoal que êste depois de começado o pleito concedeu às Partes. Você sabe que êle é capaz de desempenhar uma comissão dessas do modo mais discreto, insinuante e preciso.

Quando tiver assentado as suas idéias sôbre o destino do pessoal da Missão deixe-me logo saber.

O Graça (3) é um homem feito para comissões importantes, tem iniciativa, imaginação, dedicação, expediente, faculdade de

---

(1) Raul Paranhos do Rio Branco, secretário da Missão Especial de Nabuco em Roma.

(2) Alfredo de Barros Moreira, encarregado de negócios do Brasil em Roma.

(3) Graça Aranha.

dirigir, e eu, se dependesse de mim, o punha à frente de uma legação na América do Sul. Não temos muitos homens como êle para conquistar simpatias para o Brasil. Digo-lhe isto do modo mais imparcial, pensando sòmente no brilho e eficiência da nossa representação. Êle tem os instintos todos do verdadeiro representante de uma nacionalidade jovem e em formação como o Brasil, e nos países onde precisamos de nos fazer estimar e criar amizades que valham alianças, como o Uruguai, a Argentina, Bolívia, Paraguai, Chile, Peru, e outros que nos rodeiam, êle lhe valeria de muito. Naturalmente, como a saúde dêle é delicada, não se lhe deveria dar o Paraguai.

O Raul é o seu retrato, sem ter tomado os seus gostos. Olhando para êle estou vendo o original, matando portanto as saudades. Êle deveria *estudar* o português, a prática sòmente não basta. Para a carreira diplomática, pelo menos na Europa, é melhor possuir completamente o francês do que o português. Por isso admiro-me que estranhem aí os nossos diplomatas não saberem bem o português, quando ninguém lhes estranha o não saberem o francês. Você e eu sabemos bem que sem o nosso francês não poderíamos ter desempenhado as duas últimas missões do Brasil em questão de limites. (A primeira Memória eu fiz traduzir e parte da segunda. A maior parte da segunda e os 4 volumes de terceira escrevi em francês).

Mas é essencial que êle *estude* o português como o Paulo (1) está fazendo, sistemàticamente. O temperamento dêle é, porém, antes para a desocupação do espírito; é uma tendência a combater, mas que só pode ser combatida pela responsabilidade própria, direta. A questão para você é descobrir essa responsabilidade educadora para êle, que o faça contrair o hábito do trabalho seguido, o *training* que não nos deixa mais passar sem o exercício. Primeiro secretário em Londres, quando o Cardoso fôr melhor colocado? Foi êsse o *training* do Corrêa, e deu bom resultado. Êle precisa, em uma palavra, de lastro, de carga. É um caráter muito puro e seguro, do qual você pode ter orgulho. Quando forçado a trabalhar o que êle faz é claro, lúcido, completo, e eu gosto muito do trabalho dêle. Como você sabe, porém, é preciso forçá-lo.

---

(1) Paulo do Rio Branco, segundo filho do Barão.

Os meus dois outros secretários estão esperando que você os contemple nas suas nomeações.

O Pacheco ficou em Roma para o expediente da Missão e correspondência; o Veloso me tem acompanhado sempre (1). Tenho tido assim ocasião de conhecer bem êste último, é um rapaz digno, escrupuloso, muito discreto, independente de recursos, inteligente, sempre pronto para o trabalho, redigindo bem em francês e português, e muito leal. Todos os outros têm fortes padrinhos, (o do Graça é o nome que êle criou e a opinião de todos que estiveram em contacto com êle), só o Veloso não o tem, e por isso minha obrigação é interessar-me por êle. Aliás o Rodrigues, esqueceu-me, lho recomendou muito. Estou certo que você que se tornou o padroeiro das Missões Especiais não apeará ninguém da nossa, uma vez acabada ela, isto é, não apeará da carreira nenhum dos que fizeram parte dela.

Agora outro assunto. Peço-lhe licença para levar comigo para Londres um auxiliar de primeira ordem que me ajudou até hoje, o sr. Jules Ruffier. Êle escreve o francês, o inglês e o português na perfeição e é um trabalhador infatigável. Mme. Ferreira lá está para ajudar o serviço das cópias, mas o Ruffier me ajudará como uma espécie de adido comercial sem pôsto para as informações econômicas e comerciais a transmitir para o Rio ou do Rio. É o *right man* nessa posição. Êle foi há duas gerações, professor de francês no Rio, trabalha dez horas por dia, e é de tôda confiança. Para mostrar-lhe o conhecimento que êle tem das nossas coisas comerciais e a cabeça metódica que possui, basta dizer que organizou para o negócio do café, que é a sua especialidade, um código telegráfico formando dois grossos volumes impressos. Eu não sei trabalhar sem um homem dêsses e estou certo de que a nomeação dêle me habilitará a dar muito desenvolvimento a todo o serviço das informações comerciais e das relações com a imprensa. Conto dar-lhe £ 30 pela verba de publicidade, Mme. Ferreira já tem £ 20. A imprensa inglêsa não é mercenária, o que é preciso é redigir as comunicações e trazê-las ao corrente dos nossos interêsses comuns. O Presidente, se o conhecesse, me disputaria essa aquisição, porque êle também

---

(1) Oduvaldo Pacheco e Silva e Aníbal Veloso Rabelo eram secretários, com Graça Aranha e Raul Paranhos do Rio Branco, da Missão Especial.

trabalha ao nosso modo, quando trabalhamos a fundo, não com os *dilettantes*, mas com os profissionais do trabalho. O sr. Ruffier é chefe de numerosa família que lhe faz honra tôda.

Agora quanto às minhas despesas extraordinárias em Roma nestes próximos meses.

Como você sabe, os meus vencimentos ficam cada mês nas mãos dos donos dos hotéis, tão grande é a minha família, e meses há, quando estamos separados, que gastamos o dôbro. Nesse excesso de despesas, nas que fiz para deixar Londres, nas que fiz em Roma o ano passado e vou fazer êste ano, desaparece a ajuda de custo que recebi. Tenho tido por causa das mudanças contínuas e da vida de hotel o máximo de despesas. Por isso não poderei fazer nada agora em Roma se você não me autorizar a dar por conta da Missão três ou quatro grandes jantares oficiais de trinta a quarenta talheres cada um. Êsses jantares não terão nenhum aparato excessivo, mas se os puder dar, darão brilho à Missão Especial. No ano passado dei uma série de pequenos jantares, e um grande, mas só dando três ou quatro posso incluir tôdas as pessoas a quem me é preciso render homenagem no mundo oficial e na sociedade romana. Você decide e me *telegrafe* o limite, cada um dêstes jantares me pode custar 2000 francos (de 1500 a 2000) e eu juntarei a conta do Grand Hotel às despesas da Missão.

O Raul deu-me notícias de dona Hortência e da Baronesa (1), que se estão afeiçoando ao nosso país. Eu compreendo essa conquista lenta e suponho que se está operando igual sôbre você. A Baronesa há de estranhar muita coisa, mas há de ter também encontrado muitas outras que se harmonizem com os seus gostos e inclinações. As pessoas de alta cultura se encantam mais da nossa terra do que os espíritos exclusivamente mundanos. O Tautphoeus é a melhor prova. E tantos outros.

Adeus, meu caro amigo. *Sic itur ad astra.* Você parece mais orgulhoso do seu Acre do que do seu Oiapoc ou das suas Missões, Deus o fade bem e remova quanto antes do seu caminho essas veleidades do Peru. Não sei lhe dizer o meu reconhecimento a Deus por me ter deixado levar a cabo a emprêsa dos meus 18

---

(1) Baronesa de Berg, governante e amiga das filhas de Rio Branco.

volumes! Empreguei nela tôda a minha vida, mas a minha saúde em vez de diminuir melhorou com o regime das 10 horas (às vêzes 12, às vêzes 14) de trabalho por dia, sem exceção senão dos dias de viagem, *et encore*!

Você sabe o que isso é!

Muitas saudades do

Velho amigo

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão do Rio Branco

Ministro das Relações Exteriores

Roma, 14 de março de 1904.

Meu caro Paranhos,

Quero ter o prazer de apresentar-lhe o meu amigo desembargador Domingos Alves Ribeiro. É um dos meus mais íntimos amigos, e devo essa amizade ao Dantas, e também, indiretamente, ao José Bonifácio. De ambos êle foi amigo dedicadíssimo. Por minha vez a transmiti ao nosso Eduardo Prado, que não teve no fim da vida amigo maior.

Como você vê, não é uma apresentação comum que lhe faço. O meu papel limita-se a pô-lo em contacto com você. O resto um e outro me dirão algum dia.

Do seu sempre dedicado

J. NABUCO.

A dona Maria Ana Soares Brandão

Roma, março 28, 1904.

Minha cara dona Marocas,

Há muito que não lhe escrevo, mas... imagine que em um ano e meio apresentei ao rei d'Itália 18 grandes volumes impressos! Tive para isso que suspender tôda a minha correspondência, ocupar-me exclusivamente do meu assunto. Não sei como pude

levar a cabo a tarefa. Estou, porém, muito melhor do que a sra. me viu aí quando escrevia a *Vida* de meu pai. É isto efeito do clima, da variedade de climas que tive durante a composição dos meus volumes; foram, com efeito, escritos em Londres, à beira-mar inglêsa, em Paris, Gênova, na Saboia, em Cannes, Nice, na Corniche de Marselha, sôbre o mar, e de novo em Paris. Foi essa mudança que me permitiu trabalhar seguidamente de dez a doze horas por dia sem excção de um só dia durante mais de um ano. Deus seja louvado! Agora resta-me esperar a sentença, mas fiz o que podia e estou contente com o meu trabalho; não deixei de pé, estou convencido, a menor alegação contrária; o mais não depende de mim, mas do juiz.

Vejo que a senhora continua inconsolável como eu sempre imaginei. Que poder de sofrer! não digo de resistir ao sofrimento, porque a resistência ao sofrimento não é assim tão rara, mas de criá-lo, de entretê-lo, de fazer dêle o objeto da vida! Creia-me, é muito raro, e se eu peço a Deus alguma coisa é que Evelina não seja uma viúva assim. Graças a Deus não o será. A senhora me dirá que não é a senhora mesma que cria o sofrimento; que a sua saudade é uma ferida sempre aberta. Mas, diga-me em consciência, não é verdade que a sra. se abandona a ela, se entrega ao sofrimento em vez de reagir, e não tem o sentimento de que essa dor assim exagerada é um pecado contra Deus? O nosso Brandão não teria tido um momento de felicidade, teria sido o mais infeliz dos homens, se pensasse que êle seria causa de um fim tão triste para a senhora. É por êle que lhe falo assim, porque essa tragédia me parece uma injustiça feita a êle, assim como é uma injustiça a seus filhos e netos, que deviam ser o consôlo da sua viuvez. Evelina será uma viúva muito solitária e muito saudosa, mas eu peço a Deus, como suprema misericórdia comigo, não permitir que ela se entregue ao seu sofrimento. A mulher não se deve enterrar viva no túmulo do marido; ainda eu compreenderia a mãe enterrando-se viva no túmulo do filho (não estou falando religiosamente, mas do ponto de vista da natureza), mas não a mulher no do marido.

Dêsse modo não podemos falar do Brandão. Se a lembrança dêle produz a tortura da alma, em vez de alívio, da expansão da plenitude do reconhecimento a Deus, quem se aproximar da senhora deve evitar êsse assunto. Quer a sra. isso? Eu tenho

muita saudade dêle, sinto-lhe muito a falta e compreendo, do meu sentimento para o seu, que a lembrança dêle não lhe possa vir nunca senão entre lágrimas. Mas não devem ser lágrimas de desespêro! Devem ser lágrimas doces, amigas, companheiras, em que os filhos vejam refletir-se a antiga felicidade dos pais. Isso que a sra. faz é um suicídio lento. Quanto sinto não estar aí para procurar suavizar para a sra. a recordação do passado que lhe é tão cruel, quando lhe devera ser tão consoladora! Como o nosso pobre Brandão sofreria se a tivesse imaginado assim! Por amor dêle e de seus filhos, por amor de si mesma, é preciso que a sra. faça cicatrizar a ferida do seu amor. Não creia, como diz em sua carta, que o seu assunto seja monótono para mim e que por isso não lhe escrevo. Eu lhe escrevo tanto como a quem mais eu escreva. Não lhe escrevo mais por falta de tempo e cansaço de mil obrigações. Ao contrário o assunto pela sra. e pelo Brandão interessa-me sempre muito e da mesma forma, mas eu não lhe posso escrever um Tratado das Consolações, como precisaria, por estar escravizado à minha tarefa. Deixe-me saber um dia que Deus lhe deu a graça de pensar docemente, carinhosamente, e não mais trágica e desesperadamente, na suave e harmoniosa imagem do Brandão. Será um grande prazer para nós.

Saudades a Maria, ao Francisco, ao João, às sras. suas noras e um beijo aos netinhos.

Creia-me sempre, minha cara dona Marocas, o seu velho amigo e do Brandão,

JOAQUIM NABUCO.

A dona Maria Ana Soares Brandão

Roma, 25 de maio 1904.

Minha cara dona Marocas,

Sua última carta está muito melhor. Não estranhe a palavra trágica. Tudo que é ilimitado, que não transige, que se sente irreparável é trágico. Tome a palavra no sentido clássico e não no de paródia. Se sua esperança é a outra vida, o encontro com o Brandão para sempre, e se se prepara para êle pela caridade, prepare-se também pelo absoluto reconhecimento a Deus. Ora

o reconhecimento absoluto a Deus não pode gerar senão a felicidade, a conformidade, e portanto a alegria interior. O caso da mãe que perdeu os filhos é diferente do da viúva. Aquela pode-se considerar ferida por Deus, ao passo que esta foi poupada durante tôda a vida, e deve dar graças, quando verdadeiramente amou, de não ter caído ao marido a triste e inevitável sobrevivência.

Escrevo-lhe como o Brandão lhe escreveria, se as almas pudessem corresponder-se. Êle foi a serenidade no amor e na dor, e satisfazia *todos* os seus sentimentos como hipotecas do coração que são. A senhora só quer pagar a sua dívida para com êle, esquecendo que êle mesmo foi que a constituiu em dívida, são as hipotecas de que lhe falo, para com seus filhos e netos, que hoje são *êle,* tanto como se êle estivesse ainda no mundo em pessoa. É muito curioso, mas minhas cartas à senhora são escritas pensando em Evelina, na espécie de viúva que eu quisera que ela fôsse.

No outro dia dei um jantar no Grand Hotel de que lhe mandei a planta. Ontem dei outro no Pincio; com a vista de Roma aos pés e ao luar, o quadro era esplêndido — tínhamos os jardins (que a essa hora, ainda agora, estão fechados para o público) sòmente para nós.

Aqui estou, pendente a próxima Sentença, preparado para subir ao Capitólio, ou para ser arrojado da Rocha Tarpéia.

Muito estimo que todos os seus estejam bem, peço-lhe que me recomende a cada um especialmente, na ordem em que se lembram de mim, e creia-me sempre, minha querida dona Marocas, muito verdadeiramente seu,

JOAQUIM NABUCO.

A Oliveira Lima

Eden Palace Hotel, (Gênova)
Maio 27.1904

Meu caro dr. Lima,

A minha carta ao Rio Branco foi o que devia ser, disse-lhe o que devia, e podia, dizer-lhe; e está claro que não estamos

em tal pé que uma calorosa recomendação minha provoque um raio dêle contra ninguém. Não tenho cópia, mas o que lhe disse foi que, se êle não precisava absolutamente dos seus serviços no Peru, o tranqüilizasse com um telegrama, por ser grande o seu receio de ter que « fazer » um oceano depois do outro, três grandes mares no todo! Não sei, porém, se minha carta teria chegado a 13. Ela foi escrita a 21 ou 22 de abril, tendo partido de Gênova a 23. Não sei se a 13 de maio já estaria distribuída de modo a ativar o telegrama. Há tempo, de certo, desde que são dezenove dias, ou vinte. Haveria, porém, vapor? Como quer que seja, não tenho culpa. Agora quanto ao telegrama. O que vejo é que o Rio Branco dá grande importância à questão do Peru e como êle é da diplomacia ativa e imediata está nervoso com a falta de um ministro no Peru da confiança dêle e êle não suporta bem o estado nervoso como o sr. também o não suporta. São os defeitos das grandes qualidades. O prazo que êle tem pelo acôrdo com a Bolívia é muito curto e vejo que tomará parte nas negociações o ministro do Peru. Os têrmos do telegrama mostram apenas a urgência que êle tem de dar uma solução sôbre o caso da nossa representação diplomática em Lima. A sua carta prescinde dessa urgência e da importância da questão, vendo no telegrama uma descortesia pessoal, que absolutamente não existe. Evidentemente há *outro* modo de ler o telegrama. O seu não me parece o correto. É um apêlo forte, mas é sòmente um apêlo. Êle conhece o seu mérito, e se tem *favoritos,* o sr. é um dos primeiros. A sua infelicidade neste caso é ser capaz.

Muitas lembranças nossas afetuosas a dona Flora e a Mme. Beltrão e ao Beltrão. O Rio Branco deu a êste a licença? Ao Costa Mota êle não deixou ir aumentar o número dos « licenciados », que diz ser muito grande atualmente.

Não deixe dona Flora abater-se com êste pequeno eclipse. Vai ser um *Veni, Vidi, Vici,* a viagem.

Creia-me sempre seu, meu caro dr. Lima,

Colega, am.º af.º e ob.º

JOAQUIM NABUCO.

A Artur de Carvalho Moreira

A amizade fraternal de Nabuco com Artur de Carvalho Moreira, filho do barão de Penedo, começou ao ingressarem ambos na Faculdade de Direito de São Paulo e nunca sofreu alteração desde os dèzesseis anos até a morte de Nabuco. Foi graças a essa amizade que o jovem Nabuco, chegando a Londres para servir como adido sob as ordens do barão de Penedo, foi acolhido por êste e pela Baronesa como filho de casa. Artur ingressara também no serviço diplomático, mas deixou a carreira prematuramente no cargo de primeiro secretário. Nabuco, em Minha Formação, *chama-o « um dos mais finos espíritos da nossa geração acadêmica ».*

Aulus (Ariège)
14 de julho de 1904.

Meu caro Artur,

Muito te agradeço tua boa carta. Já te havia agradecido o teu telegrama. Obtivemos menos do que a Inglaterra nos oferecia, o que mostra o perigo do arbitramento, mas nenhum govêrno teria fôrça para fazer passar nas Câmaras o acôrdo direto.

Não deixei nunca de lembrar-me de ti em Roma, onde tanta coisa te lembrava, nem em Londres, onde as evocações são mais numerosas ainda. *Nessun maggior dolor*... e é isto sempre o que me impede de escrever-te. Não me posso ver nesta carreira e no meu pôsto sem sentir que a sorte te atraiçoou. É a profunda tristeza dêsse confronto que muita vez me tem tirado o gôsto de falar-te de mim e pedir notícias tuas.

De que serve dizer-te isto? Consola-te? Aumenta tua aflição? *Qu'en sais-je!* Mas ficas sabendo por que não te escrevo amiúdo.

Muitas recomendações minhas para todos os teus e para ti um saudoso abraço do teu velho amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Carlos Magalhães de Azeredo

Aulus (Ariège)
16 de julho de 1904.

Meu querido poeta,

Muito lhe agradeço o retrato do seu vilino. A sombra realmente é grande... para aí. Estou desejoso de ver o nosso « quadro vivo ». Os correios me chegam cheios de cartas expressivas e simpáticas que me fazem ainda mais pena. Queira-me sempre bem e fique certo que não amortiza a dívida.

Que saudades de Roma! Realmente depois de anos de convivência quem se pode separar dela! Começo a compreender a gravidade do seu mal, da sua doença sagrada.

Meus cumprimentos afetuosos a cada imagem do seu tríptico. (Duas podem ir em um dos painéis).

Do seu muito e crescente admirador

JOAQUIM NABUCO.

A Jaime Batalha Reis

Batalha Reis, cônsul de Portugal em Londres quando ali estêve Nabuco, era o brilhante escritor português em cuja casa seus grandes contemporâneos e patrícios, Eça de Queiroz, Antero de Quental, Ramalho Ortigão, jovens todos, se reuniam em Lisboa, no que chamaram o cenáculo, *para conversar noites inteiras sôbre seus propósitos juvenis de reformar o mundo e a literatura.*

Em Londres, já passado os cinqüenta, Batalha Reis freqüentava assìduamente Nabuco e Graça Aranha. No isolamento intelectual do mundo anglo-saxônio e na saudade do sol de Portugal e do Brasil, era para um e outros verdadeira alegria encontrarem-se, fraternalmente unidos pela língua e a cultura comum.

Aulus, 17 de julho de 1904.

Meu caro amigo,

Muito grato lhe fico pela sua ótima carta que parece ter sido escrita depois da sentença para me consolar dela com o disfarce da ante-data, sugerido pela amizade, a qual também pode ser genial.

Estou acabando o meu destêrro de Aulus e breve aí estaremos de novo, como outrora, e não preciso dizer que nessa escuridão de Londres não distingo outro raio brilhante e vivificador como o que me vem da sua casa, raio duplo já se vê. Aceite pois as nossas recomendações mais interesseiras, pois desde já estamos pensando em ter o mais possível de sua companhia.

Creia-me, meu caro amigo,

Muito sinceramente seu

J. NABUCO.

Li as suas belas páginas, a admirável evocação do Eça, que o aumenta e faz crescer ainda mesmo para os que melhor julgavam conhecê-lo. Emprestei o meu volume ao Magalhães de Azeredo, que terá o cuidado de não restituir pelo muito que lho encareci e pedi que o levasse.

J. N.

A Tobias Monteiro

Aulus (Ariège)
18 de julho de 1904.

Meu caro Tobias,

Já lhes agradeci por telegrama a palavra que você e o Lopes me mandaram (1). O *Jornal* trata-me como um amigo fiel. Agora leio o belo artigo, de que o Rio Branco me telegrafara o clímax.

---

(1) A sentença arbitral dividindo o território em litígio entre a Inglaterra e o Brasil em partes aproximadamente iguais por julgar insuficientes as provas de um ou de outro contestante, fôra pronunciada pelo rei Vitor Emanuel III em 14 de julho de 1904.

Que lhe posso dizer senão que você sabe bem justificar-se e ao dr. Campos Sales? (1)

A sentença não me abalou, mas o movimento feito em tôrno do meu nome sensibilizou-me muito. Se falei em malôgro da nossa causa foi por não querer a êsse respeito dúvida alguma. O que salvamos foi o que os inglêses reclamaram em juízo para ficarem com o que obtiveram. Êles contam sempre com a partilha em arbitramento, e por isso mesmo não nos deixaram reclamar maior área em que entrasse território dêles. A linha Vitor Emanuel é a linha inglêsa, não é linha de transação. Podia ter-lhes dado o Cotingo. Mas então seria para acabar com o arbitramento. Aí atacam a isenção do Rei, êle pelo contrário é muito altivo; a nossa infelicidade não foi essa, mas, sim, o estudo da questão na parte histórica feito por amadores. Nunca se imaginou que o Rei quisesse êle mesmo estudar a questão. *Voilà.* Quanto ao jurista que êle chamou, o professor Fiore de Nápoles, era natural que, segundo as regras de que é o publicista na Itália, o território lhe parecesse não ter dono. Se lhe sujeitássemos a nossa soberania sôbre 2/3 do Brasil êle diria que não temos direito algum.

Estou muito grato à espontaneidade do movimento aí. O país fêz-me o representante do seu infortúnio em vez de me acusar por êle. Como digo ao João Ribeiro, isto é magnanimidade, é fé, é lealdade nacional.

Diga-me alguma coisa sôbre a distribuição das minhas Memórias aí. Hoje tenho duplo interêsse em que ela seja feita do modo mais cabal. É possível que o Rio Branco esqueça repartições, bibliotecas, escolas superiores, etc. Por isso lhe mando a nota inclusa.

No meio de tudo pense, meu caro Tobias, em ajudar-me a melhorar a posição do Antônio Carlos (2). Não ouso falar ao Rodrigues, mas o nosso diretor interino pode talvez decidir por si ou com certeza de aprovação.

Peço-lhe o favor de entregar êsse cartão ou de pô-lo na escrevaninha do Botelho (3), a quem me recomendo.

---

(1) Tobias Monteiro havia sido o agente que, no govêrno Campos Sales, persuadiu a Nabuco de deixar seu retraimento monárquico para aceitar a defesa do Brasil na questão da Guiana Inglêsa.

(2) Antônio Carlos Ferreira da Silva. Veja nota, pág. 147.

(3) Antônio Botelho, diretor interino do *Jornal do Commercio.*

Diga muitas coisas da minha parte ao chefe e creia-me inalteràvelmente seu

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão do Rio Branco

Ministro das Relações Exteriores

Aulus, 19 de julho de 1904.

Meu caro Paranhos,

Envio-lhe por êste correio registrado e em duplicata o Boletim de julho da Sociedade Italiana de Geografia com um artigo sôbre a sentença. O artigo é acompanhado de um mapa reproduzido do nosso, como o foi também o da Sentença. Êsse artigo é interessante, porque o Secretário da Sociedade de Geografia é o ex-oficial de marinha Roucagli, foi um dos que trabalharam com o Rei. Êle resume, provàvelmente, as conclusões a que chegaram o Rei e seus conselheiros sôbre os pontos de história debatidos entre as duas partes, e por êsse resumo pode você julgar da seriedade do estudo feito.

Em abril do ano passado eu lhe escrevia: « O receio que tenho não é de falta de imparcialidade, é de exame superficial, *amateurish,* da questão, é, se entrarem jurisconsultos políticos, de regras de direito *ad hoc* ». Foi o que aconteceu. Ninguém imaginou que o Rei quisesse estudar êle mesmo a questão. Ouviu e consultou a diversos, mas a decisão foi o resultado da opinião que êle mesmo formou. Ora, nos três meses que teve para estudar as últimas memórias, êle não nos pode ter dado senão quartos de hora.

Aí tem-se atacado a escolha da Itália por a suporem desejosa de agradar à Inglaterra, mas isto em nenhum sentido é justo. O Rei é pelo contrário muito altivo, e a parcialidade que teve foi a parcialidade própria dos árbitros de contentar as duas partes que os escolheram. Infelizmente êle compreendeu mal o seu papel, supôs que era êle pessoalmente, e não a Itália, que tínhamos encarregado de estudar a questão e constituiu-se êle próprio

o juiz; ora, para isso era preciso que êle se dedicasse exclusivamente ao assunto durante longos meses e que julgasse sôbre as próprias provas e não sôbre relatórios de outros.

No Ministério ninguém sabia nada da questão. Estavam a respeito dela na mesma ignorância que o embaixador inglês. Êste não tinha a mais leve reminiscência dos papéis que assinou no Foreign Office, não se lembrava que a linha traçada pelo Rei era a própria linha que êle, Bertie, nos havia proposto por Lord Salisbury. Entre os considerandos da sentença, você terá notado êste, contra Portugal, que não basta para dar soberania a simples afirmação dela ou a manifesta intenção de tornar efetiva a ocupação. Dêsse modo foram desprezadas tôdas as Ordens Régias que produzimos, mas nessas palavras está a confissão de que Portugal afirmara a sua soberania. E se o território não era de nenhuma das partes, por que o dividiu êle entre elas? À vista dos considerandos da sentença, estabelecendo que nem o Brasil nem a Inglaterra tinha direito perfeito ao território contestado por falta de ocupação efetiva, qualquer novo ocupante o pode reclamar invocando a Sentença. A menos que o laudo substitua ou dispense a ocupação efetiva necessária para dar soberania! Como lhe disse, com tais princípios nós perderíamos, ainda hoje, uma boa metade do nosso território.

O cálculo que lhe mandei de dez contos foi exclusivo das despesas de encadernação que você sugere. Restam-me muito poucas coleções completas por falta dos volumes de apêndices e de Atlas.

Isto é o que deve ser economizado aí, porque, verdadeiramente, bem poucas pessoas darão o devido valor aos documentos e às cartas geográficas, e quem tem os documentos em português, não precisa tê-los em francês, exceto os colecionadores sérios e os estudiosos que são raros em história do Brasil. Também não incluí no cálculo as despesas de publicidade, que são caras em França. O Guillaine propôs-me escrever um artigo no *Temps*, mas como não tinha confiança no critério político dêle, preferi adiar a solução do pedido até nos encontrarmos. Um artigo em uma revista seria também vantajoso. Não recorri à publicidade durante o litígio, nem depois. Um artigo, porém, imparcial e sério, analisando comparativamente as provas apresentadas pelas duas partes e os fundamentos da sentença, me parece o comple-

mento necessário das nossas Memórias, um guia para bem se poder folheá-las. Para isso preciso achar o homem.

Breve nos corresponderemos de Londres. Estou ansioso por me achar novamente no meio da minha livraria e dos meus papéis. É êste para mim como para você o maior gôzo da vida, e me pergunto quando e onde poderemos tê-lo um e outro ininterruptamente para darmos conta de tantas obras que projetamos. Vim encantado de Roma, fascinado, mas com a impressão que lá não se pode trabalhar, tão doce é a vida. É certo que não tinha os meus livros, não estava instalado, sentia-me de passagem. O melhor dos arranjos para você seria o do Moreno, ministro em Roma e em Lucerna. Eu não me queixaria se para mais tarde me nomeassem junto ao Papa para estarmos juntos. Nossos destinos talvez sejam bem outros; depois da agitação, porém, vem a sêde de tranqüilidade, de descanso, e para isso Roma é o ideal. *Hélas!* A nossa divisa como a do Imperador parece ser: « Eu tenho muito tempo para descansar depois. » Depois da vida...

Tudo isto é simples gracejo, meu caro amigo. Depois que você partiu, não tive notícias suas senão pelos jornais, não sei nada do seu estado de espírito, da sua verdadeira impressão das nossas coisas e do passo que deu. Espero, porém, que você esteja contente, satisfeito em sua consciência e não simplesmente resignado; que nenhum atrito aí lhe tenha sido desagradável e que você tenha a nova página da sua história tão a peito como as outras que encerrou. Não há no Brasil um homem preparado como você para a política e meus votos são que os acontecimentos lhe dêem o papel para o qual você foi talhado.

Muitas recomendações afetuosas do seu velho camarada e amigo

JOAQUIM NABUCO.

A dona Maria Ana Soares Brandão

Aulus, 21 de julho de 1904.

Minha cara dona Marocas,

Todos os meus votos neste dia são pelo restabelecimento de sua saúde e reação do seu espírito. A vida é sempre um presente

divino e é preciso aceitar com reconhecimento tudo o que Deus nos dá.

Recebo sua carta de consolação sôbre a sentença, não me creia abatido; tenho consciência de ter feito tudo, e se tivesse dependido só de mim teríamos talvez feito com a Inglaterra um acôrdo direto que nos daria quase todo o território em litígio. Estou formidàvelmente documentado quanto ao meu próprio papel na questão, mas senti duramente a perda de território incontestàvelmente nosso e a invocação de princípios que nos fariam perder dois terços ou metade do nosso país, se ambições estrangeiras se levantassem de repente no Amazonas, no Paraguai e em todos os nossos sertões desconhecidos, ou desocupados.

Abraço-a muito carinhosamente, confiando que fará tudo por prolongar os seus dias, que são um consôlo não sòmente para os filhos, mas para bom número de amigos dedicados, entre os quais deve contar-nos dos primeiros.

Saudades a Maria e aos Oliveira Limas de ambos nós.

Seu muito sinceramente

JOAQUIM NABUCO.

A Oliveira Lima

Londres, 10 set. 1904

Meu caro amigo,

Tout est bien qui finit bien. A sua carta tirou-me de grande aflição, porque a idéia de vê-lo deixar ainda que temporàriamente o nosso serviço diplomático, procurando outra ocupação e quebrando a sua linha, causou-me até mal estar. Pelo sr. e pelo Rio Branco estimo terem chegado a um *modus vivendi.* É preciso não se conhecer o nosso Corpo Diplomático (nem os outros, dizia-me, ou dir-me-ia o Batalha Reis, pois não me exprimi com êle exatamente dessa forma) para se supor que há muitos diplomatas da sua inteligência, capacidade de trabalho, e dotes de persuasão e sedução pessoal. Se lhe fizesse o retrato, diria que o seu defeito é o temperamento rebelde, ou o amor

próprio revolucionário, e talvez a idéia de que vale por si mesmo de modo a poder afrontar as divindades superiores. Ninguém vale por si ou tem valor próprio entre nós. Isto eu dizia sempre e disse-lhe ao sr. mesmo a respeito do próprio Rio Branco (digo o próprio porque *à tout seigneur tout honneur*) quando êle andava queixoso e descontente. Mas mesmo a sua rebeldia natural é domesticável, *amenable to gentle handling & nice treatment.*

Agora vou ter grande prazer em vê-los em Londres. Nas condições da *Vária*, a sua vinda me teria sido muito dolorosa por muitas razões, de amizade, alto aprêço, coleguismo, etc..

Muitas saudades a dona Flora. Desculpem a falta de cartas minhas. Respondi às primeiras 50 felicitações ou cartas de simpatia que recebi por ocasião da Sentença, depois parei, todos os papéis se confundiram com as viagens e preciso de um mês para pôr em ordem casa, livros, documentos, antes de poder continuar com as respostas. Esta lhe mando pela importância do assunto e urgência de lhe exprimir os meus sentimentos. Estou certo de que uma vez dissipadas as prevenções recíprocas, talvez alimentadas ou exacerbadas por terceiros, as duas Altas Partes acabarão reconciliando-se, pois cada uma deve ter plena convicção do valor da outra, da exceção que ambas são em nossa carreira, do brilho que ambos dão ao nosso país.

Do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Campos Sales

Londres, 3 de outubro, 1904.

Meu caro dr. Campos Sales,

Sua carta foi para mim um grande alívio, pois nada me fêz tanto lastimar a sentença como a decepção que ela lhe havia de causar.

Foi como o sr. viu, uma sentença de Salomão. O árbitro declarou não poder dizer de que lado estava o direito, nem se havia direito, passando por êsse motivo a dividir o território demandado, do modo que lhe pareceu mais razoável.

Não se pode dizer se êle nos deu a melhor parte ou não, sòmente no futuro se saberá o valor, talvez aurífero dos dois trechos. A moralidade da sentença é que devemos fazer mais atenção às nossas fronteiras do que temos feito. No tempo de colônia os portuguêses se interessaram mais pelos limites do rio Branco do que os brasileiros depois da Independência. A guerra civil que devastou por tantos anos o interior do Pará reduziu muito a ação do pequeno forte São Joaquim, perdemos quase contacto com Pirara e, quando vieram os inglêses, os vestígios da nossa antiga influência, ainda reconhecidos por êles não eram tão assinalados como no comêço do século passado. Depois veio a neutralização do território e durante ela não tivemos vigilância alguma nem em S. Joaquim nem em Georgetown. A questão histórica, se os holandeses freqüentavam êsse território antes dos portuguêses o conhecerem, foi muito hàbilmente *embrulhada* pela parte contrária, traduzindo mal os nossos documentos e os holandeses, misturando as datas, aumentando o que podia lhes servir, de modo que o Rei não pôde achar o fio nesse labirinto de contestações recíprocas. É preciso dizer que o saldo da prova histórica quanto à prioridade da presença dos holandeses ou dos portuguêses no território era difícil de apurar, mas para nós tal fato era juridicamente secundário, pois a Holanda nunca reclamou êsses territórios, e Portugal pelo contrário os tinha por seus. A época legendária « pré-histórica », como eu chamei, avultou muito na discussão e o árbitro não viu outra coisa senão a confusão e a imaterialidade da pretensão das duas Partes nesse tempo.

Julgou enfim como em 1720, mas com as idéias do Congresso de Berlim. No fundo declarou « terra nullius » e dividiu entre os demandantes. Assim mesmo dou-me por feliz de ter ligado meu nome à reivindicação do belo trecho entre o Cotingo e o Maú. Recomendo-o ao seu interêsse.

O dr. Bernardino de Campos estêve em Londres. Veio acompanhado pelos nossos ministros em Paris e Bruxelas e como êste último conhece bem Londres andou sempre com êle. Não tive o prazer de o ter a jantar por uma pequena indisposição que sobreveio na véspera a pessoa da família, mas conservo a melhor impressão de sua afabilidade. Pareceu-me ter atravessado alguma enfermidade, mas estar recuperando as fôrças, e a mocidade e

agudeza de espírito durante a nossa longa conversa era a melhor prova da volta rápida de saúde.

Os jornais de Lisboa anunciaram há dias que se tratava já de trabalhos para a candidatura de V. Ex. O seu nome seria todo um programa para esta praça, não há nenhum que lhe inspire maior confiança. A objeção que São Paulo dá a todos os presidentes é uma futilidade; o Ohio deu seguidamente desde Lincoln uma série de presidências, as reeleições devendo contar como novas administrações, assim como a Virgínia dera no comêço. A questão é o homem, não os turnos de cada Estado. As presidências de quatro anos sem reeleição tornando muito curto o período de fôrça das administrações têm o seu corretivo natural na volta depois do tempo defeso dos homens que deixaram um sulco. Os homens conhecidos e já provados são os candidatos que deveriam sempre ter a preferência. Tais escolhas provariam estabilidade do govêrno. Talvez V. Ex. não queira ouvir falar nisso e as condições políticas do partido governante sejam contrárias à sua candidatura. Nada sei delas nem das intenções, mas a notícia deu-me grande prazer.

Infelizmente não creio que seja uma perspectiva agradável a de assumir segunda vez o poder para quem como V. Ex. não procurou as transações, mas seguiu uma linha inflexível. Ninguém, porém, deve considerar seu próprio bem-estar nas condições a que se acha reduzido o nosso país. O pior é que para bem governar é preciso resistir ao partido e cada vez mais transformar a presidência no poder neutro que era o monarca para fazer dela o órgão nacional por excelência com a diferença que a neutralidade do Chefe de Estado na República não tem que ser inativa como a do soberano na monarquia constitucional, mas pelo contrário ativa e diretora. A expressão «neutralidade» é talvez imprópria para caracterizar a atitude sobranceira aos partidos, às coalizões, etc. necessárias a quem representa a comunhão dos interêsses nacionais.

O Graça Aranha que volta êste mês é portador de um exemplar completo de minhas Memórias para V. Ex. em papel do Japão. Sinto não mandar um laudo vencedor, mas sòmente um laudo empatado. Tenho todavia satisfação ao olhar para êsses volumes pelo que êles representam, os quatro últimos são obras (inclusive a impressão com suas intermináveis revisões) de quatro

meses; os seis anteriores de seis meses. A boa estrêla teria sido melhor nesse caso do que o esfôrço irremitente, mas as nações devem contar sempre mais com o seu esfôrço do que com a sua boa estrêla.

Peço a V. Ex. o favor de apresentar meus respeitos à sua Exma. senhora e meus cumprimentos a seu genro, acreditando-me sempre com a mais afetuosa e grata recordação

de V. Ex.

Obº Admº e Crº

JOAQUIM NABUCO.

Ao presidente Rodrigues Alves

Londres, 7 de outubro, 1904.

Meu caro Rodrigues Alves,

Sua carta deu-me grande satisfação, eu sòmente manifestei ao Bulhões o receio que tenho do juízo de lá. Seu telegrama, porém, e o do Rio Branco logo após a sentença, tiraram-me tôda a dúvida. A causa foi empatada, mas o empate importando a partilha do território demandado entre os pretendentes, só nos foi prejudicial a nós que não tínhamos margem para perder. Não houve vencedor nem vencido legalmente ou judicialmente, pois o árbitro declarou não se saber qual das Partes tinha melhor título, mas o resultado do arbitramento nos foi desfavorável porque sem êle podíamos ter obtido muito mais. O que mais extraordinário parece a quem estuda a história dêsse litígio é que o Brasil em 1843 tivesse recusado receber da Inglaterra todo o território disputado por escrúpulos do negociador (1). Eu, ostensivamente, procurei explicar a atitude dêle na conferência com lord Aberdeen, mas a minha explicação ou conjetura foi para encobrir a tolice que fizemos. É impossível saber qual dos dois trechos é mais valioso. Ainda que o nosso seja o menor, se nos

(1) O Conselheiro José de Araujo Ribeiro, então Ministro em Paris, foi enviado à Inglaterra para tratar com o *Foreign Office* de interêsses brasileiros entre os quais os limites com a Guiana Britânica.

dessem a escolher teríamos tomado êsse mesmo. Hoje tenho muito interêsse na exploração dêsse trecho, mesmo porque apesar da sentença, como dos tratados, se não ocuparmos nossas fronteiras nos expomos a perder o território. O princípio triunfante é o da ocupação efetiva, e os tratados, ou sentenças não obrigam a terceiros. A Inglaterra não levou em conta, nem os juízes — agora e no pleito com Venezuela — os nossos tratados com a Espanha. Para dizer ainda uma palavra sôbre a questão, os inglêses puseram e mantiveram no primeiro plano da discussão a prioridade da presença dos holandeses no território contestado, hipótese histórica arquitetada com fragmentos de documentos portuguêses e holandeses cujo sentido mostraram. Para nós tais lendas não tinham fundamento histórico e não poderiam ter alcance jurídico, vista a ocupação portuguêsa posterior, o contrôle militar incontestado por mais de 70 anos; o Rei, porém, deu-lhes todo o crédito e julgou a questão como se fôra em 1700 ou 1720, mas sem levar em conta a fortificação do Tacutu e com os últimos princípios do Congresso de Berlim, ou dos novos escritores de direito internacional sôbre territórios não efetivamente ocupados.

Os portuguêses inclinaram-se sempre para o princípio da ocupação efetiva e é assim que mapas portuguêses do século XVIII não davam a Portugal mais do que nos deu o árbitro; o Rei pode dizer que se conformou com o mapa do Tratado de 1750, sòmente êle deu à Inglaterra, em vez de partilhar, tudo que não estava efetivamente ocupado em 1750 pelos portuguêses. Como eu disse antes, não levou em conta a ocupação posterior, constante dos trabalhos geográficos de 1871 em diante.

Foi entretanto sempre um bem a sentença, porque era preciso ficar fechada a porta aberta sôbre o rio Branco do lado dos inglêses. A entrada na bacia do Amazonas nós lhes havíamos oferecido com a nossa proposição de traçar-se a fronteira pelo Maú. Agora, é certo, êles são senhores exclusivos de águas amazonenses mais importantes, como as do Pirara, mas a qualidade é a mesma de ribeirinhos. Nem, depois das propostas que fizemos, imaginei que um árbitro conciliador desse aos inglêses menos do que havíamos oferecido, assim como não imaginei que êle nos desse menos do que os inglêses confessaram perante êle nos haver oferecido. Agora que a sentença está dada, o nosso interêsse é aproveitar o interêsse que a fixação definitiva da fronteira vai fazer

o Colonial Office tomar, no seu plano de desenvolvimento da riqueza da Guiana por meio de uma estrada de ferro que substitua a penosa viagem do Essequibo. No meu entender São Joaquim devera ser objeto muito particular da atenção do ministro da Guerra e em redor dêle ou na região o Estado do Amazonas faria bem em fundar um núcleo permanente de certa importância. Acabo de escrever ao velho amigo, pròximamente escreverei ao Chefe de Estado. Sigo com o maior interêsse a marcha de sua presidência. Sòmente a tranqüilidade pública seria já um título bastante para ela perante o mundo. Não é só o crédito financeiro das Repúblicas sul-americanas que depende da ordem, é a sua existência independente e a sua integridade territorial. A existência de nações sem lei é cada vez mais considerada uma anomalia, e por isso tudo que respeita à manutenção da ordem, ao espírito e instinto natural de ordem, é para os nossos países questão vital, por ora de crédito sòmente e de solvabilidade, em breve tempo porém de intervenção e de tutela. Além da ordem, porém, sua administração recomenda-se ao estrangeiro pela sua política sanitária, a qual, mais talvez do que qualquer outra, merece o nome de política nacional. Não há nada que interesse tanto o crescimento e futuro do Brasil como a reputação que êle venha a adquirir de salubridade. E que trabalhos de Hércules os do Rio Branco para fechar as nossas fronteiras por tratados dentro de sua administração! Infelizmente, como lhe disse, não bastarão os tratados, será preciso tomarmos posse do que fôr reconhecido nosso por tratados ou por arbitramentos.

Muito obrigado ainda uma vez, meu caro Rodrigues Alves. Creia-me sempre sinceramente seu velho amigo e colega

JOAQUIM NABUCO.

A Machado de Assis

Londres, 8 de outubro, 1904.

Meu caro Machado,

Há tempos recebi a sua boa carta sôbre a sentença, carta verdadeiramente primorosa e uma das que mais vêzes hei de reler,

quando tiver tempo para voltar ao passado e viver a vida das recordações. Por enquanto sou um escravo da atualidade que passa, e cada dia a tarefa que ela me dá parece calculada para me impedir de olhar para os lados, para o passado, e para o futuro. Mas que vivacidade, que ligeireza, que doçura, que benevolência a do seu espírito, eu ia dizendo, que beatitude! Você pode cultivar a vesícula do fel para a sua filosofia social, em seus romances, mas suas cartas o traem. Você não é sòmente um homem feliz, vive na beatitude, como convém a um Papa, e Papa de uma época de fé, como a que hoje aí se tem na Academia. Agora não vá dizer que o ofendi e o acusei de hipocrisia, chamando-o de feliz.

A propósito do Papa vou contar-lhe um sonho que tive há tempos. Via-me em Roma, no Vaticano, e quando me aproximei do trono estava nêle uma mulher, com rosto de Madona, cercada dos cardeais em tôda pompa. Não sabendo o tratamento que devia dar à Papiza, perguntei-lhe como a devia chamar, e ela respondeu-me: « Chama-me Vossa Dor ». Vossa Dor! Não seria um tratamento mais sugestivo para a encarnação da Igreja do que Vossa Santidade, ou Vossa Beatitude? Para a encarnação viva de qualquer ideal? Não é a Igreja a mais bela das imagens sôbre o nosso mundo: « Êste vale de lágrimas »? Confesso-lhe que, acordado, nunca me teria ocorrido semelhante resposta: « Chame-me Vossa Dor ». Quer eu deva também chamá-lo Vossa Beatitude ou Vossa Dor, aceite, meu caro amigo, meus sinceros agradecimentos pelas bondades largamente derramadas em sua carta. Não estou certo de que não teríamos perdido tudo sem o esfôrço que fiz para coligir e deduzir a nova prova, e por isso me vou desvanecendo de ter reivindicado a melhor parte para nós da divisão feita pelo árbitro. Não foi uma partida vencida, foi uma partida empatada, e isto, quando o outro jogador era a Inglaterra, é por certo meia vitória. Você um dia ouvirá mais sôbre êste assunto.

E a nova eleição? Não falo da eleição do futuro Presidente, da qual parece já se estar tratando aí, mas da eleição do novo acadêmico. O Bandeira (1) escreveu-me e eu teria prazer em

---

(1) João de Souza Bandeira, candidato à vaga de Martins Júnior.

dar-lhe o meu voto, mas o meu voto é seu, você aí é quem vota por mim. Eu pensei que o Jaceguai desta vez se apresentaria. Êle, porém, achou mais fácil passar Humaitá do que as baterias encobertas do nosso reduto. Quais são essas baterias? A do Garnier lhe daria uma salva de... quantos tiros? Onde estão as outras? Eu nada sei, mas se êle fôr candidato, meu voto é dêle pela razão que fui eu quem lhe sugeri o ano passado a idéia. Você terá uma carta minha dizendo que êle não se apresentaria contra o Quintino. Não sei por que o Quintino não foi membro fundador. Eu seguramente estranhei essa anomalia na Revista, anomalia tanto maior quanto o nosso criador (1) era um grande entusiasta do Quintino. Agora a entrada do Quintino não tem mais razão de ser, porque pareceria que êle adquiriu título depois da fundação, quando o tinha antes de quase todos os fundadores. A exclusão dêle é pois um fato consumado, como seria a do Ferreira de Araújo, se vivesse, como é a do Ramiz, a do Capistrano, que não quiseram. Se o Quintino não recusou, supõe-se que recusou, fica assentado que recusou. Podemos declará-lo; não podemos confessar que o esquecemos. Se, entretanto, êle se apresentar, julgo melhor esperar outra vaga para a combinação e eleger dois ao mesmo tempo. Eu acho bom dilatar o prazo das eleições, porque no intervalo ou morre algum dos candidatos mais difíceis de preterir, ou há outra vaga. A minha teoria já lhe disse, devemos fazer entrar para a Academia as superioridades do país. A Academia formou-se de homens na maior parte novos, é preciso graduar agora o acesso. Os novos podem esperar, ganham em esperar, entrarão depois por aclamação, em vez de entrarem agora por simpatias pessoais ou por serem de alguma *coterie*. A marinha não está representada no nosso grêmio, nem o exército, nem o clero, nem as artes, é preciso introduzir as notabilidades dessas vocações que também cultivem as letras. E as grandes individualidades também. Assim, o J. C. Rodrigues, o redator do « Mundo Novo », o chefe do « Jornal do Commercio », que neste momento está colecionando uma grande livraria relativa ao Brasil, e o nosso Carvalho Monteiro, de Lisboa? A êste, o Mecenas, você poderia dar o voto de Horácio. É verdade

---

(1) Lúcio de Mendonça.

que você é Horácio, mas que êle nada lhe deu, ainda assim você consagrava o tipo de Mecenas. Etc, etc, etc. Com o Jaceguai entrava a glória para a Academia. É verdade que êle nenhuma afinidade tinha com o Martins Júnior, mas a cadeira ainda está vaga — é a cadeira de Taunay, e patrono Otaviano, e dêsses dois o Jaceguai seria o substituto indicado por êles mesmos.

Nas minhas cartas você achará o compromisso que tomei para a eleição do Assis Brasil. Não sei se êste será candidato. Não o será sem o seu concurso. Você então decida por mim sem prejuízo do Jaceguai. Em uma palavra, você é o guarda da minha consciência literária, ausente do prélio como me acho.

Você compreenderá agora por que tardei tanto em responder-lhe, era-me preciso escrever uma nova Memória, e tenho horror hoje às Memórias. Estou nos últimos dias do Graça Aranha conosco. Por maior que seja o vazio que êle vai deixar, não quisera prolongar a ansiedade de vocês todos aí depois de uma separação de mais de cinco anos. Vai haver lágrimas de alegria aí; eu estou cá e lá. Trouxe-o desconhecido do país, restituo-o glorioso (1), esperando que todos terão o mesmo orgulho dêle aí que eu tenho, a mesma certeza que dora em diante êle é quem mais pode fazer pelo brilho e nome das nossas letras. Êle o apresentará a um grande amigo, que eu novamente tenho aí, o ministro russo, conde Prozor, tradutor de Ibsen. A condessa Prozor é também uma intelectual de primeira ordem.

Adeus, meu caro amigo, muitas saudades a todos da nossa pequena roda e um afetuosíssimo abraço do todo seu

JOAQUIM NABUCO.

A Alfredo de Barros Moreira

Nabuco em Roma ligou-se de grande amizade com Barros Moreira, o encarregado de negócios do Brasil na Itália, seu primo pela comum estirpe pernambucana. Era diplomata de carreira,

---

(1) *Canaan*, livro que deu celebridade a Graça Aranha, foi publicado em 1902.

homem finíssimo e de muito espírito. Faleceu em 1929 em Bruxelas, no cargo de embaixador do Brasil.

Lyndhust, New Forest,
Out. 21.04.

Meu caro amigo,

Os Graça partiram hoje, muito saudosos, e viemos acompanhá-los a Southampton todos da legação e Missão. As senhoras disseram-lhes adeus na estação. Agora vou descansar até segunda-feira neste delicioso sítio, onde estou com Chermont, Raul, Veloso.

Mande-me por favor dizer onde param os mármores. Compreendo sua contrariedade, mas se realmente você está perto da promoção, por que se contrariar para exultar mais tarde? O lugar de ministro é considerado entre nós a sorte grande e você está à bica. O melhor é aumentar agora o seu otimismo e o seu bom-humor, mostrar confiança no Rio Branco. Se houvesse sinal de que êle o ia pôr de lado, seria outra coisa. O Graça nos informará com segurança. Eu tenho escrito sempre como devo a seu respeito.

Você sabe que eu devo ir entregar a revocatória. Quando seria melhor fazê-lo? Espero que a intriga do P. e outros não tenha causado efeito aí e que na Consulta nem no Quirinal haja queixas contra mim. Se recebi a sentença como um golpe, por ter trabalhado tanto pela nossa vitória, não manifestei nunca a menor queixa do Rei e tenho pela altivez, sobranceria e imparcialidade dêle como árbitro o respeito que tenho pelos soberanos da Casa de Sabóia. Estimaria que você sem fazer nenhuma alusão ouvisse o pensamento íntimo do Brusati e da Consulta para eu saber se realmente é melhor que eu vá a Roma, ou se devo desculpar-me e despedir-me por intermédio do Alvim (1). Isto para você sòmente. Pode ter havido alguma intriga feita com a decepção que a sentença, os seus fundamentos e as suas conclusões me causaram.

---

(1) Júlio Henrique de Melo e Alvim, ministro do Brasil em Roma.

Muito lhe agradeço o retrato de Veneza. Está no meu quarto e dá-me sempre prazer olhar para êle.

Muitas saudades a cada um dos retratados.

Do seu mtº dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Carlos Magalhães de Azeredo

Londres, 26 de out. 1904.

Meu caro amigo,

Há dias recebemos as suas *Odes e Elegias,* mas estávamos, o Graça e eu, nos últimos instantes da despedida e por isso não lhe agradeci antes a minha parte da valiosa remessa. Não sei por onde anda dona Luísa Ferreira, o exemplar dela fica em depósito comigo até se esclarecer êsse mistério.

Sinto-me mais do que incompetente, incapaz, para julgar um livro como o seu. O novo metro parece-me perturbar igualmente os nossos hábitos da prosa e da poesia, pelo menos os meus, e já agora é tarde para os mudar. Mas que mestria de língua e de prosódia a sua! O Graça, mais que tôdas, gosta de *Pela Campanha.* Eu não penso assim, êsse « cárcere ambulante », e a sua filosofia erótica, lembra-me a abadessa de Jouarre em um fiacre de Paris. Há versos nessa ode (ou elegia?) de grande beleza, verdadeiros

« aromas raros de não sonhadas flores »,

mas eu o prefiro « cotovia », como na Ode a Shelley. Quisera vê-lo no vôo sempre ascendente. Porque há em versos seus, hoje o reconheço, o vôo shelleyano, e isto é dizer muito.

Abraça-a e a dona Maria Luísa o seu muito afetuoso

JOAQUIM NABUCO.

A Machado de Assis

Brazilian Legation.
Londres, 17 nov. de 1904.

Meu caro Machado,

Que lhe hei de dizer? Morrer antes de você foi um ato de misericórdia que a Providência dispensou a dona Carolina. A viúva sofre sempre mais, às vêzes tràgicamente. No seu caso a imaginação, o interêsse intelectual, o trabalho é um ambiente que permite em parte à dor a evaporação excessiva. A resolução do dilema inevitável foi a melhor para ambos: coube a você o sofrimento, você compreenderá que o vácuo do coração precisa ser compensado pelo movimento e pela agitação do seu espírito. Será êste o seu confôrto e a maior dívida da nossa língua para com o túmulo a cuja sombra você vai se acolher.

Quanto sinto, meu caro amigo, não estar ao seu lado; está, porém, o Graça. Coitado! que triste volta a dêle: o seu luto e a moléstia do Veríssimo. Fico ansioso por notícias dêste. O telégrafo anuncia-nos também mortes e ferimentos no Rio de Janeiro (1).

Eu que julgava passada para a República a crise das convulsões!

Adeus, meu caro Machado,

creia-me sempre muito sinceramente seu

JOAQUIM NABUCO.

A Rodrigo Octavio

Londres, 8 de dezembro de 1904.

Meu caro dr. Rodrigo Octavio,

Tenho certa desconfiança de que a minha resposta à sua tão lisonjeira felicitação não foi bem encaminhada, porque outras

---

(1) Um motim popular, provocado pela lei da vacina obrigatória e que teve ecos no exército.

que mandei ao mesmo tempo não chegaram ao seu destino. Por isso, na dúvida, escrevo novamente por não querer passar aos seus olhos como indiferente às provas do seu aprêço. Na *Renascença* (1) encontro-as contìnuamente, de modo que minha dívida vai crescendo.

O Graça Aranha lhe terá dito que não o esquecíamos nunca entre os sempre lembrados. Êle hoje foi aumentar a roda em que vivíamos aí, mesmo de tão longe, e na qual eu continuo a viver com maior razão hoje que me vejo solitário.

Deu-me imenso prazer ler no *Jornal* que o Veríssimo fôra buscá-lo a bordo. Fiquei assim sabendo que a doença telegrafada para os jornais do Norte fôra passageira. Também estimei encontrar o nome do Machado. Êle precisa mais do que nunca da simpatia, interêsse e solicitude dos seus súditos, e realmente penso que lhe devíamos demonstrar a nossa admiração oferecendo-lhe um testemunho qualquer sem esperarmos pelo seu jubileu de escritor, o qual aliás deve estar próximo.

Não lhe adianto nada a meu respeito porque o Graça Aranha já terá esvaziado aí o saco das idéias, aspirações, e saudades que o encarreguei de levar à nossa roda. Estou curioso pelo resultado da cabala acadêmica. Vivemos em uma época muito parecida com a de Cícero e estou engòlfado outra vez nas cartas dêle. *Similia similibus.* Mas quem as lê compreende que sob preocupações aparentemente frívolas estava sempre dominando interiormente a mesma preocupação única. Às vêzes a frivolidade do tom é a melhor prova da gravidade do pensamento assim encoberto — a consciência da época.

Muitas recomendações a todos os nossos. Minha mulher recomenda-se à sua Exma. senhora.

Creia-me sempre, meu caro dr. Rodrigo Octavio, seu muito afetuoso colega e sincero amigo

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) Revista dirigida por Rodrigo Octavio.

A Hilário de Gouvêa

Londres, dezembro 12, 1904.

Meu querido Gouvêa,

Como você vê assim perpicazmente de tão longe! Que ôlho de águia! Com efeito o Huet de Bacelar me escreve: « Já deve saber da maquiavélica revolta projetada pelo dr. Lauro Sodré. As escolas militares com o exército pretendiam na revista do dia 15 sair municiadas para liquidarem com a marinha e implantar a ditadura. A Providência livrou-nos e também a mim que devia ir comandando a brigada de marinha, pois certamente seria o primeiro liquidado ». Quanto à sua conjetura sôbre o João A., não creio que êle tenha tão grande influência sôbre os elementos ostensivos do pronunciamento militar, e quanto à ebulição popular suponho-a, como a do vintém (1), um caso de «anarquia espontânea » bem caracterizado. Êsses ajuntamentos até de 500 pessoas, dispersas num ponto, refazendo-se imediatamente em outro, não parecem conspiração, mas verdadeiramente motim popular, que foi criando fôrças pela fraqueza da polícia, ou melhor do nosso sistema policial, pois a autoridade fêz quanto possível aos seus poucos elementos de ação.

Não me parece que o Rodrigues Alves ganhasse com o incidente, mas você vê melhor. Por muito tempo o povo se há de lembrar do perigo a que o Palácio estêve exposto, a julgar pela necessidade de se construírem trincheiras nas ruas laterais.

O efeito da anarquia na cidade deve ter impressionado muito a população. Infelizmente em épocas de descontentamento, como você pode aí ver em França o partido da ordem quando em ostracismo tem a maior simpatia pela desordem. Imagine que eu estou novamente lendo as cartas de Cícero, e que vejo nelas dia por dia, como em nossos jornais, a fisionomia das quadras de guerra civil, aberta ou latente, em que ninguém sabe que partido tomar e as facções acham todos os meios bons, isto é, são tôdas igualmente desordeiras. O que acontece é o que está acontecendo em

---

(1) O motim que motivou em 1880 a queda do ministério Sinimbu, suscitado pelo aumento de um vintém nas passagens de bonde.

Venezuela, só se quer de parte a parte a política da violência, a que produz essa torpe embriaguez de sangue, tirania e corrupção, a mesma hoje na América do Sul que na República Romana no tempo que estou lendo. A política dessas épocas, a que do ponto de vista da manutenção do Estado parece até racional, está expressa da frase de Celius, um correspondente de Cícero: « Não ignorais que nas dissenções domésticas deve-se seguir o partido mais honesto, enquanto se disputa pelos meios legais, e os mais fortes, se a luta passa para os acampamentos e campos de batalha. Neste caso o melhor partido a tomar é o mais seguro. Nesta discórdia eu vejo que Pompeu terá por si o Estado e a gente de bom senso. César porém arrastará todos os que têm razões para temer ou para esperar criminosamente. Esperemos que pelo menos se nos dê tempo de avaliar quais serão as fôrças de cada um dêles para escolhermos com discernimento o nosso partido ». E êle fugiu para o lado de César.

Entre nós os contentes estão para os descontentes na razão de 1 para 1000, e os descontentes *una voce* responsabilizam o govêrno pela sua sorte. Quando não melhorem com as revoluções têm grande consôlo com a queda dos que invejam ou culpam, e o espetáculo os distrai e ocupa-lhes o espírito, aliviando-lhes assim o sofrimento. Longe de uma desordem como a de novembro inspirar-lhes o amor da ordem, só lhes inspira pelo contrário a ardente esperança de que êsses interregnos se sucedam repetidamente, porque a incerteza do resultado, é já para êles um meio triunfo. E as conseqüências do conflito, ou pelo menos do antagonismo revelado entre exército e marinha e entre corpo de polícia? Depois de uma surprêsa dessas o Rodrigues Alves viverá até o fim nesse estado de desconfiança e expectativa em que o terror se torna habitual e contagioso, e do qual os governos nunca acharam meio de sair senão com a prescrição e a tirania. Você me achará pessimista e eu espero que o seu diagnóstico seja exato. Com o tempo talvez venha a desvanecer a impressão que me deixou a leitura dos últimos jornais do Rio.

Agora nada me admirará. Quando os descontentamentos se acentuarem e em vez do govêrno atacarem a própria instituição republicana é possível que se levante nas ruas a antiga bandeira imperial. Nesse dia porém o povo e a tropa compreenderiam a revolução, o que não compreenderam nem por ocasião da revolta

de Melo nem agora. Mas o Império assim feito não seria a solução definitiva do nosso problema, seria um episódio mais da anarquia reinante. Não há duvida, porém, que seria um intervalo de repouso, seguido provàvelmente de uma catástrofe nacional.

Eis aí por que deixei a propaganda monárquica e me rendi ao apêlo do dr. Campos Sales. Não quero responsabilidades de iniciativa. Eu tinha visto a alusão do Rui, mas hoje liquido tais coisas do passado.

O Rodolfo também andou mal com êle. Se êle atravessou perigos para entrar na República, eu não podia entrar pelo mesmo caminho porque nunca a desejei. Mas êsses pontos pertencem à história.

Muito me aflige o que você me diz do Eugênio. Êle porém está bem relacionado e de um momento para outro pode ter uma colocação.

Muitas recomendações nossas e um abraço apertado do irmão

muito amigo

J. N.

A dona Teresa de Souza Franco

Filha do visconde de Sousa Franco e viúva de João Monteiro, amigo de Nabuco, de cujos sentimentos esta carta de pêsames é vivo testemunho.

Londres, 13 de dezembro de 1904.

Minha cara senhora,

Entre os estranhos, se os amigos devem ser assim diferençados dos parentes e pessoas de casa, ninguém podia sentir mais do que eu o golpe que a feriu. Mesmo de tão longe como que me falta o calor daquela irradiante simpatia. Como acabo de escrever ao conselheiro Azevedo Castro, que me mandou sôbre êle palavras tão tocantes, êle era verdadeiramente um espírito em combustão. Que intensidade de chama! Que fervor de entu-

siasmo! Deixe-me repetir-lhe o que acrescentei a respeito dêle: Que seriedade de concepção da vida que se deve viver! Nunca o vi mudar de rumo e de inspiração. Foi sempre um escravo voluntário da suprema ambição intelectual — a de dar à mocidade um modêlo de existência que lhe fizesse honra copiar e a salvasse ou resgatasse das baixas seduções do prazer, da indolência, e do estéril jôgo político. Eu o admirava muito pela tenacidade, dedicação, firmeza de propósito com que serviu e conseguiu realizar aquêle alto ideal da sua juventude. Rogo-lhe o obséquio de transmitir êstes sentimentos a todos aquêles a quem êle deixou uma parte do seu coração, filhos, genros, irmãos, parentes, amigos. Como antigo estudante de São Paulo eu tomo também o luto da Academia. Minha mulher manda-lhe tôda a sua simpatia.

Aceite as expressões de meu mais profundo pesar.

De V. Ex. amigo muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão Homem de Melo

Londres, 16 de dezembro de 1904.

Meu caro Barão,

Muita simpatia me inspira a sua profunda aflição neste momento. Ninguém melhor do que eu avalia o seu estado. Conheci-o, porém, historiador e filósofo e consola-me acreditar que a História e a filosofia lhe darão coragem para resistir a êsse golpe após uma vida de tantos dissabores.

Senti como um grande prejuízo para as nossas letras a sensível diminuição da sua vista, mas li alguma notícia de que tinha sido operado com êxito. Se assim foi e está outra vez no gôzo dos seus livros, êles lhe farão pelo menos companhia no seu isolamento. Sempre lastimei não ter dado uma segunda edição dos seus esboços biográficos. O fervor patriótico e liberal dêsse livrinho fêz dêle um dos grandes livros da minha pequena livraria, e o

quisera encadernar com os retratos, notas e documentos ilustrativos. Eu disse ao Graça Aranha que o Garnier não podia fazer melhor presente à nossa mocidade do que dando uma bela edição dêle. Aceite, meu caro Barão, os sinceros sentimentos do antigo discípulo, colega e amigo

JOAQUIM NABUCO.

A José Pereira da Graça Aranha

A amizade com Graça Aranha nasceu e ràpidamente amadureceu nas reuniões da Revista Brasileira, *precursora da fundação da Academia Brasileira de Letras. Essa amizade foi das que mais alegria deram a Nabuco nos anos que para êle coincidiam com o princípio de declínio e para Graça Aranha com o continuado fulgor da mocidade. Nabuco fôra dos primeiros a admirar as páginas ainda inéditas de* Canaan, *que Graça Aranha lia a essa roda de intelectuais sem querer revelar o incógnito do autor e até, para melhor disfarçar, dizendo que fôra uma autora que lhe confiara o trabalho. Nabuco foi dos que se deixaram mais completamente seduzir pelo encanto pessoal dêsse moço talentoso, que, no Recife, estudante, havia formado no número dos que o seguiam e ovacionavam nos comícios e conferências da campanha abolicionista. A amizade que até o fim da vida Nabuco dedicou a Graça Aranha melhor se qualificaria de ternura. Foi verdadeiramente um discípulo muito amado.*

Londres, 10 de janeiro.

Meu caro amigo,

Calculei que seria assim mesmo: primeiro, o prazer de reunir-se aos seus e aos nossos; depois a saudade dos amigos de cá e a falta do ambiente desta Sagrada Europa (tão variada, tão rica de detalhes em tão pequenas distâncias a caminho de ferro, é isto que faz o interêsse dela, o mosaico de nacionalidades, costumes, climas, paisagens, literaturas e artes). A terceira fase será

a da rendição do filho amoroso ao torrão progenitor. Depois dessa será literalmente preciso arrancar-lhe as raízes para o tirarem de lá.

Eu conheço bem essa alternação de saudades e nostalgias. Dentro de nós cada fibra tem a sua aspiração particular: coração, dever, pátria, família, amor, amizade, História, Poesia, Arte, Religião, tôdas têm as suas atrações e repulsões especiais. Quando umas estão satisfeitas, as outras estão descontentes; a saciedade de umas é a fome das outras, e nós que não somos senão o precipitado moral dêsses reagentes, dêsses incompatíveis todos, experimentamos simultâneamente a ilusão de uns e a decepção dos outros, a alegria e a tristeza, a saciedade e a fome, como um ente físico que ao mesmo tempo sentisse a plenitude do oxigênio e a asfixia do carbono.

Eis aí o nosso estado perpétuo. Foi sempre o meu, será dora em diante o seu. Contra êle (não querendo ir de vez para Goiás, nem de vez em quando renovar-se ao pampeiro) não há outro alvitre senão o trabalho intensivo. Absorver-se no trabalho criador, para quem já percorreu a fase da luta política, é em tais casos (não falando na dor) o meio de perder a consciência dessa multiplicidade contraditória do nosso feixe sensível e volitivo. Isto faz-me lembrar a história que meu pai gostava de contar de uma casa rica do Recife onde nunca se pôde servir o almôço a tempo porque cada filho tinha o seu padeiro especial e não comia o mesmo pão que os irmãos.

Foi essa a minha regra cinco vêzes: trabalhar dia e noite em um assunto que me ocupasse anos. (E note que fui traído no meu plano de vida, porque a Abolição que esperei durasse tôda ela, e além, só tomou dez anos). No fim de algum tempo, mesmo curto, dá-se como lhe predisse, a aclimação, o arraigamento, a rendição. A mim custou-me muito sair do Brasil, quando de lá vim ùltimamente. No seu caso especial é preciso pensar mais que tudo em sua saúde. Esta é a sua verdadeira lealdade para com o país de nosso fidei-comissário intelectual.

Tenho prazer em dizer-lhe que o livro do Cardoso (1) me agradou muito. Considero-o um belo esfôrço. Vê-se que êle não chegou ainda à mestria das formas da expressão, o gôsto é defi-

---

(1) *Dois Metros e Cinco,* por Cardoso de Oliveira.

ciente, o simples e o banal não se discriminam ainda bem para o fotógrafo que é, a educação literária é imperfeita, mas tudo isso é secundário, porque é puro refinamento. Como obra de humorista o livro é uma criação, criação em grande parte anônima do nosso povo, a quem êle a tomou, mas ainda assim remodelado por êle de acôrdo com o instinto nacional, nêle vivo, agudo, constante. Há muita qualidade que promete uma obra de grande valor. Confesso que para mim foi uma surprêsa e uma revelação, não lhe sabia tal repertório popular nosso. É um livro feito à imagem do nosso povo e da nossa terra; quem os ame há de amar-lhes o livro, e êle pode dizer que não aspirou a mais. É a essência do brasileirismo recolhida e conservada para sempre. São as jarras da Bahia que conservam o aroma da nossa alma e não a louça do Pôrto nem a porcelana de Sèvres. Estou muito contente com a popularidade que êle vai ter. Na literatura, quando houver o espírito que inspirou as bem-aventuranças, o Evangelho do humildes, dos sinceros, dos bons, o poder de apanhar e fixar assim a alma dos simples, dos pequenos, dos nossos, a humildade ingênua das nossas coisas próprias, há de ser considerado uma faculdade superior à música das frases sonoras, aos usos elegantes da expressão, e a brilhante decepção de idéias estéreis. Antes sentir-se o escritor o nosso povo do que um simulacro de artista estrangeiro.

Se êle me tivesse mostrado o livro eu teria proposto algumas alterações, como a do título (êsse não é brasileiro sequer), e diversos cortes. Que pena não ter saído com alguma ilustração do Pedro Américo. Vi uma interpretando o tipo de Marcos Parreira. É admirável. Que grande humorista êle também teria sido com o lápis!

Recebi a mais graciosa carta de seu sogro, mas como de antemão eu já lhe tinha respondido por ocasião da sua partida, peça-lhe consinta que os meus, os nossos agradecimentos, vão por seu intermédio. Também Evelina recebeu uma bela carta de dona Iaiá. Tudo que nos vem de sua casa nos consola e nos anima. Agora estamos esperando as saudades dos meninos. Também pessa ao Veríssimo que me deixe agradecer-lhe por sua boa amizade e precioso volume que me mandou com palavras de ternura e afeto que mais rico ainda me fizeram de amor e amizade. O sr. sabe que eu lhe pago na mesmíssima moeda.

Lembre-me sempre, aliás o sr. é a minha lembrança viva, aos nossos todos. Não se esqueça de ver o que pretende o almirante Batista. O Carlos de Sampaio parece aqui estar para tratar dêsse negócio. O Veloso ficou gelado com a sua dúvida a respeito dêle. Pobre do Barros Moreira!

Se os Oliveira Limas chegarem amanhã vamos ter, contando os Batalhas, uma grande mesa para Natal. Londres tem estado mais negra do que nunca, os dias de *fog* espêsso, chamado « London Special » sucedem-se sem intermissão.

Aceitem todos o coração saudoso do

Amo. dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A dona Maria Ana Soares Brandão

Londres, Natal, 1904.

Minha cara dona Marocas,

Muito conversei sôbre a senhora hoje com lady Mac Donnell (1), a qual além do mais, é nossa vizinha como a sra. era de nos falarmos de casa a casa, — pela grade do terraço aqui, lá por sôbre o muro do jardim. Ela prometeu-me um retrato para lhe mandar. É um caso como o seu, sòmente mais fresco, de menor duração, (tem sòmente um ano). Também ela não sabe viver sem o marido, é-lhe impossível, como à sra.; é o mesmo suicídio voluntário pela impossibilidade de suportar a saudade. Hoje aconselhei-lhe uma longa viagem de mar. Parece o melhor derivativo. Também ela tem uma filha solteira, que precisaria que ela tivesse vontade de viver, porque sem a vontade de viver, a Vida, (que é a alma do mundo) por mais forte que seja a vitalidade, é o seu caso, vai-se retraindo dia a dia. E como a sra. tem netos, futuras reproduções do tipo, do caráter, da maneira

(1) Viúva de sir Hugh Guion MacDonnell, que fôra ministro da Grã-Bretanha no Brasil pouco depois de Soares Brandão ter sido ministro de Estrangeiros.

do avô, como os seus, e que por amor dêle ela deveria criar para dar-lhe essa nova, terceira, existência, indireta, mas real. Como o seu, é um caso perdido, inconsolável, irreconciliável com a vida. O eterno sofrimento, o *Lasciate ogni speranza,* para filhos, netos, amigos.

E quantos amigos a sra. tem, e tem ela! O que nos manda da peregrinação à sua casa durante sua terrível crise entre a vida e a morte comoveu-nos e consolou-nos muito. Ainda há amigos! e a dedicação do Raimundo Bandeira! Como tudo isso visto de cá parece de outros tempos, de outra humanidade! Eu a felicito sinceramente por se ter feito assim querer. Mas a nossa gente é realmente muito boa, e não sabe avaliar a própria bondade. Eu agora ando interessado em que o Machado de Assis tenha as maiores provas dela, porque o vejo na mais triste solidão imaginável. Indiretamente, veja se lhe faz chegar um pouco dessa ternura, dêsse carinho, de tanta solicitude, que a procura e que para a sra. nem é um consôlo. Mas as orações, que lhe salvaram a vida, não a reconciliarão com a vontade de Deus? Eu espero delas êste novo milagre, que se me afigura seria maior do que o primeiro. Não poder resignar-se, não é culpa sua; não querer seria. Queira, e nós a entregamos à boa Irmã Eugênia. Não querendo, orações, mesmo as dela, de nada serviriam.

Como a sra., lady Mac Donnell foi uma perfeita beleza. Vim encontrá-la, há anos, mudada de gênero, como beleza; passou de uma escola de pintura para outra (não suponha que ela se pinte), de ser um Perugino a ser um Ticiano. Por outra opulentou-se, arredondou, tomou formas amplas, ao passo que a beleza dela no Rio era não digo *ascética,* mas *poética.* Eu prefiro a primeira maneira; outros preferirão a segunda. Brilhante, além disso, comunicativa, de alma ardente e apaixonada, vivendo nas côrtes, popular entre as realezas, perfil de embaixatriz, tudo como a sra., como quem é igualmente nervosa, para não dizer elétrica.

O marido era, porém, muito mais velho do que ela, ao passo que o Brandão era da sua época. Outra diferença, resultante dessa, é que êle, por ser severo e disciplinador, foi que a formou e a dominou. Mas se êle era assim severo, adorava-a, e na adoração dos déspotas há uma ternura que lisonjeia mais as mulheres do que as dos brandos e meigos, porque essa significa a rendição da fôrça ao amor.

Compreenda-me; não vá supor que para mim alguém teve no amor maior mérito de que o Brandão, mas nêle o carinho era natural e por isso não era uma homenagem tão grande à sra. como se fôsse uma exceção à sua natureza.

Não vá agora, porém, pensar que, para mim, a ternura do Brandão fôsse geral, digo que era natural. Eu sei bem que ela lhe foi exclusivamente dedicada, mas era da natureza dêle ser assim, ao passo que a ternura em sir Hugh foi uma exceção produzida pelo amor, como a única flor agreste que tivesse nascido sem espinhos naquela charneca escocesa. Como vê, há variantes nos dois casos, no que não há é na dor de ambas; a sua parece-me mais intensa, a dela mais amarga, por causa do isolamento. Apesar de viver, por enquanto, com a filha solteira, um filho casado e o netinho, nas casas inglêsas há sempre menos intimidade do que nas nossas. A sra. está cercada de imensa afeição que insensìvelmente a há de penetrar, e ela está desterrada porque para o diplomata que viveu fora do país tôda a vida, Londres, na velhice, é que é o estrangeiro. Sobretudo, porém, a sra. está cercada de luz, sente, queira ou não, o benefício do sol, do luar, do céu estrelado e nós vivemos aqui na noite do *fog*, no nevoeiro negro, sujo, repulsivo, embrutecedor. É nessa atmosfera que lhe escrevo!

26-12-04.

Venho da casa de lady Mac Donnell. Li-lhe a sua carta tôda e apesar das lágrimas estou certa que a leitura a acalmou. Ela já lhe tem profunda simpatia, a da mesma dor, quando os dois corações se comunicam.

Há dias ela encontrou o vestido do casamento, foi um eterno soluçar, agora vai bordar nêle uma colcha riquíssima para o leito de morte.

Há dias a rainha de Portugal, que é grande amiga dela desde Lisboa, onde estêve uns oito anos, mandou-a chamar a Buckingham Palace. Digo mal, mandou-lhe perguntar se preferia ir vê-la ou que ela a Rainha viesse a Cornwall Gardens. Lady Mac Donnell foi a Palácio. Foi uma cena como se a sra. e a Princesa se abraçassem!

Não quero continuar a contar-lhe casos dêsses. São muitos. É preciso, porém, dizer-lhe que ela nasceu na Argentina. Isto

lhe explicará essa dor assim intransigente, ou intratável, que não é própria das raças práticas e industriais do Norte. Não me deixe êste trecho cair sob as vistas do nosso dr. Raimundo Bandeira. Êle lhe lembraria logo a rainha Vitória, a Arte mista moderna, e eu não poderia responder. (Isto agora é do ministro em Londres).

Tenho muita esperança de que ainda nos tornaremos a ver, minha cara dona Marocas, e de que serei melhor consolador aí do que de tão longe.

O belo capítulo de minha vida na nossa rua de Olinda está bem encerrado, infelizmente. « Não se refaz, não se revive o passado, » disse uma vez meu pai no Senado, e, como tantas outras coisas que caem implacàvelmente sob aquela sentença, assim está o quadro das nossas duas casas, quando depois de horas seguidas de trabalho, eu ia buscar na simpatia do nosso Brandão, na semelhança dos seus gostos, alento para continuar as minhas recomposições históricas. Mas se êsse quadro se desfez para sempre como realidade, nenhum outro há que me dê, sempre presente à memória, tanto prazer e tanta saudade.

Aceitem todos os nossos votos de um feliz Ano-Novo. Suponho que o João me conserva algum resto da afeição que sempre me mostrou. E a bela Maria? Muito estimo ouvir que um terceiro Francisco de Carvalho fêz sua entrada no cenário. Que coisas verá êle, só Deus sabe. Muitas felicitações. E saudades também aos amigos comuns que lhe fazem sempre companhia. Dizem que a simpatia é recíproca; eu tenho, porém, grandes sobras, não fico sòmente nos limites da reciprocidade. De fato não há um só ente no mundo a quem não deseje o maior bem possível. Como vê, já vivo na comunhão de além-túmulo, já passei o Letes.

Um apertado abraço do amigo e primo muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

1905

A Tobias Monteiro

Londres, 3 de jan., 1905.

Meu caro Tobias,

Mando-lhe os nossos felizes, felicíssimos votos, de Ano-Bom. Sei que você e o Graça Aranha se vêem amiúde, e quase não me suponho ausente de lá, pensando em tantos, a cuja amizade sirvo não de elo, porque êste é a sua simpatia e confiança recíprocas, mas de fole que mantém viva a chama.

Como você que tudo sabe, já soube antes de mim, estou com a proa virada para Washington e por êstes frios borrascosos do Atlântico do norte começo a temer o naufrágio. Isto no sentido figurado, como você logo apanhou.

Mande-me as impressões daí.

Recomende-me a seu irmão e a dona Alice.

Tenho um volume das minhas Memórias para lhe mandar. Basta êsse espécime delas.

Do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A José Carlos Rodrigues

Londres, 3 de janeiro 1905.

Meu caro Rodrigues,

Mais um ano feliz! para você, a sra. sua irmã, seu sobrinho e sucessor, seus outros sobrinhos, o *Jornal,* que é a sua família maior, a Santa Casa, que é a sua família máxima. Já agora, pelo que será público aí ao chegar-lhe esta carta, não tenho grande esperança de o tornar a ver tão cedo. Vou ficar para você e para todos um *out of the way man,* mas em parte nenhu-

ma sua lembrança poderia ser tão viva em mim como lá, onde você tanto lutou e tão belo papel preencheu. Ela me dará coragem para o *humana ferenda.* Não lhe escrevo mais por agora.

Sei que o Graça está sempre com você, ou que estão a alcance um do outro. Você cada dia o apreciará mais. Eu espero ainda ver que o Veríssimo voltou às suas boas graças. Isto quer dizer, meu caro amigo, que o desejo cercado de quantos eu coloco alto em nossa terra pelo espírito e pelo coração.

Muitas recomendações de Evelina. Nesta casa todos são seus. Estou muito aflito de não ter podido descobrir onde pousa seu sobrinho aqui deixado por você. Quisera tê-lo tido ou tê-lo ainda em algumas férias. Muitas saudades do seu muito sincero amigo

JOAQUIM NABUCO.

Tenho as Memórias inglêsas para lhe mandar.

Ao barão de Albuquerque

Manuel Artur de Holanda Cavalcanti de Albuquerque era um típico fidalgo pernambucano, de uma geração posterior à dos mais célebres leões do Norte, *mas anterior àquela em que a aristocracia abastada já se havia deslocado para a Côrte e perdido seu feitio característico.*

O barão de Albuquerque fôra deputado de 1872 a 1881. Nos seus últimos anos residiu em Paris, meca naquele tempo de muitos brasileiros de fortuna.

Londres, 5 de janeiro 1905.

Meu caro primo e amigo,

Muito lhe agradecemos os seus votos e as suas felicitações. Nada sei quanto ao título que os jornais americanos me estão dando; ao que parece, porém, o Rio Branco me quer lá. Terei portanto que ir estudando desde já a doutrina de Monroe. Quantos acontecimentos se têm acumulado nestes últimos tem-

pos! A impressão que tenho da primeira parte da minha vida é que as coisas se passavam de modo relativamente calmo, assim como tenho a impressão de que havia por tôda parte menos gente. Menos gente e maior lazer. Hoje vivemos em um *crowd* e dentro de um expresso. Não há nada mais sugestivo do que um mapa dos caminhos de ferro do velho mundo no Almanaque Hachette dêste ano. Daqui a pouco Europa, Ásia e África formarão uma só rêde. E a que pequena distância dela ficaremos quando forem reunidos por trilhos o Senegal e a Argélia! É o sistema político do globo que começa em vez do antigo sistema europeu! É um grande assunto de observação tudo isso. Pode-se dizer que estamos nas vésperas de uma nova era. Para nós o observatório de Washington é em tal conjuntura o mais importante de todos.

Muitas felicidades no Ano-Novo e até breve. Muitas recomendações nossas.

Do seu muito afdo.

JOAQUIM NABUCO.

Ao almirante Barão de Jaceguai

Londres, 5 de janeiro 1905.

Meu caro Mota,

Venho desejar-lhe e à Baronesa as mais felizes entradas no Ano-Novo por mim e por minha mulher. O Graça nada me adianta a seu respeito, nem o Machado, mas saber que estão sempre com você é para mim um consôlo. Recebi há tempos uma carta sua recomendando-me o guarda-marinha Adalberto Menezes. Não sòmente êle não veio a Londres como não pude saber do itinerário do navio para agradecer-lhe a atenciosa carta que me escreveu. Teria tido grande prazer em ser-lhe hospitaleiro à vista da sua recomendação calorosa, sinal evidente de aprêço da sua parte. Sei que você é um juiz competente e seu voto deve muito lisonjeá-lo. Como vai você meu caro Jaceguai? Se se realizar o que anunciam em Paris os telegramas de

Washington não lhe escreverei por muito tempo mais da velha Inglaterra. Terei que ir estudar a doutrina de Monroe. Mas é um belo assunto, e a aurora dos novos destinos do mundo é uma observação interessante para espectadores como nós. Antes isso que o espetáculo de ruínas sem grandeza. Confesso-lhe, porém, que não quisera mais novos cenários em minha vida. Preferia, já agora, fixar-me para sempre no seu último quadro, e nêle passar o intervalo que devemos todos pôr na frase que tanto gosto de citar « entre a vida e a morte ». Você aí parece já estar nêle, sintetizando o passado e o futuro numa impressão definitiva. Isso é a felicidade. Os budistas, que são os mestres únicos dessa ciência cada vez mais desprezada, não a procuram senão em graus mais ou menos adiantados de repouso, isto é (pois êste é o único verdadeiro repouso) de desprendimento. *Hélas*! Para mim o problema é muito mais difícil do que para você. Eu tenho na minha embarcação umas cinco hélices que a não deixam parar. Nem o coração nem o espírito cessarão até ao último instante de vibrar no máximo grau de inquietação, porque eu, ao contrário de você, sou uma colônia; você é um indivíduo, o último da sua marca. Que barulho em tôrno de meu leito de morte! Que serenidade em tôrno do seu! como se você tivesse escolhido a vida monástica. Aí está por que você acabará filósofo, e eu estou condenado a não ter êsse belo fim. Mas pense sempre em mim; onde quer que eu me ache, serei sempre o mesmo dos tempos em que não nos podíamos separar. Muitas saudades à Baronesa e um apertado abraço do seu muito amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Londres, 5 de janeiro 1905.

Meu caro amigo,

Antes de tudo os nossos mais felizes votos de Ano-Bom. Sabem que sua felicidade é hoje parte da nossa. Quanto a nós

dois particularmente nada em minha vida me parece tão generoso da parte da Providência como a sua amizade. Ela foi para mim uma renovação das fontes da vida, isto é, da esperança, e a bela eflorescência do seu espírito é para mim como que uma segunda mocidade intelectual. Isto diz tudo; o nome é seu, o gôzo é meu.

Para nós 1905 começa por uma desapropriação por utilidade pública, mas em consciência não sinto o despejo. Ninguém sabe o que lhe convém mais; os maiores destinos, em diversos casos as maiores obras (veja os *Lusíadas*), resultaram muitas vêzes de remoções forçadas. Possa ser êste também um caso, pelo menos nacional do *fata viam invenuint*. Quando digo remoção forçada não quero dizer que o Paranhos não me tivesse deixado a opção material, não me deixou, porém, a moral, ou patriótica.

Esta manhã recebi do Gomes Ferreira (1) êste telegrama: « Parabéns, Senhor Embaixador. » Suponho, portanto, que está tudo feito nesse sentido. Eu não era muito favorável ao título, sobretudo sem os meios de o manter, mas reconheço que neste caso o título só por si é um manifesto, e um manifesto que tem a grande vantagem de dizer tudo sem nada precisar. Reconheço que é uma iniciativa. E também, apesar da fábula que lhe citei da rã e do boi, há uma exceção natural (anfictiônica) em Washington para os agentes das demais repúblicas americanas que de fato autoriza a equiparação ali da sua categoria à dos agentes das grandes potências européias. Uma embaixada, porém, quer dizer muito e a primeira obrigação é dar casa ao embaixador. Espero que o Paranhos não me deixará parecer mal já que me fêz calçar o coturno.

Não sei ainda o que se quis com tal criação em Washington. O relator do parecer no Senado deu-lhe o sentido de uma precaução contra o « intervencionismo » norte-americano. Mas o futuro é que lhe imprimirá o seu verdadeiro caráter. Não nomearam, porém, um autômato, nem um antimonroista. Estamos visìvelmente no comêço de uma nova era. Para os nossos cálculos o observatório de Washington é o mais importante. Por

(1) *Alfredo Gomes Ferreira, encarregado de negócios em* Washington.

ora quem vai para lá é o observador. Um dia, no futuro, emprestar-se-á ao Rio Branco e ao Rodrigues Alves alguma frase parecida com a de Canning sôbre a independência sul-americana — «Chamei à existência um novo mundo para restabelecer o equilíbrio do antigo!» Ou não se trata senão de um movimento diplomático? Demos tempo ao tempo. Ninguém pode saber o que resultará dêste primeiro passo, qualquer que tenha sido a intenção. Eu pela minha parte sòmente desejo, qualquer que essa tenha sido, que êle reverta em honra e dignidade para o nosso país e para a atual administração. Como vê não estou nada queixoso. O meu otimismo triunfa sempre, purifica tudo, não leva em conta as preocupações pessoais, procura sòmente o modo de construir pela imaginação alguma coisa em que o país se reveja com a consciência satisfeita.

Vou breve a Roma, de lá voltarei para fechar da algum modo a minha passagem por Londres. Tive há dias uma correspondência muito interessante com Mr. Buckle (o redator do *Times*) sôbre uma idéia que trouxe de Roma a respeito de Cícero. Vou mandar-lhe cópia, foi tôda confidencial.

Adeus, abraço-os cordialmente.

Do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Alfredo de Barros Moreira

Londres, 9 de janeiro 1905.

Meu caro Barros Moreira,

Decidi-me a ir e dentro de uns dez dias aí estarei (suponho). Quanto sinto não lhe levar nenhum consôlo (1). Para Bogotá foi nomeado o deputado Enéias Martins. Que outra legação resta?

Talvez com a nova lei das aposentadorias (que deve ter passado) e a velha lei das aposentadorias forçadas (a morte) possa-

---

(1) Nabuco se empenhava constantemente pela promoção de Barros Moreira. Acabou realmente sentido com Rio Branco pela repetida preterição dêste e de mais um outro amigo que seguidamente lhe recomendou.

mos breve, ou possa você, se o aposentado forçado fôr eu, ter novas esperanças. A vela que eu via no horizonte, essa sumiu-se. Esperemos que logo apareça outra e lhe faça sinais, e esta navegando, não para o mar das Antilhas, mas para Leste.

O Ano-Novo trouxe-nos a mais completa confusão. Vamos para Washington. Eu não podia recusar-me, sòmente por preferir ficar na Europa. Amanhã creio que se assina a minha remoção. Vou fazer jus a uma aposentadoria no Vaticano, se o ministro daí daqui a tempo quiser circular um pouco. « Circulez, Messieurs, » parece ser a ordem do dia do corpo diplomático.

Adeus, meu caro amigo. Muitas saudades a todos. Não me acusem por não lhes levar desta vez a felicidade. Minha convivência não lhes foi contrária, pois foi à minha ida para aí que você deveu « aquêle engano d'alma », que a Fortuna não deixou durar. Tenho feito o possível e confio. Tenho já saudades de você antes de partir para Washington. É tão longe!

Do seu mtº afº Prº e Amº

JOAQUIM NABUCO.

A José Veríssimo

Londres, 10 de janeiro de 1905.

Meu caro amigo,

Já lhe mandei pelo Graça, mas quero mandar-lhe novamente, os meus agradecimentos pela oferta da quarta série dos seus Estudos, a respeito dos quais sou suspeito para dizer o que penso. Meus votos são que o seu admirável talento encontre o seu alvo, em vez de dispersar-se assim, pode-se dizer, ao capricho dos outros. Tenho grande ambição pelo sr., porque é dos que verdadeiramente admiro, no mais elevado sentido da expressão. Às vêzes penso que escrever a nossa história literária seria o melhor. Mas apesar de que tudo se transforma e se engrandece sob sua pena, não o quisera ver tratando assuntos efêmeros, analisando obras secundárias, pois o instinto da pos-

teridade é que o verdadeiro talento não deve servir de veículo de celebridade ao que merecia ter morrido — e desconhecido — no seu tempo. Hoje parece que se assina aí a minha remoção para os Estados Unidos. Tenho fé, como tudo se faz na repartição dos destinos, que essa mudança foi inspirada por uma intervenção beneficente e não malévola e por isso irei cheio de confiança nesse último capítulo da minha vida pública. Abraça-o muito afetuosamente e aos nossos o seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Faelante da Câmara

Francisco Faelante da Câmara Lima, abolicionista pernambucano, lente da Faculdade de Direito do Recife, deputado provincial e mais tarde deputado federal, era também poeta e escritor.

Londres, 10 de janeiro.

Meu caro amigo e colega,

Muito obrigado pelos seus opúsculos tão cheios de recordações que me são caras. Recebi a sua Memória de 1903 e o tributo ao Martins Júnior. Parece-me que os vejo a todos como nos tempos da nossa campanha. Leio em um jornal a morte do Barros Rêgo, em outra a do Corbiniano. Eram todos veteranos da Legião que a vitória dispersou há dezesseis anos.

Para mim foi um prazer ver que o seu ardor é o mesmo da nossa época definitiva, que ficará sempre sendo aquela. Lê-lo e como que ouvi-lo de novo foi para mim uma volta ao passado e lhe ficarei grato sempre que me interromper assim com a bela imagem do Recife as sensações estrangeiras.

Do velho am.º e camarada

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Londres, 15 de janeiro.

Meu caro amigo,

Sòmente para conversar um momento antes de partir para Roma, o que pretendo fazer depois de amanhã. Como é diferente tudo aqui com *Usted e senza Usted!* É assim que fala a nossa amiga de Roma. Nos Estados Unidos não poderei sentir a diferença em relação aos lugares, ainda que seja a mesma quanto à vida. Nós estávamos chamados pela lei da nossa criação a formar colônia e vamos ficar ainda mais isolados.

A Heloísa escreve que choveu aí (1) 25 dias seguidos. É um detalhe importante; assim eu quisera ter todos os outros da sua vida aí.

O Veloso lhes dirá a nossa. Os Chermonts estão muito contentes com a perspectiva de Washington. O Cardoso sente-se em crise, pois a sorte o habituara aos seus favores. O Raul nada diz, mas não creio que tema o futuro.

Sei que o Prozor não recebeu o *tennis,* mas espero (visto o Sr. nada me ter escrito) que seja simples atraso, e não extravio. Muito estimo o que me diz do Domício, mas êle não tem sido correto comigo, porque comigo da parte dêle a correção era a expansão.

Eu de Washington pretendo ir um dia para o Vaticano. Êste é o pôsto que se devia reservar para o « intervalo entre a vida e a morte », para a aposentadoria ativa dos que esperam a eterna e querem aproveitar aquela para escrever. O Azeredo (2) sente que eu vá para tão longe, mas « em uma vida como a sua, escreve-me, tôda feita de grandes linhas não há lugar para essas pequenas considerações.» Viu já ostra mais impudente? E o Régis que me decanta as glórias de embaixador! Que patifes!

Se eu me der bem em Washington do ponto de vista nacional, esquecerei as seduções da Europa, isto é, as da paisagem

---

(1) Em Petrópolis, onde Graça Aranha residia com a família.

(2) Carlos Magalhães de Azeredo, secretário da legação do Brasil junto ao Vaticano e a quem Nabuco queria muito.

histórica. Se, porém, a *experiência* que se vai fazer (o grifo fica entre nós) me parecer mal fadada, praticarei as artes do próprio Rio Branco, para, depois dêle, depor a carga. Agora o sr. me diz que êle passará à futura presidência. Estou perdido!

Um apertado abraço para todos e a constante saudade do seu

Obrigadíssimo amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Roma, 2 fev. 1905.

Meu caro amigo,

Acabo de receber sua carta. Sabe que comigo o sr. conta inteiramente e que tê-lo ao meu lado seria um grande consôlo e o mais poderoso estímulo na grande tarefa que me incumbe. Decida por si, mas não sacrifique a sua carreira. Em contacto com o sr., o Rio Branco acabará por sentir que se elevaria abrindo-lhe as portas *mais largas* da nossa diplomacia. Na América do Sul o seu entusiasmo, a sua simpatia, a sua adaptação intelectual, serviria muito a nossa causa, que precisa ser criada, que está por criar, em tôda ela. Por que não também o México? Mas é preciso confessar que o centro motor está em Washington e que mesmo para qualquer legação sul-americana, ou centro, o tirocínio em Washington seria o melhor preparo. Por isso não sei o que lhe diga. Sinto, porém, certa impaciência pelo sr., ainda que eu também pense que algum tempo mais de convivência seria para ambos nós um prazer que não poderíamos nunca pagar caro. Veja quanto estou certo da minha afeição e pela minha parte também do valor de um espelho que só nos mostre o que há mais elevado em nós, ou por outra de uma corda de segurança que nos ajude a galgar alturas a que ninguém sobe sem um ponto de apoio. Qualquer dêsses é o meu papel com o sr. Não preciso escrever ao Presidente nem ao Rio Branco, nem ao Rodrigues. Mostre esta carta se alguma dúvida houver.

Os jornais norte-americanos estão exagerando o brilho da embaixada. Mas esta, uma vez çriada, obriga a muito. Não pode ter pessoal menor do que uma legação e quanto à casa é-me impossível com pouco mais do que tenho em Londres tomar casa *digna da iniciativa* que tomámos e mobilá-la! A mobília decorativa custa muito. Todos êstes pontos e outros tratarei depois oficialmente. Já agora é preciso que façamos tudo pelo menos tão bem como fazíamos outrora com as missões especiais do Prata. A princípio, como lhe escrevi, eu julgava inútil o título, mas hoje reconheço que êle só por si foi um rasgo de audácia e de inspiração que abriu ao país e à América do Sul tôda novos e largos horizontes. É preciso, porém, correspondermos à expectativa que provocamos, construir *in perpetuam.* Sou chamado a *criar* êsse papel, conto que o autor da peça e o empresário o julguem tão importante quanto o julga tôda a gente na Europa e na América. Em nossa vida internacional ato algum produziu ainda o efeito dêsse.

Abraço-o e a dona Iaiá e os meninos.

Seu amigo dedicado

JOAQUIM NABUCO

A J. A. Ferreira da Costa

José Augusto Ferreira da Costa começou sua carreira em Londres como adido de legação em 1874. Ali foi colega e tornou-se amigo de Nabuco. Foi mais tarde ministro junto ao Vaticano e à côrte da Rússia e, finalmente, na Suíça. Depois de aposentado, e também em períodos de férias ou licenças, foi residir em Roma para onde é escrita esta carta.

Londres, 10 de março, 1905.

Meu caro Costa,

Você se convença de que eu não escrevi sôbre o seu Códice por não poder fazer sobressair devidamente a sua iniciativa. Há muito que eu não faço senão o que suponho poder fazer com bom êxito. Escrevi ao Rodrigues sôbre a subvenção, ou sub-ro-

gação do Estado na sua responsabilidade, mas nunca pensei em fazer eu mesmo a apresentação da sua obra. Isto deviam fazer no *Jornal* eruditos estrangeiros, porquanto ninguém é profeta em sua terra.

Recebi o belo artigo do *Giornale d'Italia,* que me parece do Mac Swiney. Agora você mandará tudo ao Rodrigues. A amizade dêle é um tesouro e você pode gabar-se dela.

O Régis (1) deve tomar conta do novo pôsto para a semana. Suponho que o Paranhos oscila entre Londres e Roma, talvez mesmo entre êsses e alguns destinos mais, inclusive o de continuar na pasta. Os Régis desejam Roma, e como êle tem boa estrêla talvez acabe lá.

Você é um triunfador com o seu Petrarca, isso torna o seu nome cem vêzes mais universal do que os nossos pobres nomes brasileiros, pois escrever em português, como disse uma vez o A. de Siqueira, é « dizer um segrêdo num confessionário da Idade Média ». Você falou alto, pelo contrário, ou foi dizer o seu à fonte de Vaucluse.

Aí a amizade dos Mac Swineys o reconfortará, e você pensará que é melhor viver ao lado dêles do que em outra qualquer parte. Êsse é para você, e eu compreendo, o melhor da vida romana, êles e a Via Appia — com o Umberto. Como eu o invejo! Fique certo que o embaixador em Washington seria mais feliz como um simples *lazzarone*... se pudesse digerir o macarrão. O estômago estragado é o único embaraço que eu sinto à inveja da gente do povo sob êsse belo céu e nessa bela terra. Você porém tem o estômago primitivo, é um homem da Renascença até por êsse lado.

Adeus, meu caro Costa. Você teria muito que me contar, mas quando nos veremos? Suas cartas são belíssimas e dulcíssimas, favos de mel que ainda não se academizou e guarda por isso todo o aroma agreste: — original e sincero.

Do seu muito sinceramente também

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) Francisco Régis de Oliveira, nomeado ministro em Londres em substituição de Nabuco.

A Graça Aranha

Brazilian Legation.
London.
31 de março 1905.

Meu caro amigo,

Sinto não poder responder-lhe no mesmo tom. Estou cansado de tanta arrumação e preparando a partida. Isso não me permite a alegria de que sua carta está cheia e que tão grande prazer me causou. Fico à espera de outra, e de outra, até que se esclareça a sua situação e eu conheça o seu destino.

Envio-lhe o trecho de uma carta do Gomes Ferreira sôbre os ordenados dos embaixadores. Eu se tivesse que tomar e mobilar casa parecida com embaixada sem outros recursos senão os ordinários precisaria de preocupar-me do *deficit*, e essa preocupação seria maior do que a dos negócios da embaixada. Vou portanto examinar a situação e fazer o meu relatório sôbre ela. Não sou obrigado à dívida.

O Gomes Ferreira diz-me que o Presidente só estará em Washington depois do meado de maio. É assim inútil que eu esteja lá antes, e tenho mesmo escrúpulo em lá ir antes de aprovada a minha nomeação pelo Senado, estando êste aberto. Nos Estados Unidos não se o faria, e quanto mais certo o Presidente do Senado maior deferência lhe deve. Tratando-se de uma criação política é por todos os motivos desejável que ela não se apresente ainda incompleta, mas com a plena investidura constitucional. O Rio Branco de certo reconhecerá isso, estando aberto o Congresso, como estará em maio.

E a seu respeito? Estou ansioso pelo *continua* à sua última carta, ou melhor à penúltima, porquanto na última há apenas alusões misteriosas ao que me havia exposto naquela. Eu teria imenso consôlo em vê-los na embaixada, mas prefiro vê-lo colocado em uma legação sua.

O Régis partiu. Queira dizer ao Rio Branco (não escrevo a êste diretamente, porque não sei se é oportuno), achando-o bem inclinado a isso, que a nomeação do Raul Régis para Londres agradaria muito ao pai e que em minha opinião nenhum outro secretário nosso faria na sociedade inglêsa a carreira que êle havia de fazer, e disso precisamos muito.

Suponho que o Veloso foi seduzido por Enéias Martins, não lhe escrevo porque talvez êle já não esteja aí. O que me diz sôbre a volta da paixão de Viena era previsto e eu mesmo lho disse muitas vêzes. Se êle parte, porém, é um caso perdido, — e para Bogotá! Diga-lhe, se aí estiver, que telegrafei ao Dantas (1) anunciando a nomeação e que êste ficou encantado.

Queiram votar no Bandeira (2) por mim. Escrevi a êsse respeito ao Machado, mas a carta pode extraviar-se e por isso confirmo-a de novo. E a vaga do Patrocínio?

Dona Iaiá (3) fala a Evelina das Valkirias que o acompanham a cavalo. Como é interessante o seu quadro da família Prozor! E a minha afilhada (4) para madrasta! Veja que sorte! Contanto que isso a não impeça de casar com um homem interessante e diplomata, como o pai, e de ser ela mesma autora dramática como a mãe!

Ontem jantamos com os Batalhas (5). Êle diz que se alguém aí lhe falar nêle, o sr. dirá: «Quem é? Não conheço.» Eu disse-lhe que o seu silêncio é devido à necessidade que o sr. tem, sempre que escreve, de transformar-se em um novo interlocutor e que lhe estará parecendo difícil o papel no diálogo com êle, ou pelo menos que o tempo lhe tem faltado para o criar a seu gôsto. Parece-me o papel se poderia intitular: «Graça Aranha perante a Literatura Portuguêsa», ou mesmo perante «Portugal». E eu compreendo.

Muitas recomendações nossas aos seus e de vez em quando lembre-se de alegrar-me a vida com uma dessas suas cartas escritas nos seus melhores momentos.

Do amigo muito sincero,

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) Luís de Souza Dantas. O motivo do telegrama de Nabuco foi a grande amizade que existia entre êste jovem diplomata brasileiro e Anibal Veloso Rabelo, que servira como secretário na Missão Especial de Nabuco e cuja nomeação para o quadro efetivo da carreira daria muito prazer ao amigo. Veloso foi designado para servir em Washington.

(2) João de Souza Bandeira, candidato à Academia de Letras na vaga de Martins Júnior, para a qual foi eleito.

(3) Dona Maria da Glória de Araújo da Graça Aranha, espôsa de Graça Aranha.

(4) Elsa Prozor, filha do conde de Prozor, ministro da Rússia no Brasil.

(5) Jaime Batalha Reis, cônsul de Portugal em Londres.

A Oliveira Lima

Londres, 1 de abril 1905

Meu caro dr. Lima,

Diga-me quando estão de volta. Suponho poder partir para Paris por oito dias a 14 ou 15, apesar de nada ser certo, e quisera não me cruzar com sr. O William (1) diz-me que talvez o sr. esteja a esta hora em Madrid.

Minha partida para Nova York será a 3 ou 5 de maio.

Estou fatigadíssimo com as arrumações. Nada cansa tanto. Esgotei o *stock* de caixões que havia em Harrod's.

E agora? E depois? De Washington pretendo ser o melhor dos correspondentes. Não terei mais notícias que dar, lá sòmente se as recebem, mas hei de explorar os que as tenham para dar.

Muitas recomendações nossas à sra. dona Flora («Done Umbelina» me tem feito grande falta) e creia-me sempre seu muito sinceramente *best wisher*

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão do Rio Branco

Ministro das Relações Exteriores

Londres, abril 6, 1905.

Meu caro Paranhos,

Você terá prazer em receber a inclusa nota do Tropé (2). Eu sempre tive a impressão que o Roraima (3) viria a pertencer-nos em parte, e êle sempre me sustentou o contrário. Hoje que está provado que o Cotingo desce dêle não pode haver mais dúvida a êsse respeito e você tomará as suas precauções com o amor que tem a êsse território do qual tanto se ocupou

(1) William Waghorn, velho contínuo da legação em Londres.

(2) Henri Tropé, cartógrafo francês, auxiliar de Nabuco na Missão Especial.

(3) Monte do território em litígio.

para que guardemos essa balisa que parece rivaliza em beleza natural com a outra maravilha do Iguaçu, se montanhas podem ser comparadas a cachoeiras. Estou muito desejoso de saber como se comporá a Comissão Anglo-Brasileira de demarcação e espero ansioso as revelações que ela há de fazer sôbre o território que disputamos sem conhecer. Você lembra-se que a comissão que foi ao Maú queixava-se de que o território não acabava mais e a cansava. É de esperar que os nossos novos comissários estimem tal cansaço por se estender o nosso território mais do que se imaginava.

Vejo que você está ansioso pela minha partida, mas como o Presidente não estará em Washington antes da última semana de maio você não levará a mal que eu me regule por êle. Tenho trabalhado muito nas arrumações da casa, onde tínhamos muita coisa, e nos papéis da missão, legação, etc., um mundo, você sabe. Agora que me vou enterrar no pomposo túmulo que você me construiu preciso ter meus papéis em ordem. Preciso sobretudo de uma ou duas semanas de perfeito descanso. Se fôsse outro o ministro de Exteriores eu pediria que me concedesse, depois de tantos anos de trabalho dia a dia sem remissão, umas férias de um mês para ir a Viena tratar dos meus ouvidos, mas com você não há que pensar nisso. Você trabalha há mais tempo sem remissão, e férias não lhe são simpáticas, apesar de que se se tratasse dos seus ouvidos creio que você os defenderia tanto como os olhos. Além disso não quero contrariá-lo em nada; esperarei, para pedir uma licença por motivo de saúde, um ministro mais condescendente em matéria de trabalho do que um que não descansa nunca.

Estimo muito que você me empreste o Raul. Pode dar-mo de vez. Êle dá-se muito bem comigo, creio que se daria bem com qualquer ministro, e em Washington eu pretendo não ter trabalho demais, de escrita, pelo menos.

Não lhe recomendo mais o Barros Moreira, porque de nada serve, mas será um dia de felicidade para mim aquêle em que o vir promovido.

Vou explorar a situação em Washington a respeito de casa para telegrafar-lhe. Em Londres se não fôsse o que recebi como ajudas de custo ter-me-ia sido impossível viver, imagine você em Washington. Por isso eu sòmente tomaria casa lá e mobilaria

com recursos especiais. Eu lhe mandarei as contas da vida para você resolver entre dar-me os meios precisos e dar-me uma licença até à remoção inevitável no caso de ver eu a impossibilidade de lá viver com o decôro da alta posição que me foi emprestada por você. Digo *emprestada,* porque sei que sou um embaixador de ocasião, e não de categoria fixa. Estimei bem essa sua resolução (1). O Dantas, embaixador de Portugal em Roma, dizia-me há pouco tempo que o duque de Saldanha depois de sete anos de embaixador em Roma tinha sido nomeado ministro em Paris, e depois em Londres, acrescentando que êle estava pronto a ir para Paris como o Saldanha foi. O Régis, pelo que me disse, parece desinteressar-se de Roma agora que tem Londres, êle atende provàvelmente à cotação do pôsto na carreira, eu não atendo a isso; atendo, primeiro, à utilidade que posso ter para o país, e depois à utilidade do clima para a conservação por mais algum tempo de uma existência necessária à minha família. Mas como ser útil, se eu reconhecer que não posso pagar a minha despesa mensal? Por isso eu talvez tenha que tratar com o seu sucessor da minha remoção nas condições que você mesmo previu no seu despacho anunciando-me a minha comissão temporária. Quem será êle? Você mesmo? Não há nada que me interesse mais saber com alguma antecedência.

Adeus, meu caro Paranhos. O Graça diz-me que você está com imensa fôrça, e assim devia e deve ser depois de tudo que você tem feito. O Brasil está vendo o que é um grande homem e, ainda que tratar com grandes homens para os que sòmente supõem sê-lo seja às vêzes incômodo e até de desesperar, todo êle vai tendo êsse sentimento e não é impossível que dessa convicção se forme um hábito sem o qual o país não possa passar.

Esta lhe chegará às mãos quando eu já tiver partido para os Estados Unidos. Aceite-a pois como uma despedida da Europa.

Do seu muito afetuoso

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) Nabuco fôra nomeado embaixador em comissão, continuando no quadro diplomático com o pôsto de ministro plenipotenciário.

A Alfredo de Barros Moreira

Londres, 6 de abril, 1905.

Meu querido Barros,

Muito obrigado pelo seu telegrama ao qual já respondi. Conto partir a 2 ou 3 de maio, de Southampton provàvelmente. Vão comigo os Chermont e o Raul. Evelina, com as crianças, irá mais tarde, quando eu saiba para onde, porque em junho já Washington é muito quente. Será entretanto uma curta separação para ela, porque seguirá por todo o mês de maio.

Não proponho o dr. Antônio Olinto ao Rio Branco por me parecer que não era atribuição minha e poder êle (Rio Branco) não gostar, mas ninguém desempenharia melhor a comissão do que êle (o dr. Olinto).

Os jornais inglêses já dão a nomeação de cardeal nosso. Será exato?

Vi que você estêve com dona Ema no jantar do nosso Costa no Grand Hotel. Eu penso que êle não deve deixar a carreira por falta de condescendência da parte do govêrno com os desejos dêle. Os anos todos de serviços que êle tem, não me parece coisa que êle possa sacrificar por causa de desagrados momentâneos ou ocasionais. É preciso que êle tenha em tôrno de si pessoas que o não animem a deixar, e sim pessoas que resistam, tanto como eu, a qualquer pensamento dêle nesse sentido. Eu lhe recomendo muito êste papel, meu caro Barros.

E você? E dona Ema? e as três minhas amiguinhas? Coragem por sua vez. Hoje escrevi ao Rio Branco dizendo que não pedia mais por você por ver que era inútil, mas que seria um dia de felicidade para mim aquêle em que soubesse da sua promoção. Achei o Régis muito desprendido de Roma depois que teve Londres. Tal qual o Alvim, o nosso Sixto Quinto. Suponho que os Hermanos (1) com o *bridge* o curaram completamente e breve êle estará dando ainda provas de uma segunda mocidade. *Chi lo sá?*

---

(1) A família Hermano da Silva Ramos, brasileiros residentes em Paris e freqüentes visitantes em Roma.

Muitas saudades em casa e entre os bons amigos. Hoje telegrafei a dona Maria (1). Tenho desejo de saber como o Rudini acolheu a minha carta. Você está entregue ao seu pessimismo e não me dá nenhuma notícia agradável. Diga-me alguma coisa pelo menos do Costa. Êle deve ter-lhe trazido alguma impressão sôbre você mesmo. Mas a verdade é que ninguém sabe o que o Rio Branco vai fazer. Olhe o caso do Régis mesmo, o do Pacheco, o do Veloso, para citar sòmente alguns em que o Costa mesmo teve antes das nomeações palpites errados.

Do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A João Ribeiro

Londres, 10-4-1905.

Meu caro amigo,

Muito lhe agradeço os seus parabéns e o petulante autógrafo que me mandou no « 1º volume » das minhas « Obras » aos 15 anos (2). Onde o foi descobrir? Essas traições são das que justificam o antigo voto: « Livre-me Deus dos meus amigos que dos meus inimigos me livro eu! » São os amigos que conservam tudo que pode um dia nos fazer mal. O senhor, porém, é um amigo de quem não é preciso a gente livrar-se e que, pelo contrário, corrige as traições dos outros.

E como vai? Não tenho notícias suas, nem diretas, nem indiretas, há bastante tempo. Não o creio consumido pelo fogo sagrado, mas antes deixando as impressões da vida o apagarem pouco a pouco. Há um certo pessimismo no seu modo habitual que me faz recear que seja êsse o caso. Agora uma viagem me pareceria um refrigério. A morte das ilusões atua sôbre as fontes do talento genial como a destruição das matas sôbre as do rios. Nesse caso, que é o caso, uma viagem à Europa (aconselho a

---

(1) Dona Maria Mazzoleni.

(2) Nabuco aos quinze anos publicara em luxuoso folheto uma ode à Polônia, *O Gigante da Polônia*.

Sicília) faria o efeito das chuvas no sertão, faria reviver aquelas ilusões, evitando assim a desolação moral da sêca. Ou, pelo contrário, esta carta o encontrará em pleno otimismo, em plena renascença! Deus o queira! Sabe que o inscrevo muito alto no nosso ativo intelectual.

Do seu muito sinceramente

JOAQUIM NABUCO.

A Alberto Santos Dumont

Santos Dumont, « o pai da aviação », havia estado mais de uma vez em visita a Londres. Como agradecimento à hospitalidade do ministro do Brasil, enviara o presente que Nabuco agradece nesta carta, uma bonita bengala com castão de prata.

Londres, 4 de maio, 1905.

Meu ilustre patrício e caro amigo,

Não sei como agradecer o seu magnífico presente. Vindo de Santos Dumont parece que êle me constitui possuidor de uma « bengala de Voltaire », que será multiplicada sem número de vêzes pela admiração dos brasileiros por vir.

Espero que ainda me verá usando dela, da autêntica.

Muito lhe agradeço o livro *Dans l'Air*, que lerei *sur mer*. Os mares e os ares se parecem — depois de Santos Dumont.

Até Washington ou até Paris.

Do Am° e patrício obrm°

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Washington, junho 21, 1905.

Meu caro amigo,

Muito obrigado por suas cartas, notícias, felizes votos. Tudo me dá sempre grande prazer e me faz recordar com saudade a

nossa longa convivência, parte da minha vida. Hoje (1) o imagino muito festejado dos seus como o filho pródigo de volta a Canaã. Nós festejámos o dia aqui, eu, o Chermont e o Veloso, lembrando-nos. Muitos como êste lhe desejo e, ainda mais do que ao sr., a dona Iaiá, a Heloísa e Temítocles.

Quisera mandar-lhe uma impressão qualquer da minha mudança para cá, mas é cedo ainda para falar. Por ora estamos enervados pelos calores sufocantes como aí não se têm. De dia é uma fornalha, de noite um forno. Tôdas as embaixadas, porém, transportam-se no verão para fora de Washington e estou esperando sòmente, para sair, que chegue e passe a vista anunciada dos oficiais do « Benjamin Constant ». Felizmente, pelo que leio nos jornais êle deve ter chegado hoje a Norfolk.

Pedi ao Rio Branco uma licença para usar dela quando precisar e, se êle ma conceder, tratarei de ir ao Brasil em tempo. Sòmente de viva voz lhe posso dizer, a êle, muita coisa, e, ainda que as nossas relações pessoais não estejam depois que êle entrou para o Ministério no antigo pé de perfeita intimidade, espero que êle não me acolherá como um instruso. Isto é gracejo, e Deus sabe quando eu iria ao Rio. Se tomar casa, terei um tal pêso sôbre as costas que dificilmente me poderia mover até junho próximo, que é quando todo o mundo oficial sai de Washington.

Eu não posso mobilar uma embaixada, as ajudas de custo têm-me servido para cobrir os *déficits* da vida, ninguém imágina o que é manter uma família como a minha de certo modo, vivendo com certa largueza. Mas aqui, meu amigo, tudo custa o triplo. Não posso ter uma casa mobilada como a minha de Londres por menos de 7.000 dólares; se quisesse ter uma casa de grande aparência, verdadeira embaixada, seria, em vez de 7.000 dólares, 10 ou 15 mil. Não sei quanto tem o embaixador italiano, talvez só tenha 80.000 francos, mas tem a mais a casa, que é uma despesa para mim pelo menos de outros 50.000, pois aos 7.000 dólares, de que lhe falei, da casa de Washington, é preciso acrescentar a casa de verão, sendo o verão em Washington intolerável e ninguém ficando na cidade durante três meses.

Não queiram êste pôsto. O dólar aqui vale o mesmo que o franco em França e o shilling na Inglaterra e não se tem pelo

(1) Aniversário de Graça Aranha.

que se gasta nenhuma verdadeira retribuição, *on n'en a pas pour son argent,* como dizem os franceses. Falando-lhe muito entre nós: (a) se eu vir que posso servir, e (b), se o Congresso me der os meios, irei ficando até poder em consciência renunciar o cargo; se me faltarem, porém, os meios, ou se eu verificar que nada posso fazer ou há que fazer, então não me sentirei obrigado a ficar e pedirei ao govêrno aí que me dê outro destino. Estou, portanto, em prova, e esta não pode durar menos de um ano, salvo circunstância imprevista que me obrigue a deixar mais cedo. Isto tudo é muito entre nós dois, o que não quer dizer que não exponha ao Rio Branco, se fôr preciso. Suponho que êle está bem intencionado para comigo e não levará por isso a mal que eu só queira ficar aqui: 1.º, podemos viver; 2.º, podendo ser útil.

O que me diz a seu respeito é um consôlo *e uma alegria* para mim. Em consciência creio que um pôsto tranqüilo e simpático lhe convinha mais do que êste para o sr. grande e dispendiosíssimo isolamento de Washington por melhor companhia que nos fizéssemos todos nós.

O Domício escreveu-me afinal, e pela carta dêle compreendo que se prepara para dirigir a nossa Secretaria. Vou responder-lhe amanhã.

Que saudades, meu bom amigo, do nosso tempo de Londres! Se visse como o Gomes Ferreira partiu para Paris! Literalmente como um pássaro ao qual se abrisse a gaiola! E assim vão todos! Eu não quisera partir assim, porém, sim, com saudade e a contragosto. Pode-lo-ei? Deus o queira. Isso não depende de mim. Eu me dou e dedico todo ao meu serviço, a questão é a reciprocidade da parte dos que me empregam e da terra a que me acolho. Sòmente daqui a um ano lhe poderei dar uma impressão quanto a mim mesmo; para o sr. e dona Iaiá, porém, desde já lhes digo « Não venham », a menos que o seu coração só lhes baste e que o Rio Branco os não abandone à sua sorte.

Muitas saudades para todos de casa e para os nossos amigos comuns. Mande-me de vez em quando notícias da campanha presidencial.

Todo seu sempre

JOAQUIM NABUCO.

A Machado de Assis

Brazilian Embassy.
Jackson, 28-7-05.

Meu caro Machado,

Acho-me neste momento nas Montanhas Brancas, descansando, isto é, mudando de trabalho. Cá recebi a sua boa carta, e lhe agradeço cada palavra dela. Você sabe como as peso e torno a pesar em balanças a que nenhuma intenção sua escapa. Êste lugar é delicioso. Habito um *cottage* à beira de um pequeno rio encachoeirado sôbre o qual tenho uma varanda. Está comigo o Veloso (1), e os dias passam-se do modo o mais rápido sem fazermos nada, rápido demais. Sem fazer nada é um modo de dizer, tenho grande correspondência, a leitura dos jornais, que neste país é uma tarefa séria, e quero ver se dou um livro.

O meu voto para a vaga do Patrocínio é para o Jaceguai. Acho que êle deve apresentar-se. Não compreendo que êle, que não teve mêdo de passar Humaitá, o tenha de atravessar a praia da Lapa. Se êle não fôr candidato e o Artur Orlando o fôr, votarei neste. Seria lastimável se as candidaturas mais brilhantes que em nosso país possam surgir, como essas, recuarem diante de qualquer suspeita de haver na Academia grupos formados e fechados. Devemos torná-la *nacional.*

Adeus, meu caro Machado. Do seu muito saudoso amigo e discípulo afetuosíssimo

JOAQUIM NABUCO.

Que saudades, meu caro Machado, do nosso querido grupo (êsse não é fechado) e de cada um do seu grupo do Garnier! Dê-lhes um apertado abraço por mim.

---

(1) Aníbal Veloso Rabelo, secretário da embaixada em Washington.

A dona Francisca de Barros Cavalcanti, viúva de Adolfo de Barros Cavalcanti

Washington, agôsto 10, 1905.

Minha cara Senhora,

Com as minhas contínuas viagens ùltimamente só me chegou há dias a notícia do falecimento do meu saudoso amigo Adolfo de Barros. V. Ex. sabe a conta em que eu o tinha e o laço que nos prendeu. Conservo-lhe a mais grata recordação e guardo dêle a lembrança de um dos tipos mais perfeitos de cavalheiro que a nossa terra pernambucana tem dado. Posso assim avaliar os efeitos da perda que V. Ex. e sua família acabam de experimentar pelo que eu mesmo, que apenas o entrevia há bastantes anos de longe em longe, sinto ao saber que êle não existe mais.

Tenho esperança de saber que a morte não foi dolorosa para êle, que, até a última vez que o vi, nenhuma decadência acusava em sua natural robustez. Não há muito recebi dêle uma carta bem expressiva da sua bondade para comigo e ela mostrava bem que o declínio ainda não havia começado para êle.

Queira V. Ex. aceitar os meus mais sinceros e sentidos pêsames para si e os seus, acreditando-me de V. Ex.

O menor e mais obrigado criado e amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Rodrigo Octavio

Jackson, N. H.
17 de agôsto de 1905.

Meu caro dr. Rodrigo Octavio,

Muito prazer deu-me há dias a sua carta relativa à Academia e ao Machado. Peço ao Banco do Comércio que lhe entregue 200$000.

É a minha modesta contribuição para o retrato do nosso grande escritor nacional. Meu voto será desta vez para o Jaceguai e, não sendo êle candidato, para o Artur Orlando. Não o sendo também êste, não terei tempo de mandar outra cédula. É bom às vêzes que os ausentes se abstenham.

Tudo o que me diz da nova instalação maravilha-me, somos grandemente devedores ao Seabra, já temos a nossa lista de beneméritos.

Êste lugar é delicioso, e, para o verão, quem não se contentasse com as Montanhas Brancas de New Hampshire seria realmente muito difícil. Para o inverno parece que a Califórnia do Sul é outro paraíso.

Convidaram-me para um *tour* por lá, voltando pelo Canadá coberto de neve. É o caso de dizer *dum vivimus,* vivamos e conhecer o nosso planêta é empregar bem a vida.

Espero, porém, que me seja dado gozar de uma licença aí para o ano e o prazer de achar-me no meio da nossa gente e em nossa terra será desta vez o maior que eu terei experimentado, pois a ausência já vai muito longa. Creia-me afetuosamente seu

JOAQUIM NABUCO.

A Tobias Monteiro

Jackson, N. H.
Agôsto 20, 1905.

Meu caro Tobias,

Não estranhe você o escrever-lhe eu tão raramente. Não há assuntos de cá para lá, e como falamos sempre em você a nossa lembrança não precisa de cartas para ser entretida. Você, porém, de lá teria sempre alguma coisa que me dizer do que os jornalistas ouvem sob sigilo, não sigilo para os que também poderiam ter ouvido, mas para o público. Como homem de imprensa, você deve ir fazendo do inglês a sua língua, pois daqui a anos será uma lacuna considerável a falta do inglês entre as línguas entendidas pelos brasileiros. Eu quisera que você o possuísse já de modo a uma viagem a êste país lhe poder ser útil do nosso ponto de vista nacional, ou do futuro das nossas relações com êle.

Tenho estado nas Montanhas Brancas um mês; esta semana sigo para New York a esperar minha mulher e filhos, e de lá para Washington, a ver se tomo casa. É bem triste um embaixador sem casa, *homeless,* mas qualquer casa não serve para embaixada e as que servem estão muito além dos meus recursos. Não venha cá esperando fazer economias. Tudo é três ou quatro vêzes mais caro do que em Londres, para quem deve viver do mesmo modo que lá.

Não lhe agradeci ainda o que você disse de mim no seu artigo de 13 de maio, mas guardei-o cuidadosamente e êle como que me rejuvenesceu. O Belfort Duarte há de ter estremecido com o apelido de abolicionista. Em sentido contrário, um jornal *português* da Califórnia, exaltando a minha carreira na abolição, chamou-me de «ilustre escravagista». Para êle, porém, «escravagista» é quem se ocupa dos escravos. Vejo que o João Alfredo está sempre pronto a fornecer esclarecimentos sôbre o nosso passado e você a recolhê-los. É preciso um pouco de tradição, um pouco de passado, sobretudo quanto aos costumes, mas é preciso também, e muito mais, transformação, e futuro. Nesse sentido o Taunay é um homem a quem se tem feito pouca justiça. O abolicionista não foi (pondo o sentimento humanitário de parte) senão o desbravador; o imigrantista foi, e será cada vez mais, o semeador do futuro, do Brasil futuro, que tem que ser um povo branco e no qual o cruzamento das raças inferiores se absorva de todo. Aqui a grande propaganda argentina é essa: que são o único povo branco, ou verdadeiramente latino, da América do Sul.

Estou ansioso pela solução da crise presidencial, ou eleitoral, isto é, por que não haja *pretexto* para nenhuma perturbação. É no estrangeiro que se sente o descrédito das revoluções sul-americanas. A única revolução que se justificaria aos olhos do estrangeiro seria a que se fizesse, fazendo subir naturalmente a taxa do câmbio; mas as revoluções só servem para precipitá-la.

Adeus, meu caro Tobias, dê lembranças minhas a seu irmão e creia-me

Muito afetuosamente seu

JOAQUIM NABUCO.

A Oliveira Lima (1)

Bernardsville, N. J. Out. 5. 05

Meu caro dr. Lima,

Daqui não tenho tantos motivos para escrever-lhe como os tinha de Londres, quando estavam no Japão, pois as notícias tomam outro caminho, como sabe.

Vejo pelos seus cortes de jornais que mesmo aí chegam muitas que não vêm até cá. Os 500 contos do « Correio da Manhã » reduzem-se a 2, do meu banquete por ocasião da vinda do « Benjamim Constant », despesa igual à que terá feito o Cardoso de Oliveira em Londres. Mas é inútil desmentir, pois tôda gente já o acreditou.

A verdade é que ninguém se lembra dos que estão em Washington, exceto os esquecidos como êles. Tenha as minhas cartas a dona Flora como escritas também ao sr., e peço-lhe a ela que tenha também como escritas a ela as que escrevo ao sr.. Vou logo aproveitando um trecho desta para agradecer-lhe, a ela, a tão interessante e simpática carta que me mandou em 19 de agôsto. Eu não tenho no meu diário o dia dela, mas tenho o seu e não *os* esquecerei por Natal.

Afinal tomei casa em La Fayette Square, do lado esquerdo da Casa Branca, casa que o atual Secretário de Estado, Mr. Root, ocupou quando ministro da Guerra. Está neste momento entregue aos pintores. Tomei-a com mobília por não poder, nem querer um contrato a longo prazo de casa com feitio de embaixada. Essa é espaçosa bastante e se pensar que o aluguel é de 6 mil *dollars,* para o ano que é de 8 meses em Washington, verá que eu bem precisava de alguns dos 506 contos do «Correio da Manhã » para fazer *alguma* figura aqui e instalar-me convenientemente em casa adequada e mobilada como embaixada, isto é, pràticamente adquirida pelo Estado.

E do Rio, que há? Vi no « Diário » de Pernambuco (que me mandam sempre atrasados, pelo que nunca adiantam aos do Rio) que a solução Afonso Pena-Nilo Peçanha não foi aceita unânimemente pelos governadores e a queda inesperada do

(1) Então Ministro do Brasil em Caracas.

câmbio é aqui atribuída a receios provenientes do desacôrdo havido ou existente. Não sei se é sòmente a candidatura Nilo Peçanha que encontra alguma oposição ou se é também a candidatura Afonso Pena, e até agora não conheço a atitude do Presidente perante a coligação. Espero entretanto que não haverá maior complicação e que tudo terminará por um acôrdo prévio, que prolongue a tranqüilidade de que temos gozado nos últimos seis ou sete anos por uns cinco mais, e assim de prazo a prazo.

O Rio Branco, êsse, não me escreve, nem me diz nada, de modo que não posso conjeturar coisa alguma quanto aos planos e pensamento dêle. O Graça, que é íntimo dêle, escreve-me agora sôbre a Academia sòmente. A morte do Carlos de Carvalho há de ter sido um grande golpe tanto para o Rio Branco como para o Graça.

Realmente sinto nada lhe poder dizer de interessante. Aflige-me sempre ouvir-lhe, ou de dona Flora, palavras de aborrecimento da carreira. Se os que podem dar-lhe brilho como o sr. e ela falarem assim o desânimo do nosso país há de ser grande em relação ao seu Corpo Diplomático.

O sr. dizia-me que daí só mandaria os ofícios de saques, mas do Ministério mandaram-me outros sôbre a situação política venezuelana. *Chassez le naturel, il revient au galop.* Também aqui fala-se muito em Venezuela; parece que é a ordem do dia da próxima sessão do Congresso. Nada ouso escrever-lhe a êsse respeito, mas os jornais americanos lhe devem chegar fielmente. Adeus, meu caro amigo, recomende-me afetuosamente a dona Flora e creiam-me ambos muito sinceramente seu

JOAQUIM NABUCO.

A Martim Francisco Júnior

Martim Francisco Ribeiro de Andrada, terceiro portador dêste nome ilustre, nascido em São Paulo em 1853, foi político a exemplo de seus antepassados, — presidente da província do Espírito Santo em 1882, deputado por São Paulo. Foi propagandista, no Diário Popular, *da separação de São Paulo.*

Caldwell, New Jersey.
12 de outubro de 1905.

Meu caro Martim Francisco,

De vez em quando recebo alguma brochura sua e, ainda que vivamos hoje pollticamente nós dois em temperaturas tão diversas como a salamandra e a zebelina, não quero que você me suponha indiferente a nenhuma lembrança sua. Já uma vez lhe recordei o que você me disse há anos, antes ou depois, creio, de uma dissolução, — que sempre, quando você entrava, eu saía, — no colégio, na Faculdade de Direito, na Câmara. A lista dessas coincidências poderia ser aumentada depois que nos perdemos de vista, mas tal fatalidade não afastou um instante do seu caminho a minha simpatia e os meus votos. De nada eu me honro tanto como de ter sido no nosso Parlamento a quarta geração do meu nome, (meu tio-bisavô, senador pelo Pará, meu avô e meu pai, deputados e senadores, eu, deputado), e por isso olho sempre com especial interêsse para você que ainda representa em nossa política o nome dos Andradas.

Ninguém que tenha estudado um pouco a fisionomia dos seus avós deixará de sentir, lendo-o e ouvindo-o, que você explica muito gesto, muita atitude e muita evolução dêles. Nada interessa mais do que seguir assim em gerações sucessivas o traço inconsumível de um nome histórico.

A êsse propósito deixe-me lastimar ainda uma vez o não haver em nossa literatura uma *Vida* dêles que revele o que êles foram, o que tinham de comum e de diferente, a personalidade de cada um, enfim. O que há são sòmente as linhas que a legenda acumulou para compor o perfil colctivo da Trindade. Era uma obra essa que o Estado de São Paulo deveria bem animar.

Adeus, meu caro amigo. Creia-me sempre

Muito afetuosamente seu

JOAQUIM NABUCO.

A Carlos Magalhães de Azeredo

Washington, 28 de out. 05.

Meu caro poeta e amigo,

Eu me perguntava todos os dias quando receberia aqui a sua primeira carta e hoje recebo-a borrascosa e injusta, como se eu o tivesse preterido ou desterrado de Roma! Antes de tudo muito obrigado pelo importante documento de que me deu cópia — não pretendo divulgá-lo, mas já pertence à história. Êle vem explicar a demora de um Ato Pontifício que teria tido imenso realce, se o Papa não tivesse parado para ler aquela última página da escravidão no Brasil. Desculpe-me a letra; tenho a mão arregelada depois de um longo passeio pela nossa floresta de Washington, tôda amarelecida ou esbraseada pelo outono. Não há disso aí.

Quanto à sua queixa, não preciso dizer-lhe o prazer com que a li. É sempre um prazer ver que você aprecia dêsse modo a minha afeição. Perdôo-lhe as injustiças por causa do amor. Mas eu sou inocente, como o seu coração, e, se não o seu, o que bate ao lado dêle, lhe terá feito sentir. Em primeiro lugar, êsse ramo do Carvalho do Tasso (1) não foi trazido por mim de Roma; foi-me mandado pelo Barros Moreira, a quem o pedi para substituir outro que eu trouxera de lá em 1888. Depois é que me veio a idéia de o mandar ao Machado, mas nunca imaginei tal festa, nem que me publicassem a carta. Tudo foi para mim uma grande surprêsa. A amabilidade que eu disse ao Graça Aranha lhe teria dito, se você estivesse lá e êle ausente. Eu sei que o Machado o admira e estremece e que sua saudação a êle seria inimitável, e romana, a que o Tasso mesmo faria.

Ontem pensei muito em você, mandando pelo telégrafo o meu voto em favor do Mário de Alencar. Pago assim a minha

---

(1) Nabuco mandara de Roma para Machado de Assis, por intermédio de Graça Aranha, um ramo do carvalho de Tasso. A entrega foi feita solenemente na Academia, numa verdadeira consagração ao Mestre, que a presidia.

dívida, ou antes expio a minha falta para com o pai (1). Por uma ode que êle escreveu ao Rio Branco fiquei formando alta idéia dêle, do poder de escrever o verso político ou cívico, o mais difícil de todos.

E agora, meu querido poeta, um bom abraço de reconciliação. Meu sentimento por você é o desejo de que você componha um dia alguma obra que faça o seu nome viver na arte (universal), quando tenha acabado o rumor passageiro dos nossos. Agora compreendo e aprovo a sua imobilização romana. Que sêde íntima, profunda e insaciável de Roma a imaginação tem dêste lado. Quando me será dado reviver? pois sòmente *vivi* os dias, as curtas horas, os rápidos instantes, que passei aí.

Muitas saudades aos seus e não me esqueça nas suas visitas aos Mac Swineys. Então vamos ter o nosso cardeal?

Um abraço a todos

do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Fontoura Xavier

Poeta e diplomata, Fontoura Xavier exercia nessa ocasião as funções de cônsul do Brasil em Nova York e foi depois embaixador em Portugal e na Grã-Bretanha.

14 Lafayette Square
1, dez., 05.

Meu caro dr. Fontoura,

Parece que o 3º Congresso Americano se reunirá em 1906 no Rio. Isto ficará decidido, creio eu, na reunião de 6 do nosso Bureau das Repúblicas Americanas. Nessa previsão o barão do Rio Branco me telegrafou ontem: « Fontoura Xavier me mande

(1) Nabuco, aos vinte e poucos anos, criticou severamente no jornal « O Globo », a obra literária de José de Alencar. Êste replicou-lhe no mesmo jornal, resultando uma polêmica amarga de lado a lado.

informações sôbre festas obséquio a congressistas no México (1) para têrmos uma norma». Queira pois mandar-lhe essas informações, recorrendo à memória de Madame Fontoura, que para festas deve ser muito melhor escrínio do que a sua. Em todo caso exagere, para não ficarmos atrás do México.

O tal Sindicato de Café dos Estados cafeeiros é coisa que não sei se já tomou, nem se pode tomar forma. A embaixada, porém, em caso algum poderia ter parte em tal formação. É sempre odioso querer fazer subir o preço de um alimento, por mais dispensável que o suponham. E não será o café gênero de primeira necessidade também? Para mim de certo o é, o que não sei é como podemos reclamar contra o impôsto alegando o interêsse do consumidor, do proletário, quando nós por nossa vez impomos sôbre as saídas e se fala de uma campanha nacional para altear o preço do produto. Eu achei o que disse o conselheiro A. Prado admirável de bom-senso e desinterêsse.

Seu afmo.

JOAQUIM NABUCO.

A Afonso Pena, presidente eleito da República

Washington, 2 de dezembro 1905.

Meu caro Afonso Pena,

Deixe-me reunir os meus votos a quantos você tem recebido pelo bom êxito de sua eleição ou, já que esta não é duvidosa, pela sua futura administração. Um espírito como o seu, não verá de certo na grande posição que o espera senão as suas grandes responsabilidades. Por isso imagino bem a ansiedade com que você neste Natal de 1905 estará desejando que passem depressa os quatro que se lhe vão seguir para de novo gozar da tranqüilidade de espírito do simples particular. Deus porém

---

(1) A Segunda Conferência Pan-Americana realizara-se no México em 1906 e Fontoura Xavier fizera parte da delegação brasileira.

compensará com um período de prosperidade para o nosso país a que fique ligado o seu nome.

Você me encontrará neste pôsto, e eu não sei se lhe devo pedir que me deixe nêle. Isto dependerá da sua política. Se esta fôr francamente americana, no sentido de uma *inteligência perfeita* com êste país eu terei grande prazer em ser seu colaborador nêle. Se você, porém, não se resolver por esta escolha, talvez fôsse melhor não ter aqui um monroista tão pronunciado como eu porque não convém iludir os americanos. Então você poderia mandar-me para algum pôsto onde eu não trabalhasse em vão. Digo você porque neste país os cargos são todos, sobretudo os altos cargos, preenchidos pelo presidente e não pelos ministros. Espero porém poder conversar com você sôbre êste assunto e estimaria que para as vizinhanças da sua posse você manifestasse ao Rodrigues Alves o desejo de conferenciar comigo antes de lançar a sua primeira mensagem, para êle me chamar ao Rio a serviço, pois me parece da maior vantagem que esta contenha um tópico sôbre as nossas relações com os Estados Unidos. Creia-me, meu caro Pena, antes que o começe a chamá-lo sr. Presidente,

Seu velho camarada e amigo

JOAQUIM NABUCO.

Ao presidente Rodrigues Alves

Washington, 2 de dezembro 1905.

Meu caro Rodrigues Alves,

Muito lhe agradeço sua boa carta. O Congresso ainda não se reuniu, por isso ninguém sabe se se tentará levantar de novo a questão do impôsto sôbre o café. Êste pode ser o último recurso dos especuladores da alta. Devo dizer-lhe que não temos boa posição para solicitar que não nos taxem as entradas aqui quan-

do taxamos nós as saídas lá! (1) Também tôda a medida tomada para levantar artificialmente o preço do café tira-nos a autoridade para alegar a maior vantagem do consumidor, que é a barateza. Uma coisa, porém, deve-se ter em vista aí. O impôsto, se viesse, seria uma pura medida fiscal, ou talvez, tratando-se de beneficiar Pôrto Rico, protecionista, não teria caráter político. Não deveria de modo algum contrariar as nossas boas disposições para com êste país, como não deve contrariar as dêle para conosco o fato de lhe comprarmos tão pouco quando êle é o nosso melhor freguês. « Amigos amigos, negócios à parte ». Como lhe disse porém ninguém por ora sabe nada, nem pode conjeturar.

Acabo de receber do nosso cônsul em Nova York uma carta em que me diz, falando do sr. Silcken, o mesmo grande « especulador » de café a respeito de quem lhe escrevi, que êle supõe poder ajudar aqui até £ 5.000.000 os Estados cafeeiros, para o empréstimo de que se fala em vista da organização de um sindicato. Respondi ao nosso cônsul que a questão de um sindicato nacional para a valorização do café é das mais delicadas que se possam suscitar, mas que eu não posso servir de intermediário em nenhumas negociações para tal fim. De fato um agente diplomático que se envolvesse em operações para o encarecimento de um gênero de consumo geral como o café se exporia às mais graves censuras da imprensa e até a receber os passaportes se dos inquéritos resultasse a prova da sua conivência com os altistas. Você dirá que estou exagerando, mas eu exagero as conseqüências dos procedimentos duvidosos para mais me coibir dêles e aos que servem comigo. O Rio Branco lhe terá comunicado a minha correspondência oficial.

A minha simpatia pelos Estados Unidos conquistou desde logo a dêste govêrno e nenhum representante dêste continente é melhor acolhido por êle do que eu. Não quero dizer que algum outro lhe inspire maior confiança. Há dias a *Tribune* de Chicago

---

(1) Tão evidente era êste argumento que foi invocado pelo deputado (Representative) Payne que, em março de 1909, propôs ao Congresso Americano uma emenda taxando a entrada do café para restabelecer o equilíbrio, forçando a redução do impôsto de exportação que favorecia injustamente o Tesouro brasileiro, em desfavor do país consumidor. Só a influência pessoal de Nabuco junto aos representantes e senadores conseguiu por um esfôrço ingente que se afastasse êsse perigo para o produto brasileiro.

assinalava as minhas boas relações com o Secretário de Estado e Mr. Root me dizia que a notícia fôra colhida na melhor fonte. Foi certamente devido a esta recíproca confiança que êste disse aos representantes da América Latina que iria com prazer ao Terceiro Congresso Pan-Americano se êste fôsse no Brasil, como vai ser. Não sei se o meu ministro me quererá lá por essa ocasião. Se fôr uma simples reunião, como a última do México, a minha ida não seria mais necessária do que a dos outros enviados brasileiros na América nem o Congresso teria maior importância. Mas se o fato principal fôr o encontro de Mr. Root com êles, como representantes ou depositários do pensamento dos dois presidentes seria conforme aos precedentes estar lá o embaixador na nação que recebe a visita e cuja política êle tem que secundar aqui. Não tenho porém esperança de obter do meu amigo que me deixe ver o Rio de Janeiro transformado e se êle passar para a futura administração morro de certo sem o ver. Dizem-me entretanto maravilhas. *Urbem marmoream se relinquere quam lateretiam accepisset.*

Adeus meu caro amigo. Todos os meus votos são para que êste Natal seja para você e sua família o mais feliz da sua administração. Sei que você verá passar com o contentamento de quem, por ser o último, passará o seguinte na paz e tranqüilidade de Guaratinguetá. Você terá entretanto, passado a tormenta e uma vez no pôrto, muita recordação agradável da sua presidência *as deixará.*

Do seu velho amigo e camarada

JOAQUIM NABUCO.

A João Ribeiro

Washington, 5 de dezembro, 1905.

Meu caro amigo,

Muito lhe agradeço os seus volumes. Agora chega-me « Páginas de Estética ». Há sempre nelas um *bonbon* para mim. Creia-me, não tenho tempo para ler senão a sorvos tão espaçados que

são antes uma privação do que um gôzo. Mas é que o senhor é dêsses a quem o leitor se tem que dar por inteiro, sem nada reservar do seu tempo, da sua atenção, da sua emoção, e ler assim é coisa que há muito me é proibido. No fundo, isso é trocar a própria natureza e alma pela do autor que nos fascina. O senhor a cada instante está trocando a sua com a dos seus autores favoritos para a reaver logo depois mais rica, mais disposta a criar, mais vibrátil e mais imaginativa. Isso na minha estação da vida cansa-me muito, é uma infidelidade ao meu ideal que devo tornar exclusivo, murando-o entre as minhas quatro paredes. Sabe quanto o admiro.

Do seu muito afetuoso

JOAQUIM NABUCO.

A Carlos Magalhães de Azeredo

Washington, 9 de dezembro, 1905.

Meu caro amigo,

Muito lhe agradeço sua boa carta. Fique certo do meu sentimento. Êle está bem conservado, e é constantemente refrescado pela lembrança e pelo interêsse em quanto você faz, agora mesmo no seu belo artigo sôbre Heredia.

Que bela carta a do Gubernatis! Sua idéia da semelhança da Farnesina com os *Lusíadas* é uma reminiscência do que que eu disse no meu discurso do Centenário de Camões. Reclamo-a, porque quero escrever uma página sôbre essa idéia que você encontrará à pág. 13 do meu livro *Escritos e Discursos Literários.* Digo reminiscência, porque sei que você leu aquêle discurso. Não me lembro se não lhe disse aí que se devia dar uma edição dos *Lusíadas,* que eu chamei « o poema de Vênus », com os frescos da Farnesina. Por singularidade estão reproduzidos no Palácio do Catete.

Estou pensando em dar um livro de Pensamentos. Dá-lo-ei em francês, mas talvez lhe peça, se você gostar dêle, que me veja um tradutor italiano.

Estou muita satisfeito com a minha estrêla aqui. O próximo Congresso Pan-Americano se reabrirá em 21 de julho próximo no Rio de Janeiro e o Secretário de Estado nos visitará por essa ocasião. Como me disse o ministro do Chile, eu já podia ir-me embora daqui e ninguém teria ainda feito tanto como eu, pela felicidade que tive de inspirar amizade e confiança a Mr. Root. Essa visita é um acontecimento cardinalício.

Meus respeitos e recomendações em casa, em redor de si, e para você um abraço saudoso do

amigo e confrade obmo.

JOAQUIM NABUCO.

P. S.

Não se pode ser surdo! Eu mandei ler a sua bela carta por minha mulher de tão cansado que estava e não ouvi bem que você se lembrava da minha impressão da Farnesina com referência aos *Lusíadas,* e como estava escrevendo nesse momento uma página sôbre a pintura de Vênus por Luís de Camões, pensei que você se esquecera da nossa conversa e tomara a reminiscência como idéia sua. Você sabe que a polícia poderia meter na prisão os maiores gênios, se tomar idéias alheias fôsse um roubo. A regra é a do « *je prends mon bien où je le trouve* ». Da convivência como foi a nossa e a minha com o Graça resulta tanta permeação de pensamento de um para outro espírito que é literalmente verdadeira a expressão popular troca de idéias e a troca é um modo honestíssimo de aquisição. Agora relendo-o, caio em mim e mando-lhe êste P. S. às pressas pois acho-me às voltas com a « Panthera ». O Gubernatis tem muita razão. Em você o polígrafo prejudica o artista. Contenha a sua pena, ou, mais pròpriamente, canalize a sua exuberância intelectual para a obra de arte e você fará uma criação das mais belas da literatura. O meu conselho é êste. Comece por não escrever nem cartas um ano e não ler jornais — e peça ao dr. Bruno para não copiar ofícios. Leia os gregos, a mitologia, viaje, ame, sofra e creia. É a minha receita para a sua obra genial, a que resgate tôdas as suas pequenas e inglórias infidelidades à sua fôrça criadora.

J. N.

A Graça Aranha

Brazilian Embassy.
Washington.
Dez. 17, 1905.

Meu caro amigo,

Muito obrigado pela sua boa, extensa e tão interessante carta. Eu sou um péssimo correspondente. Se soubesse como vivo sobrecarregado! Muitas felicidades lhes desejamos a todos por estas festas de Ano-Bom. Êste será o ano da sua nomeação e por isso lho desejo especialmente feliz.

Minha atenção está agora tôda voltada para o futuro Congresso Pan-Americano. Tive a fortuna de receber do Secretário de Estado a promessa espontânea de visitar o Brasil por essa ocasião e todo meu empenho é que a visita seja um acontecimento (1). Eu falo a linguagem monroista que o sr. sabe. O Secretário de Estado terá aí que se encontrar com dois presidentes, o atual e o futuro, e com o ministro do Exterior. Êle poderá ver então os nossos sentimentos quais são e cotejá-los com a pintura que lhe tenho feito dêles. O sr. a êsse respeito deve saber muito. A «Ilusão Americana» do Prado é um livrinho que nos faz muito mal, entretém no espírito público a desconfiança contra êste país, nosso único aliado possível. Estou muito fatigado, mas, se fôsse preciso, eu ainda me sentiria com fôrças para uma nova propaganda, a americana, cá e lá. É êste o meu modo de ser patriota, de compreender a indivisibilidade do nosso todo, de ler o futuro inevitável, não digo inadiável. Preocupo-me muito da opinião aí, dos que contam, e o sr. pode informar-me sôbre alguns, como o Rui. Do ponto de vista americano a visita do Secretário de Estado (é a primeira) equivale no nosso continente às visitas reais da Europa com fim político. É o maior passo que esta nação poderia dar. Como pensam aí? Que impressão trará êle? Vale a pena êle ir? A reunião do Congresso perde tôda importância diante dessa visita, exceto como quadro decorativo para ela. Não sei se o Rio Branco me quererá

---

(1) A visita do Secretário de Estado a um país amigo era de fato um acontecimento para o qual não se apontava precedentes. Naquele tempo em que as facilidades de viagem eram poucas, as saídas de homens de Estado da própria terra eram muito raras em qualquer país.

aí, mas naturalmente o Root desejaria muito que eu fôsse, mesmo porque, eu não indo, a visita não pareceria ter caráter político. Além do mais essa visita será o resultado da boa impressão que eu criei a respeito do Brasil e eu sou membro da comissão encarregada de preparar o programa. Não quisera, porém, ir eu mesmo como delegado. Minha preocupação é estar aí como intérprete, como intermediário, como mediador plástico. *Usted me entiende.*

Abraça-o, meu caro e bom amigo. Já escrevi ao Garnier sôbre a Revista. Assim venha ela. Estou agora desejoso de dar um livro de Pensamentos para voltar às letras depois do meu longo embrenhamento pelo Tacutu e Maú.

O Rio Branco tem agora grandes oportunidades com as nomeações para o Congresso Pan-Americano e para a Haia. Com êle suponho que não posso liquidar minha situação, tremo ao pensar que êle possa ser o seu próprio sucessor, ainda que o deseje pelo país. Vou entretanto envelhecendo e quisera abrigar-me a algum asilo de inválido. Uma vez que a política americana esteja resolvida firmemente aí, êste pôsto (será sempre o mais importante e exigirá sempre um homem que esteja em simpatia com êste país e o possa convencer disso) pode ser dado a outro monroista como eu. Não ficando ela bem resolvida porém com a visita de Mr. Root, eu como que me sentiria mal em Washington a não me vir outra esperança em futuro próximo.

Tudo que lhe escrevo é muito reservado e íntimo, mas fico ansioso pelo efeito desta carta.

Muitas saudades nossas a dona Iaiá, lembranças aos meninos.

Do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão do Rio-Branco

Ministro das Relações Exteriores

Brazilian Embassy.
19, dezembro, 1905.

Meu caro Paranhos,

Você telegrafou que desmentira aí que me tivesse encarregado de ir ao Departamento de Estado (1) e estou sem atinar

(1) O caso da canhoneira alemã, *Panther*, da qual desembarcaram

com a razão dêsse desmentido. De certo não fui lá da sua parte, mas que pode ter havido tão desagradável na falsa notícia para você a esmagar pùblicamente e dar-me aviso de que o fizera? Receio que aí a tenham querido explorar contra você ou contra mim. O fato é que depois disso você não respondeu mais a nenhum telegrama meu sôbre o incidente e não me falou mais do Congresso.

O seu silêncio me faz esperar alguma de estrondo.

O meu interêsse está todo concentrado no Congresso. Tenho mêdo que no seu espírito a ida de Mr. Root não tenha tomado a importância que tem perante o mundo todo. Você parece ter dado maior à reunião do Congresso, que será um acontecimento mínimo para o mundo e miníssimo para nós ao lado daquele. Estou tremendo, por pensar que você não aproveitará a ocasião maior, única, de sua vida. Eu acredito estar chocando para você e o Presidente (nós diplomatas nunca passamos de simples agentes) um ovo de águia, mas tenho mêdo de que levado para aí êle saia gorado por falta de calor monroista no govêrno e no país. Veja em que você me meteu. Você dirá que não me encarregou disso, é certo, mas a simples criação da embaixada criou aqui esperanças e expectativas, que a escolha de um monroista (declarado em cartas a você) como eu ainda aumentou e que a minha linguagem nunca desaprovada levou ao auge. Como se trata, porém, sòmente de simpatia, de expressão de confiança e amizade, eu nunca podia ter feito mal. A questão para mim é se trabalhei em vão, se preparei um *acontecimento* que, por falta de inteligência prévia com você, não chegará a sê-lo. Como lhe disse, tremo ao pensar em um repúdio tácito, não quero imaginá-lo expresso, do sonho que levei quase

---

marinheiros em Santa Catarina, para prender em território brasileiro um súdito alemão, criou um caso internacional de suma gravidade. No momento eram conhecidas as aspirações coloniais do Império germânico no sul do Brasil. O govêrno alemão acabou dando ao Brasil as reparações devidas e destituiu o comandante da *Panther*. Houve, porém, alguma demora nessas satisfações e era voz comum que elas haviam sido exigidas pelos Estados Unidos por solicitação de Nabuco. Êste, ao escrever esta carta, ignorava que tal versão se houvesse tornado mais ou menos pública.

à realização. Não creio que você leia pela *Ilusão Americana* (1), paradoxo do nosso querido Eduardo, que vivo, estava hoje indicado para escrever uma Apologia Contra a Ilusão Americana, e que de certo o faria. Nunca em minha opinião, um brasileiro teve tanta responsabilidade nos destinos do nosso país como você ante os dois caminhos que se lhe deparam: o americano e o outro, a que não sei como chamar, se de latino-americano, se de independente, se de solitário. Eu, pela minha parte, sou francamente monroista, e é uma pena estar fazendo tanto aqui, se estou trabalhando em vão, para nada. Eu não quisera enganar, mas talvez me engane, ou esteja enganado. Note você que eu não acompanho as idéias de Mr. Roosevelt sôbre ocupação norte-americana, ou outra, de alfândegas, etc., de países sul-americanos. O meu monroismo é mais largo e não me prende a êsses expedientes que êle imagina para « justificar » (é a expressão de Mr. Root, « expedientes » é a minha) a doutrina de Monroe perante a Europa, a qual o aperta todos os dias por causa dessa « doutrina », e sempre em tôrno de Venezuela. Para mim o que eu quero é uma espécie de aliança tácita, subentendida, entre os nossos dois países; que vamos nesse caminho tão longe e quanto nos seja possível, e que fiquemos desde já certos um do outro. Eu quisera pois receber quanto antes uma palavra sua, destacando a ida de Mr. Root da reunião do Congresso e mostrando que você se prepara para tirar daquele acontecimento todo o partido a que se presta, para dar-lhe todo o realce a que tem direito. Tire-me quanto antes dessa ansiedade, que é pollticamente cruel, como nos tempos da Abolição o receio de ver o Imperador chamar um ministério escravocrata, quando o fim me parecia já à vista. Minha preocupação é que Mr. Root, fiado no que lhe tenho dito, não vá ao encontro de uma decepção, de um acolhimento sem perspectiva alguma de completa reciprocidade da nossa parte. A presença dêle é que é *o acontecimento,* não a dos delegados. Estou tão interessado nisso que escrevo também ao Presidente. Êle lhe mostrará a minha carta

---

(1) O livro de Eduardo Prado que atrasou o amadurecimento da verdadeira amizade com os Estados Unidos, da qual Nabuco era o mais ardente apóstolo. A visita de Root e o acolhimento que lhe foi feito desfizeram as ansiedades de Nabuco. Tanto a opinião popular como a ação do govêrno deram à visita do estadista eminente americano seu verdadeiro significado.

e você lhe mostrará esta. Não estou trabalhando para mim. Será uma fatalidade, se nós não concordarmos em encarar o futuro do nosso país do mesmo modo, porque da concordância podia nascer um grande acontecimento, uma nova era nacional.

Não me convém ser delegado, convém-me estar aí quando Mr. Root chegar para servir de mediador plástico entre os dois governos pois êle tem muita confiança em mim e considera uma circunstância feliz nos havermos encontrado aqui em nossas respectivas posições. Êle leva a senhora. Os Fontouras partem a 5 de janeiro. Você abrirá e encerrará o Congresso, como presidente honorário, (também Mr. Root o será, como foi Mr. Hay, ausente, no do México). O importante é você escolher um primeiro delegado que nos faça honra e dirija de modo superior os trabalhos do Congresso. O inglês será língua corrente no Congresso, por isso o presidente efetivo do Congresso deve sabê-lo para dispensar intérpretes, mas não tendo nós quem, ao mesmo tempo, o fale e seja uma cabeça de presidente, é melhor atender à cabeça do que à língua. Eu quisera ser encarregado das relações entre Mr. Root e o nosso govêrno, ser o seu intermediário. Aqui vão escolher como delegados homens dos mais notáveis do país. Que falta faz o Carlos de Carvalho e como foi prematura a morte dêle.

Nos Congressos anteriores, passando a coisas pequenas, cada delegado levou de presente a secretária e cadeira que tinha ocupado (1). É um presente que você também terá que lhes fazer e eu proponho que lhes ajunte o do encaixotamento. Estou pronto a encomendar para Paris ou Londres o papel marcado, objetos de escritório, bandeiras, de todos os países e tamanhos, etc, etc. O Tropé pode ser encarregado dos mapas. Uma idéia que tenho seria a de um grande mapa mural colorido, de madeira ou outro material, e que à noite se iluminasse com as côres das diferentes repúblicas. Etc, etc.

Você vê que o quero secundar. Tenho grande empenho em que você daí provoque para o Chile a escolha do Walker Martinez e que me autorize a manifestar ao Calvo, de Costa Rica, o prazer de o termos lá. Êles dois trabalham juntos e podem ser

---

(1) A Nabuco, que foi o primeiro delegado do Brasil e o Presidente da Conferência, foi oferecida a mesa da presidência.

muito úteis no Congresso entre os amigos de Washington, que forem mandados pelas outras repúblicas.

Como você verá do boletim do Bureau, estou na comissão do programa. (P. S. Ontem, 20, fui escolhido para vice-presidente dela, sendo Mr. Root presidente.) Vamos solicitar sugestões, instruções, dos nossos diferentes governos sôbre o que querem e o que não querem nêle. Quanto ao Amazonas lembra-me agora que pela sentença de Roma também a Inglaterra teria interêsse na questão da navegabilidade dos afluentes, o que era estender muito a área de influência inglêsa na Guiana, e isso é contrário de alguma forma ao monroismo.

Paro aqui, meu caro Paranhos, desejando-lhe e aos seus um feliz Ano-Novo. Não lhe posso desejar nêle nada comparável ao sucesso da ida de Mr. Root ao Brasil, isto é, voltar êle contente com o movimento espontâneo que o levou a prometer que iria ao Brasil. A minha parte em tudo isso foi sòmente preparar a disposição da qual nasceu espontâneamente aquêle impulso. Isso me basta.

Do seu velho camarada e amigo

JOAQUIM NABUCO.

1906

A Oliveira Lima

Ministro do Brasil em Caracas

Brazilian Embassy Washington
Jan. 8. 1906

Meu caro amigo dr. Lima,

O que se passou em Washington com referência ao Brasil foi isto: Mr. Root sugeriu a conveniência de se reunir a terceira Conferência das Nações Americanas, dizendo que não se pronunciaria quanto à escolha do país onde ela se devesse reunir, pois os Estados Unidos estavam sob grande dívida para com tôdas aquelas nações que já uma vez se reuniram em Washington, e aqui tem o seu Conselho permanente. O ministro da Costa Rica foi quem primeiro lembrou o nome do Brasil, dizendo que a primeira Conferência tinha sido em Washington, a segunda no México, e que o Brasil sendo maior que os Estados Unidos e mais povoado do que o México deveria ter o terceiro, já que não tivera o segundo lugar. O encarregado de negócios venezuelano tinha antes oferecido Caracas para ponto de reunião, mas os presentes guardaram silêncio. Eram então três ou quatro membros do Bureau apenas, com Root, o qual *tacuit* como os outros. Depois disso o ministro chileno ofereceu um *luncheon* a Mr. Root, e pelas dimensões da sua sala, *drew the line* dos convidados, *não por nações,* mas pelas categorias, não convidando senão ministros. Aconteceu que Venezuela, porque não tem ministro, não fôsse incluída na lista. Depois do almôço conversou-se e o embaixador mexicano convidou os presentes para outro almôço, depois do qual também se trocaram idéias. A questão é saber se ausentes os encarregados de negócios podiam os ministros conversar sôbre o assunto. Se não tivesse havido os dois almoços, e a convocação fôsse feita para tratar dêle, teria sido lastimável qualquer omissão, mas tratando-se de uma conversa *post prandium* ela toma o caráter de um incidente de ordem

privada e inteiramente casual. Por que excluir Venezuela, Peru, Uruguai? Foi o acaso de não terem ministro aqui, o que é sempre perigoso para repúblicas americanas, sobretudo tendo os Estados Unidos ministros nelas.

O Brasil foi estranho a tudo, como sabe. Não se ofereceu, ainda que tivesse o direito de ressentir qualquer outra escolha em terceiro lugar. Não houve propósito algum com a nossa escolha de favorecer nem de prejudicar qualquer política. Estou por isso certo que o sr., com a sua habilidade e posição aí desfará qualquer susceptibilidade do general Castro. Êle nos deve tôda a cortesia, e não se fazer representar no Rio de Janeiro por não ter sido o seu encarregado de negócios convidado para dois almoços em Washington em que só figuraram embaixadores e ministros, ou por se ter nesses almoços discutido a questão da Conferência informalmente sem êle estar presente, seria de uma susceptibilidade doentia.

Às pressas, seu, e de dona Flora,

Am.º e colega obr.º

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Brazilian Embassy.
Washington.
2 de fevereiro 1906.

Meu caro amigo,

Espero que o Novo-Ano já lhe tenha trazido as suas boas festas, mas nada ainda nos chegou pelo telégrafo quanto ao preenchimento das novas legações. O Rio Branco é hoje seu amigo, ainda que o não seja mais meu, e estou certo de que *o não abandonará*. Não lhe escrevo sôbre o sr., porque êle o julga como é impossível não se o julgar depois de tão larga convivência. Êle tem tido tempo de sobra para tirar a prova de tudo que eu lhe disse e outros lhe disseram como eu a seu respeito.

Suponho que o artigo do *Jornal* sôbre o Congresso Pan-Americano é seu. Está esplêndido. Eu mandei parte dêle a Mr. Root e a Mr. Mac Veagh, homem também muito importante, antigo embaixador em Roma, e ambos o acharam notável. Em carta que me escreveu há dias Mr. Root diz-me: « I thank you very much for the note, and for the very interesting in the *Jornal do Commercio,* which yon enclosed. I hope the view it presents will continue unbroken until the Conference next summer ». Estamos muito amigos. No outro dia eu dizia-lhe que por ora não sabia se ia ao Rio. « If you are not there, I run away, » êle me disse brincando, e há dias jantando eu e Evelina na Casa Branca (sabe que os embaixadores jantam lá parcialmente além de jantarem juntos com os outros chefes de missão no banquete diplomático) o Presidente ao café me disse que se eu não tivesse vindo aos Estados Unidos Mr. Root não teria pensado em ir ao Brasil, pois a idéia dêle de ir foi um efeito da simpatia e boa impressão que lhe causei. Eu respondi ao Presidente que essa era a melhor condecoração que um diplomata podia receber em sua fé de ofício.

São muito amáveis conosco, mas é preciso ter as fôrças digestivas do Several para resistir a esta vida. Já lhe disse que a 12 vou a Grand Rapids, ao jantar comemorativo no dia do aniversário de Lincoln, e que serei o « guest of honor », tendo que fazer um discurso sôbre « Lincoln's World Influence ». No outro dia já fiz um em Filadélfia, que agradou muito, no banquete em honra de Mr. Griscom, o novo embaixador aí. O nosso banquete pan-americano será agora a 15.

Nada sei daí. O Rio Branco ainda não me disse uma palavra desde que lhe comuniquei a resolução do Root. Nem sei se me chamará ao Rio. O Walker Martinez, do Chile, já teve notícia de que será nomeado para o Congresso. Eu não peço isso, *nem desejo,* mas quero estar lá, quando estiver Mr. Root. Além do mais vão muitos dos ministros aqui, talvez o embaixador do México, e como Mr. Root deseja muito que eu vá, o não ser eu autorizado a ir até pareceria estranho. Não sei porém, como lhe digo, nada do que aí se passa. Não estou com o ministro das Relações Exteriores senão em meia-correspondência, isto é, escrevo ou telegrafo, mas nada recebo em troca.

Dê-me notícias suas, da sua saúde, de tudo que lhe diz respeito. A vida é curta. Ainda agora morreu, é verdade que com 76 anos, o Herbert Wilson, aquêle dos meus jantares de Londres. Ainda ùltimamente êle jantou comigo e eu contei-lhe « a coquille » mental do Domício chamando-o pelo cabo de « pai de três duquesas ». Êle riu-se muito. E como a vida é curta, ou antes o fim vem de repente, sinto que não me resta tempo bastante para gozar da sua carinhosa amizade. Quisera uma eternidade!

Temos tido o nosso Joaquim em tratamento cirúrgico há quase quinze dias. Esmagou a falange superior de um dedo, felizmente da mão esquerda, em uma porta, brincando com os irmãos, e só algum tempo depois se pôde achar a carapuça do dedo que tinha caído na cocheira. Tiveram que o adormecer para coser o pedaço, e eu nunca acreditei que um enxêrto tão tardio pegasse. Parece porém que pegou, pois tiraram os pontos da costura, mas não sei se o otimismo do médico é justificado. Sòmente quando a ferida fechar é que me verei sem a apreensão de que êle tenha ainda que amputar a falange. Foi uma dor horrível, mas êle portou-se muito bem.

A nossa embaixada tem grande sucesso, mas eu, meu caro amigo, sinto-me cansado. O rei da Itália dizia há dias a um diplomata que o Alvim devia ter uns 90 anos (1). Eu ainda não pareço tê-los, mas internamente sinto-me um Epimenides, parece-me que já dormi uns cinqüenta anos neste mundo. Isso não impede que sinta a afeição jovem e o espírito dilatando-se. E o pêso da vida ou melhor da lâmina da memória estão muito cheias.

Além do mais vou dar o meu livro decididamente êste ano. Está guardado há quinze, como o meu drama o está há trinta (2). Como vê não tenho a doença do Oliveira Lima, a incontinência da pena. Vigie um pouco o que êle está escrevendo no *Estado de S. Paulo,* ou vai escrever sôbre a ida de Mr. Root ao Brasil. Está mais admirador do Castro (3) do que do Roosevelt. Eu sinto ver o Oliveira Lima afastar-se assim *diplomàticamente* de mim, porque pensava ser êle um monroista firme. Não sei o que

---

(1) Melo e Alvim, ministro do Brasil em Roma.

(2) *Pensées Détachées* entrou no prelo pouco depois desta carta. O drama *L'Option,* porém, continuou na gaveta até depois da morte de Nabuco.

(3) O ditador presidente venezuelano General Cipriano Castro.

êle dirá. Pelo tom em que me escreve vejo, porém, que estamos muito afastados em tudo que é critério nacional, um do outro. Será êle o ministro das Relações Exteriores? Eu perdia na troca por certo.

Muitas lembranças nossas afetuosas a dona Iaiá e aos meninos e creia-me seu muito saudoso, inconsolàvelmente saudoso amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Brazilian Embassy.
Washington.
15, fev., 1906.

Meu caro amigo,

Mando-lhe um número do principal jornal de Grand Rapids, 11, no Michigan, cidade à qual fui no domingo e donde cheguei ontem 14. É como ir e voltar de Roma a Paris em quatro dias. Fomos eu, o chileno, o cubano, o nicaraguano, o Amaral, em « private car », um sistema de viajar americano. É um carro onde a « party » tem cozinha sua, dormitório e salões, de modo que se viaja inteiramente isolado do resto dos passageiros. Estou convidado a ir assim à Califórnia voltando pelo Canadá: durante êsse mês o « car » será nossa casa. É muito agradável. Levou-nos um congressista importante, representante do Michigan, Mr. Alden Smith, e conosco foi o Postmaster General, Mr. Cortelyou, um presidente possível. O meu discurso foi muito aplaudido, fizeram-me uma verdadeira ovação. Jantamos no palco do Auditorium, que é o grande teatro local, as outras mesas enchendo a platéia, e os camarotes e galerias apinhadas. As bandeiras do Brasil e Cuba cruzadas formavam com as americanas a decoração da sala. Em Grand Rapids tivemos uma « reception » em que desfilaram apertando-nos a mão umas 2.000 pessoas. Dali fomos às 6 horas para o jantar-meeting, dêsse às 11 1/2 para uma ceia de 50 talheres que durou com discursos até depois de 1. Na manhã seguinte de pé às 8 horas, visitando as fábricas

de mobília do lugar, Biblioteca Pública, Correio e ao meio dia, *luncheon* de 70 pessoas com discursos, até voltarmos para o nosso *private car* às 2 hs. Depois, como na ida, 30 horas de trem, passadas como em um hotel. Ficamos todos amigos. Esta noite é o meu banquete ao Root. Seremos 65. Custa-me um dinheirão e estou doido por me ir embora discutir aí a minha permanência em Washington com tanta família. Mas isto até só de viva voz. Para formar opinião aqui nada é tão importante como essas excursões pelo país em companhia dos seus principais homens. Foi assim que os cubanos conquistaram a amizade americana. Como os meus discursos agradam e êste povo de nada gosta tanto como de discursos eu poderia fazer muitos, mas estou tão cansado!

O Oliveira Lima escreve-me em tom que me assusta sôbre o efeito aí das análises que êle se propõe fazer do monroísmo e do Congresso e da ida do Root. Está tomado de admiração pelo Castro, por Venezuela, e acredita tudo que lhe dizem contra os americanos. É muito perigosa a propaganda que êle me diz estar fazendo e eu recomendo ao sr., que a pode acompanhar aí com a réplica que o não deixe de fazer. É inteiramente inexato que Mr. Root tenha sugerido a idéia de ser a reunião em Caracas. Quando o encarregado de negócios fêz o oferecimento, os presentes entre os quais Mr. Root ouviram calados espantados da audácia. Êle censura o ministro chileno e o embaixador mexicano por não terem convidado o encarregado de negócios de Venezuela para os almoços depois dos quais se tratou da Conferência, mas o que animou aquêles meus colegas foi o desejo de serem agradáveis ao Brasil e se cometeram alguma informalidade (que não cometeram) não nos cabe a nós ressenti-lo.

Telegrafei ao Rio Branco pedindo para confirmar a notícia que o sr. me mandou de que eu iria ao Rio, porém, nada. Não pense em instalar-nos na casa do seu tão amável primo. Eu irei simplesmente para o hotel. A idéia de ir para casa, ou de ter casa, me faria desistir da viagem. Eu estou muito necessitado de repouso, basta-me ter que tomar cuidado do Mengoli (1).

---

(1) Seu camareiro, Eugênio Mengoli, um velho italiano que êle trouxera de Roma e cujo aspecto, tanto pela figura como pelos bastos cabelos e bigodes brancos, lembrava muito o do patrão. A parecência era ainda mais acentuada pelo fato de vestir roupas usadas de Nabuco. Rodrigo Octavio, nas suas *Minhas Memórias de Outros,* conta uma

E no meio de tôda esta fadiga que se prolongará em perspectiva até agôsto ou setembro, estou com as provas paradas do meu livro e quase desanimando de o dar por falta do estado de espírito preciso para o corrigir!

Veja se o meu discurso é bem traduzido aí. Sabe que nos jantares americanos, como nos inglêses, o gracejo é de algum modo obrigatório, por isso tive que me cingir à regra. Não repare.

Muitas saudades a dona Iaiá. Vejo-os no seu futuro pôsto e creia que terei muito má sorte se não puder arranjar-me para passar umas férias em sua companhia e tê-lo comigo também. Se estivesse aqui levava-o agora (em abril) à Califórnia e ao Canadá.

Lembranças ao casal. Deus os ajude e receba sempre os milhares de votos que se fazem nesta casa pela felicidade da sua.

Do am.º mt.º grato

JOAQUIM NABUCO.

A Oliveira Lima

Brazilian Embassy Washington
1.º de março 1906

Meu caro dr. Lima,

O sr. não se deve admirar de não ser eu tão ativo na minha correspondência como antigamente. Eu a compreendo sempre como um prazer e sòmente escrevo para ser agradável aos meus amigos. Ora não é justo que êles em troca me escrevam cartas que pareçam ter sòmente o propósito de me fazer passar *un mauvais quart d'heure.* Nem sei por que sou eu o escolhido para manifestações dessas tão em contrário daquilo por que me estou esforçando e de tudo quanto possa ter alcançado.

---

anedota divertida de uma viagem de Nabuco a Belo Horizonte, nesse mesmo ano: o noturno passou alta noite por um lugarejo em cuja estação um grupo ovacionou o nome de Nabuco. Vendo que êste dormia e, pela surdez, não percebera o chamado, os secretários mandaram o Mengoli mostrar-se um momento à janela.

Estas palavras bastam para lhe dizer a impressão que me deixa a leitura das suas cartas de certo tempo a esta parte. O sr. parece interessado em que a Conferência naufrague, toma o partido da Venezuela, condena os que me auxiliam aqui, tudo isso é seu direito, mas eu não compreendo por que o exercita dirigindo-se a mim mesmo, que nunca lhe falei nem lhe escrevi senão para lhe ser agradável.

Externada a minha queixa e explicado o meu silêncio, deixe-me dizer-lhe que em nada variaram os sentimentos que sempre lhe manifestei. Saudades a dona Flora.

Do am.º e colega af.º

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Brazilian Embassy.
Washington.
2 de março 1906.

Meu caro amigo,

Continuo a mandar-lhe retalhos dos jornais com o que estou fazendo ou tenho feito aqui. Preparam-me uma honra bastante significativa, mas à qual não posso aludir ainda (1). Não imagine que é nada oficial, é acadêmica, e não procure adivinhar, muito menos com outros.

O Lima (2) escreve-me tão interessado em que o Root não vá ao Rio, tão desejoso do naufrágio de tudo por que me tenho esforçado, que as cartas dêle parecem mal encaminhadas para mim. Ontem dizia-me um ministro sul-americano que « o maior

---

(1) A insigne de *doutor honoris causa* da Universidade de Colúmbia.

(2) Oliveira Lima, ministro do Brasil em Caracas, que se tornara anti-americanista e manifestava essas opiniões com um calor anti-diplomático.

inimigo do Brasil não escreveria a respeito da Conferência como o Lima escreve para Washington », — não a mim, a um venezuelano de quem é amigo. Sei que o Rio Branco ofereceu-lhe o México e êle recusou. Confesso que o preferia ver pela Europa nesta ocasião e no uso das águas durante a Conferência. É um torpedo diplomático. E que estará êle escrevendo em São Paulo? Não deixe de mandar-me. Não diga nada disto a ninguém, mas esteja prevenido e inutilize o mal que êle possa fazer. É singular e raro tudo isso. Estará possuído só de ódio ou também de ambição? É mais ressentimento ou cálculo?

Vejo pelos jornais do Pará que o Piabanha transbordou e os alagou. Até êsse! Que desgraças imensas! Que série de catástrofes! É de esperar que venha agora a série contrária.

Vou escrever ao Rio Branco, que não me telegrafa nem se corresponde comigo. Nada sei das intenções dêle a meu respeito quanto à ida ao Rio.

Como vão os preparativos? Espero que a guerra na Europa não venha para perturbar tudo no mundo. Parece impossível; no entanto, a não haver guerra, para que todos êsses armamentos que esmagam as nações? As guerras são as válvulas de segurança do militarismo, só elas impedirão que arrebentem as caldeiras.

No todo a nossa embaixada aqui tem sido um *grande sucesso* para o Brasil e por isso resigno-me como indivíduo a viver longe *de tudo* que me interessa intelectual e intìmamente. Sinto falta sua e grande, mas êste ano e meio no Brasil lhe terá feito bem e renovado a inspiração ou tornado a encher o celeiro para a futura, ou próxima ausência. Não tão próxima que não nos encontremos lá e tenhamos uma boa conversa de alguns meses ou no Rio ou em viagens.

Saudades a todos e as mais afetuosas para dona Iaiá. Como vai Heloísa? e o Temístocles? Não creio que êste repita a « Dá, porém, escuta. » Êle me parece antes inclinado ao « Apanha e escuta ».

Vejam como vão preencher a vaga da Academia. Desta vez eu votarei sòmente no Jaceguai, e se êle não fôr candidato, em ninguém. Penso que a marinha deve entrar para o nosso grêmio. É falta de imaginação nacional não construí-lo assim. Devemos todos desprender-nos de preocupações pessoais. Os moços podem esperar.

Eu quisera ver o Jaceguai apresentar-se ainda que para ser derrotado. Queira fazer-lhe constar a minha fidelidade e o meu voto.

Do seu mt.º dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Oliveira Lima

Brazilian Embassy Washington
Março, 30 1906

Meu caro dr. Oliveira Lima,

Desde que o sr. estabelece como condição para me continuar a sua amizade ouvir eu « as verdades » que me queira dizer, não me é lícito insistir por aquêle privilégio. Não haveria reciprocidade na cláusula, pois eu já agora não poderia contrair o mesmo hábito.

Há tempos um patrício nosso surpreendia-se de me achar com o cabelo todo branco, tendo eu sido seu colega de Academia. O dêle estava muito mal pintado, mas eu nada lhe disse. Era sòmente uma questão de vaidade, mas mesmo nessa me doeria tocar. E não éramos amigos.

O gôsto de dizer « verdades » aos que nos mostram afeição não prova maior sinceridade do que a atenção em nunca os melindrar, e em geral os que se gabam daquele predicado escolhem os amigos com quem possam ser francos.

Quanto ao regímen do « turíbulo » em que tenho vivido, segundo me diz, deixe-me dizer-lhe que o sr. tem recebido tanto « incenso » como eu e ainda não chegou à idade em que essas demonstrações sòmente são apreciadas pelo calor da simpatia e da amizade que nos trazem.

Deixo as demais farpas da sua carta ao esquecimento, pois quero que a nossa correspondência acabe, ficando todos os agravos dela à sua conta.

Creia-me entretanto sempre pela minha parte como sempre

Colega e amigo af.º e obr.º

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Washington.
2 de abril, 1906.

Meu caro dr. Graça,

Estou tão cheio de trabalho hoje que sòmente posso indicar--lhe os assuntos sôbre os quais desejava escrever-lhe. Aí vão.

1. Agradecer-lhe sua boa e afetuosa carta.

2. Desejo nosso de saber que dona Iaiá se acha inteiramente restabelecida.

3. Conferência Pan-Americana. O Rio Branco o terá informado de tudo e de minha relutância em admitir no programa a « doutrina Drago », que dará à Conferência a reputação de uma reunião de falidos em perspectiva invocando contra os credores a doutrina Monroe (1). (São os antimonroistas os partidários dessa extensão do *ultimatum* ou do *casus belli*-Monroe às dívidas americanas. O efeito seria a insolubilidade geral depois de adquirida a segurança da imunidade). Lembra-se do seu « Monroísmo honesto? » É o caso.

4. Casa Alberto Faria. Agradeço muito a amabilidade tão graciosa do ofertante, mas não pretendo ocupar nenhuma casa durante a Conferência; sòmente essa idéia me traria desde já as maiores preocupações de espírito e conto viajar por aí à escoteira. Vou escrever-lhe, declinando com os maiores agradecimentos.

5. Sua nomeação. Hélas! Que lhe posso dizer? Estou tão longe. Não sei como o sr. vai resistindo, nem se começa a sentir-se deprimido ou desanimado. O melhor é não ter ambição, senão de saúde e liberdade de espírito. Não repila a transação. Passando o princípio da reforma proposta, o sr. entra em qualquer caso para o quadro, como primeiro secretário. Isso é o essencial. Não entra como ministro, o que é *sempre* precário. Eu pre-

---

(1) Doutrina formulada pelo chanceler argentino, Luís Maria Drago, como protesto contra o bloqueio e bombardeio da costa venezuelana pela Inglaterra e Itália em 1902 para a cobrança de dívidas daquele país. « A dívida pública, disse Drago, não pode dar lugar à intervenção armada e ainda menos à ocupação material do solo das nações americanas por uma potência européia. » Estas idéias só muitos anos mais tarde foram acolhidas pelas grandes potências.

feria vê-lo mais perto do que no Japão ou em La Paz. México, mesmo, não sei. Aí conversaremos. Garanta-se o Senado para a sua promoção imediata não correr dúvida.

6. A 17 começo a interessante excursão que vai indicada no incluso mapa. Dos diversos pontos mandar-lhes-ei cartões postais. Não terão recebido outros de tão longe na América.

7. O Oliveira Lima rompeu comigo. Escrevia-me cartas cheias de *farpas* sôbre o meu americanismo, a Conferência, a visita de Mr. Root, e eu respondi-lhe que eu só escrevia aos amigos para lhes ser agradável e não compreendia assim por que êle me escrevia cartas com intenção de me dar *un mauvais quart d'heure*. Respondeu-me que a não me escrever com franqueza não me escreveria mais, cessando também a nossa amizade; que eu estava acostumado ao regime do turíbulo, e êle a dizer as verdades; que a minha atitude de excessivo americanismo era muito mal vista por todos na América Latina, no Brasil e do próprio govêrno; que se admirava de me agastar eu com êle e de não me ter zangado com o Rio Branco que por trás falava de mim, etc. etc. Acabou invocando os seus direitos constitucionais de livre discussão dos atos públicos. Que terá êle escrito para o *Estado de São Paulo* a meu respeito? Encerrei a discussão dizendo-lhe que eu não sabia « dizer verdades » aos amigos e por isso a condição que êle punha à continuação da nossa amizade não me era aceitável. Há tempos, disse-lhe, um patrício nosso estranhava achar-me com o cabelo todo branco, tendo sido nós companheiros de Academia; o dêle estava todo pintado e eu não lho disse, e não éramos amigos.

8. O embaixador americano Griscom partiu para aí *via Europa*. Demora-se umas duas semanas em Londres. Eu disse-lhe que o sr. lhe mostraria e a Mrs. Griscom, que é muito simpática, o lado da imaginação brasileira melhor aparentado com o gênio. Procurem-nos, pois os embaixadores não visitam primeiro. Entre outras pessoas interessantes para êle citei-lhe o Rodrigues, o Rui Barbosa, o Domício, o Estrêla. Espero que êle conquistará a simpatia dos antimonroistas. É um amigo íntimo do Roosevelt e da família.

9. Sinto muito o afastamento entre o Tobias e o Rio Branco. É preciso não o deixar aumentar. O Tobias é um auxiliar dedicado e desinteressado e um dos nossos observadores mais pene-

trantes, dos que não vêem as coisas como querem, nem como deveriam ser (essas duas classes são muito diferentes, como sabe), mas como realmente são. Espero em todo caso que as suas relações com êle não se ressintam daquêle afastamento nem da sua grande proximidade.

10. E o Barros Moreira?

11. Senti não o ver (1), já não me lembra onde, mas era em lugar onde a sua presença era natural e a ausência explicável por doença. Agora me lembro, era à chegada do Rodrigues, mas isso está explicado em sua carta pela doença de dona Iaiá. Bem vê que eu tinha razão de não gostar da omissão do seu nome.

12. Minha ida ao Rio. O Rio Branco incluiu-me na lista dos delegados e assim irei ao Rio. Até breve pois. Com que prazer os abraçarei! e espero levar-lhe o meu livro.

Adeus meu bom amigo, saudades a dona Iaiá, aos nossos amigos comuns, e uma boa palavra a cada um.

Os meninos não esquecem os seus.

Do seu mto° afetuoso e reconhecido amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Brazilian Embassy.
Washington.
3 de junho, 1906.

Meu caro dr. Graça,

Estou-me preparando para partir, não sei se irei pela Europa ou diretamente, mas em qualquer caso não chegarei aí senão poucos dias antes da abertura da Conferência. Desejo que me procure uma instalação no melhor hotel do Rio, creio que é o dos Estrangeiros, constando de uma sala, um bom quarto, quarto de criado, e que no mesmo lugar onde me instalar procure um quarto para o Chermont. Também quero em Petrópolis a mesma

---

(1) Entenda-se « ver seu nome » nos jornais chegados do Brasil e que Nabuco lia sempre cuidadosamente e com saudades.

coisa, para estar no Rio ou em Petrópolis à vontade, conforme seja preciso. Não quero ir para casa particular. Contrariar-me-ia muito não poder estar ora no Rio, ora em Petrópolis, por falta de cômodos.

Ùltimamente tenho estado com uma inflamação de olhos, que não cede ao tratamento médico. Conto que o Gouvêa me aliviará dela, se ainda eu a levar para aí.

Escrevi-lhe ou mandei-lhe cartões postais de todos os lugares por onde andei. Espero que os tenha recebido todos.

Seu papel deve ser grande durante a Conferência. Na imprensa, nas conferências públicas, nas festas, o sr. é quem deve ser o representante da nossa cultura literária delegado junto às diferentes delegações. Parece que vão alguns jornalistas dos melhores da América Latina.

Breve nos veremos, meu caro amigo, e isso é o essencial. Ficarei aí muito pouco tempo, mas pretendo enchê-lo com as nossas conversas íntimas. Que pena que a vida tôda não seja sempre a mesma! Não tenho mais esperança de viver dias como aquêles nossos do Palais de la Bouilleabaisse (1). Parece-me que eu era muito mais moço então. E o sr.?

Saudades a dona Iaiá e aos amigos.

Do seu do coração,

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão do Rio Branco

Ministro das Relações Exteriores

Segunda-feira.

Meu caro Paranhos,

Você me desculpe o não poder ir ao seu almôço, vou também desculpar-me com o Griscom (2). Acabo de ler nos jornais o

(1) Para terminar a terceira *Memória,* que apresentou ao rei de Itália, Nabuco se transportara de Nice para o pequeno hotel dêste nome, perto de Marselha, numa colocação invejável sôbre o mar, — hotel êste que Nabuco, sua família, seus auxiliares e as famílias deram quase para encher.

(2) Lloyd C. Griscom, embaixador dos Estados Unidos no Brasil. Nabuco então já se encontrava no Rio para a Terceira Conferência Pan-Americana.

falecimento de um amigo meu, Antônio Carlos Ferreira da Silva, do *Jornal do Commércio*. Sòmente os que conhecem a história da Campanha Abolicionista em Pernambuco e das minhas eleições sabem o que eu devia a êle. É uma fatalidade não ter podido assistir à morte dêle e estou telegrafando para ver se posso ainda chegar para o entêrro. Em todo caso não devo levar a minha funda emoção à sua festa.

Do amigo velho

JOAQUIM NABUCO.

A Rui Barbosa

Hotel dos Estrangeiros, Rio.
Segunda-feira.
[23 de julho de 1906].

Meu caro Rui,

Sua boa carta dá-me o prazer todo e ainda mais, que você devia ter imaginado ao escrever-ma. Mas você deve-se a si mesmo o assumir a representação do nosso Congresso na recepção a Mr. Root. Não sou eu que lha destino ou reservo, como o poderia eu? é você mesmo que a tem pelo direito da mais alta posição intelectual em nosso país.

Nas côrtes portuguêsas Antônio Cândido, para prestigiar a minha romaria abolicionista pelo mundo estrangeiro, como a de Garrison outrora, propôs em um discurso eloqüente que a Câmara nomeasse uma comissão para me ir buscar à galeria onde eu estava e me concedesse as honras do próprio recinto do Parlamento português, entre cujos membros tomei lugar. É isso o que quisera você fizesse com Mr. Root. Lembre-se desta lista: Jefferson, Randolph, John Marshall, Madison, Monroe, John Quincy Adams, Henry Clay, John Forsyth, Daniel Webster, Edward Everett, Marcy Seward, Fish, Evarts, Blaine, Bayard, Sherman, Hay, Root, e você se resolverá ao que lhe peço. O cargo de Secretário de Estado, como os nomes acima o indicam, é um cargo de que o povo americano tem tanto orgulho e zêlo como da própria presidência. Lembre-se de Henry Clay recebendo a

Lafayette no Congresso americano quando êste voltou em 1824 (?) aos Estados Unidos. Desta vez é a União americana que visita pela primeira vez a outra parte do Continente americano, a América Latina. Não é por mim, que lhe peço isso: é pelo Brasil, e é por você.

O que Mr. Root disse ontem no Recife a meu respeito é a mais grata de tôdas as inscrições que eu pudesse ter em minha fé de ofício diplomática. Suas palavras sôbre o meu discurso vêm ainda aumentar a magnanimidade desta manhã, a impressão do dia em que recebi aquêle testemunho. Nada na vida pública requer tanta coragem como o mudar de um campo político. A excomunhão passou da religião para a política, e hoje existe sòmente nesta. Mudar de fé, de Deus, pouco importa, a apostasia é sòmente mudar de partido. Mas, graças a Deus, eu nunca cedi ao mêdo baixo de ser sincero e nunca me inspirei no que para mim não conta intelectual e pollticamente. Formei-me de modo que a opinião dos que não me compreendem me ficou sempre indiferente.

Ainda uma vez obrigadíssimo. Eu deputei o Artur Moreira (1) para persuadi-lo de prestar à grande política da liga, da união entre o Brasil e os Estados Unidos, o apoio mágico da sua palavra.

Todo seu

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Fazenda do Pilar.
Maricá, 7 de out., 1906.

Meu caro dr. Graça,

Meu sogro está muito mal (2), como sabe, mas é impossível por enquanto calcular o tempo que levará o desenlace desta cruel

(1) A amizade de Rui com Arthur de Carvalho Moreira, não arrefeceu desde os tempos de estudantes. Rui fêz questão de levá-lo consigo como secretário à Conferência de Haia.

(2) O barão de Inohan, sogro de Nabuco, faleceu em 10 de outubro de 1906 na fazenda do Pilar, em Maricá, onde sempre vivera.

situação. Ninguém tem esperança, mas êle tem uma constituição hercúlea, que lembra o *baobab* que eu tinha diante dos olhos, há um momento, e defende-se da morte com valentia.

Estou muito satisfeito de me achar no Brasil nesta ocasião, é um grande consôlo para êle ver-me ao seu lado, representando a filha a quem está sempre mandando palavras de saudade, e o será para Evelina. Assim foi uma verdadeira graça de Deus ter-me demorado a viagem. Não lhe posso dizer a emoção que tudo me causa. Imagine que hoje é a festa popular nestes lugares da Senhora da Saúde em terras desta fazenda, ou encravadas nela, e que o desejo maior de meu sogro foi sempre ser enterrado na capela e que êsse desejo será cumprido. Isto que lhe escrevo é sòmente para o sr.. Nestas ocasiões sòmente se escreve a verdadeiros amigos, é belo ver a adoração da pobreza por êle, tem tido centenares de visitas dos pobres de tôda a redondeza!

Dê muitas lembranças a dona Iaiá e aos seus. Diga ao Domício que o pequeno quadro do encontro do filho com o pai depois de 13 de Maio é feito por mão de mestre. Êle destila a tristeza, mas hoje sei mais dos seus começos e o compreendo melhor. Há duas ou três páginas nesse trecho que são soberbas.

Mande-me uma boa notícia sua, do seu *habeas-corpus,* a palavra de liberação sonhada.

Queira dar uma pequena notícia ao *Jornal* de que adiei minha viagem por causa do grave estado de meu sogro.

Do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Salvador de Mendonça

Rio, 13 de out., 1906.

Meu caro Salvador,

Acabo de receber sua boa carta e muito lha agradeço. Foi uma semana cruel a que passei assistindo à morte lenta de meu sogro e bom amigo, mas foi um consôlo para êle ver-me ao seu lado e o será para minha mulher saber que lá estive.

Parto com o pesar de não o ter visto, mas não dispus de um único dia.

Desejo-lhe e a sua senhora e filhas tôda a felicidade.

Em Washington inspira-me o mesmo espírito que o inspirou e sei que somos bons aliados nessa política em que não deve haver hesitações, ou, para melhor dizer, em que tôda hesitação ou intermitência seria uma falta irresgatável.

Do velho amigo e camarada

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

R. M. S. P. « Clyde »
19 de out.

Meu caro dr. Graça,

Já entrei no regime do repouso e da monotonia. Ninguém a bordo; o Zagury (1) enjoado, o vento forte de proa todo tempo, impedindo-me de ficar fora parte do dia, isto é, concentrando-me ainda mais o espírito, que as vagas distrairiam e o azul do céu transportaria a outras regiões, — eis aí o quadro da minha saudade e da minha afetuosa e constante recordação. Todo o meu desejo agora é vê-lo feliz e contente. Para isto a primeira coisa é a tranqüilidade perfeita, absoluta, quanto à colocação do seu sogro, e essa espero que a terá sem demora. O David Campista compreenderá que o Bulhões não fêz ato de intolerância ou perseguição e que seu sogro não deve ser sacrificado em homenagem ao demissionário. Depois dessa certeza a respeito dêle é preciso que fique certo da sua própria colocação, e o Rio Branco não lhe recusará um lugar de 1º secretário encarregado de negócios, se o sr. fizer valer todos os recursos de que dispõe. *Nosce te ipsum.*

---

(1) Leon Zagury havia servido na Missão Especial de Nabuco em Roma como tradutor e veio ao Brasil contratado para a Terceira Conferência Pan-Americana, que vinha de se encerrar.

Quanto ao mais saúde para dona Iaiá, beleza para Heloísa (1), desenvolvimento para o Temístocles, e entre tôda essa felicidade uma lembrança sempre para o seu muito grato e dedicado amigo

JOAQUIM NABUCO.

A dona Maria da Glória da Graça Aranha

R. M. S. P. « Clyde »
Outubro, 23, 1906.

Minha cara dona Iaiá,

Devia ter-lhe mandado um telegrama do Recife, mas distraíram-me dessa idéia com manifestações e despedidas e assim é de mais longe que lhe mando o meu adeus. Escrevi a seu marido com uma lembrança para a senhora e outra para seus filhinhos. Deus vigie bem a casa e os colégios onde os quatro vivem. Quer-me parecer que eu só levei para o seu pequeno círculo a agitação e um pouco, *hélas!* a confusão. Quisera ter levado a calma, a segurança, o renovamento.

Faça o Graça escrever-me de vez em quando, não uma dessas cartas longas que o fatigam ou devem fatigar pelas vibrações que há nelas, eu o sei bem, porque as recebo com tôda a fôrça que as causou, porém, meras notas de um minuto de extensão, frescas da emoção ou impressão que liberam (em vez de deixar êle a impressão acumular-se de dia para dia, como um pêso inútil e sempre crescente), coisa que não lhe dê que pensar, que lhe possa mesmo ditar. Assim eu ficarei mais contente, pois a carta longa, apressada, ansiosa, revelando esfôrço, acumulação de esfôrço, por mais prazer que me dê, traz-me escrúpulos, pesar de o ver gastar-se por minha causa, fatigar-se. Eu não creio que êle tenha a constituição menos resistente do que a do Magalhães de Azeredo, mas quisera vê-lo diminuir a intensidade e o número

---

(1) A filha de Graça Aranha, então com 14 anos de idade, e cuja grande beleza já se pronunciava. Foi espôsa do conselheiro Francisco de Assis Rosa e Silva, antigo vice-presidente da República e senador por Pernambuco. Ao casarem-se ela tinha 19 anos e êle 56.

das vibrações da vida intelectual ordinária a fim de poder com tal economia dar as obras a que está destinado sem sacrifício e sem abalo.

Pela minha parte daria pela brilhante carreira dêle o que me reste de vida, acreditando que essa troca seria a melhor de tôdas as minhas obras.

A viagem tem sido muito boa, o mar está muito sereno e o pôr do sol é cada tarde um novo poema. Assim seja até o fim! O Chermont volta cheio de esperanças. Diga a seu marido que estou a tremer depois que o Zagury me disse que êle é que havia traduzido para o inglês o meu discurso no encerramento da Conferência. Êle não tem a menor idéia de direito internacional, nem de estilo; que teria êle dito por mim?

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão do Rio Branco

Ministro das Relações Exteriores

Washington, 12 dez. 1906.

Meu caro Paranhos,

Muito lhe agradeço as suas generosas e afetuosas palavras a meu respeito no seu discurso ao exército. É de demonstrações assim, mesmo quando sejam excessivas, que se alimenta o zêlo dos que como nós estão dando quanto podem ao serviço público sem se lembrarem da rapidez com que consomem a vida por tanto esfôrço. Muito obrigado.

Fico à espera dos livros para os entregar e por ocasião da entrega farei que se publique a parte de seu discurso que interessa aos americanos. Espero fazer isso de modo que lhe agrade.

Minha saúde não é boa, e preciso para o ano de uma cura completa, que sòmente poderei fazer na Europa, ficando para depois resolvermos se posso continuar neste pôsto. É um grande contratempo para mim, mas ainda assim trabalho sempre e continuo nas boas graças de Mr. Root. Espero que você pelo seu

lado tenha cuidado com a saúde. Felizmente no verão você será forçado a viver em Petrópolis, isto é, com seus filhos, cujo horror a essa sua prisão solitária do Itamarati eu compreendo bem. Lembranças afetuosas a êles.

Desejando que você resolva a seu inteiro contento as questões que lhe restam para poder descansar quanto precisa, pelo menos tanto quanto eu, fico sempre

Seu velho amigo dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Muito prazer me causou a colocação do Graça Aranha no quadro e agradeço-lhe ter-me telegrafado.

1907

A Graça Aranha

Washington, 17, janeiro, 1907.

Meu querido amigo,

Sua carta veio muito triste, mas não desanime. A nomeação do seu sogro foi muito precária, feita contra um dos mais importantes auxiliares da política financeira da nova administração. Nunca tive inteira confiança nela, pensando sòmente que lhe poderiam dar uma compensação. A infelicidade do Gouvêa é constante com a situação política do país, ou antes com a República. Apesar de tudo êle é considerado um inimigo acérrimo pelos que têm a tradição florianista. Quanto ao seu caso, *vae victis.* O laudo foi-nos em parte contrário e fizemos crer que o foi no todo, porque não exploramos nenhuma situação em nosso interêsse pessoal. O território entre o Maú e o Cotingo é tão meu quanto possa ser do Rio Branco o território das Missões e o do Amapá, o Estado do Amazonas tem mostrado sempre consciência disso, mas para que as Câmaras reconhecessem êsse serviço ao pessoal da Missão como reconheceram os delas ao pessoal das duas missões do Rio Branco era preciso que nós tivéssemos amigos pessoais interessados em procurar por nós. Essa questão não é conhecida sequer aí, as minhas Memórias nem foram distribuídas e estão escritas em francês, seria preciso que eu fizesse um relatório em português *ad usum* do Congresso e do público, mas para isso seria preciso publicar documentos confidenciais, do próprio Rio Branco, e ainda é cedo para tal publicação. O público, porém, fará um dia justiça ao nosso tremendo esfôrço.

Não tinha muito entusiasmo pela sua nomeação para Copenhage. Deixe seu nome crescer. Viva. E não se amofine. Que prazer eu teria se pudéssemos encontrar-nos na Europa! Não sei se lá irei êste ano, mas em qualquer tempo que vá tenho esperança na minha boa estrêla que os avistaremos em Paris. Deixe sua sorte ao destino, não a comprometa, agitando-se. O Rio Branco é uma esfinge, creio que o foi para o pai e o é para os

filhos, certamente o é para os íntimos e o terá sido para os colegas de gabinete e presidentes. Ninguém o penetrou nunca. Mas mesmo por não se o poder penetrar não se lhe deve imputar nenhuma intenção precisa. Às vêzes se lhe atribuirá hostilidade ou prevenção quando êle esteja animado pelo contrário de benevolência. Quanto ao sr. acredito que a seu modo êle lhe tem as melhores disposições e até simpatia. Talvez êle o quisesse mais seu, seu só. Mas entre mim e êle não há emulação e por isso êle se convencerá de que podemos ter amigos comuns. Não escrevo ao Presidente de propósito, ainda não lhe escrevi. Um ou outro telegrama que lhe mandei foi sôbre o mesmo assunto em que telegrafei ao Rio Branco, boas festas ou felizes votos, e um sôbre o Santos Dumont, que nada tinha que ver com a pasta de Exteriores e que mandei como amigo interessado no brilho da administração de um camarada de infância. Tranqüilize-se pois, não darei ao Rio Branco tão justo motivo de queixa como seria êsse de me estar correspondendo secretamente com o Presidente. Mando de vez em quando a êste retalhos de jornais, de que vão as duplicatas para o Ministério, para chegarem tão depressa como os que outros lhe possam mandar pelo mesmo correio.

Minha saúde vai um pouco melhor com a massagem e o descanso. O nosso luto pesado nos fechou em casa êste inverno como ao embaixador francês, ministro belga e outros, e minha saúde me impede por ora de ir às recepções oficiais. Assim mesmo fui à da Casa Branca em 1º de janeiro. Já aceitei, porém, um convite para 22 de fevereiro, aniversário de Washington, do *Liberal Club* de Buffalo. Ali falarei sôbre as Lições e Profecias da recente Conferência Pan-Americana. Verá pelo folheto que lhe remeto à parte a importância dêsses banquetes. Mr. Root é sempre grande amigo meu.

Tenho ouvido as coisas mais agradáveis sôbre o meu livro (1). Ainda há dias o embaixador italiano disse-me palavras que teriam bastado a Chateaubriand ou Renan, e que, dado o devido desconto, são mais do que eu posso desejar. Espero dar outro livro daqui a dois anos.

E o seu? Desejo-o e não o desejo, por saber que trabalho é a inspiração contínua para uma natureza vibrante como a sua.

---

(1) *Pensées Détachées et Souvenirs.*

A ansiedade é no seu caso terrível para o coração e para o cérebro. Mas por outro lado, o nome!, É o nosso dever maior. É a vida da família no passado e no futuro. A verdadeira maneira de enobrecer um nome, à chinesa, no passado é a glória, a reputação, a imortalidade. Só o nome se salva e vive. E não sei medir a altura a que o seu gênio se pode elevar ainda. Por isso não sei escolher. Mas se puder atravessar a crise da inspiração sem perigo, desejo que venha o novo livro ainda que depois venha uma longa convalescença, para a qual talvez a esfinge se humanize e lhe destine como cura, o melhor clima possível, a atmosfera da amizade, o nosso carinho e admiração. É verdade que ao nosso lado não teria as belas Valquirias (1), às quais peço que me recomende, com a licença de dona Iaiá.

Felicito a esta pelo bem que lhe fizeram os banhos de mar. Ela, com efeito, precisa de fôrças, tendo uma criança tão difícil de vigiar como o sr.. Estimo muito saber que o Temístocles e Heloísa vão florescendo. Recomende-me muito a seu sogro, à sra. sua mãe, ao Fragoso, ao Veríssimo e ao Rodrigues. Peço-lhe que fale a êste da minha parte sôbre o Filadelfo Pereira de Almeida (rua Áurea 6B, S. Domingos ou Caixa Econômica), aquêle estudante que o auxiliou na minha recepção e que merece tôda proteção, pela família que já sustenta tão moço.

Muito sinto o que me diz da crise do Tobias. Êste, porém, há de subir, há de chegar ao que aspira, porque tem o faro muito fino e com êle a disciplina precisa da vontade.

Um abraço apertado, meu bom amigo. Seu retrato em uma bela moldura romana está à minha cabeceira e com êle me entretenho às vêzes. Tenho hoje reunidas no meu quarto de cama as relíquias da minha vida, com a capelinha de São Mateus de Massangana para começar. Uma descrição dessas memórias me levaria longe. Outro apertado abraço que lhe peço divida com o nosso bom amigo J. C. Rodrigues para ficarmos os três bem unidos durante êste novo ano.

Vi que lady Susan Townley (2) jantou com êle. Coitados!

---

(1) As senhorinhas Leitão da Cunha e outras jovens companheiras de passeios a cavalo em Petrópolis.

(2) Espôsa do ministro da Grã-Bretanha na Argentina, Sir Walter Townley, que acabava de servir em Washington como conselheiro da embaixada, então chefiada por sir Mortimer Durand.

Tem-se levantado na imprensa aqui uma campanha de gossip contra ela acusada de ter feito Sir Mortimer Durand perder o lugar de embaixador. É verdade que aqui no fim de dois dias ninguém se lembra mais de nada nem de ninguém.

Do seu afmo. amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Machado de Assis

Washington, 15 de março de 1907.

Meu caro Machado,

O meu voto é pelo dr. Artur Orlando (1), se êle fôr o único candidato, e, tendo competidores, ainda é dêle, exceto se os competidores forem o Assis Brasil e o Jaceguai, que têm compromisso meu anterior em cartas escritas a você mesmo. Queira portanto votar por mim, conforme estas instruções.

Não me deixe o dr. Orlando naufragar sem uma combinação que lhe garanta a eleição para a futura vaga. Um homem como êle pode ser vencido numa eleição acadêmica, não pode, porém, ser derrotado sem pesar para os eleitores. A nossa balança é de pesar ouro sòmente. Êle mesmo, estou certo, não se aborreceria de ser segunda escolha em competição com o dr. Assis Brasil, que já teve uma (ou duas?) *non réussites.* Eu desejava-lhe entretanto uma vaga que lhe permitisse falar de Pernambuco largamente, mas teria que escolher entre mim e o Oliveira Lima e nenhum dos dois êle podia preferir ao outro. Em todo caso alguém mais da Filosofia que o Dória. Mas é odioso esperar vagas determinadas.

Do seu velho amigo

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) Candidato à vaga de Franklin Dória, barão de Loreto, para a qual foi eleito.

A Machado de Assis

Brazilian Embassy.
Washington, maio 27, 1907.

Meu caro Machado,

Como para a vaga do barão de Loreto só concorreu o dr. Artur Orlando, o meu voto prometido a êle sob condição de não ser o Jaceguai, nem o Assis Brasil candidato, é dêle *ipso facto*. Sob a mesma condição dou o meu voto na eleição para a vaga do dr. Teixeira de Melo ao Paulo Barreto. Concorrendo, ou o Jaceguai, ou o Assis Brasil, o meu voto será do que concorrer. Concorrendo os dois, do Jaceguai. Terei sido quem o animou a apresentar-se e tenho sempre sustentado que a marinha falta na nossa Academia (assim como o exército, mas no exército não sei de escritor igual ao nosso Jurien de la Gravière) por isso votarei no Jaceguai por mais que me custe não poder dar o meu voto ao meu colega Assis Brasil. Queira você votar por mim de acôrdo com estas instruções.

O meu livro tem sido muito bem acolhido em França (1), Aí suponho que o Veríssimo o matou (2). Quando se diz de um livro que fôra melhor não ter sido publicado, tem-se-lhe rezado o *requiescat*. Entre nós dois lhe direi que o deputado Paul Deschanel o propôs para um prêmio da Academia Francesa. Segundo o Regimento da Academia não há prêmio senão para as obras inscritas para o concurso e assim tive que inscrever-me! A responsabilidade da iniciativa, porém, não é minha! O barão de Courcel também fêz o elogio dêle na Academia de Ciências Morais e Políticas. Estou muito grato a tão generoso acolhimento. Sei que a crítica do Veríssimo aí fêz muito mal ao livro, porque me repetiram um dito de um dos rapazes da divisão naval: que o meu livro não tinha atualidade. Atualidade um livro de pensamentos! É um livro escrito há treze anos, que

---

(1) *Pensées Détachées et Souvenirs.*

(2) José Veríssimo por sua vez escrevia a Machado de Assis: « Estou criticando o Nabuco. É um prazer porque o homem é efetivamente forte. Tem pensamentos de muita finura e penetração. »

deixei dormir por não me preocupar de « atualidade ». Ora isso é do Veríssimo.

Espero que você tenha sempre a saúde com que o vi durante a minha estada no Rio. Que saudades trouxe suas, meu caro Machado. Como a vida ao seu lado é sempre um novo encanto!

Do amigo e velho camarada

JOAQUIM NABUCO.

Notas confidenciais para Rui Barbosa

Em Paris encontraram-se em princípios de junho, Nabuco que fôra à Europa para tratamento de sua saúde, já definitivamente atingida pela artério-esclerose e a policitemia, e Rui Barbosa em caminho de Haia para a Conferência de Paz, em que se tornou universalmente conhecido. Nabuco mandou-lhe a 13 de junho, confidencialmente, êstes informes que lhe pareceram úteis sôbre delegados de outros países com os quais já tivera contacto.

O Quesada (1) é o melhor informante que você possa ter do que se passar na esfera hispano-americana. Ainda que êle seja muito amigo do Saenz Peña, de quem foi secretário, você pode fiar-se nêle, certo de que, se o chamar a si, — os cubanos neste momento, sobretudo, são muito sensíveis à simpatia e medem cada pequena diferença no acolhimento que recebem, — êle será um bom aliado do Brasil entre a Hispano-América. Êle é muito entusiasta, mas vê claro e com muita penetração. Mme. Quesada é muito simpática e merece que sua senhora faça amizade com ela.

O Esteva, primeiro delegado do México, é muito polido, mas frio e muito suscetível e exigente em questões de forma. Êle foi meu colega em Roma e é meu amigo. O de La Barra (2) é

---

(1) Gonzalo de Quesada, ministro de Cuba em Washington, e que fôra delegado do seu país à Conferência Pan-Americana no Rio de Janeiro. Era grande amigo de Nabuco.

(2) Leon de la Barra, depois embaixador do México em Washington.

muito atencioso e agradável. Êle tem grande admiração p
você. O México é o rival da Argentina na América Espanh
e pollticamente mais importante pela proximidade dos Estac
Unidos, o que o torna um agente dêste para as nações da mesr
língua. O México procurou muito tempo fugir a essa apro:
mação, mas hoje compreende melhor o seu interêsse e os Est
dos Unidos lhe estão insuflando o seu espírito pouco a pou
Entre o México e a Argentina não tenho dúvida de que êl
prefeririam elevar o México tanto na Haia como em qualqu
outra ocasião.

*

Dom Domingo Gama (1) é um velho amigo nosso, mas
argentinos o têm muito festejado ùltimamente e se é certo q
êle era o candidato à embaixada que o Chile quis criar e
Washington talvez êle nos suspeite de frieza a respeito des
idéia (2). A mim ninguém nunca disse uma palavra por par
do Chile, nem tampouco por parte dos Estados Unidos. Trab
lhei quanto pude por aproximar os dois países, falando ao Pr
sidente e a Mr. Root sempre do Chile de modo a elevá-lo n
espírito de ambos e convencendo o Walker Martinez (3) c
que não pode haver política mais errada para o Chile do q
inspirar desconfiança aos Estados Unidos, sobretudo quando
Peru procura por todos os modos captar-lhes a simpatia. A mi
não cabia dizer uma palavra sôbre um plano de que apen
tive conhecimento pelos jornais e em questão tão melindros
Admira-me que o Chile tenha querido realizar tal pensament

---

(1) Ministro do Chile em Londres.

(2) O primeiro país americano com o qual os Estados Unid
trocaram embaixadores (no tempo em que o título era ainda rigoros
mente reservado às grandes potências mundiais) foi o México. Depo
o Brasil. Passados vários anos as legações americanas na Argentina
no Chile foram elevadas à categoria de embaixada. Hoje em qua
tôdas as capitais do mundo a maioria das missões diplomáticas tem cat
goria de embaixada.

(3) Joaquim Walker-Martinez, ministro do Chile em Washingto
e que já o havia sido no Brasil. Acabava de regressar a seu país, dei
xando a diplomacia pela política.

encarregando-o ao Yoacham (1) ou tratando por intermédio do ministro americano em Santiago; não sei qual foi o negociador.

*

O Quesada lhe explicará o valor de cada delegado hispano-americano. Você mostre desejar ouvi-lo sôbre êles.

*

O Fusinato (2) é muito meu amigo. Dou ao Artur (3) uma carta para êle, em que lhe manifesto a esperança de vê-lo deixar a Conferência tão seu amigo, como é meu, falando-lhe de você como devo. Êle estêve ùltimamente bem doente de uma dispepsia nervosa. Você cultive a amizade dêle, que será o seu melhor guia entre a diplomacia européia. Êle é muito amável e quererá agradar-lhe por êsse instinto político que faz da italiana a raça mais civilizada do mundo.

*

O barão de Selir (4) (sôbre quem se fêz à tort o epigrama *il ne sait lire ni écrire*) é muito relacionado entre a velha aristocracia holandêsa, estêve no Rio, é irmão do meu amigo o visconde d'Alte meu colega em Washington, coleciona porcelanas brancas e é um grande *sportsman*, no sentido de apostador em corridas. O Artur há de conhecê-lo bem. Talvez êle fôsse o melhor auxiliar seu no que respeita à própria Holanda e ao Corpo Diplomático da Haia.

*

A posição de embaixador é um pouco atada por etiquêtas e cerimonial, em geral êles esperam que se vá a êles, mas eu

---

(1) Encarregado de negócios do Chile em Washington.

(2) Durante a Missão Especial de Nabuco em Roma era o sub-secretário de Negócios Exteriores.

(3) Artur de Carvalho Moreira que Rui Barbosa, seu velho amigo, levou à Haia como secretário.

(4) Ministro de Portugal.

nunca vi exemplo mais notável de que os homens de Estado se devem emancipar das exigências e imposições da etiquêta e tradições aceitas sempre que queiram *fazer diplomacia* do que a missão do conde Witte aos Estados Unidos por ocasião do tratado de Potsmouth. Êle começou por dirigir um apêlo à imprensa americana, que pôs tôda esta, se não do lado da Rússia, em uma expectativa simpática que contrastava com a guerra que lhe fizera durante o tempo do conde Cassini, o sobrevivente da antiga diplomacia de fórmulas e maneiras. De repente êle conquistou para o seu país a boa-vontade geral. Você não é um diplomata de carreira, está numa missão em que o estadista, o político, não tem que considerar protocolos nem formulários, e por isso pode libertar-se de quantas regras tolas e anacrônicas ainda prendem o nosso ofício, num tempo em que a opinião é a fôrça das fôrças em política.

Deixo-lhe estas notas de um velho colega de Academia que deseja a maior felicidade para você na sua missão.

J. N.

NOTA À MARGEM: — Já apresentei o Rodrigo Octavio ao d'Estournelles (1) (êle pronuncia como eu *dês*tournelles, não *dè*) e êle prometeu-me fazer tudo pelo Brasil. O Rodrigo Octavio o levará a você. Vou escrever algumas cartas diretamente, dizendo quem você é, uma delas ao Mr. Choate (2). Mande-me uma lista dos delegados. Meu enderêço até lhe mandar outro, é Hotel La Pérouse — rue La Pérouse. Paris.

---

(1) Barão d'Estournelles de Constant, presidente do Senado francês e delegado do seu país à Conferência de Haia. É a êle que se refere Nabuco em uma carta, escrita de Washington, onde o conhecera meses antes, e na qual diz a Graça Aranha: « O meu livro, pelo qual não fiz nada senão publicá-lo, achou quem (muito altamente colocado) se interessasse por êle em Paris, e queira ser o seu empresário. E que ambição êsse amigo ontem desconhecido tem por êle! Mandou-me uma carta de outra pessoa a quem o deu a ler, em que há coisas que virariam a cabeça se já não estivesse no fim da minha carreira. »

(2) Joseph H. Choate, delegado dos Estados Unidos, e por conseguinte uma figura chave da Conferência. Entre êle e Rui surgiria um incidente que muito preocupou a Nabuco, e que provocou contra Rui ataques na imprensa americana.

Ao barão do Rio Branco

Ministro das Relações Exteriores

Paris, 21 de junho, 1907.

Sr. Ministro,

Chegando a Paris procurei logo o senador Rui Barbosa e com êle tive uma larga conferência sôbre o objeto da minha missão. Informei-o de tudo que se passara em Washington com relação à Conferência e dos passos que ali dei. Dei-lhe cópia do memorando por mim entregue a Mr. Root e das notas que tomei sôbre as Instruções aos Delegados americanos, que Mr. Root me deixou ler antes de submetidas ao Presidente Roosevelt. Em telegrama de Washington, já comuniquei a V. Ex. os pontos essenciais dessas instruções. Junto envio a V. Ex. o resumo que dêles fiz para o senador Rui Barbosa.

Expus a êste o grande interêsse do Govêrno americano em que da Segunda Conferência da Haia resulte pelo menos algum progresso do Direito Internacional quanto à limitação do emprêgo da fôrça na cobrança de reclamações pecuniárias entre nações. Essa atitude aquêle Govêrno sempre a manteve muito antes do dr. Drago ter aparecido com a sua nota, reclamando-a como uma iniciativa da República Argentina. O dr. Rui Barbosa disse-me que ia submeter a V. Ex. o que eu lhe expunha.

Agora vejo pelo « Temps » que o Brasil teve uma das presidências honorárias das Comissões o que atribuí ao fato de ter ido o nosso eminente patrício à Conferência na categoria de embaixador, circunstância que eu ignorava, mas do mais elevado alcance para a posição do Brasil naquele congresso das Nações do mundo inteiro. Por êsse golpe diplomático tomo a liberdade de felicitar a V. Ex.

Sigo para as águas de Vittel, donde poderei fornecer qualquer informação que me seja pedida e depois de terminada a Conferência voltarei para o meu pôsto com a possível brevidade.

Tenho a honra, sr. Ministro, de oferecer a V. Ex. os protestos da minha respeitosa consideração.

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Vittel, 27 de junho de 1907.

Meu caro amigo,

Suas cartas são raras, mas são um grande prazer da minha vida. Cada vez sinto mais a sua ausência, a nossa separação. Custa-me passar a última quadra tão longe de uma amizade como a sua, de um espírito em cujo contacto o meu rejuvenesce.

Os médicos (diz-se sempre no plural) mandaram-me para êste lugar onde espero melhorar. Aparentemente sou um homem forte, mas a tensão arterial faz de mim um candidato, se não já um jurisdicionado, da artério-esclerose. Não quisera acabar por aí. Já tenho um regime muito estrito e estou muito vermelho. Parece que estas águas fazem milagres e espero um (1).

Mandei-lhe um recado, ou um pedido pelo Hilário. Estive com o Rui em Paris — fiz tudo que pude em Washington para o brilho da missão dêle na Haia. Êle há de saber de tudo pelo Rio Branco. Os argentinos querem ter as honras da Conferência com a doutrina Drago; veja o retalho do *Figaro,* até pretendem que a proposta americana foi copiada de um artigo de Drago que ninguém leu nos Estados Unidos. É a perfeita fábula da môsca do coche. Se nós nos apartássemos dos Estados Unidos, a vitória argentina era completa. Felizmente espero que não cometeremos êsse êrro.

Hoje minha aspiração mais forte é passar um bom ano em sua companhia. Tenho que pôr em ordem o meu arquivo da Abolição. Tenho também que organizar o arquivo de meu pai; se o não organizar eu mesmo, êle perde-se, pois ninguém tem a tradição dêle. Tenho o meu drama de 1876 que rever. Tenho

---

(1) De fato, os médicos ficaram admirados com a melhora na doença, então incurável, de que sofria Nabuco — a multiplicação dos glóbulos vermelhos no sangue, com crescimento descomum do baço. O estado de Nabuco, depois da cura de Vittel, voltou quase ao normal, mas a melhora durou pouco. Dois anos e meio depois Nabuco falecia de uma congestão cerebral, desenlace esperado da sua moléstia.

outro livro de Pensamentos quase acumulado em minha pasta. Preciso escrever um livro sôbre a nossa questão de limites, para mostrar como se salvou o território entre o Maú e o Cotingo. Tudo isso exige tempo e saúde. Sua presença ao meu lado seria para mim uma grande economia de fôrças, ou se não, uma constante renovação delas. Onde, porém? Quando? Como? Em todo caso revelei-lhe o meu mais íntimo desejo.

Acabo de ler no *Figaro* que o Ferrero (1) passou pelo Rio ontem e que o nosso Machado o foi buscar a bordo. O Lúcio de Mendonça deve sentir-se ufano — fêz uma criação, a Academia é hoje uma instituição nacional. Mas onde estaria ela sem o Machado? Teria morrido do mal de sete dias. Sinto que o sr. tenha abandonado o Gubernatis (2), o nosso Gubernatis. Por que não podia êle ser convidado como o Ferrero? A presença dos dois dava maior brilho à nossa terra e duvido que o Ferrero tenha a alma do nosso velho amigo. Ainda é tempo de chamá-lo.

Quanto à próxima eleição da Academia escrevi ao Machado. Se o Jaceguai fôr candidato, meu voto é dêle, contra qualquer. Se não fôr, e fôr o Assis Brasil, meu voto é dêste. Se nem o Jaceguai nem o Assis forem candidatos, voto no Paulo Barreto, a quem escrevi. Para a primeira vaga, sendo o Orlando o único inscrito, o meu voto é dêle, a quem fui o primeiro talvez a lembrar essa aspiração.

Tive grande prazer em encontrar o Rodrigo Octavio em Paris, e o Moreira. O seu primo Alberto de Faria não sabe o que inventar com amabilidades conosco. Tem realmente cumprido do melhor modo os *seus* desejos, pois vejo a sua inspiração em tudo que êle nos faz.

Lá se vai amanhã o Cardoso (3). Tenho nisso grande prazer por êle, mas sobretudo pelo sr. Veja se força o Veloso a ir também.

---

(1) Gugliemo Ferrero.

(2) Angelo de Gubernatis, o filósofo italiano com quem Nabuco e Graça Aranha se haviam ligado muito em Roma.

(3) J. Cardoso de Oliveira, primeiro secretário em Londres, chamado para o Itamarati.

Evelina muito se recomenda. Sabe a amizade que ela lhes tem. Muitas lembranças a dona Iaiá, a seu sogro, aos meninos, ao dr. Fragoso (1).

Um apertado abraço do amigo sincero

JOAQUIM NABUCO.

A Rui Barbosa

Vittel (Vosges).
Palace Hotel.
Junho, 29, 1907.

Meu caro Rui,

Pelo *Figaro* de hoje vejo que você já se revelou e estimo particularmente que começasse apoiando Mr. Choate. Nada pode fazer-nos tanto bem em Washington como sustentarmos os delegados americanos nas suas iniciativas para fazer o direito das gentes dar passadas de gigante nessa Conferência. O Drago não leu a fábula da môsca do coche. Eu confio que da sua ida à Haia resultará grande bem para as nossas relações políticas com os Estados Unidos. Ou me engano muito, ou ouvirei Mr. Root falar do seu apoio como a melhor prova da sinceridade da nossa simpatia pelo povo americano. Mande-me alguma coisa que lhe diga respeito na Conferência para eu não saber do que mais me interessa neste momento sòmente pelos jornais.

Fui com minha mulher visitar Mme. Rui Barbosa, a quem queria ter o prazer de apresentá-la, mas ela não estava.

Afetuosas lembranças do seu

velho amigo e colega

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) Coronel Tasso Fragoso, cunhado de Graça Aranha. Usava-se então muito no exército dar o título de *doutor* aos bacharéis de matemática militar.

A José Pereira da Costa Mota

Nabuco, e também Rio Branco, tinham velha amizade e aprêço por Costa Mota. Rio Branco, na pasta do Exterior, confiou-lhe as duas missões a que dava, depois de Londres e Washington, maior importância — Berlim e Buenos Aires. Neste último pôsto, Costa Mota, já em idade de descansar, aposentou-se em 1911.

Havia muitos anos que Nabuco e êle não se viam quando se encontraram em 1907. Os diplomatas de carreira naquele tempo de viagens difíceis nunca, por assim dizer, visitavam o Brasil. Assim quando Nabuco o foi procurar em Paris, onde ambos se achavam de passagem, sendo então Costa Mota ministro em Berlim, as recordações da mocidade surgiram com encantamento. Costa Mota havia sido um freqüentador assíduo do Novo Clube, *duas salas da rua do Ouvidor, onde os precursores do abolicionismo e seus amigos se encontravam todos os dias na época em que Nabuco se estreava no Parlamento, e fôra também seu companheiro de veraneio em Petrópolis.*

Vittel, 1.º de julho, 1907.

Meu caro Costa Mota,

Grande prazer tive em passar aquela noite no Hotel Chatham! Parecia-me reviver os nossos belos dias do Hotel Bragança (1), quando esperávamos a hora de ir ao Alto da Serra nas carruagens do Martins. Está aí um personagem cujo nome e figura só agora me ocorrem pela primeira vez há mais de trinta anos. À missa do Antônio Campos assisti, ou creio ter assistido. Às vêzes o Aguiar fazia excelentes ensopados (no tempo em que eu os comia) quando faltava o cozinheiro do hotel. Creio lembrar-me de vê-lo na cozinha, mas sem o avental, que aliás aquêle, o maior dos *dandies* do Rio (não lhe digo qual foi o maior do Norte) (2) não iria mal.

Eu teria voltado a vê-los no dia seguinte, se o teatro fôsse em casa e a atriz, ou cantora — qual das duas artes é a dela?

(1) Em Petrópolis.
(2) Costa Mota, mais velho que Nabuco alguns anos, era pernambucano.

— fôsse sua inteligente e amorosa filha. Um instante pensei que era essa a surprêsa, ao ler o seu enigmático bilhete.

Diga-me um pouco os seus planos, porque quisera vê-los em terras ou « águas », de sua jurisdição. Não sei se tirarei algum proveito desta « cura », mas depois de ter ouvido a Faculdade francesa convém talvez ouvir a Universidade alemã. Não irei, porém, tão longe como Berlim; em roda do Reno deve haver, no verão, celebridades médicas (estômago, circulação) clinicando pelas cidades de banhos do Far-West alemão.

Viajar, porém, com tantos filhos é ruinoso; tenho muito mêdo dos hotéis que me levam mais do que recebo, e por isso não me arriscarei a uma esfolação na Alemanha sem as devidas precauções, algumas das quais espero de você, de sua experiência.

Não ficou bem resolvida na outra noite a questão se o Rio Branco é mais seu amigo do que meu. Pode parecer-lhe que é mais meu por me ter feito embaixador, mas a julgar assim o maior dos amigos dêle seria o Rui. Eu penso que nessas coisas êle segue a regra: « amigos amigos, negócios (de Estado) à parte. » Quanto à afeição natural, cheia de reminiscências da mocidade, não tenho dúvida de que você, que veio muito antes, passa muito adiante de mim. Não creia que eu tenha ciúmes. Desejo-lhe e a dona Maria Josefa êsse e outros trunfos na mão quando a aposta fôr Lisboa (1).

Tive imenso prazer em vê-la depois de tantos anos e de achá-la a mesma. Eu venho de um país onde a mulher uma vez idealizada não muda nunca.

Lembranças afetuosas.

JOAQUIM NABUCO.

A Alexandre Barbosa Lima

Nesta carta, prolongamento de uma conversa em Paris, Nabuco procura um aliado para a política externa de que se fizera devotado apóstolo e a cujo cumprimento os impecilhos no caminho nunca o deixavam de assustar.

---

(1) De Berlim, Costa Mota seria transferido para Lisboa, o que era desejo seu. Depois de Portugal serviu ainda na Argentina.

CONFIDENCIAL

Palace Hotel.
Vittel (Vosges), 7, julho, 1907.

Exmo. sr. amigo dr. Barbosa Lima,

Não me esqueci do que me disse em casa do dr. Piza. Não escrevi antes por não saber o endereço do Eduardo Ferreira da Silva no Rio. Agora tomo a resolução de pedir a V. Ex. o favor de encaminhar a carta por algum amigo comum no caso de não saber também o número da residência dêle.

Para mim foi uma grande satisfação a nossa extensa conversa em Paris. Para mim, tanto quanto posso apreciar o rumo das coisas no nosso Continente e no mundo, a nossa política externa não tem alternativa. Tem sido um milagre histórico a conservação do imenso todo chamado Brasil. Até hoje isso foi, em grande parte, obra da fortuna, mas dora em diante será preciso que a ajudemos com outras fôrças além das nossas, pois hoje os solitários quase que vivem sòmente por condescendência e amanhã, *voe soli!* Entre a Europa e a América, por bem ou por mal, não há escolha para nenhuma nação da América Latina, mesmo porque a Europa tôda se furtaria ao perigo. Na América (quando não fôsse por outra causa pela exceção da língua, que nos isola do resto da Ibero-América, como separa Portugal da Espanha) não podemos hesitar entre os Estados Unidos e a América espanhola. Os alemães da América do Norte formam lá uma poderosa corrente contrária ao Monroísmo. Êste ainda é um dogma nacional, mas é possível que os Estados Unidos percam um dia todo interêsse nessa doutrina, nesse dia ai de nós, se a nossa amizade não estiver já bem cimentada. Com os princípios modernos quanto à soberania de territórios não ocupados haveria sòmente no vale do Amazonas campo vastíssimo para o estrangeiro, sem tocar a orla efetivamente apropriada por nós e outras nações.

Hoje em Washington as demais nações americanas não sabem que fazer para nos tirarem o avanço que levamos na política de aproximação dos Estados Unidos, por a têrmos iniciado sós e a despeito delas. Só com a maior sinceridade podemos man-

tê-lo. Mas quanto a mim êste é o alfa e o ômega da nossa política externa, a iniciação patriótica necessária dos nossos diplomatas, estadistas, jornalistas, etc.. Não vejo nenhuma outra intuição da qual dependa tanto a conservação do nosso grande todo nacional. Por isso tive o maior prazer em verificar que não divirjo neste ponto, ao lado do qual todos os outros são insignificantes, de um homem que tanto pode influir nos destinos do nosso país.

Creia, meu caro dr. Barbosa Lima, nos votos que faço por aquela influência e nas esperanças que deposito nela.

De V. Ex. patrício obrº

JOAQUIM NABUCO.

A Tobias Monteiro

Vittel, 12 de julho de 1907.

Meu caro Tobias,

Há muito que não nos escrevemos, mas você sabe que não o esqueço. Sei também quanto você anda ocupado, e em Washington tinha notícias suas pelos seus bons amigos Pederneiras (1). Além do mais não me faltava o *Figaro*.

Sei que você está ajudando a propaganda. É preciso fazermos alguma coisa para não ficarmos na sombra da Argentina. Mas a América do Sul tôda está aqui entre a ignorância e a difamação. Agora mesmo acabo de percorrer um livro de um Monsieur Delebecque, *À travers l'Amérique du Sud,* em que se procura fazer dos povos da América Latina uma só raça, « a raça sul americana », qualificada de inferior e que « nunca chegará senão a uma imitação superficial dos europeus », « car ils ne sentent pas et ne pensent pas comme nous ». A Conferência da Haia tem dado lugar a epigramas, sarcasmos, desdéns sem número contra essa « raça » em todos os jornais e revistas do

(1) O coronel Aquiles Veloso Pederneiras era adido militar em Washington.

continente. Por isso a sua propaganda me parece pelo menos um consôlo para nós. Se a salubridade do Rio de Janeiro se mantiver, e a de Santos, isso o ajudará enormemente. Êsse é o seu melhor agente de proselitismo. Outro indispensável é um hotel, digno pelo confôrto de Londres ou Paris. Mandei ao Rodrigues um exemplar do *Ritz Monthly* com os anúncios dos principais hotéis do mundo. No lugar em que deveria figurar o do Rio de Janeiro está a fotografia da cidade.

Estimei muito que o Rui fôsse à Haia com o título de embaixador, isso fêz que êle, único entre os delegados da América Latina, tivesse uma presidência honorária. Mesmo por êsse lado foi melhor eu não ter ido; seria demais dois embaixadores pelo Brasil, e o Rio Branco me disse que eu não iria com êsse título. Provàvelmente êle não pensava então em dá-lo ao Rui (1).

Minha saúde tem ganhado muito com estas águas, é pena que o efeito não dure até eu poder novamente tomá-las, Deus sabe quando será.

Afetuosas lembranças ao desembargador e a dona Alice (2). Para você um abraço do sincero amigo

JOAQUIM NABUCO.

A José Pereira da Costa Mota

Frankfort, 30 de julho, 07.

Meu caro Costa Mota,

Acabo de escrever ao Prof. Weintrand pedindo uma hora para minha mulher lhe levar minha filha Carolina. Estimo saber que estamos tão perto. Ainda ficaremos mais perto, de Wiesbaden. Dêsse modo não precisará você vir a Francfort. De Wiesbaden combinarei o nosso encontro.

---

(1) Rui levou para a Haia credenciais tríplices, de delegado, de ministro e de embaixador, a fim de apresentar aquela que fôsse mais adequada ao lugar que o Brasil poderia ocupar entre os delegados.

(2) Zacarias Monteiro, irmão de Tobias, e senhora.

Tenho achado os preços de hotel na Alemanha muito razoáveis. Neste hotel que é igual aos melhores de Londres ou Paris a nossa diária é cômoda. Que diferença dos preços de Paris onde a diária e os extraordinários inevitáveis chegavam a perto de 300 francos. Em Nancy uma noite que estivemos pagamos, compreendendo gorgetas, 250 francos. Por isso eu tinha mêdo, como lhe escrevi, de viajar com tanta gente. Mas desde Baden-Baden temos tido preços razoáveis.

Muito prazer terei em passar umas horas na sua companhia e na dos seus. As águas de Vittel fizeram-me grande bem.

Um abraço do velho amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Hotel Rose, Wiesbaden.
Agôsto, 9, 1907.

Acabo de ler o seu belo artigo sôbre a estética da tragédia, ou antes sôbre a Duse, porque suas teorias, como tudo mais no sr. são expansões ao infinito da sua emoção, da sua vibração, da sua alma. Ela deve estar encantada e maravilhada dessa revelação e o d'Annunzio não deixará de ter ciúme e inveja do admirador que o excedeu na expressão do efeito que ela causa. Eu quisera saber como se passou a cena entre o sr. e ela depois do seu artigo, do seu hino panteísta, pois não a imagino indiferente ao alcance de nenhuma frase (ainda não escrevo oficialmente, por isso vão dois antiacadêmicos seguidos) e a vejo com um tradutor ao lado (não fôsse êle um *traditore*) procurando penetrar cada intenção por mais distante. Para mim é um grande prazer, uma satisfação íntima, lê-lo, sentir sua alma. Deve cansá-lo muito escrever, mais do que descrever. Na descrição há cópia; na teoria, é preciso tirar tudo de si mesmo. Infelizmente a notação é tôda pessoal, de modo que ninguém senão o sr. mesmo pode entender o sentido recôndito do seu pensamento. Não o acho nunca bastante claro. Digo isto em honra sua. Não que o considere sibilino, mas porque o seu pensamento nunca cabe todo na expressão e o que resta dêle, além do que ela nos

transmite parece mais ainda do que o que percebemos. Mas quanta vida em tudo! Que vibração! Dona Iaiá é que não poderá gozar *tranqüilamente* dêsses triunfos. A alma é que é irresistível, não é o talento. Depois de um artigo dêsses ela deveria encerrá-lo até passar a última impressão. Diga-me como a Duse lhe agradeceu e quem o traduziu para o italiano.

Minha mulher vai para Schwalbach por causa de Carolina. Terá aí três semanas de bom ar e de descanso, enquanto a filha toma as águas e os banhos. Eu aproveito, já que estou prêso na Alemanha, para fazer duas excursões de oito dias cada uma voltando depois de cada uma a Schwalbach. A primeira será até Colônia, pelo Reno, parando em Coblentz e Bonn, voltando até Mogúncia. (Como manda a Academia dizer: Mayença ou Mogúncia?) A segunda, pela Baviera, talvez pelos castelos do rei Luís, de Wagner. O Costa Mota está em Schlangenbad a uma hora de Schwalbach. Quando eu voltar das minhas duas excursões passarei uns dias com êles. Carolina sente falta de amigas e a filha do Mota parece ter-lhe agradado como companhia. Elas ver-se-ão freqüentemente, ora em Schlangenbad, ora em Schwalbach. Eu com o Maurício já posso viajar sòzinho. O Mengoli está de férias em Roma.

Wiesbaden é uma residência muito agradável para quem fale a língua. Se não fôsse isso, não haveria para mim dúvida em ficar neste hotel com estas varandas que há no nosso apartamento, um mês ainda. O *Kursal* é um magnífico edifício novo, que faz pensar nas termas romanas. Não preciso dizer-lhe mais. Os passeios são lindíssimos, mas a língua me obriga a mudar sempre enquanto estiver na Alemanha. Por hoje tenho conversado bastante, não há prazer hoje maior para mim do que estar com o sr. ainda que sòmente em pensamento. Mandei-lhe uns cortes sôbre a Haia. Apesar das flechas do *Telegraph,* do *N. Y. Herald,* « inevitável », « Verbosa », etc. a reputação do Rui está feita fora do Brasil e êle é considerado o mais capaz dos delegados latinos da América.

Adeus, meu caro amigo. Saudades nossas aos seus, antes de todos a dona Iaiá, e para o sr. um abraço saudoso

do amigo dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Hotel de la Promenade, Schwalbach.
Agôsto, 26, 1907.

Meu querido amigo,

Mando-lhe à parte diversos cortes sôbre a Haia. Verá que o *N. Y. Herald*, que começou mal com o Rui, agora agride-o grosseiramente por estar fazendo frente à *entente* das grandes potências sôbre o Tribunal Internacional das Presas. Verá também, por outro lado, a reputação que êle conquistou. Como o Prozor me escreve « êle acabou por se impor à Conferência da qual é uma das figuras notáveis ». Como brasileiro e colega de academia a posição alcançada pelo Rui causa-me imensa satisfação. Ninguém faz caso dos ataques do *N. Y. Herald*.

Eu simpatizo muito com a posição delicada do Rui perante o acôrdo das grandes potências em proposta que se vê forçado a combater por amor próprio nacional. Não sei como se resolverá êsse negócio. Não ligo tanta importância à formação do Tribunal das Presas, como a do Tribunal Arbitral permanente. Aquêle interessa mais às grandes nações, com marinha mercante considerável, mas estabelecer no Tribunal Arbitral a rotação das nações menores e a permanência das grandes é uma invenção pouco engenhosa e nada delicada para os novos hóspedes da Haia, nem para muitos dos antigos. As nações maiores não são as que têm mais demandas. Até por êsse lado é absurdo. Só acabada a Conferência se poderá dizer se nós, e as outras nações como o Brasil, saímos maiores ou menores, do ponto de vista internacional, do que para ela entramos.

Parto no dia 24 de setembro para Nova York. Escreva-me de vez em quando. Muitas lembranças afetuosas ao Cardoso. Imagino o bom tempo que estão tendo, vizinhos em Petrópolis. Um saudoso abraço a dona Iaiá, lembranças aos meninos,

Do seu sempre

JOAQUIM NABUCO.

Vejo que o Oliveira Lima está entrincheirado na *Provincia do Pará*. O artigo dêle sôbre a doutrina Drago, em que diz que

a Argentina exerce hoje a hegemonia moral na América Latina, é cheio de minas, está todo minado. É pena que êle faça tôda essa guerra ao seu próprio país, aos seus colegas e amigos. Parece-me muito fel demais, uma irritação profunda, uma imensa decepção. Quem lhe restituísse a calma, o bom-humor, o espírito de benevolência, prestaria um serviço à nossa diplomacia e às nossas letras. Mas é isso possível? Não será uma fermentação espontânea incurável? Receio muito e *sinto*.

A Rui Barbosa

Langenschwalbach, 26 de agôsto, 1907.

Meu caro Rui,

Você pode avaliar a satisfação que os seus triunfos me têm causado e o prazer com que vejo a repercussão dêles em nossa terra. A sua agência deve ter-lhe mandado numerosos cortes de jornais em que é reconhecida por tôda a parte na Europa a posição que você alcançou na Conferência. Hoje recebo uma carta do Prozor (1) em que me diz que você acabou por se impor à Conferência e que não se medem mais os seus discursos pelo comprimento, mas pelo pêso, — « *et on voit ce qu'ils pèsent* ». O editorial da *Indépendance Belge* há dois dias felicitando-se por palavras suas, que aproveitavam à causa também da Bélgica, bastaria para mostrar que você conseguiu uma reputação européia, como já a tinha americana. Sòmente o *Herald* agride-o grosseiramente, vulgarmente, mas ninguém faz caso de agressões dessa ordem, em que eu vejo, e isto mesmo mandei dizer ao Graça Aranha, insuflações de invejosos do nosso país e seus.

Simpatizo muito com a delicada situação em que você se vê, forçado a combater por melindre nacional o acôrdo a que chegaram as grandes potências sôbre o Tribunal das Presas e espero que seja possível uma transação que o satisfaça. Compreendo que sua oposição nesse ponto foi sobretudo

(1) Conde Prozor, ministro plenipotenciário da Rússia.

de princípio, com mêdo, ou na previsão de que, votado sem reparos o sistema da « rotação » para as Presas, se torne inevitável a ampliação dêle ao Tribunal Arbitral. Ora neste as grandes potências não são mais interessadas do que as menores; elas podem ter maior tonelagem, mas não têm mais litígios. O sistema da rotação é a mais pobre invenção que tenho visto, sobretudo tendo-se que classificar as nações em seis categorias! Aplicar êsse sistema à justiça da paz, como se o quis à da guerra, me parece, como você bem diz, um retrocesso relativamente ao que foi deliberado na Primeira Conferência. Ficamos assim todos à espera do resultado final desta para saber se as nações « menores » sairão da Segunda Conferência maiores ou menores do que para ela entraram. Não compreendo nesse ponto a atitude da delegação americana, ela parece ter perdido de vista o nosso continente, preocupada sòmente do acôrdo entre as grandes potências, que muito cedo envolveriam os Estados Unidos nos sistemas beligerantes que elas representam. O espírito de magnanimidade americana está bem patente na organização do Bureau Pan-Americano, no qual o voto dos Estados Unidos com os seus 80 milhões é equiparado ao de Panamá ou de Honduras. Dêsse espírito a delegação americana aberra agora na Haia do modo mais surpreendente. Eu o felicito pelo brilho com que você se tornou o campeão da igualdade entre nações soberanas, do direito igual de tôdas elas à representação permanente nas instituições que fundarem juntas. Um abraço apertado do velho amigo e camarada

JOAQUIM NABUCO.

P. S.

Explico melhor o meu pensamento. Eu não penso que nas deliberações do gênero humano, em parlamento ou tribunal, o voto de uma fração de um ou dois milhões de homens deva ter o mesmo pêso que o de outra de cinqüenta ou oitenta milhões. Isso não seria igualdade, mas desigualdade, pois nenhum contrato de sociedade é feito sem atenção à lei de proporção. Mas se não ofende a soberania que a representação seja proporcional, ofende-a ser ela intermitente. E a intermitência destrói até o caráter permanente do Tribunal, cuja composição política muda todos os anos, de modo que se começa um litígio com um qua-

dro de juízes ou de nações e se o continua ou acaba no ano seguinte com outro quadro!

Minha partida para os Estados Unidos terá lugar na última semana de setembro, de sorte que só estarei no continente até 15. Preciso absolutamente vê-lo antes de partir. Assim como lhe pude dizer as intenções do govêrno americano na Conferência, quero ouvir de você para meu govêrno a história das suas relações com a delegação americana; se você está contente com a atitude dela, ou se houve alguma incompreensão por parte dela da sua atitude. Estou por isso ansioso por saber quando a Conferência acabará e o seu itinerário depois do encerramento, pois, se não houver possibilidade de o encontrar em Paris irei mesmo à Haia despedir-me de você.

J. N.

A Hilário de Gouvêa

Langenschwalbach, 1.º de set., 1907.

Meu querido Gouvêa,

Viemos para êste lugar por causa de Carolina que está muito anêmica e ela tem recuperado bastante. Recebi suas cartas, que lhe agradeço. Amanhã ou depois sigo para Paris, deixando a família. De Paris vou a Londres e de Londres a Liverpool.

Devo ver o Rui antes de partir, já lhe escrevi dizendo-lhe isso, mas êle tem tanto que fazer que não me responderá antes de acabada a Conferência. De uma forma ou de outra advogarei sua causa, dependendo a atitude dêle do que você lhe contar aí à chegada, pois êle precisará conhecer todos os detalhes da causa, tudo que se passou, e naturalmente da sua exposição dependerá muito a resolução dêle, quaisquer promessas que me faça. Você tem no Carvalho Moreira o melhor intermediário possível para o Rui e sabe quanto aquêle lhe é dedicado.

O *New York Herald* tem atacado o Rui furiosamente, no que é visível a insuflação na Haia de invejosos dêle e inimigos nossos.

A guerra de injúrias recíprocas entre a imprensa brasileira e a argentina resultará sòmente em procurarem os argentinos,

por todos os meios, amigos como êsse na imprensa estrangeira, e amigos para êles são os que os engrandecem, aviltando-nos. Aparentemente o *Herald* inspira-se na decepção causada à Delegação americana pela atitude do Brasil na Conferência em relação ao projeto dela sôbre o Tribunal Arbitral permanente. Você avalia bem quanto sinto qualquer aparência de desacôrdo entre o Brasil e os Estados Unidos, sobretudo no cenário da Europa e assim calculará quanto lastimo especialmente êste. Não tenho receio nenhum quanto a Mr. Root, mas não posso dizer o mesmo da opinião americana em geral, que sustentará seu primeiro delegado, Mr. Choate. Felizmente não fui à Haia e, entre nós, felizmente também não fiquei em Washington, onde se esperaria de mim o impossível, isto é, um rompimento entre Mr. Root e Mr. Choate, coisa tão impossível como um rompimento entre o Rio Branco e o Rui. Uma coisa é o Brasil esforçar-se para entrar para o círculo diretor da humanidade, ao que lhe assiste direito que o simples fato de possuir homens como o Rui justifica, e outra é reclamar para Honduras, Haiti e Panamá etc, a mesma situação que tiver a Inglaterra, a Alemanha, os Estados Unidos, etc. Tudo isto é muito embrulhado para tratar em uma carta, e mesmo o que lhe escrevo é muito entre nós e o Graça Aranha. A entrevista com o Rui publicada pelo *Herald* é pérfida e calculada para intrigá-lo, ou o Brasil, com os Estados Unidos, pela linguagem que lhe empresta de completa indiferença da nossa parte pelo que possam fazer as outras nações do mundo. Essa é a linguagem do general Castro, não a do Rui Barbosa ou Rio Branco.

JOAQUIM NABUCO.

A José Pereira da Costa Mota

Langenschwalbach, Alleesaal Hotel.
Set. 2, 1907.

Meu caro Mota,

Muito sentimos não ter podido ir ontem a Schlangenbad dizer adeus a dona Maria Josefa e levar-lhe Carolina. Esta

infelizmente não se sentia forte bastante para o passeio e com a tempestade que ameaçava Evelina achou mais prudente não ir. Muito desejamos que a viagem para Berlim não tenha cansado dona Maria Josefa e que em casa ela continue a sentir os bons efeitos da cura de Schlangenbad.

Por êstes dois dias sigo para Paris com o Maurício descansando no caminho. Minha mulher fica ainda uns dez dias por causa de Carolina, o médico achando indispensável que ela tome ainda alguns banhos. Quer você fazer-nos o obséquio de mandar a ela um passaporte diplomático para evitar demora com a bagagem nas fronteiras belga e francesa?

Estimei muito, meu caro Costa Mota, tornar a vê-lo depois de tantos anos e faço os mais sinceros votos para que tudo lhes corra bem até o nosso próximo encontro.

Renovarei então os mesmos votos quando nos separarmos de novo. E quem sabe? Talvez não seja senão na bela Petrópolis para ficarmos.

Nossas recomendações afetuosas a dona Maria Josefa, às suas interessantes filhas, com um abraço para você do velho amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Schwalbach, 2 de set., 07.

Meu querido amigo,

Amanhã vou com o Maurício a Paris e lá espero encontrar carta sua. Fazem-me tanta falta!

Mando-lhe o *Times* com um artigo sôbre a Conferência, em que se refere ao Rui em têrmos que bastam para mostrar a reputação que êle adquiriu, mas em que se refere à nossa pretensão, com verdadeira *morgue britânica,* como sendo «*a little ridiculous, to say nothing more.*» São as amenidades européias e os prazeres das conferências internacionais para as «potências de segunda ordem.» O *New York Herald* é que tem atacado o Rui grosseira e estùpidamente e procurado intrigá-lo com todos. Para

mim essa atitude só tem importância, porque, sendo conhecida aí, pode suscitar ressentimentos contra os Estados Unidos, os quais tomam logo a forma exagerada e absurda das «patriotadas» passageiras. Mil vêzes não têrmos ido à Haia do que sairmos de lá com a nossa inteligência com os Estados Unidos enfraquecida e abalada. A delegação americana tem culpa disso, por não ver que não haveria vantagem em nenhuma atitude que obrigasse os países americanos a afastar-se dos Estados Unidos. Mr. Root não o teria feito, mas nomeando Mr. Choate, êle fêz como o Rio Branco nomeando o Rui, nomeou um delegado que arrasta o país e que êle não pode melindrar. Não sei como vai acabar êsse incidente. Uma coisa é o Brasil, como digo ao Hilário, esforçar-se por entrar para o círculo diretor do mundo civilizado, ao que lhe assiste direito que o simples fato de possuir representantes como o Rui justificaria (para isso êle contaria com o interêsse dos Estados Unidos), e outra é reclamar êle para o Haiti, Honduras, Panamá etc, a mesma situação internacional em tudo que tenham as grandes potências. No Bureau das Repúblicas Americanas o voto de Nicarágua anula o dos Estados Unidos, mas essa espécie de sociedade sem atenção à regra de proporção não seria admissível se se decidissem casos graves que afetassem grandes interêsses americanos. Tudo isto é muito delicado e minha única preocupação é que os resultados da Conferência não afetem a confiança que inspiramos aos Estados Unidos. A entrevista que o *Herald* publica do seu correspondente com o Rui empresta a êste a mais absurda linguagem na bôca dêle; a incompreensão do repórter americano é fenomenal. Pela violência de alguns ataques eu suspeito insuflação de invejosos do Rui, que na Conferência se elevou como poder intelectual acima de todos os outros delegados.

Em suma estou ansioso pelo fim de tudo isso, muito contente por não ter eu mesmo ido à Haia, mas receoso de ter que recomeçar a minha tarefa, se resultar da Conferência qualquer afastamento nosso dos Estados Unidos por causa da atitude da delegação americana. Diga-me para lá sua impressão. Mando-lhe o *New York Herald* para o sr. compreender bem a situação criada pela campanha dêle contra o Rui, que figura como inimigo da delegação americana e da política do govêrno de Washington. Ainda tenho esperança de que seja possível uma

solução que eleve o Brasil ainda que abandonemos um « princípio » que não podemos impor ao mundo, como seja o da igualdade absoluta de tôdas as nações, nas deliberações internacionais. Isto que lhe escrevo é muito reservado, sòmente para esclarecê-lo e compreender a *minha* situação em Washington depois da Haia.

Do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Alfredo de Barros Moreira

Langenschwalbach, 4, set., 1907.

Meu querido Barros Moreira,

Fico desde já gozando da felicidade da sua visita, mas como a desejo no momento e lugar em que mais a possamos apreciar, sòmente depois lhe telegrafarei o dia certo em que deva você partir. Londres é longe demais, mas suponho que não estarei em Paris com Evelina, que muito quer vê-lo também. Ela vai para Wimereux, ao lado de Boulogne-sur-Mer, partindo daqui dentro de uma semana. O lugar parece-me indicado para o nosso encontro. Como quer que seja de 15 a 20 você deve passar comigo os dias que puder. Sei que ausente de Roma você está sempre com receio de que chegue alguma ordem urgente do Rio e não conto por isso que se demore.

Até breve, meu bom e querido amigo. Saudades aos seus.

Do Prº e Amº dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Conto estar em Paris a 9 ou 10.

Ao barão do Rio Branco

Ministro das Relações Exteriores

Washington, 20 de outubro, 1907.

Meu caro Paranhos,

Ainda não pude escrever-lhe depois da minha volta a agradecer-lhe a lembrança do meu nome para o Tribunal da Haia. Essa prova de aprêço muito me tocou. Espero acabar nos melhores têrmos de amizade com você. Fomos amigos tanto tempo, nossa intimidade foi sempre tão completa, que eu não quisera ver minha vida mutilada dêsse ramo tão carregado de recordações. Você sabe que eu sempre o admirei e que o admiro cada vez mais.

Minha saúde melhorou bastante com o tratamento de Vittel. A dor de cabeça, que me tornava penoso o esfôrço intelectual e me trazia o cérebro em um constante banho de sangue quente, passou, mas tenho um princípio de artério-esclerose e de albuminúria, com uma curiosa doença, ao que parece incurável, que consiste em grande excesso de glóbulos vermelhos no sangue. A vida, como vê, se vai gastando, e preciso por causa de minha mulher e de meus filhos prolongá-la o mais que me seja possível. Não a regateio ao meu país, mas no interêsse mesmo dêle não a devo sacrificar inùtilmente. Preciso voltar a Vittel umas duas ou três vêzes. Como fazê-lo, estando aqui, sem uma licença de três meses com todos os vencimentos, pois tenho que deixar minha família e as despesas aumentam com a separação e a viagem?

Mr. Root acaba de chegar a Washington. Estou certo de que o encontrarei o mesmo, mas êle é unico da sua espécie no interêsse pela América Latina. Agora mesmo acaba de conquistar o coração dos mexicanos. Êle e o Presidente hão de pensar qua a sua delegação na Haia foi extremamente desazada no modo de tratar o Brasil, mas, como lhe telegrafei, Mr. Choate é uma espécie de oráculo e espero que não traga queixas nossas e não as externe. O que êle disser sôbre a Haia será repetido pelos papagaios da imprensa e das sociedades mais ou menos « pacifistas ». A êste govêrno suponho que pare-

cerá pouco prático, um tanto doutrinário, não querer o Brasil aceitar nada que não seja também oferecido a Salvador ou Panamá. Estará isso de acôrdo com a nossa aspiração de ter um cardeal e uma embaixada? Devo dizer-lhe que sempre me pareceu impraticável o voto igual de tôdas as nações. Por causa dêle não tenho quase coragem de comparecer ao Bureau das Repúblicas Americanas, onde o Brasil vale menos do que duas quaisquer repúblicas da América Central. Sobretudo porque, falando tôda ela a mesma língua, a América Espanhola tem tendência natural de formar uma unidade com perto de vinte votos contra o nosso voto único. Não podemos acabar com a influência das grandes potências; é mais fácil insinuar-nos no meio delas, como você o tem conseguido, apesar de não têrmos a fôrça material. A idéia de nivelar tôdas as nações, excluindo em absoluto a lei de proporção da esfera do direito internacional, só fará agravar a separação entre grandes e pequenas potências. Êste será talvez um dos resultados da Conferência, e eu francamente julgo melhor entendermo-nos bem com as grandes do que não contar com elas. O Rui criou um grande nome na Haia, elevou o Brasil o mais possível; essa impressão de intelectualidade e de cultura é tudo que devemos apurar da Conferência. A política que ali seguimos foi-nos imposta pelas circunstâncias, em defesa própria, mas não ficamos adstritos a ficar na retaguarda, podendo avançar para a primeira linha. *Nos quoque gens sumus.* Se nos quiserem chamar ao conselho diretor, ou antes representativo, das nações, soframos essa violência com a docilidade natural. Sei bem que você pensa e sente como eu e que o Rui pensa conosco. Não somos nós os « doutrinários intransigentes » a que se referiu o *Times* de Londres. O mais cedo que aí esquecerem essa tese de ocasião, melhor para nós. Custa-me aqui ver o Brasil não valer mais no Bureau do que São Domingos. Essa igualdade só serve em conferências de mera discussão; os negócios da humanidade, quando há interêsses em conflito, não podem ser resolvidos sem alguma aplicação da lei de proporção.

Você sabe que a filha de Mr. Root vai casar pròximamente com um neto do general Grant. Não lhe parece que devemos oferecer-lhe um presente, simples e modesto?

Se essa idéia lhe agradar, telegrafe-me o modo por que será realizada.

Espero que os novos secretários que você me destina sejam boa companhia para nós. Até aqui os meus secretários têm sido escolhidos pela sorte para meus amigos também. Estive com o Costa Mota em Schlangenbad. Isto a propósito do Viana Kelsch (1), com quem êle não foi muito feliz.

Suponho que você terá ficado contente com o Amaral. Êle preenche admiràvelmente as interinidades nesta embaixada. Possui hoje bastante bem a língua inglêsa e fala espanhol mais castelhano do que em geral o da América. Tem o fogo sagrado e o sentimento de responsabilidade do ofício, e já tem grande tirocínio com o que tem visto e o que tem lido. Há poucos em nosso serviço que possam dar um publicista como êle. E felizmente não está *gâté*.

Às vêzes penso que eu estaria melhor na Europa, em Roma, junto ao Papa, legação que devia ser reservada para os que já realizaram o que podiam, e boa para a meditação. Mas tenho ainda o ardor do combate pelos meus sonhos patrióticos — quase todos se realizaram já — e aqui, se você não mostrar indiferença e não me deixar pensar que me adianto ao desejo do Presidente e seu, sinto que posso fazer ainda muito com Mr. Root pela aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos, cuja aliança tenho como a obrigação nacional por excelência do futuro, quando as circunstâncias tiverem amadurecido essa idéia no espírito dos dois povos. Imagine você o pesar com que vi um sôpro tão leve como a nossa contrariedade da Haia pela *gaffe* do Choate, logo corrigida de Washington, ir levando para longe do sulco que havíamos aberto as primeiras sementes daquela grande seara!

Adeus, meu caro Paranhos. Dê afetuosas lembranças ao Raul. Diga-lhe que não esqueço nunca a consternação dêle nos dias que sucedèram ao laudo, como não esqueço os seus generosos telegramas. Uma palavra ainda. Quero escrever um livri-

---

(1) Gustavo de Viana Kelsch, a quem Nabuco não conhecia, acabava de ser nomeado segundo secretário em Washington, transferido de Berlim. Suas relações com o novo chefe foram sempre excelentes.

nho sôbre aquêle arbitramento. Você, que tem tanto território brasileiro no seu ativo, compreenderá que eu queira deixar a minha memória ligada ao trecho entre o Maú e o Cotingo, para cuja reivindicação você tanto fêz também. Há *em conta do govêrno* no meu banco de Londres um saldo hoje de umas 70 libras, creio eu; isso não bastará talvez para a impressão, com algumas cartas, do meu novo trabalho, que estou começando. Não pretendo fazer revelações, nem referir-me à parte secreta da missão, como a troca do árbitro e outros pontos delicados. Não tenho idéia ainda do que me sairá da pena. Você sabe que a cristalização do que se tem em mente é sempre uma novidade e uma surprêsa para nós, nunca sai como se pensava. Êsse meu livrinho será tanto em honra sua como minha. Se o cálculo do Lahure e do Tropé exceder o saldo, eu lhe direi para você me dar o que faltar.

Não sei quando é o laudo argentino. Faço votos para que êle seja pela Bolívia. De qualquer modo, sua boa estrêla, e a fertilidade dos seus recursos, fará que o dia da compra do Acre seja para a região amazonense do Brasil uma data como é o da compra da Luisiana para os Estados Unidos.

Um apertado abraço do velho amigo

JOAQUIM NABUCO.

P. S. — A propósito do Cotingo, você sabe que as últimas explorações inglêsas para a demarcação com Venezuela nos fazem ganhar território na bacia do Cotingo relativamente ao que figuravam as cartas anteriores. Não é impossível que depois das explorações dos demarcadores anglo-brasileiros se verifique serem pràticamente equivalentes as duas áreas da sentença. Tenho grande interêsse nesses trabalhos. Espero que êles fiquem acabados em minha vida. Salvamos o Roraima com o Cotingo.

J. N.

A Rui Barbosa

Washington, out., 22, 1907.

Meu caro Rui,

Recebo o seu telegrama que muito agradeço. Felicito-o por ter atravessado êsses longos meses da Haia sempre fresco e pronto para a luta. Você é extraordinário. Deus o conserve.

Escrevi ontem longa carta ao Rio Branco. Meu desejo é que o recebam pelo brilho e culminância intelectual que você deu à representação do Brasil entre as nações, mas que o não queiram identificar, encarnando-o em você, como o princípio da igualdade absoluta de todos os Estados nas fundações internacionais. Quase não tenho coragem por causa dêle de ir ao nosso Bureau (1) onde a ilha de Haiti vale mais do que o Brasil, anula o nosso voto com as suas duas republiquetas. Eu sei que você pensa como eu. A nossa política na Haia foi tôda de ocasião, em defesa própria, para evitar que nos amesquinhassem, mas desde que pensem em engrandecer-nos não devemos dizer que não entramos onde não entram também São Domingos e Haiti. Tudo que devemos apurar da Conferência, e de que nos devemos orgulhar, é a reputação de alta cultura que você criou para o Brasil. Êsse é o grande resultado dela para nós e por êle serão poucas tôdas as manifestações que lhe fizerem os brasileiros. Demais na sua atitude, na sua veemência, no seu gesto, você mostrou bem que se sentia o representante de uma grande nação e que queria que a tratassem como tal. Essa *alma* é incompatível com o princípio de que não há diferenças.

Não me consolarei se você não fôr ao menos por um dia a Roma. Creia que seria um dia único em sua vida. Quando fui a primeira vez à Itália passei um dia sòmente em Roma na ida para Nápoles, de volta demorei-me um mês, creio, mas aquêle dia não se me apaga da memória. Fica sendo único e completo.

Meus respeitos a Mme. Rui Barbosa e felicitações pela sua brilhante estréia e por ter sustentado até ao fim com você o pêso daquela grande campanha. Desejo-lhes a mais feliz viagem.

Do seu velho amigo

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) A União Pan-Americana chamou-se inicialmente Bureau das Repúblicas Americanas. Começou como simples agência de informações.

A Carlos Magalhães de Azeredo

Washington, 8 de nov., 07.

Meu caro amigo,

Sua carta causou-me grande prazer. Não creio que você perca tempo, escrevendo-me páginas dessas que todos julgarão das suas melhores. O meu arquivo será interessante daqui a anos e quem quer que o esmerilhe as separará e as dará à luz. É uma reserva e um seguro que você está fazendo, a sua correspondência com os amigos.

Acima de tudo desejo-lhe saúde, porque... ou melhor desejo-lhe vida, porque tendo-a, você um dia achará a tarefa digna do seu esfôrço máximo. Corrigi a palavra *saúde,* porque, é triste dizê-lo, muitas vêzes é perdendo-a, sentindo a contingência da mortalidade, que o poeta, o artista se faz imortal. É preciso tentar o impossível, o inalcançável, e êles se tornarão uma realidade diante do seu atrevimento.

Recomendo-me muito afetuosamente a cada uma dessas senhoras que formam a sua guarda e creia-me sempre seu sincero amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Hilário de Gouvêa

Washington, 28, dez., 1907.

Meu querido Gouvêa,

Está a entrar o Novo-Ano e por essa ocasião os nossos votos mais felizes o cercam e a todos os seus, que também são nossos. Espero que a saúde de cada um, a começar pela sua, seja perfeita. Por êste tempo Iaiá já se terá outra vez habituado ao Brasil de modo a não querer mais deixar o nosso belo clima de Petrópolis pelo frio de Paris. E o Juca? O nosso guasca? Eve-

Ilna, coitada, teve um grande aborrecimento por não poder ir a Angers. (1) Estava tão cansada com as compras de Paris, que teve de fazer em poucos dias, e não teve tempo, nem coragem de deixar os meninos no hotel. Inacinha terá tomado isso com a serenidade de um coração já santificado, que é um puro tabernáculo. Coitada, *tout de même!*

Dê você muito bons anos a Iaiá, a Nenê e ao ilustre desembargador, ao deputado, ao engenheiro e Maria José, à santinha Laura e à terna Lucília, e aos netos que estou certo já estarão ocupando o primeiro plano e afastando os filhos para o segundo.

Minha saúde tem ido sempre melhor, Deus louvado, desde Vittel. Penso que outra cura me fará ainda maior bem. Assim o Paranhos me ache meio de ir até lá em 1908.

O Rui deve estar a chegar. Deixei-o nas melhores disposições a seu respeito. Não tenho dúvida que você alcançará tudo dêle.

É uma feliz circunstância a passagem por aí da esquadra norte-americana em janeiro e tive hoje grande prazer com o telegrama nos jornais de que no banquete de 600 talheres do Rio Branco o Rui falará. Ficara assim dissipado qualquer receio de que a Haia nos tenha afastado dos Estados Unidos (2).

Há muito não tenho carta sua, mas compreendo bem. Que vida a sua! Vi com satisfação ter voltado você para a Santa

---

(1) Em Angers, no convento do Santíssimo Sacramento, achava-se a filha de Hilário de Gouvêa, Madre Inácia, depois superiora da mesma congregação no Rio de Janeiro e em São Paulo.

(2) Rui Barbosa não aceitou, apesar da insistência hábil e repetida, de Rio Branco, o convite para ser orador no banquete à esquadra americana. Dizia-lhe o Barão: « O efeito nos Estados Unidos será imenso depois dos incidentes da Haia ». Rui alegou fadiga e o sentir-se deslocado numa incumbência « que, a meu ver, não pode ser desempenhada senão por membros do govêrno. E, por último, justamente à vista dos incidentes de Haia, que tantas agressões me custaram e tão mal interpretados foram, mui constrangido me acharia como órgão da manifestação projetada, a que aliás aplaudo vivamente. » Em outra carta, reiterando a recusa, diz que « diante da maior e menos oportuna ostentação de fôrça naval que os mares já viram, louvar eu êste rasgo de prepotência marcial em plena paz, seria, não só constranger os meus sentimentos, mas até contradizer o meu coerente papel em Haia ». (A correspondência entre Rui e Rio Branco a êste respeito pode ser encontrada na monografia *Rio Branco e Ruy Barbosa,* de Américo Jacobina Lacombe, publicada pelo ministério das Relações Exteriores.)

Casa, como vi antes a sua escolha para o Congresso de São Paulo. Com a clínica, as viagens de Petrópolis, os netos, etc., etc. você não pode escrever-me sem fadiga em vez de descanso. Eu desejo muito vê-lo em menor atividade, meu caro Gouvêa. Se não me engano você é mais velho alguns anos de que eu, e eu já sinto necessidade de viver sem atropêlo, em perfeita calma.

Hélas! Cada vez trabalho mais, e agora a familiazinha entra em cena. Carolina é uma *débutante, « um botão », « a bud »,* como as chamam aqui no ano da estréia, e já vai à White House e a bailes. No dia três ela janta lá sòzinha! Veja que mudança. O Maurício está um homenzinho, preparando-se para a universidade. Êle também vai a bailes, de outra classe, a classe dos que estão para entrar na sociedade, meninas até os dezessete anos, rapazes que já vestem casaca, mas que ainda são estudantes. Na seguinte classe que também tem os seus lunches e danças, estão o Joaquim e Maria Ana. Ontem aquêle me perguntava se não podiam dar uma dança de umas 82 crianças, para retribuir obséquios!! Sòmente o José não tem danças, mas êsse mesmo tem convites para chás e já se queixa de que outro menino não o deixa conversar com certa menina a quem êle gosta de mostrar o que sabe.

É assim a vida! Uma nova geração toma o nosso lugar depois de ter crescido à nossa sombra e nós fazemos votos mais ardentes pela felicidade dela do que pela nossa. Quando nos reuniremos novamente, meu querido Gouvêa? De repente, com tôdas estas melhoras de saúde e essas perspectivas risonhas, um mal insidioso, um acidente qualquer, pode sobrevir e eu terei acabado no estrangeiro.

Quero fazer o seguro contra isso pedindo a minha disponibilidade ou aposentadoria (o Graça ainda não me mandou os cálculos), mas a ilusão da vida é forte e eu adormeço nela.

Mas Deus é grande, dia virá em que eu possa descansar debaixo das mangueiras sem mêdo dos mosquitos!

Um apertado abraço do seu

JOAQUIM NABUCO.

A Rui Barbosa

Washington, dez., 31, 07.

Meu caro Rui,

Ontem mandei-lhe as minhas felicitações por sua feliz chegada por intermédio do Rio Branco. Êle lhe terá dito as minhas palavras e esperanças (1).

Como você é quem de mais perto acompanha aí a marcha do constitucionalismo americano pedi para você um exemplar da « opinião » do Justice Brewer na questão Kansas e Colorado, e acontece que o « Reporter » do Tribunal, Mr. Butler, foi também delegado a Haia e ao mandar-ma pede-me que o recomende à sua melhor lembrança, manifestando a mais alta admiração por você.

Espero que você resista bem a êsse novo *surmenage* do entusismo nacional.

O artigo do Stead agradou-me muito. Mandei-o a Mr. Root e ontem o Bryce (2) conversou sôbre o que êle diz de você com minha mulher. Mr. Root sentiu muito não ter você podido aceitar o convite de Yale (3). E eu!

---

(1) Era êste o teor do telegrama de Nabuco a Rio Branco: « Rogo expressar Rui Barbosa a minha alegria por vê-lo novamente em contacto com o torrão natal, fonte de tôda fôrça e inspiração. Hoje que êle criou nome universal e que neste país há tanta admiração por êle, meus votos de brasileiro são para que a sua soberba inteligência e grande popularidade sejam postas com redobrado vigor ao serviço de aproximação constante das duas maiores nações americanas. Causa-me grande prazer a notícia de que êle pronunciará a saudação à esquadra americana no seu banquete de 600 talheres no Monroe. Aceite sinceras felicitações por tão acertada escolha. »

(2) James Bryce, embaixador da Grã-Bretanha em Washington.

(3) Rui Barbosa, por motivo de saúde, não aceitou visitar os Estados Unidos. Nabuco, preocupado em ver apagados os últimos vestígios do desacôrdo entre as delegações brasileira e americana em Haia, tivera grande empenho nessa visita.

Meus respeitos a Mme. Rui Barbosa que tão brilhantemente dividiu com você as honras da nossa delegação. A ambos os mais felizes votos de Ano-Bom.

Do velho colega e amigo sincero

JOAQUIM NABUCO.

A « opinião » do Justice Brewer é considerada muito notável.

1908

Ao barão do Rio Branco

Ministro das Relações Exteriores

Washington, janeiro, 18, 1908.

Meu caro Rio Branco,

O telegrama do presidente Roosevelt e o toast do nosso Presidente (1) são dois acontecimentos na história das nossas relações com êste país. Você pode imaginar a satisfação que tive com um e outro, porque estou dedicando o resto da minha vida ativa à aproximação íntima dos dois países, resultado que um só agente não pode conseguir nem um só ministro, nem duas administrações acordes lá e cá, mas para o qual é preciso o trabalho de muitos estadistas e diplomatas durante anos de parte a parte.

Como lhe telegrafei, parece-me estar despertando do pesadêlo da Haia e dos boatos de uma aliança nossa que não seja esta.

Quanto a Haia o meu telegrama sôbre Mr. Root, isto é, contando minha conversa com êle, o terá satisfeito. Não há sombra de ressentimento aqui, mas o meu pesadêlo é que não fôsse apagado pela visita da esquadra americana o último vestígio do ressentimento que levou aí a artigos no espírito da *Ilusão Americana.* Se êsse fôsse o evangelho do nosso patriotismo, estávamos *doomed.* Se o povo americano se convencesse de que lhe desejamos mal, nossa integridade não valeria muito. Como poderíamos defender Fernando de Noronha melhor do que Colômbia a Panamá? E a ação dêsse país, quando ressentido, como agora mostrou com o Japão, é ciclônica, vem de repente, sem que nada faça prever. Não, deixemos a *Ilusão Americana* de lado. No tempo em que foi escrita, era um desabafo inocente. Hoje, que há uma política mundial ativa por tôda parte, seria um auxiliar das cobiças estrangeiras.

---

(1) Por ocasião da visita da grande esquadra norte-americana, que nessa ocasião deu volta ao continente americano e depois volta ao mundo.

Quanto à outra parte do pesadêlo, não descansarei tranqüilo enquanto não souber que abortou a tentativa de Zeballos (1). Aqui me disse o ministro chileno que você propusera, quando primeiro lhe falaram nisso, que se chamasse também o México. Que resposta digna das nossas grandes tradições! Como assim se mostrava o absurdo da liga projetada! O México, porém, prefere aliar-se com os Estados Unidos. Bem aceita pelo govêrno americano, a nossa tríplice aliança daria fôrça aos desejos dos alemães aqui de que a América do Sul seja excluída da proteção da doutrina Monroe. Para esta dizem basta a América do Norte e os países em roda do gôlfo do México e mar das Antilhas, aos quais acrescentariam hoje o Equador e o Peru pela proximidade também em que ficam de Panamá. Mal aceita, ela seria causa de desconfianças e atritos, impediria tôda intimidade entre os dois governos brasileiro e americano e o resultado mais certo dela seria que os países ribeirinhos superiores do Amazonas procurariam colocar-se sob uma espécie de protetorado americano.

Sei, como você me diz, que temos *o direito* de celebrar as alianças que quisermos sem dar explicações. Mas se por infelicidade celebrássemos qualquer aliança sul-americana, penso que devemos tranqüilizar sôbre os motivos e o alcance dela a nação amiga, à qual teríamos que recorrer em qualquer grave emergência.

Falo-lhe com esta franqueza por dois motivos: primeiro, por interêsse pelo seu nome, por não querer vê-lo associado a uma política, a meu ver, de conseqüências desastrosas; depois para que você, que sabe bem que eu não sei nada fazer sem o concurso de minha própria convicção e sem entusiasmo, vá pensando em dar-me substituto, se nossa política externa passar por essa transformação de mudar o seu eixo de segurança dos Estados Unidos para o Rio da Prata. Estou precisando de uma longa licença. Você me deixaria usar dela antes do que me associar à nossa política externa, dando-me depois outra colocação ou a disponibilidade, à qual acredito ter já direito. De certo prefiro perder o meu lugar a ficar calado diante do Presidente e de

---

(1) A projetada aliança A. B. C. (Argentina, Brasil, Chile) defendida por Estanislau Zeballos, ministro das Relações Exteriores da Argentina.

Mr. Root a respeito de uma aliança sul-americana, a não poder dizer-lhe que ela em nada modifica a nossa atitude para com êste país; que em caso algum faríamos causa comum com outras nações contra esta, e que nos achamos tão livres para qualquer acôrdo particular com ela como antes, não tendo nenhum compromisso de dar conta a ninguém de nada que se possa passar entre nós e os Estados Unidos, nem mesmo que fôsse uma outra aliança.

Com esta lealdade sirvo melhor a sua política do que se lhe encobrisse os meus sentimentos e convicções. Você se lembrará de que eu só aceitei êste pôsto para fazer nêle política de aproximação americana e para ela a nossa aliança com a Argentina e o Chile, que não fôsse uma pura cortesia e não nos permitisse as explicações que referi, seria o dobre fúnebre. Agora mesmo falam aqui na possibilidade de uma aliança com a Alemanha. Êstes boatos bastam para causar na Inglaterra verdadeiro pânico a respeito da aliança com o Japão.

Você me diz achar-se adoentado. Espero que seja coisa muito ligeira e que o descanso de Petrópolis baste para dissipar.

Seu retrato para o Root ainda não chegou, êle já não ousa pedi-lo! Nem o álbum da guarnição!

Mando-lhe um número do *Independent* com a interpolação e um número de *Colliers,* que tem uma circulação enorme, com um artigo contra nós baseado na obra do dr. Manuel Bonfim. Quando eu estava na Europa pediram informações ao Amaral sôbre o autor para a divulgação dos juízos dessa obra, e o Amaral disse nunca ter ouvido falar em tal nome para não concorrer para o artigo anunciado. Você pode avaliar o mal que essa desfiguração de tudo que é nosso, feita por um « educador » brasileiro, pode fazer à nossa reputação entre as classes ilustradas do país. Não respondo em *Colliers* mesmo desde já para não chamar maior atenção pela polêmica e prolongar o efeito do artigo. Mas procurarei que *Colliers,* sem referência a êle, dê outro ponto de vista sôbre as nossas coisas.

Encomendei uma coleção completa do que os jornais publicarem sôbre a recepção da esquadra, com as correspondências e impressões que vierem daí.

Muitas felicidades no novo-ano para você e todos os seus, do Rio, da França e de Berlim.

Do velho amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Rui Barbosa

Washington, janeiro, 20, 1908.

Meu caro Rui,

Mando-lhe um número do *Independent* de New York em que é traduzido com as mais honrosas referências um dos seus grandes discursos da Haia, mas infelizmente com um trecho, que é uma interpolação, de que você repudiará, não a eloqüência, mas a forma agressiva.

Mando-lhe também uma carta que hoje recebi de Mr. Scott, a quem mandei o seu livro de discursos. Êle explicou-me a omissão do seu nome pelo Choate, dizendo que êste não citara dentre os delegados, mas dentre os membros da Côrte, em cuja lista você não figurava. Pelo mesmo motivo deixou de citar outros, que lhe seria particularmente agradável citar. Alguem, porém, lembrando o seu nome, êle acrescentou, com um movimento simpático da mão, — *and Mr. Barbosa.* Pelo almanaque de Gotha verifico serem todos que êle citou membros da Côrte da Haia, menos o barão Marschall. A verdade é que fomos nomeados muito tarde. Você tomará essa explicação como lhe merecer. Não há dúvida para mim que não é uma invenção de momento. Não há dúvida também de que alguns delegados americanos, por não possuírem bem o francês, entendiam muita coisa às avessas.

Vou citar-lhe um exemplo bastante original nesse sentido, pedindo-lhe que não o divulgue. Disse-me Mr. Scott ter notado a surprêsa de M. Renault, creio eu, quando uma vez você, falando de Mr. Choate, em vez de dizer *l'honorable,* disse *le respectable!* É incrível, mas é assim! De modo que se melindra

um velho chamando-o de respeitável, de venerando! « Êle devia lembrar-se, disse-me Mr. Root a quem contei a anedota, quc na Roma antiga (suponho queira dizer da Idade Média) o primeiro grau era *honorabilis,* o segundo, acima, *respectabilis,* o terceiro *illustrissimus.* Você pode melhor *check* essa citação. Todavia o Scott fala de você com sincera admiração, como todos, e não tenho dúvida que Mr. Choate mesmo lhe renderá um dia homenagem pública. Estou ansioso pelos jornais do dia da sua chegada e seguintes. Ninguém pode fazer mais do que você pela política de aproximação entre os dois países; em você o Brasil tem um nome para as grandes ocasiões.

Aqui têm chegado boatos de uma aliança sul-americana. Qualquer me pareceria um sério perigo. Bem aceita pelos norte-americanos, daria fôrça ao sentimento dos alemães aqui, de que a América do Sul deve ser excluída das obrigações dêste país pela doutrina Monroe. Mal vista, lançaria as nações tôdas que possuem vertentes do sistema amazonense na dependência dêste país, fa-las-ia recorrer à proteção dêle para tornar o arbitramento a lei de todo o hemisfério sul-americano e não a vontade das suas maiores nações. Em uma palavra, causaria a mesma desconfiança que a aliança anglo-japonesa, que por isso está sèriamente ameaçada. As grandes potências não se preocupam senão de agradar aos Estados Unidos, tanto que hoje o *Sun* pode dar a aliança ofensiva e defensiva dêles com a Alemanha como uma possibilidade.

Minhas sinceras felicitações, meu caro Rui. Creia-me sempre seu velho camarada e amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Machado de Assis

Washington, 13, fevereiro, 1908.

Meu querido Machado,

Sua carta deu-me um dos grandes prazeres hoje da minha vida: o de sentir que tenho um lugar na sua afeição. Elas são preciosas para mim tôdas igualmente.

Vejo que a Academia foi inventada a tempo e na hora justa. Ela tem a grande missão de o consolar e de fazer-lhe companhia. Os ausentes, como eu, estão lá ao seu lado em pensamento. E os mortos são sòmente ausentes.

Muito sinto o que você me diz do nosso fundador (1). Possa êle não sofrer muito e ter ao menos algum alívio a tão triste fim, ainda mais triste para quem foi pouco feito como êle para a passividade e a inação.

Que fim levou o Graça?

Muito prazer tive com a simpatia mútua entre o nosso povo e os americanos. A Haia ia-nos fazendo perder de vista a nossa única política possível. Eu em diplomacia nunca perdi um só dia o sentido da proporção e o da realidade. É que um indivíduo pode sempre fugir à desonra e ao cativeiro, mas as nações não se podem matar como êle. Alguns milhares morrerão em combate, mas a totalidade passa sob o jugo. As maiores nações procuram hoje garantir-se por meio de alianças; como podem as nações indefesas contar sòmente consigo? E desde que o nosso único apoio possível é êste, por que não fazermos tudo para que êle não nos venha a faltar? Esta é a maior intuição e tive por isso o maior prazer com êsse renascimento da simpatia entre as duas nações por ocasião da visita da esquadra americana. Basta, porém, de confidências de alcance político. Aqui vão outras íntimas.

Ocupei-me muito ùltimamente com a revisão de um drama (2) em verso francês que escrevi há trinta anos. O assunto, como você talvez se lembre, é a conquista, ou antes o desmembramento da Alsácia-Lorena. Nenhum francês poderia falar com a minha imparcialidade sôbre a Alemanha, que também aparece grande no drama. Tôda a questão é o direito de conquista. Não posso, porém, aparecer na publicação, apesar de ser a criação puramente literária, como drama, e de *princípio,* como motivo. Estão agora estudando o caso amigos meus de França. Estou muito contente da obra depois da revisão e da mudança do final. Antes parecia-

---

(1) Lúcio de Mendonça. Faleceu a 23 de novembro de 1909.

(2) *L'Option,* que Nabuco nunca publicara, porque, entre outros motivos, achara que suas simpatias pela França estavam muito marcadas para um autor que em tais questões internacionais não devia externar seus sentimentos particulares.

-me *mal acabada.* Esperemos que ambos a leremos impressa ainda que sem o meu nome.

E você, meu caro amigo? Nada tem você mais que fazer contra o esquecimento, já está em plena luz. Agora é gozar do triunfo.

Até quando? Um abraço do velho camarada que não se lembra mais desde quando o admira

JOAQUIM NABUCO.

P. S. — E o terremoto de Lisboa? (1) O Tejo não merecia essa marca trágica! — Pobre rainha!

À baronesa de Penedo

Washington, 2 de abril, 1908.

Minha querida Baronesa,

Que prazer me deu a sua letra, tão minha conhecida e tão saudosa, sempre a mesma de Grosvenor Gardens, do tempo da secretária de quem me esquece o nome, mas não o nariz! Estimo tanto ver que não está mais no Rio Comprido, mas no nosso Botafogo, ficando assim o Artur mais perto do Rui Barbosa. Tive grande prazer em vê-lo em Bruxelas e Paris. Mrs. Schlesinger ficou encantada com a visita dêle. Espero que tudo agora marche bem e que êle tenha o consôlo de ter *uma velhice,* quem diria que havíamos de empregar essa palavra falando um do outro! de todo ponto descansada e num bom pôrto.

E a boa Carlotinha? E o neto?

Nós temos passado bem, a cura de Vittel fêz-me grande bem. Êste ano nossa filha mais velha, Carolina, fêz a sua entrada na sociedade de Washington e hoje representa nos quadros vivos. Saiu agora para o ensaio geral. Aqui não se fala senão do casa-

(1) O assassinato do rei dom Carlos e do príncipe herdeiro dom Luís, em 1.º de fevereiro de 1908.

mento do duque dos Abruzzos com Miss Elkins (1). Êle dá o exemplo às *royalties* da Europa. Talvez não parecesse tão extraordinário, depois dêle, casar o príncipe Francis de Teck (2) com Miss Drexel, como se dizia.

Esta atmosfera mundana, da *smart set,* não é a que mais me convém. Vive-se aqui entre milionários, e eu nunca perco de vista o contraste entre a vida, nossa ou dos meus, quando eu perder ou deixar êste pôsto, e a vida atual, por assim dizer, emprestada. Como quer que seja, cada um tem que cumprir o seu destino.

Espero que o braço esteja de há muito curado e que os anos não lhe pesem muito. Há compensações na velhice. Apura-se o verdadeiro amor e a verdadeira amizade. E a lembrança do nosso caro Barão é uma mina inesgotável de saudades e recordações! Se o é para mim, quanto mais para a senhora e os que a cercam!

Adeus, minha querida Baronesa. Receba as nossas mais afetuosas lembranças para todos dessa casa e creia-me sempre seu

velho e sincero amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Machado de Assis

Washington, junho, 8, 1908.

Meu querido Machado,

Acabo de receber sua boa carta, cheia do seu coração trazendo a notícia de um próximo livro, que você supõe será o seu último, mas que receberei como o ante-penúltimo.

---

(1) O noivado de um príncipe da Casa Real da Itália com uma jovem americana foi nessa época, em que não se apontava ainda nenhum caso semelhante, um acontecimento que sacudiu as rodas conservadoras e deu assunto um momento aos jornais dos dois continentes. Mas o príncipe galante não teve autorização para dar a sua espôsa o título de princesa real e o noivado se desfez.

(2) Irmão da princesa de Gales, depois rainha Mary da Inglaterra.

A homenagem que o Ferrero lhe prestou é digna dêle e da Itália. Você, graças à nova geração dos Veríssimos e Graças, que explicaram a admiração inconsciente que você inspirou à geração anterior, ou à nossa, goza hoje de uma reputação que forçará a posteridade a lê-lo e estudá-lo para compreender a fascinação exercida por você sôbre o seu tempo. É belo tal crepúsculo para um homem de letras porque os homens de letras têm mais a preocupação da duração da sua obra do que mesmo do seu nome. Mas a noite está ainda muito longe. Pelo que vi no Rio em 1906 eu não apostaria em mim contra você no páreo de qual de nós dois verá ainda mais coisas neste mundo. Você tirou o prêmio grande da vida. Ela não pode dar mais. Não tenha um momento de ingratidão, isto é, de tristeza.

Mando-lhe duas coleções dos discursos que andei ùltimamente proferindo, uma para a nossa Academia. Você verá com prazer que me tornei um propagandista aqui dos *Lusíadas* (1). Faço isto também em honra da nossa língua, que é tomada como um dialeto do espanhol, o que dá à América espanhola, com as suas dezoito nações, certo prestígio sôbre nós. Encontrei na Universidade de Yale um *scholar* da literatura portuguêsa, o prof. Lang, que publicou o *Cancioneiro do Rei Dom Diniz,* com muitas notas, e o *Cancioneiro Gallego Castelhano* também; um sábio. Vou receber êste ano o grau de doutor em Letras por Yale, e a Universidade de Chicago convidou-me para pronunciar o discurso oficial no encerramento do ano letivo, ou no dia da colação dos graus, o que é uma grande honra. Você vê que estou fazendo render aqui as poucas fôrças que me restam. Também comprometi-me a pronunciar para o ano o discurso oficial em um dos grandes dias da Universidade de Wisconsin, e já me anunciam o convite de outra universidade. Estou muito contente pelo Brasil com tôdas essas honras, que são principalmente feitas ao país.

Mas que saudade! Que falta da nossa gente, que tôda me esqueceu, exceto você, tão absorvente é o Rio Branco. Parece-me

---

(1) Nabuco pronunciara em diversas universidades americanas conferências sôbre Camões.

impossível que eu não tenha a fortuna de voltar para aí pròximamente. Creia-me *sequioso*. Não tenho outra expressão.

Um abraço apertado do velho amigo

JOAQUIM NABUCO.

A João Ribeiro

Hamilton, Mass., 14 de julho, 1908.

Meu caro amigo,

Uma palavra em sua carta deixou-me preocupado: — que está prêso à vida por um fio. Os doentes enganam-se sempre no cálculo da vida, e muitos, que se acreditam por um fio, estão amarrados a ela por grossos cabos. É esta a minha convicção a seu respeito. Em nada o João Ribeiro que encontrei em 1906 no Rio se diferençava do meu « espanhol » de Paris, anos atrás, nem do companheiro da « Revista », ainda mais longe. Por um livro que me mandou o José Veríssimo vejo que entre os dois não tem havido boa camaradagem. Verdadeiramente sinto ver essa batalha no nosso Olimpo tornada pública. Entre parêntesis, o Veríssimo citou uma frase do Sílvio Romero oferecendo-me um de seus livros. Devo pois tê-la mostrado, a êle ou a outros. Mas creia que o fiz não para triunfar, sabe que não sou um néscio; mas para mostrar o meu regozijo por tão honrosa e generosa manifestação de simpatia. Realmente muito a apreciei.

Espero com ansiedade o seu livro. Não creia que possa nunca ser rasteiro...

Même quand l'oiseau marche, on sent qu'il a des ailes.

Muito me desvanece a sua opinião sôbre a minha Conferência de Yale. Não me mandaram o Almanaque Garnier dêste ano. Ainda é tempo do Garnier se lembrar que eu sou um dos constantes afluentes, ainda que pequeno, do seu grande ramo brasileiro.

Apesar do calor tenho que ir em 28 de agôsto pronunciar a « Convocation Address » na Universidade de Chicago. Como

vê, as universidades me estão tratando muito bem. Quando teremos a primeira aí?

Creia, meu caro amigo, que ninguém o admira mais do que eu porque, por assim dizer, vejo o seu pensamento. É um caso de simpatia intelectual, mais que outra coisa, mas o senhor e o Graça são do metal de que se eu não fui, quisera ser feito.

Todo seu muito sinceramente

JOAQUIM NABUCO.

A Machado de Assis

Hamilton, Mass., 1 agôsto 1908.

Meu querido Machado,

Sua carta deu-me imenso prazer por ter lido pouco antes que você andara doente. O estilo é o melhor certificado de fôrça vital. Essas curtas doenças são a poeira da estrada triunfal dos 70, para os quais você caminha, como o Quintino, com a frescura de 1864, quando primeiro os conheci. Que dois destinos!

Muito lhe agradeço suas boas palavras sôbre as minhas conferências de Yale. A 28 de agôsto devo estar em Chicago. Já lhe disse. Aqui levo uma vida de peregrino, de universidade em universidade. Mas que saudade da nossa Academia e da *Revista* (1), de que ela nasceu! É uma grande provação viver longe dos amigos, em terra estranha, como estrangeiro. Sobretudo acabar assim. Mas espero voltar ainda antes da noite. E então os meus 60 futuros procurarão acompanhar os seus futuros 70 até ao fim das respectivas casas. Oxalá!

Adeus, meu caro Machado. Não deixarei êste lugar, tão perto de Boston, sem ir desta vez fazer por você e por mim uma visita

---

(1) *Revista Brasileira,* de José Veríssimo,onde se reuniam diàriamente os intelectuais que depois fundaram a Academia Brasileira de Letras.

à casa de Longfellow e lá escrever o seu nome com o meu.
Muitas e muitas saudades.

Do seu afetuoso amigo e admirador

JOAQUIM NABUCO.

A Machado de Assis

Hamilton, Mass., 3 de setembro de 1908.

Meu caro Machado,

Estou de volta de Chicago, aonde fui pronunciar o discurso de que lhe dei notícia prévia. É uma pequena viagem redonda de umas sessenta horas! Para dizer algumas palavras. O pior é que tenho outras viagens do mesmo tamanho esperando-me.

De volta vim achar o seu livro (1) e a sua carta. Esta está muito desconsolada. Eu não o poderia mesmo aí consolar do isolamento.

Você fechou-se nos seus hábitos como a tartaruga na concha, mas ao contrário dela não carrega consigo a sua casa. Se não fôsse assim eu lhe aconselharia que se mudasse para perto do Graça. Receio que você só esteja vendo gente triste e cultivando a amizade de velhos, em vez de tomar um banho de mocidade prolongado e constante.

Quanto ao seu livro li-o letra por letra com verdadeira delícia por ser mais um retrato de você mesmo, dos seus gostos, da sua maneira de tomar a vida e de considerar tudo. É um livro que dá saudade de você, mas também que a mata. E que frescura de espírito! É o caso de recomendar-lhe de novo a companhia dos moços, mas íntima, em casa. Você parece sentir isto com o Tristão (2) e com o Mário de Alencar. Mas o benefício de infiltrar mocidade não seria para você só, seria também para

---

(1) *Memorial de Aires.*
(2) Tristão da Cunha.

êles. Você é a mocidade perpétua cercada de tôdas essas afetações de velhice.

Não se lembre dos setenta e terá quarenta. Sòmente não me acostumo à ortografia. Creio que lhe terá custado reconhecer-se na nova.

A mim parece que estou lendo os antigos jornais do Borges da Fonseca. Ao menos dessa revolução êle saiu bem afinal. São os espíritos revolucionários que revolucionam a ortografia.

Um apertado abraço do velho amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Hamilton, Mass., 3 de setembro de 1908.

Meu querido amigo,

Há dias voltei de Chicago onde fui pronunciar na Universidade o discurso da distribuição dos prêmios. Vim de Chicago às pressas, porque o cunhado do Chermont foi vítima de uma tentativa de assassinato e êle teve que voltar no mesmo dia. Não vi ainda os jornais de lá, mas o Amaral escreve-me hoje, êle está perto, relativamente, que o « Chicago Record » já dedicou ao meu discurso dois editoriais, e ontem vi no « Boston Transcript » que falou de mim em têrmos muito lisonjeiros.

Foi uma delícia para mim ler o novo livro do Machado. Como o escritor é o homem! Como êle se pinta a si mesmo sem sentir! O gôsto da minudência, o culto pode-se dizer, culto amoroso e não intelectual, está visto dêle, e agora a meticulosa reserva em tudo, a mania segredista que o sr. conhece. Como lhe escrevo a êle, êsse livro faz saudade dêle, mas também a mata. Sempre o mesmo espírito, a mesma suavidade ou medida, a mesma perfeição. Sinto vê-lo tão deprimido pelo isolamento, como êle me conta. Aconselhei-lhe que fôsse morar para perto do sr. para rejuvenescer.

Em Chicago veio ao meu hotel entregar-me uma velha carta do Rio Branco, a única que êle me escreveu para cá, a simpática filha do Belfort, casada com Mr. Keogh. Que saudades tem ela de Petrópolis. Para ela Chicago é um verdadeiro destêrro. Perguntou-me por todos, ou antes deu-me notícias, porque ela parece ter bons correspondentes.

Há muito não recebo carta sua, mas isto me faz esperar uma para breve, o que me consola e sustenta.

Muitas saudades do

Amigo dedicado

JOAQUIM NABUCO.

As saudades são nossas e suas no dual.

J. N.

A Graça Aranha

Hamilton, Mass., setembro 28, 1908.

Meu querido amigo,

Sua carta abrindo-me a perspectiva de uma visita sua deu-me o maior consôlo possível, mas o esfôrço seria grande demais para o sr. e eu pelo sr. não o quisera. A viagem direta é penosa e pela Europa sem fim. O melhor tempo de Washington é o inverno, e não seria prudente arriscar-se ao frio, sobretudo no mar. Mas, se tenho mêdo da viagem, basta a sua idéia de fazê-la para, como lhe disse, me encher de consolação. Não sei como está o seu inglês. Se o não perdeu, uma visita a êste país seria muito interessante para o sr.. Em qualquer caso, se vier algum dia, pode bem imaginar o prazer que teremos e como o receberemos.

A possibilidade de sua entrada para a Câmara conforta-me e rejuvenesce-me. Parece-me que sou eu que estou a entrar para a vida parlamentar outra vez. A sua eleição de deputado quase que obriga a minha de senador. Mas estou bem representado, como amigo seu, no Xavier da Silveira. Para o sr. a vida nova, que se lhe há de abrir com a eleição, é muito prometedora,

sobretudo dada sua amizade com o dr. Carlos Peixoto. Prometedora, não quero dizer de carreira política; ainda assim, quem sabe se não o veremos ministro das Relações, mas de influência pessoal nas nossas coisas, e a influência vale muito mais que as posições. Eu que o conheço sei que seu espírito se dilatará com a ascensão, com o reconhecimento do seu valor por homens de valor, com a homenagem do seu Estado. Naturezas como a sua expandem-se ao sol da fortuna, da amizade, da admiração. Para mim será uma notícia de primeira ordem a sua eleição. Já me sinto outro com a esperança de o ver na Câmara.

E *o nosso amigo* como tomará o acontecimento? Espero que tenha prazer nisso apesar de o perder. *Sic itur ad astra* na política e na literatura.

O estado do Machado causa-me verdadeira consternação. Como passaremos sem êle? Cada ano reduz-se o círculo das afeições e das admirações dos que entram na velhice. Esta tem certo pudor em contrair amizades novas, em criar novos cultos pessoais. Os moços, como o sr., ainda têm muito que ver, muito com quem se ligar, e a Natureza lhes renova as afeições ao passo que as vão perdendo. É muito diferente aos sessenta e deve ser terrível mais tarde. Deus lhe dê um declínio curto e um fim suave, se êle começou a entrar na decadência. Mas também a quanta ternura, a quanto carinho de nossa parte essa não obriga!

Tenho agora uns cinco convites de universidades para « Addresses ». Se eu estivesse nos meus quarenta anos, seria outra coisa. Agora, porém, surdo e nervoso, tenho pressa em acabar cada uma dessas provações e corro ao recitar o meu discurso. Preciso fazê-los muito curtos para os ler sem precipitação. Ainda assim, muito mais gente os lê do que os que ouvem e são um serviço. Aqui o principal.

Brevemente volto para Washington. Êste verão fica pertencendo a Emerson e ao seu grupo. Emerson é a maior figura intelectual que o novo Mundo produziu, e é um fenômeno extraordinário que, ao mesmo tempo, êste mesmo terreno em tôrno de Boston tenha dado uma verdadeira colheita de espíritos da mesma qualidade. Não sei se o sr. tem lido Emerson. Há muito nêle de vaporoso e de indecifrável, mas sòmente Platão o ofusca verdadeiramente, e já é belo refletir uma luz que só cede à do próprio sol.

Tenho muito mêdo que a idéia americana tenha perdido terreno aí. Há muita coligação contra ela. Cada vez, porém, estou mais convencido de que não temos outra política externa possível e de que não nos esforçando seguidamente por ela, tendo receio de a confessar, requestando ao mesmo tempo outras alianças, pensando em substituí-la, em vez de ajudá-la, por grandes armamentos, mostramos desconhecer a marcha do mundo e não ter o instinto da nossa própria conservação.

Dê um abraço apertado nosso a dona Iaiá, saudades aos filhos, meus mais respeitosos cumprimentos à sra. sua mãe, afetuosas lembranças ao consº José Bento, e creia-me sempre

Todo seu

JOAQUIM NABUCO.

A Hilário de Gouvêa

Hamilton, Mass., 1.º de outubro, 1908.

Meu querido Hilário,

No dia 23 mandei-lhe um « grande abraço » pelo telégrafo para a rua Conde de Bonfim. Espero que o tenha recebido. Você vai na frente! Deus o conserve muito tempo.

A morte do Machado de Assis empobrece-nos muito. Não temos outro espírito como aquêle. Perco também um amigo. E você também. Mas no estado de isolamento em que se achava, e com aquela doença, foi uma bondade de Deus levá-lo, deixá-lo descansar. Há muita morte que quem a recebe sente bem que é um alívio, mas que os outros quereriam ver ainda demorar.

Recebi há dias uma longa carta do Graça, hoje outra do Domício. Quase todos os meses me chega uma sua. Assim vou vivendo, porque, você me conhece tão bem e pode bem avaliar, o isolamento da língua e do sentimento estrangeiro começa a pesar-me sôbre o espírito. Enquanto tive as Memórias não tinha um minuto para dar à melancolia; agora, porém, com trabalhos intermitentes, ainda que nenhum dia deixe de exceder o meu saldo de fôrças, não me distraio do mesmo modo, isto é, não tenho a única distração real, a da absorção na obra que estamos

a produzir. Isso é devido em parte à separação em que vivo dos meus livros e do meu arquivo por uma medida de prudência para me conformar aos seus conselhos.

Tenho ainda muito que fazer e não comecei. Estas conferências americanas que se vão multiplicando (tenho agora nada menos de seis compromissos tomados, e eu hesito em tomá-los) são obrigação, serviço diplomático, propaganda. Os trabalhos de que falo acima como grandes são de liquidação e de síntese da minha vida, liquidação pelo que respeita aos arquivos de meu pai e meu, livros, etc., síntese das impressões que tive durante ela.

Estou bem precisando de uma transferência de clima. Não sei se me poderia arranjar com uma aposentadoria ou disponibilidade ativa para isso. O Rio Branco está se liquidando a si mesmo e não tem tempo de se ocupar dos que deixa pelo caminho. O Pena fêz uma lei duríssima para si mesmo com o veto das pensões e precisa não ter ternuras.

Não sei de quem esperar uma mudança a tempo, nem como ela me possa um dia vir. Creio que para o ano pedirei uma licença à qual tenho direito. Feito isso, verei depois com você aí o que há de melhor a fazer. Tenho problemas sôbre problemas. Sou a cumieira estragada de um grande edifício. Só Deus pode fazer o milagre de sustentá-la no ar. Mas não me creia triste. Isso depende muito do dia que faz. Vendo alguma tristeza no que lhe escrevo, diga sempre « Não havia sol nesse dia ». Eu sou com efeito tão agradecido a Deus que não posso entristecer no gôzo da minha inteligência que não pára o seu *Glória in excelsis,* nunca. Diga isto à Laura.

Afinal foi o Amaral nomeado para o Congresso de Tuberculose. Depois do prêmio de Berlim não ficava bem não aparecermos no Congresso, *take no notice of it.* Eu não podia ir por me ter escusado de representar a Assistência da Rainha Dona Amélia. Fi-lo pensando que podíamos não mandar delegado nenhum e eu não querer lá ir representando Portugal sem haver quem representasse o Brasil. Afinal, porém, resolvi-me a pedir que mandassem o Amaral para ao menos têrmos feito parte do Congresso como Nação, e Nação americana. Assim foi muito melhor. Logo que saia a melhor publicação sôbre o Congresso, mandarei.

Vocês devem estar acabando ao lhe chegar esta o seu tempo do Rio e o calor os fará depressa subir para Petrópolis. Pense sobretudo em diminuir a sua carga. Você não teve descanso tôda a vida. Pode dizer que o não conheceu, porque não creio que mesmo em viagem descansasse. Mas é tempo de diminuir a carga de todos os dias. Iaiá o ajudará nisso, ela de quem você é o maior culto na vida.

Não sou eu que lhe posso dar conselhos de saúde, mas você os achará abundantes num livro que lhe fiz expedir de Boston com as idéias do dr. Osler. Hoje êle é professor em Oxford e chanceler de outra universidade inglêsa, creio eu (a menos que tenha perdido a eleição), mas é a glória da medicina americana. Há muito nesse livro que lhe dará prazer ler e que você lerá com o maior interêsse.

Beijo a Iaiá e sobrinhos e mando um bom abraço aos genros, outro ao nosso Juca, ou para chamá-lo à moda rio-grandense, ao Nabuco de Gouvêa. Muito da alma de meu pai vive hoje em mim e é sempre pensando nêle que acompanho a marcha dos seus descendentes e me felicito de vê-los todos mais ou menos abrigados até aqui. O resto nós não veremos.

Do irmão muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Brazilian Embassy.
Washington, out. 29, 1908.

Meu querido amigo,

Lá se foi o nosso Machado! A vida nas condições em que êle vivia devia ser cruel, mas para a inteligência o existir compensa todos os sofrimentos e isto tanto mais quanto mais alta ela é. Agora é que vemos a nossa pobreza. Eu sou muito contrário à idéia de estátua. A estátua para ser digna dêle teria que ser uma grande obra. A melhor idéia, grande demais para nós, seria comprar a casa e conservar tudo tal qual. Essa é a maior prova de veneração da posteridade. Lembra-se da nossa

visita à casa de Voltaire? O pensamento mais delicado dêsse gênero que eu saiba é o dos americanos que, em Cambridge, compraram o espaço defronte da casa de Longfellow para conservar intata a perspectiva que tinha o poeta. Quanto ao mais belo túmulo é para mim uma pedra entre flores, como a de Shelley e à sombra de uma grande árvore. Podia-se até ter pássaros. Nós, porém, não temos meios para nada.

Vejo que o Rui é dora em diante o nosso chefe. Eu sempre lastimei que êle nunca tivesse tempo para se concentrar, e nunca tivesse tido um longo retiro da política, da advocacia e da imprensa. As letras fogem da praça pública. O gênio, e eu considero o Rui um talento genial, mostra-se mesmo no ardor da batalha, na vida sem descanso do político, do orador, basta lembrar Cícero; mas há na literatura uma flor de poesia que não brota senão na solidão do espírito. A nomeação dêle o reclamará para as letras como ainda não foi reclamado e eu espero muito dela por isso.

Estou à espera da sua próxima carta. Sabe que o tenho no meu quarto com outras imagens da minha vida. Reuni nêle quadros que lembram meus trabalhos e simbolizam as diversas inspirações que tive e as minhas amizades intelectuais. Seu retrato está numa moldura que comprei num leilão em Roma. Quando fôr lá ministro não deixe de ir aos bons leilões. A um devo o meu Maquiavel e o meu Augusto.

Acabei de escrever ao Rodrigues felicitando-o pelo novo edifício do *Jornal*. Que grande triunfo!

Meu pensamento está sempre aí e espero para o ano voltar ao Rio de Janeiro outra vez e ouvir o seu discurso de estréia. Esta idéia foi o maior consôlo que tenho tido há muito tempo.

Adeus, meu querido amigo. Paro sòmente por muito cansado. Dê as nossas mais saudosas lembranças a dona Iaiá. Mande-nos alguma fotografia dos filhos. O Cardoso (1) é seu vizinho e êle é um artista com a « câmara ».

Do seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) Cardoso de Oliveira, que havia sido vários anos 1.º secretário em Londres e encarregado de negócios nas ausências de Nabuco.

A Carlos Magalhães de Azeredo

Washington, 31 de out. 1908.

Meu caro amigo,

Estou lhe devendo uma resposta há tanto tempo! Mas nesta vida não se faz o que se quer, e sim o que a ocasião nos força a cada instante a fazer. O essencial é que durante todo êste tempo tenha gozado saúde e que as sras. sua espôsa e sua mãe, tenham estado bem. Recomende-me muito a uma e outra com o maior carinho e lembre-me às sras. suas cunhadas.

Não tenho tido notícias do meu amigo o bispo Maia do Pará. As últimas que tive não eram boas. Estimaria saber que êle se curou inteiramente.

Agora, meu amigo, o nosso abraço de pêsamos um ao outro pela perda do nosso querido Machado de Assis. Que afeição paternal êle lhe tinha! Eu sou muito contrário a estátuas. Estão se tornando de uma banalidade e de uma desigualdade revoltante, como os nossos antigos títulos. A verdadeira veneração se provaria pela compra da casa onde êle viveu tantos anos. Mas era preciso que êle fôsse outra coisa, e não um simples poeta, para se poder levantar dinheiro para tanto. Assim é a vida. A verdadeira glória é pobre.

Um apertado abraço do amigo e colega

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Brazilian Embassy.
Washington.
Nov., 12, 1908.

Meu querido amigo,

Antes de tudo peço-lhe que apresente por mim ao dr. Carlos Peixoto e ao dr. Carvalho Brito os meus mais profundos pê-

sames. A morte do dr. João Pinheiro, cortando, tão perto do zênite, uma tão bela carreira, é mais do que um abalo, é o desequilíbrio da atual situação, como ela se ia consolidando. Espero, porém, que não venha a desabar o castelo que se estava levantando sôbre o prestígio e a fôrça dêle em Minas.

Estou ansioso por notícias, por uma carta sua. Quanta coisa se tem passado! Não imagina quanto senti a morte daquele simpático rapaz que conhecemos em Belo Horizonte, o filho do Presidente. Que terrível golpe para êste na sua idade e na sua posição, na qual não tem sequer a liberdade de entregar-se à dor até que ela transborda e o alivie!

Vejo que continua a guerra do Zeballos ao Rio Branco. Que forte repelão êle recebeu do Assis Brasil! O pior é que essa polêmica vai favorecendo a política *fatal* da rivalidade dos armamentos. Digo *fatal,* porque ninguém a pode impedir. Eu, porém, sempre acreditei que a fôrça militar não é tanto questão de material, como de pessoal. Dario, com artilharia, não teria vencido; Alexandre é que lhe tomava os canhões. O material deve servir principalmente para criar e formar o pessoal.

Êste ano não fui às águas; para o ano tenho que me pôr à mercê do Rio Branco e pedir-lhe que me mande em missão reservada a Vittel ou Carlsbad. É, porém, preciso que êle resolva a questão logo, porque há um mundo de coisas a atender com tempo. Se não, meto-me outra vez em Hamilton, praticando a cura do repouso. Estou cansado de falar inglês; quisera que houvesse outra Missão Especial em Roma. Sinto que devo aproveitar êstes próximos cinco anos para concluir minha obra, e quisera ter a fortuna de os passar em sua companhia. Que sonho! Quando receberei outro telegrama como aquêle de São João d'El Rei, que ligou as nossas vidas?

Divirjo do modo de encarar o procedimento do presidente Castro, tolhendo-nos a proteção dos interêsses franceses. Considero êsse ato um atentado sem precedente contra a cortesia que as nações se devem mùtuamente e isto mesmo expus em ofício ao nosso Chefe. Mas que dizer do pretexto alegado por êle: que o fazia para evitar qualquer atrito conosco tanto prezava as nossas relações?! Não há paridade com o caso da recusa de uma pessoa *non grata*: neste caso recusa-se sòmente o indivíduo;

no outro recusa-se a nação. Enfim é um fato único, e se êle se converter em precedente, será sòmente porque anuímos.

Mudei-me de casa, para outra que não tem a mesma aparência, mas que é melhor. Com a mudança, a chancelaria, a cocheira, a casa de campo, e a conservação de tudo isso, que despesão! Mas é preciso que o govêrno compre casa em Washington, já que tem embaixada. Como o Rio Branco arrefeceu, e sinto que êle às vêzes esquece êste pôsto, abandonei o assunto, mas espero que êle um dia compreenda a necessidade de consolidar a sua obra, instalando a embaixada em prédio próprio, que tenha ar disso.

Recebi uma boa carta do Veríssimo. Vou escrever-lhe. Infelizmente não lhe poderei mandar as cartas do Machado. Meus papéis, a maior parte dêles em Londres, precisariam para ser postos em ordem, de modo a eu achar entre êles o que desejo, um mês *pelo menos* de trabalho aturado, se estivessem todos aqui, e resolvi deixar êsse trabalho ao meu testamenteiro literário, se não tiver « o intervalo » com que sempre sonho, « entre a vida e a morte ».

Peço-lhe que me obtenha o segundo volume das *Efemérides Brasileiras* do Rio Branco. O 1º apareceu na biblioteca do *Jornal do Brasil* em 1892. Quero encaderná-lo com o segundo. Peço-lhe também que me mande algum catálogo de alfarrabista, em que venha a coleção completa das litografias de Sisson, « Os Contemporâneos ».

Não sei se o seu primo, que me mandou aquelas vistas de « Massangana », obteve o que desejava na alfândega do Rio. Êle não sabe quanto lhe sou grato por aquêle presente, um dos mais tocantes que recebi em minha vida. Espero que o sr. o tenha ajudado; o sr. sabe que vale mais do que eu e pode convencê-lo disso.

Nossas mais afetuosas saudades a dona Iaiá, lembranças às duas esperanças da casa, e para o sr. um apertado abraço do

amigo dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Epifânio Portela

Ministro da República Argentina em Washington

21, novembro, 1908.

Meu caro colega e amigo,

Minha dúvida era que não ao atual Secretário de Estado, mas ao futuro competia dispor com relação à próxima Conferência e que por isso não podíamos fazer obra útil antes, pelo menos, da eleição presidencial. Esta veio assegurar a permanência da política de Mr. Root e se êle não fôr o seu próprio sucessor, êste em todo caso será seu continuador. Podemos, portanto, começar com êle os trabalhos para terminá-los em março ou abril sob a nova administração. É o que me parece mais correto.

Assim concordo inteiramente com a proposição de V. Ex., nem vejo que possam surgir divergências, animados todos como nós estamos do mesmo espírito. A lei das nossas conferências é dora em diante a unanimidade.

Não tenho dúvida que a de Buenos Aires será um imenso sucesso e a melhor possível comemoração do centenário.

Tenho muito que lhe dizer quanto à alusão final de sua carta. Vamos esperar que cesse inteiramente a agitação na imprensa e que as relações dos nossos dois governos voltem a ser francamente amistosas. Para isso concorrerá muito a demonstração que o Barão do Rio Branco acaba de fazer no *Diário Oficial* de que um telegrama seu cifrado de 17 de junho não continha nada do que o sr. Zeballos supunha e de que a pretendida decifração foi tôda uma invenção. Isto lhe mostrarei, porque tenho os dois textos, o falso e o verdadeiro. Os jornais *Nacion, País Diário, Tiempo, Argentina, Corriere d'Italia, Courrier de la Plata* pedem a descoberta e o castigo do autor dessa peça tôda ela forjada, que tanto dano causou.

Creia-me sempre com o mais elevado aprêço

De V. Ex. colega e amigo afº e obrº

JOAQUIM NABUCO.

Ao barão do Rio Branco

Ministro das Relações Exteriores

Washington.
Brazilian Embassy,
Nov. 29, 1908.

Meu caro sr. ministro,

É para mim um dever ainda uma vez recomendar ao interêsse e benevolência de V. Ex. para uma promoção o dr. Epaminondas Leite Chermont, segundo secretário desta embaixada. Quando V. Ex. lhe deu entrada no Corpo Diplomático em 1903, como segundo secretário em Londres, êle já tinha doze anos de antiguidade como cônsul, o que ninguém pretenderá que não conte como antiguidade real e atendível para um segundo secretário. Hoje êle tem 17 anos de serviço no Ministério e todo êsse tempo sua conduta tem sido exemplar, e êle um modêlo de funcionário. Ninguém com quem êle tenha servido deixará de reconhecer-lhe qualidades preciosas, dessas que conquistam a confiança e o alto aprêço de quantos tratam com o que as possui. Exato, pontual, dedicado, com um alto sentimento do dever e das responsabilidades do cargo, que só por si atesta a tradição de diversas gerações de servidores públicos da antiga escola, cavalheiro e leal, o dr. Chermont faz honra ao nosso Corpo. Casado jovem com uma americana da melhor sociedade de Baltimore, educada nos princípios mais rigorosos, êle tem tido durante largos anos o seu caráter e qualidades morais pesadas em balança estrangeira por grande número de parentes e amigos e todos as têm achado de lei. A mim, vexa-me, no pouco favor que êle tem tido, a decepção, principalmente da senhora, que sendo sua constante testemunha, será levada a pensar que o fato de ter casado com estrangeira é sòmente o fazer desmerecer.

Sei as dificuldades com que V. Ex. luta em matéria de promoções e como procura atender aos interêsses do serviço e aos direitos adquiridos, mas se o sentimento da honra, a responsabilidade, a seriedade, o cavalheirismo, a pureza da vida doméstica, a deferência, o bom-senso e a dedicação ao serviço público são qualidades que na representação diplomática devem ser leva-

das em conta, V. Ex. não encontrará quem as possua em gràu mais elevado do que o sr. Chermont.

Creio haver dito bastante, sr. Ministro, e termino oferecendo a V. Ex. novamente os protestos de minha respeitosa consideração.

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Brazilian Embassy,
Washington.
1.º, dez., 08.

Meu querido amigo,

Não quero que o paquete parta sem lhe levar notícia minha. Já não espero cartas suas e para lhe dizer a verdade me consolo de não as receber, pensando que se poupou um grande esfôrço, tão cheias elas vêm, quando vêm. Calculo que a morte do João Pinheiro os terá profundamente abalado. Quem será a nova coluna mineira? Sem Minas parece impossível construir nenhum castelo.

Neste momento a situação entre a Argentina e o Brasil figura-se-me má; espero, porém, que ambos tenham juízo. À Argentina, de certo, a paz convém mais do que a guerra, pois o seu progresso é ainda maior do que o nosso. Dentro de uns vinte anos aonde não terá ela subido? Não é melhor vencer-nos assim? Hélas!

Não sei se o Rio Branco me deixará assinar o tratado de arbitramento que *tôdas* as nações estão assinando com Mr. Root por despedida. Parece que a lembrança da Haia quer meter-se de permeio; a *nossa* eterna Haia! Se não fôsse a figura que fêz o Rui intelectualmente, teríamos saído de lá com a reputação sòmente de doutrinários intratáveis. Diga ao nosso Presidente que não lhe escrevo, porque êle não me escreve, mas que lhe agradeço o prazer que me dá sem saber, fazendo falar de si como constantemente aqui ouço. Ainda há dias o novo ministro da Holanda, Monsieur Loudon, disse-me que êle foi a primeira figura

da Conferência, e isto mesmo me repetiu diante de Mr. Bryce, o novo conselheiro da embaixada inglêsa, que estêve na Haia e ouviu de Lord Reay (1) a grande admiração que êste tem pelo Rui.

Não sei onde essa competição pelos armamentos nos levará. Pela mais singular das conjunções o Brasil e a Argentina tiveram ao mesmo tempo dois chanceleres desejosos de imortalizar-se. Nas letras a ambição da imortalidade só pode levar à decepção, em diplomacia, porém, pode levar à guerra, ou à bancarrota. Um só não fazia mal; a conjunção dêles é que foi o perigo. E o pior é que o Zeballos não quer aceitar o fato consumado. Isto muito entre nós. Sabe que ninguém mais do que eu admira o nosso chefe, mas é impossível ser inteiramente benéfico um poder sem contraste. Mesmo por amor dêle deveríamos querer que houvesse em nossa direção diplomática um advogado do diabo. Aqui, por exemplo, êle quisera um autômato. Mas, quando um govêrno estrangeiro percebe que o diplomata é um autômato, prefere tratar com os que são ouvidos pelos seus governos. De tôdas as nações estrangeiras, com exceção de Venezuela, o Brasil tem sido a menos complacente com Mr. Root. Eu tenho modificado o mais possível essa nossa atitude e êle deixará o poder, espero eu, acreditando que somos bons amigos, mas pouco práticos, ou um tanto *enfants gâtés*. A verdade, porém, é que muitas vêzes não o procuro por não lhe poder levar o *bonbon* que os meus colegas receberam para êle.

O Ferrero está nos Estados Unidos e virá para a semana a Washington, como hóspede da Casa Branca. Jantamos com êle no dia 10 na embaixada da Itália; não sei se êle e a mulher poderão jantar conosco, como tanto desejamos por sua causa.

Veja se tira o nosso Chermont do poço; se lhe atira a corda. Penso que as qualidades morais dêle contrabalançam as intelectuais de outros que não se comparam com êle pelo caráter e decôro da vida e sentimento da responsabilidade; em uma palavra, para os quais a sanção social não tem fôrça.

Não me escreva, mas não me esqueça.

Agora três pequenos (!) pedidos.

1. Onde posso obter, (se algum livreiro quiser expedir-me com a conta), os números da *Revista Brasileira* de 1899 e 1900? (Não sei se não acabou em 1899.)

---

(1) Donald James McKay, Barão Reay.

2. Também os *Sonetos Latinos* de Mendes de Aguiar, de que se ocupa o último *Almanaque Garnier?*

3. Nos alfarrabistas por quanto poderia eu obter uma coleção completa das litografias dos *Contemporâneos* de Sisson? O texto eu tenho, mas os retratos pus em três quadros e quero ter outra coleção perfeita. Não sei se já lhe falei nisso.

O Root no Senado vai ser a primeira figura do país na nova administração. O coração dêle hoje está na América Latina, como o do Taft nas Filipinas. No fundo êstes americanos, julgados tão frios, são muito sentimentais.

O Machado dava-me notícias da Academia, agora já não sei quem mas dará. Suponho que virão sòmente do Itamarati, pedindo o voto à última hora. Eu espero que a função dela se manterá, de ser um *Pantheon* em vida, mas com caráter literário bem acentuado. Lembre-se que desde o comêço pensei que deviam entrar homens como o Lafaiete, o Quintino, o Ramiz, o Capistrano. Êstes dois não quiseram, como não quis o Ferreira de Araújo. Segundo a sua lenda eu fui o voto único que teve a *Sonâmbula de Itapuca*. Se bem me recordo é êste o nome da obra-prima de Leonel de Alencar. Lembra-me que à minha admiração pelo *Jocelyn* do Paranapiacaba respondiam com as quadras em que êle condenou os *Lusíadas* e que felizmente nunca vi. Fiquei no *Jocelyn*.

Custa-me voltar a estas recordações; faz-me muita saudade. Êste inverno vou trabalhar em umas 4 ou 5 conferências que tenho em diversas universidades.

Veja se arranja para nos vermos em 1909. *Coming events cast their shadow before,* e eu já começo a ver a sombra do novo Nove. Já lhe disse que os *noves* marcam sempre novas fases de minha vida desde 1849, o nascimento. É curioso lembrar: 49, o nascimento; 59, o internato (a separação de casa); 69, o Recife; 79, o Parlamento e a Abolição; 89, o Casamento e a queda da monarquia; 99, a diplomacia. Que será o nove sem mais nada, o 09? Eu estimaria estar ao seu lado neste zero nove, *cela me porterait bonheur.*

Saudades afetuosas à boa amiga e às duas esperanças da casa.

Seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

À baronesa de Penedo

Brazilian Embassy,
Washington.
25 dezembro, 1908.

Minha cara Baronesa,

Êste era o dia do nosso Barão e venho nêle desejar-lhe e à Carlotinha, ao filho e ao neto, um feliz 1909. Agora mesmo escrevi falando na sra. e nêles (menos no Artur José, está visto) a uma Miss Blow, conhecida sua de 1869. A irmã dela mais moça é uma das riquíssimas *hostesses* de Washington, mas parece não gostar de lembrar-se, ou de ser lembrada, que estêve em Petrópolis, por causa dos 40 anos passados. Nós não fazemos caso da idade, nem a sra. nem eu. Não tenho tido notícias de ninguém de sua casa, mas é o caso do *pas de nouvelles, bonnes nouvelles.* Espero que a mudança para Botafogo lhes tenha tornado a vida mais fácil e agradável. Não lhes faltam bons amigos aí e, não faltando saúde, a « doença velhice » não é das piores. Eu quisera muito que o Artur fizesse uma *vida* do pai, mas um dia alguém a fará. Tudo está em não deixar dispersar-se o arquivo dêle para ela poder ser bem feita. Aceite as mais vivas e saudosas recordações de 32, Grosvenor Gardens.

Do fiel e gratíssimo amigo

JOAQUIM NABUCO.

1909

A Hilário de Gouvêa

Washington, 1, janeiro, 1909.

Meu querido Gouvêa,

Um feliz ano-novo para você e para todos que fazem parte de você. Você sabe que todos os anos 9 têm sido de grande mudança na minha vida. Espero que a dêste seja o fim do meu longo destêrro.

Minha saúde melhorou muito com a dieta, sobretudo com abster-me de tudo que leve manteiga passada pelo fogo. A fresca é para mim inofensiva; mas a cozida era a inimiga do estômago.

Você encontrará inclusa a cópia de uma carta do Presidente sôbre o meu discurso na festa do escultor Saint Gaudens. Êle já me havia felicitado muito na ocasião; dias depois, porém, escreveu-me essa carta. Mando-lha para você ver a minha situação aqui; mostre-a ao Graça e ao Rodrigues, mas não a publiquem, por não ser escrita para ser publicada durante a presidência dêle. Faria ciúmes aqui.

No mais um apertado abraço a Iaiá, a Sinhazinha, ao Pedro, a Nenê, ao Vitor, a Inacinha (por carta), a Laura, à bela Lucília, a Maria José, ao Eugênio, ao Juca. Por onde andará êle? Êle não me escreve uma palavra nunca, mas eu suponho que me guarda alguma afeição. Não esqueça dar uma lembrança à boa Maria (Gogó). Para você mil saudades do irmão de 1870

JOAQUIM NABUCO.

A Hilário de Gouvêa

CONFIDENCIAL.

Brazilian Embassy,
Washington, D. C.
Janeiro, 19, 1909.

Meu querido Gouvêa,

Um apertado abraço para começar. No dia 22 sigo para a Havana, por uns dias e de volta me demorarei na Flórida para

descansar. Tenho trabalhado *intensamente* desde outubro, e no melhor estilo, mas preciso interromper. Anteontem, tendo na véspera jantado na Casa Branca e dormido mal, trabalhei ativamente desde as 9 da manhã até 1 e 1/2 da tarde, e depois do almôço, talvez devido a um pudim de pão, que não digerisse bem, ou a uma codorniz comida na Casa Branca (aqui tudo é guardado indefinidamente no frio), tive um desmemoriamento de uns dois minutos, a menos que fôsse uma alucinação visual, não me lembrando, ou lendo outra coisa diversa do que tinha escrito, não sei qual das duas coisas foi; mas, de fato, não reconhecendo duas cartas que escrevi de manhã e dois telegramas que recebi. Êsse fenômeno, ou parecido, tive há quatro ou cinco meses em Hamilton, lendo outra coisa num jornal, diferente do que estava escrito. Não sei se é uma espécie de vertigem, ou inibição cerebral pelo estômago, mas muito me assustou pelo orgulho que tenho do meu excelente aparelho cerebral. Depois veio-me a dor de cabeça, característica das minhas enxaquecas e a falta de apetite e o mau gôsto na bôca, da má digestão. O médico para tudo isso me dá sòmente trinitrina e diz que é cansaço. De todo modo interromperei o trabalho intenso e limitá-lo-ei a duas horas, como Herbert Spencer.

Por êstes dias sai o Root e não teremos mais outro Root, nem o Brasil outro Roosevelt. Se o Rio Branco me não deixar assinar o tratado de arbitramento com êle, tôdas as outras repúblicas, e nações do mundo, assinando, sentir-me-ei profundamente humilhado. Há dias êle me dizia que se sentiria *quite humiliated,* se não assinasse o tratado com o Brasil, tendo-o assinado com as outras repúblicas americanas. Êle dizia isso com bom-humor, eu o digo com mau. E note que êle nos concede um tipo solitário de tratado, pois não queremos assinar o que o mundo inteiro assinou por causa das idéias assentadas do Rio Branco, que já as fêz prevalecer sob o Olinto de Magalhães. (Êle foi feliz com o árbitro singular Chefe de Estado, eu não fui).

Somos assim *Athanasius contra mundum!* e isto em matéria de arbitramento! Imagine o Brasil recusando aos *Estados Unidos* um tratado de arbitramento que o mundo inteiro assinou! Declarando-se inimigo da Côrte da Haia, da qual faz parte! Desconhecendo as Convenções que seus delegados assinaram, sob o

pretexto de não terem sido ratificadas pelo Congresso, quando é sabido que o nosso Congresso procura em tudo conformar-se ao que o nosso govêrno pensa em matéria de relações exteriores.

E se amanhã tivéssemos um conflito com os Estados Unidos, que êles quisessem sujeitar a Haia? Preferiríamos que rompessem relações conosco, como fizeram com Venezuela? No entanto na questão do Amapá, na da Guiana Inglêsa, na da Trindade, na da *Pantera,* na do Peru, na da Argentina, na da Haia, etc, etc, foi neste país que pusemos logo a nossa melhor esperança. Que quer você! O nosso amigo chegou a pensar em substituir o eixo norte-americano de nossa política externa pelo eixo argentino-chileno, e eu tive que pedir ao Presidente e a êle me dispensassem dêste cargo em tal caso, para frustrar no início essa infeliz política do « A B C », que o Zeballos logo se encarregou de mostrar o que seria.

Êle deve ir pensando em substituir-me. Além da nossa orientação diferente (êle confia na Alemanha, na França, na Inglaterra, no Chile, na Argentina, não sei em quem mais, e eu só confio nos Estados Unidos), estou cansado e desiludido da minha missão aqui sem acôrdo completo com êle, e preciso que, como amigo velho, êle vá pensando em dar-me o meu 13 de Maio.

Quanto ao impôsto do café, tiraram-me os meios de o combater aqui desde que o impuseram lá. Aqui se objetou à revogação do impôsto, há anos, dizendo que, se o levantassem, o Brasil o lançaria e os consumidores americanos o pagariam ao nosso Tesouro em vez de pagá-lo ao Tesouro do país. E, coisa singular! dizem-me, os interessados na valorização vêem no impôsto a salvação do seu *stock* e esperam apurar milhões com êle. « Tão tolos não seremos nós », disse-me há dias o senador Aldrich, que é a maior influência financeira em Washington, mas se o impôsto fôr lançado é quase impossível impedir que no primeiro ano os especuladores o recebam em vez do fisco, e são milhões, mais de 50, e, como êles dispõem do *stock* da valorização, seria para esta uma « ponte de prata », como me escrevem (de prata, por causa do *dollar;* pode-se, porém, dizer de ouro, convertendo os *dollars* em libras). E depois? *Après moi le déluge!* Uma vez os milhões realizados, os especuladores podem entregar o futuro do café ao que fôr. Estou assim entre dois fogos, e me hão de acusar pelo impôsto, que os aliados desejam como medida de

salvação; quando o lançaram aí como exemplo, e quando de nada fui informado nunca pelo Estado de São Paulo com relação ao café e aos seus empréstimos e a gente que emprega neste país.

Espero que Iaiá continue bem e todos os nossos de lá. Talvez até êste ano mesmo, em que nossa amizade completa os seus 40 anos. Um abraço apertado do irmão mto. amigo.

JOAQUIM NABUCO.

A Rui Barbosa

Miami, Florida,
4, fevereiro, 1909.

Meu caro Rui,

Tenho tido tanto trabalho desde que recebi sua boa carta que ainda não lhe pude dizer todo o prazer que ela me causou. Agora de volta de Cuba, parando neste lugar delicioso, que pelos coqueirais, pelo mar, pela paisagem tôda, lembra as praias do nosso Norte, tenho enfim descanso para conversar um instante com você.

O que você me diz das minhas memórias na questão com a Inglaterra é a minha melhor recompensa (1). Você pode bem avaliar por aí o valor para mim da sua carta. Terei mais cedo ou mais tarde que me condecorar com ela.

Compreendo bem sua vida; nem reclamo que você me escreva, mas sòmente que me guarde sua afeição. No seu caso, é o

---

(1) Rui Barbosa escrevera-lhe: « Últimamente, no curso das minhas excavações no caso do Acre, em que sou advogado do Amazonas, fui levado a abrir as tuas memórias sôbre a Questão da Guiana, e, de investida em investida, ferrei-me a elas e as li tôdas. Tal a magia da superioridade, com que as redigiste. Acabei, permita-me dizer, cheio de admiração. As qualidades que ali desenvolveste, de crítica, de argumentação, de lógica, de bom senso, de clareza, de tino e de amenidade, elegância, brilho, com um fôlego de encher todos aquêles volumes, sem fastio ou vulgaridade, em matéria tão sêca, tediosa e longa, fazem dêsse trabalho teu porventura a mais notável expressão do teu talento. É o que tenho dito aqui a muitos, com que se me depara ensejo de tocar no assunto. Conviria extrair do maciço granítico daquela mole, alguma amostra do minério precioso, para atrair a distraída curiosidade e chamar a atenção dos estudiosos a êsse episódio, pouco animador, das iniqüidades da justiça internacional. »

meu, eu procuraria um secretário para a infinidade de coisas que você pode delegar. Neste país um homem na sua posição, como, por exemplo, o senador Aldrich, e o mesmo me dizia do irmão há dias, Mr. Charles Taft, tem dois ou três estenógrafos constantemente ocupados. É verdade que aqui ninguém mais escreve, tudo é taquigrafado e escrito a máquina, mas, mesmo para quem precisa escrever, como eu, o que se pode ditar e o que se delega é uma grande diminuição de carga.

Espero que êste ano traga a mudança que tanto desejo em minha sorte. Completam-se dez anos de ausência do país e da vida mais artificial que eu podia ter tido. Estou cansado e não quisera acabar assim. A minha dúvida tôda é se tenho o direito de renunciar o pôsto sem saber por quem me substituiriam. Quisera que você tivesse visto a minha correspondência com o Rio Branco desde que aqui cheguei, como eu quisera ver a sua da Haia. Um dia talvez as possamos comparar. Estou cansado. Eu penso que você não apreciou bastante a honra que lhe fêz Yale. É a melhor que um latino-americano tenha recebido dêste país. Se você tivesse podido aceitar, teria sido um imenso serviço ao nosso país. Devo dizer-lhe que por causa da Haia você é hoje conhecido e admirado nos Estados Unidos como você mesmo não pode calcular. Eu orgulho-me disso, como lhe mandei dizer pelo Graça Aranha. Nestes quatro anos, com a distinção que me faz o Presidente e a amizade de Mr. Root, tive uma situação especial no corpo diplomático latino-americano. Vamos ver se no meu segundo período serei tão feliz, mas seria um caso muito extraordinário. Estou cheio de compromissos entretanto para êstes meses até o verão, e assim vou-me mantendo em contacto com as universidades e colégios.

Adeus, meu caro Rui, peço-lhe que me ponha aos pés de sua senhora e que se lembre sempre do

velho colega e amigo

JOAQUIM NABUCO.

A Hilário de Gouvêa

Manchester, Massachusetts.
28 de julho de 1909.

Meu querido Gouvêa,

Por estar seguindo um regime, dito esta a Evelina (1).

Tive imenso prazer em receber sua carta de Paris e ontem mesmo telegrafei-lhe que não estaria aí em julho, para você poder ir à Alemanha. Estou na cama ou no quarto há mais de uma semana, seguindo uma espécie de cura de descanso.

De outubro a junho trabalhei sempre no máximo; ao passo que as minhas fôrças intelectuais pareciam aumentar com o trabalho, fui pouco a pouco perdendo as musculares, de forma que não podia dar a pequena volta de La Fayette Square sem me sentar para atalhar a vertigem.

Vim de Washington a Boston na melhor forma e aqui pareceu-me ter ganho fôrças nos dois primeiros dias, apesar do choque que tive ao chegar à casa com a morte do Pena (2) (nesse infausto 14 de junho em que o Rei me leu a Sentença), mas os dois ou três pequenos passeios que dei ao nosso jardim tiraram-me literalmente o resto de fôrças, quase mesmo o poder de estar em pé sem vertigem e trouxeram verdadeira fraqueza cardíaca.

O médico atribuiu êsse estado ao *surmenage,* à falta absoluta de exercício, à minha nenhuma alimentação e à doença crônica do sangue, mas achou-me o coração ainda perfeito. Aconselhou-me tomar tôdas as manhãs um copo de fosfato de soda efervescente, repouso no quarto, que já estendeu à varanda, não andar por enquanto, e massagem.

A perturbação cardíaca que tive atribuo em parte também a um resfriamento no peito com a mudança de clima para esta latitude, porque sempre que tenho catarro em formação no peito

---

(1) Ao chegar à praia de Manchester, no Estado de Massachusetts, para passar o verão, Nabuco adoeceu gravemente de uma inflamação do coração. A crise passou aos poucos, mas sua saúde não voltou mais ao que era. Em 17 de janeiro de 1910, em Washington, Nabuco faleceu sùbitamente de uma congestão cerebral.

(2) Afonso Pena falecera quando estava perto de concluir o seu terceiro ano de govêrno. Foi substituído pelo vice-presidente, Nilo Peçanha, que exerceu o mandato até seu término, em 15 de novembro de 1910.

tenho estas palpitações e dor na região do coração até o braço, de caráter reumático.

Com o tratamento estou me sentindo melhor, mas longe ainda de me sentir o mesmo que antes, apesar de fraco como estava. A doença que aqui dizem que eu tenho, e que dizem incurável, é a *policitemia*. Com efeito tenho o rosto muito vermelho, menos porém do que no Rio. A perda constante da albumina não se limita agora a vestígios, tem aumentado bastante, mas não tenho edema nas pálpebras; o do tornozelo não tem aumentado, há dez anos, e o meu médico atual, de Boston, me diz não ter grande importância, não estando o coração afetado. Agora estou comendo com apetite, durmo bem e, exceto para andar, que não experimento,, sinto-me melhor. Sentado ou deitado, não sinto o coração, nem tenho impressão de vertigem e diz-me o médico que a pressão arterial, que há dias era muito forte, agora é quase normal e que êle não a quisera mais baixa. Em Washington estêve a 200, pelo que o dr. Hardin me fêz tomar nitrato de soda, que, segundo o meu amigo Dupuy (1), que encontrei de passagem em Nova York, escurece ainda mais o sangue.

Conheço o Dupuy desde a primeira vez que estive nos Estados Unidos! Vem acompanhar uma filha que ficou tuberculosa e vai experimentar para ela a estação de Colorado Springs, que dizem ser maravilhosa para tísicos. Foi o dr. Vasquez que no exame de sangue lhe descobriu a moléstia. A êsse dr. Vasquez parece pertencer a doença que aqui chamam de Osler, e que dizem ser a minha. Êle aconselhou-me consultá-lo, porque diz ser um sábio e também ao Bouchard, que você me recomendou tanto.

Só terei dois meses de licença e não poderei espaçá-los, porque ficaria a pão e água. Pretendo seguir daqui com o Maurício no último vapor de julho e estar de volta no 1º de outubro (2). Preferiria muito não ir para hotel e estar o mais perto possível de vocês. Talvez na sua casa se pudesse arranjar um apartamento por mês e meio. Mas por ora não é certo que eu vá, e por isso não trato ainda de acomodação em Paris. Talvez eu

---

(1) Dr. Eugène Dupuy, professor e médico francês.

(2) Nabuco não realizou, por dificuldades financeiras, essa viagem, cujo fim era tomar novamente as águas de Vittel, que esperava lhe restaurariam a saúde.

ganhe fôrças e possa partir nas condições ordinárias e mesmo ir ainda a alguma estação de águas.

Estamos muito interessados no seu problema de Inacinha e Evelina quer contribuir ao menos com a passagem dela. Seremos devotos da Casa (1). Parece que as coisas da Igreja vão entrar em nova crise. Deus proteja a França ainda com guerras religiosas neste século!

A morte do Pena causou-me grande abalo. Sempre pensei que êle não poderia resistir aos quatro anos de presidência. Isto eu dizia a todos os meus amigos, falando do Nilo. Quando veio a morte do filho, julguei-o muito ferido e, com a última decepção, (2) morto. Que série de desgostos! Foi uma grande perda para o Brasil.

Não sei por que o Graça Aranha ficou mal comigo (3). Ainda não me escreveu uma linha desde que chegou à Europa em resposta à carta minha que o esperava.

Espero que Iaiá esteja agora bem.

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Manchester, Mass.
Set., 18, 09.

Meu querido amigo,

Por êstes dias voltamos para Washington e espero que a vida ao ar livre e o descanso me tenham feito bem, o que só poderei reconhecer fora daqui. Tenho alguma coisa no coração que não se dá bem com os ventos do mar e a umidade destas paragens frias. Já me voltou o gôsto de trabalhar, sinal de que o cérebro se refez da fadiga da estação, que para mim é de *addresses*, mais ou menos literárias, como tem visto.

---

(1) Fundou-se pouco depois, no Rio de Janeiro, o Convento das Servas do Santíssimo Sacramento, de que foi superiora a filha de Hilário de Gouvêa, Madre Inácia, depois superiora também de novas fundações de São Paulo e Taubaté.

(2) A substituição do seu candidato à sucessão presidencial, Davi Campista, pela candidatura militar do marechal Hermes da Fonseca.

(3) Brincadeira? Graça Aranha, preguiçoso para escrever, nunca estêve mal com Nabuco.

Vejo pelos jornais que o dr. Olinto voltou antes do casamento da cunhada (1). Terá isto transtornado os seus planos? Estou ansioso por notícias a respeito.

Nada lhe posso dizer da nossa política. A política não é uma questão de idéias, é mais uma questão de homens, e não conheço os nossos partidos para escolher.

Vejo que o Rio Branco tem sido muito feliz com as coisas da América do Sul. Há sòmente êsse atrito nas nossas relações com a Argentina, que a nomeação do Zeballos para a Conferência Pan-Americana mostra não ter ainda acabado, e que só acabará com a mudança de presidente, creio eu.

O artigo que me mandou do Alberto de Oliveira (2) encantou-me. Suponho que nos ligaríamos muito, se estivéssemos juntos no mesmo pôsto, mas não lhe invejo essa fortuna. A inveja por mais leve que seja cresta a felicidade alheia.

Que bonitas as palavras do Murtinho sôbre o J. C. Rodrigues! Deu-me imenso prazer lê-las e guardei-as. Talvez êle esteja ainda na Suíça. Peço-lhe nesse caso que lhe dê muitas recomendações minhas.

A viagem ao estrangeiro afeta sempre a vida dos nossos homens públicos. Suponho que esta não desenraizará a Murtinho. Como lhe disse, não entendo mais a nossa política, se algum dia a entendi. Dessa campanha que se vai abrir tôda a minha esperança é que não venha nenhum germe de militarismo nem de separatismo. Não sei se há mais perigo de aspirações militares em nossa política, apoiando-se ou combatendo-se a candidatura Hermes. Quanto ao separatismo, há de haver muita gente em São Paulo que pense que o Estado gozaria melhor da sua riqueza sem a tutela da União. Meus votos são que o Rui não venha a perder com a derrota e que o Hermes saiba honrar o adversário, não seu, dos seus profetas não autorizados. Uma vez no poder êle fará como os outros presidentes, procurará mostrar que o presidente é o chefe natural do partido e, mais feliz do que o Pena, elegerá o seu sucessor. Essa parece-me a grande chança

---

(1) Olinto de Magalhães, ministro em Paris, durante cuja ausência Graça Aranha assumira a encarregatura de negócios, regressou ao pôsto antes da época prevista para assistir ao casamento de Miguel Calmon du Pin e Almeida, ministro da Viação do govêrno Afonso Pena, com dona Alice da Porciúncula.

(2) Alberto d'Oliveira, diplomata e escritor português.

do Pinheiro Machado, mas, repito ainda, nada entendo da nossa política e tenho mêdo de parecer-lhe com estas impressões de momento um principiante.

Um apertado abraço e muitas saudades nossas para pais e filhos. Do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

E o seu livro, quando vem? Espero ter a mesma surprêsa e a mesma impressão que tive com « Canaan », que outros conheceram muito antes. Eu prefiro assim, ver a obra perfeita e triunfante. Neste verão juntei material para um novo livro de Pensamentos e retoquei ainda o meu drama. Não estive portanto inerte no meu repouso. Dê-me quanto antes a boa notícia. A Suíça não pode querer ficar abaixo de Londres. A neve deve inspirar mais que o *fog*.

J. N.

A Carlos Magalhães de Azeredo

Manchester, Mass.
Setembro 30, 1909.

Meu caro amigo,

Acabo de receber sua boa e bela carta acompanhada da preciosa gravura, e não quero passar um minuto sem lhe dizer o prazer que estou tendo.

Há meses não estou bem. Cheguei fatigado e exausto ao cimo da vida. Eu não fui feito para velho, e estou envelhecendo, não por minha conta, mas por conta dos que me querem o mais tempo possível neste mundo, por mais diferente que eu vá ficando de mim mesmo. É uma combinação de doenças que me cerca por todos os lados, um verdadeiro círculo vicioso. Ontem o médico veio despedir-se e disse-me que eu estava outro, muito melhor do que cheguei. É preciso acreditá-lo, mas por mim mesmo eu não o afirmaria. Agora minha esperança está no *golf*. Se eu fôr capaz de jogar o *golf*, ficarei curado. Se não, não.

Sua carta veio despertar um sem número de impressões adormecidas, de Roma, da Itália, das nossas palestras, e avivar a

saudade com que me lembro sempre dos dias que passámos juntos. Como vai a Musa? ou antes, as duas Musas? Que o poeta está esplêndido vejo pelo belo retrato, calmo, sereno, fitando os grandes horizontes do pensador. Espero que os Graças os acompanhem. A vida é curta e momentos como êsses que passariam juntos não se repetem muitas vêzes.

Abraço-o muito afetuosamente.

Amigo e colega muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Washington, D. C.
24, outubro, 1909.

Meu querido amigo,

Tanto quanto posso recordar-me, o jovem Guimarães morto no encontro dos estudantes com a polícia era seu sobrinho e nessa persuasão lhes damos os nossos mais sentidos pêsames por aquela tragédia.

As paixões no Brasil parecem muito excitadas e conflitos sérios como aquêle são inevitáveis. Parece-me que vamos entrar em uma fase de ódios intestinos e perturbações constantes, de que não verei o fim. O militarismo só podia acabar pela renúncia do próprio exército; denunciá-lo, exasperá-lo, combatê-lo, parece-me que só pode conduzir à anarquia ou à guerra civil. Nada sei, porém, das nossas coisas políticas e minha opinião sôbre elas nada vale. Tenho sòmente a idéia de que os paióis de pólvora não são os lugares mais próprios para *meetings.*

Uma carta sua já me está tardando. O Chermont diz-me que pretende Tanger. Estou ansioso por saber suas expectativas. Quanto a mim sabe que nada valho. Muitas recomendações nossas a dona Iaiá; a Heloísa e ao Temístocles saudades.

Do seu muito dedicado

JOAQUIM NABUCO.

Queira lembrar-me ao dr. Olinto. Creio que já lhe disse que não votarei para a Academia enquanto ausente. O Amaro Cavalcanti aqui estêve com a família. Voltam maravilhados dêste país. Com efeito parece que êle está uns vinte anos adiante da Europa e daqui a vinte estará cinqüenta.

J. N.

À baronesa de Penedo

Washington, outubro 26, 1909.

Minha querida Baronesa,

Não calcula o prazer que tive vendo que a sua letra é a mesma de trinta anos atrás. Lembro-me sempre com a mesma saudade da nossa convivência em Londres e da sua larga hospitalidade, que ninguém em nossa diplomacia imitou sequer. Nós fazemos o que podemos, mas que distância do nosso jantar de cada dia, em que temos dois ou três secretários ou amigos quase sempre, ao banquete diário de Grosvenor Gardens! Com que desprêzo o Cortais (1) olharia para a nossa mesa!

O Barão foi um dos homens a quem mais estimei; com cuja amizade mais contei, e guardo-lhe a mais funda afeição. Quisera ver a *Vida* dêle publicada de modo a ser lida e tornar-se popular. O Artur bem poderia ocupar-se disso. Sei que não é pequeno trabalho fazer viver uma figura assim e dar-lhe o relêvo da imortalidade, mas o amor de filho ajuda muito e pouco a pouco o imenso material que êle deixou iria tomando forma nas mãos do filho biógrafo. Para mim é grande consôlo ter aproveitado o arquivo de meu pai. Tudo está em classificar, distribuir por épocas, e começar a escrever. O amor faz o resto. O Artur deve-se a si mesmo mostrar que pode levantar êsse monumento ao pai. Eu teria muito prazer em ajudá-lo, se estivesse aí.

Minha saúde vai assim assim. Êste ano entrei na casa dos sessenta. Os Nabucos não vão longe na vida e a minha dispo-

---

(1) O cozinheiro-chefe do barão de Penedo, considerado um grande artista e que Nabuco recorda no capítulo « 32 Grosvenor Gardens » em *Minha Formação*.

sição de espírito é de quem quisera adormecer, se não fôsse pela mulher e pelos filhos. Pôsto o amor de lado, a sensação que tenho é que completei meu tempo e devo ceder o lugar a outro. Tudo isto digo, rendendo graças a Deus.

Outra biografia que eu quisera ver feita é a dos Andradas. O dr. Inglês de Sousa bem podia levar a Academia de Letras a imprimir em volume os discursos de Pôrto Alegre no Instituto Histórico. Nêles teríamos páginas muito eloqüentes sôbre os Andradas.

Como vai a nossa Carlotinha, ou Madame d'Andrade, para ser mais correto? Nela tivemos sempre uma boa e sincera amiga e esperamos gozar ainda da companhia dela, quando eu voltar ao pôrto. Um abraço apertado ao Artur; a minha bênção de pseudo-padrinho ao meu pseudo-afilhado. Nunca esqueço o José Caetano.

Muitas saudades nossas.

Do amigo fiel

JOAQUIM NABUCO.

A Graça Aranha

Washington, 21 dezembro 1909.

Meu querido amigo,

Muito prazer nos deu o belo retrato da bela Heloísa. Creio que é essa obra de arte que o faz contentar-se com *Canaan* em vez de ir adiante, como há tanto nos promete. Não faz mal, porém. Seu espírito se está cada vez mais desenvolvendo, e, quanto mais demorar a sua segunda obra, maior ela sairá. Há muita coisa, muita *arte,* que seca e fenece com a mocidade; mas, ao passo que aumenta o horizonte da vida e se descortina mais longe, o necessário vai substituindo o supérfluo, o fundamental, o decorativo, na criação intelectual, e o poeta cedendo ao pensador ou ao filósofo. Mas confesso que o quisera ainda por muito

tempo dando flores, em vez de passar a ser árvore de sombra, e grande, como será.

Escreva-me de vez em quando. Eu vivo muito só, nem poderia ser de outro modo com a minha surdez e o meu Platão (1). Uma carta sua é sempre um grande gôzo. Tenho, como já lhe disse, o material de um novo livro de Pensamentos, mas devo acrescentar muito mais para que sinta desejo de o publicar.

Esta lhes chegará no princípio do ano. Aceitem as nossas *strenae*, como na antiga Roma, e possamos ainda reunir-nos nela.

Do seu muito amigo

JOAQUIM NABUCO.

---

(1) As últimas semanas que Nabuco teve de vida (faleceu a 17 de janeiro de 1910) foram dominadas intelectualmente pelo prazer que encontrou em reler Platão.

ÍNDICE

1899

A Machado de Assis 3
A Carlos Magalhães de Azeredo 4
Ao Conselheiro Francisco de Carvalho Soares Brandão 5
A Soares Brandão 7
A Domingos Alves Ribeiro 7
A Rui Barbosa 8
A Soares Brandão 11
A Hilário de Gouvêa 11
Ao Almirante Jaceguai 12
A Domingos Alves Ribeiro 17
A Francisco de Paula de Oliveira Borges 18
A Domingos Alves Ribeiro 20
Ao barão de Penedo 21
A Domingos Alves Ribeiro 22
A Domingos Alves Ribeiro 23
A Carlos Magalhães de Azeredo 25
A Domingos Alves Ribeiro 25
A Soares Brandão 27
Ao barão do Rio Branco 29
A Domingos Alves Ribeiro 30
A Carlos Magalhães de Azeredo 31
A Caldas Viana 32
A Tobias Monteiro 33
A José Carlos Rodrigues 35
A dona Maria Ana Soares Brandão 36
A Domingos Alves Ribeiro 38
A Hilário de Gouvêa 39
A Caldas Viana 40
A Soares Brandão 42
A Domingos Alves Ribeiro 45
A dona Maria Ana Soares Brandão 46
A Domingos Alves Ribeiro 49
A Machado de Assis 50
A Bartolomé Mitre 52
Ao barão de Penedo 53
A dona Maria Ana Soares Brandão 55
A Domingos Alves Ribeiro 56

1900

À Viscondessa de Taunay 59
A Eunápio Deiró 60
A Caldas Viana 61
Ao barão de Penedo 62
Ao barão de Penedo 63

A Carlos Magalhães de Azeredo 64
Ao barão de Penedo 65
Ao barão de Penedo 66
A Hilário de Gouvêa 68
A Domingos Alves Ribeiro 69
A Domingos Alves Ribeiro 70
A Tobias Monteiro 71
A Machado de Assis 75
Ao barão do Rio Branco 76
Ao Presidente Campos Sales 77
A Manuel de Oliveira Lima 78
A Tobias Monteiro 79
Ao barão do Rio Branco 80
A dona Maria Ana Soares Brandão 82
A Domício da Gama 84
Ao dr. Oliveira Lima 85
Ao Presidente Campos Sales 88
A Carlos Magalhães de Azeredo 88
A Rodrigo Octavio de Langaard Menezes 89
A João Ribeiro 90
A Domingos Alves Ribeiro 91
A Tobias Monteiro 92
A Carlos Magalhães de Azeredo 93
A Francisco de Paula Rodrigues Alves 94
A Tobias Monteiro 95
A Carlos Magalhães de Azeredo 96

1901

A Machado de Assis 97
A Tobias Monteiro 97
A Francisco de Carvalho Soares Brandão 99
A Carlos Magalhães de Azeredo 100
A Tobias Monteiro 100
A Tobias Monteiro 102
A Carlos Magalhães de Azeredo 105
A Medeiros e Albuquerque 106
A dona Maria Ana Soares Brandão 107
A dona Maria Ana Soares Brandão 109
A Domingos Alves Ribeiro 110
A Caldas Viana 111
A Machado de Assis 112
A Machado de Assis 113
A Hilário de Gouvêa 114
A Machado de Assis 115
A Rodrigo Octavio 116
A Caldas Viana 117

1902

A Machado de Assis 118
A Tobias Monteiro 119
Ao barão do Rio Branco 120

A Domício da Gama 122
A Hilário de Gouvêa 123
Ao barão do Rio Branco 124
A Tobias Monteiro 126
Ao barão do Rio Branco 127
Ao barão do Rio Branco 131
A dona Maria Ana Soares Brandão 132
A Salvador de Mendonça 135
A José Carlos Rodrigues 136
A Domingos Alves Ribeiro 137
A Tobias Monteiro 138

1903

A Machado de Assis 141
A Caldas Viana 141
A Oliveira Lima 142
A Hilário de Gouvêa 143
A Tobias Monteiro 145
A Tobias Monteiro 146
A João Ribeiro 147
A Machado de Assis 148
A Euclides da Cunha 150
A Silvino Gurgel do Amaral 151
A Salvador de Mendonça 153
A José Carlos Rodrigues 154
A Oliveira Lima 155

1904

Ao barão do Rio Branco 156
Ao barão do Rio Branco 161
A dona Maria Ana Soares Brandão 161
A dona Maria Ana Soares Brandão 163
A Oliveira Lima 164
A Artur de Carvalho Moreira 166
A Carlos Magalhães de Azeredo 167
A Jaime Batalha Reis 167
A Tobias Monteiro 168
Ao barão do Rio Branco 170
A dona Maria Ana Soares Brandão 172
A Oliveira Lima 173
A Campos Sales 174
Ao Presidente Rodrigues Alves 177
A Machado de Assis 179
A Alfredo de Barros Moreira 182
A Carlos Magalhães de Azeredo 184
A Machado de Assis 185
A Rodrigo Octavio 185
A Hilário de Gouvêa 187
A dona Teresa de Souza Franco 189

Ao barão Homem de Melo 190
A José Pereira da Graça Aranha 191
A dona Maria Ana Soares Brandão 194

1905

A Tobias Monteiro 198
A José Carlos Rodrigues 198
Ao barão de Albuquerque 199
Ao Almirante Barão de Jaceguai 200
A Graça Aranha 201
A Alfredo de Barros Moreira 203
A José Veríssimo 204
A Faelante da Câmara 205
A Graça Aranha 206
A Graça Aranha 207
A J. A. Ferreira da Costa 208
A Graça Aranha 210
A Oliveira Lima 212
Ao barão do Rio Branco 212
A Alfredo de Barros Moreira 215
A João Ribeiro 216
A Alberto Santos Dumont 217
A Graça Aranha 217
A Machado de Assis 220
A dona Francisca de Barros Cavalcanti 221
A Rodrigo Octavio 221
A Tobias Monteiro 222
A Oliveira Lima 224
A Martim Francisco 225
A Carlos Magalhães de Azeredo 227
A Fontoura Xavier 228
A Afonso Pena 229
Ao presidente Rodrigues Alves 230
A João Ribeiro 232
A Carlos Magalhães de Azeredo 233
A Graça Aranha 235
Ao barão do Rio Branco 236

1906

A Oliveira Lima 241
A Graça Aranha 242
A Graça Aranha 245
A Oliveira Lima 247
A Graça Aranha 248
A Oliveira Lima 250
A Graça Aranha 251
A Graça Aranha 253
Ao barão do Rio Branco 254
A Rui Barbosa 255
A Graça Aranha 256

A Salvador de Mendonça 257
A Graça Aranha 258
A dona Maria da Glória da Graça Aranha 259
Ao barão do Rio Branco 260

1907

A Graça Aranha 262
A Machado de Assis 265
A Machado de Assis 266
Notas Confidenciais para Rui Barbosa 267
Ao barão do Rio Branco 271
A Graça Aranha 272
A Rui Barbosa 274
A José Pereira da Costa Mota 275
A Alexandre Barbosa Lima 276
A Tobias Monteiro 278
A José Pereira da Costa Mota 279
A Graça Aranha 280
A Graça Aranha 282
A Rui Barbosa 283
A Hilário de Gouvêa 285
A José Pereira da Costa Mota 286
A Graça Aranha 287
A Alfredo de Barros Moreira 289
Ao barão do Rio Branco 290
A Rui Barbosa 294
A Carlos Magalhães de Azeredo 295
A Hilário de Gouvêa 295
A Rui Barbosa 298

1908

Ao barão do Rio Branco 300
A Rui Barbosa 303
A Machado de Assis 304
À baronesa de Penedo 306
A Machado de Assis 307
A João Ribeiro 309
A Machado de Assis 310
A Machado de Assis 311
A Graça Aranha 312
A Graça Aranha 313
A Hilário de Gouvêa 315
A Graça Aranha 317
A Carlos Magalhães de Azeredo 319
A Graça Aranha 319
A Epifânio Portela 322
Ao barão do Rio Branco 323
A Graça Aranha 324
À baronesa de Penedo 327

1909

A Hilário de Gouvêa 328
A Hilário de Gouvêa 328
A Rui Barbosa 331
A Hilário de Gouvêa 333
A Graça Aranha 335
A Carlos Magalhães de Azeredo 337
A Graça Aranha 338
À baronesa de Penedo 339
A Graça Aranha 340